



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA**

BARBARA CABRAL FERREIRA

**DILMA: MÃE OU MADRASTA? METÁFORAS CONCEPTUAIS QUE
CATEGORIZAM A PRESIDENTE EM CHARGES**

**João Pessoa
2015**

BARBARA CABRAL FERREIRA

**DILMA: MÃE OU MADRASTA? METÁFORAS CONCEPTUAIS QUE
CATEGORIZAM A PRESIDENTE EM CHARGES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do Título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Prof. Dra. Lucienne Claudete Espíndola.

**João Pessoa
2015**

F383d Ferreira, Barbara Cabral.
Dilma: mãe ou madrasta? Metáforas conceptuais que categorizam a presidente em charges / Barbara Cabral Ferreira.- João Pessoa, 2015.
223f. : il.
Orientadora: Lucienne Claudete Espíndola
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA
1. Rousseff, Dilma, 1947- crítica e interpretação.
2. Linguística. 3. Metáfora conceptual. 4. Cultura. 5. Política.
6. Mãe.

UFPB/BC

CDU: 801(043)

BARBARA CABRAL FERREIRA

**DILMA: MÃE OU MADRASTA? METÁFORAS CONCEPTUAIS QUE
CATEGORIZAM A PRESIDENTE EM CHARGES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Linguística da Universidade Federal da
Paraíba como requisito parcial para obtenção do
Título de Doutor em Linguística.

Área de Concentração: Teoria e Análise
Linguística

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Lucienne Claudete Espíndola – Orientadora
Universidade Federal da Paraíba

Profa. Dra. Eliane Ferraz Alves – Examinadora
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dr. Erivaldo Pereira do Nascimento – Examinador
Universidade Federal da Paraíba

Profa. Dra. Mônica Mano Trindade Ferraz – Examinadora
Universidade Federal da Paraíba

Profa. Dra. Solange Coelho Vereza – Examinadora
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Jan Edson Rodrigues Leite – Suplente
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dr. Magdiel Medeiros Aragão Neto – Suplente
Universidade Federal da Paraíba

*A Thiago, Claudia e Marcos: minha família,
minha casa, meu esconderijo, minha paz. Amo
vocês!*

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, pela vida;

À profa. **Lucienne Espíndola**, pela orientação, pelas críticas, sugestões e, principalmente, pela paciência e pela confiança em mim depositada;

A meu marido, **Thiago**, por estar sempre ao meu lado, me apoiando e ajudando;

A meus filhos, **Claudia** e **Marcos** que, mesmo sem saber, são minha maior fonte de motivação e inspiração;

A minha mãe, **Evangelina**, pelo apoio, incentivo e exemplo de vida;

A minha irmã, **Barthyra**, companheira na vida pessoal, profissional e acadêmica;

A meu irmão, **Bruno** que, mesmo morando longe, é um amigo próximo e presente;

A minha sogra e meu sogro, **Dina e Marcos**, pelo incentivo e ajuda;

Ao colega e amigo **Erivaldo**, que estando perto ou longe, sempre me incentiva;

Aos colegas do **DLEM**, pelos valiosos meses de licença, sem os quais este trabalho não seria possível;

Aos **membros da Banca Examinadora**, pelas contribuições para a versão final deste trabalho;

A todos que fazem parte do PROLING, **professores, funcionários e alunos**, pela convivência amigável e oportunidade de crescimento pessoal e intelectual;

Enfim, a todos que, direta ou indiretamente, participaram e me ajudaram no desenvolver deste trabalho.

MUITO OBRIGADA!

A Ciência

A CIÊNCIA, a ciência, a ciência...
Ah, como tudo é nulo e vão!
A pobreza da inteligência
Ante a riqueza da emoção!

Aquela mulher que trabalha
Como uma santa em sacrifício,
Com tanto esforço dado a ralha!
Contra o pensar, que é o meu vício!

A ciência! Como é pobre e nada!
Rico é o que alma dá e tem.

Fernando Pessoa

RESUMO

A metáfora está presente em nosso cotidiano, podendo ser encontrada em todas as esferas da vida humana. No campo da política, Lakoff (1995; 2002; 2008a), Lakoff e Wehling (2012) e Kovecses (2000) nos mostram que as primeiras experiências que temos de governo ocorrem na família. Dessas experiências, decorre a metáfora primária INSTITUIÇÃO É FAMÍLIA, que autoriza o aparecimento das submetáforas NAÇÃO É FAMÍLIA, PRESIDENTE É PAI/MÃE e CIDADÃOS/OUTROS MEMBROS DO GOVERNO SÃO FILHOS/MEMBROS DA FAMÍLIA. A metáfora NAÇÃO É FAMÍLIA está ligada à concepção que temos de moralidade. Essa concepção leva ao surgimento de diferentes visões do que é família e, conseqüentemente, do que é Nação/governo. Este trabalho tem como objetivo investigar se a metáfora PRESIDENTE É PAI/MÃE é atualizada no contexto brasileiro em textos que se referem à presidente Dilma Rousseff. Partimos da hipótese de que Dilma Rousseff é conceptualizada como mãe e, desse modo, buscamos identificar, de acordo com os modelos de família propostos pelos autores mencionados acima, como a presidente-mãe é categorizada. Tomamos como base teórica para nossa pesquisa a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF, 1987), a Teoria da metáfora Conceptual, desenvolvida por Lakoff (1993; 2008), Reddy (1993), Lakoff e Johnson, (1999; 2002 [1980]; 2003), Ortony (1993), Cameron (2003), Sardinha (2007), dentre outros autores; os estudos sobre metáfora e cultura de Kovecses (2000, 2005) e Yu (2008) e a relação existente entre metáfora e política e metáfora e ideologia, conforme Goatly (2007) e Charteris-Black (2005). Nosso *corpus* é composto de charges publicadas entre os anos de 2010 e 2014. Nos resultados, a hipótese de que Dilma é conceptualizada como mãe foi confirmada. Sugerimos que no *corpus* do nosso trabalho a presidente-mãe é categorizada tanto como mãe cuidadosa, quanto como mulher do pai e, principalmente, como madrasta má e, por fim, verificamos que, nas charges, prevalece uma visão político-ideológica de cunho patriarcal, sexista e conservador.

Palavras-chave: Metáfora Conceptual; Cultura; Política; Dilma; Mãe.

ABSTRACT

Metaphors are present in our day to day. They can be found in all aspects of life. In the area of politics, Lakoff (1995; 2002; 2008a), Lakoff and Wehling (2012) and Kovecses (2000) show that our first encounter with the concept of government happens in the family environment. The primary INSTITUTION AS FAMILY metaphor comes from this experience, and promotes the insurgency of the sub-metaphors THE NATION IS A FAMILY, THE PRESIDENT/ GOVERNMENT IS A PARENT, THE CITIZENS/ OTHER MEMBERS OF THE GOVERNMENT ARE CHILDREN. The NATION AS FAMILY metaphor is associated with the idea of morality. The idea of morality results in different views of Family, and as a result, what the Nation/ government is. This research's goal is to analyze if the PRESIDENT AS PARENT metaphor applies in the Brazilian context regarding the president Dilma. We began with the hypotheses that Dilma is seen as a mother figure, therefore, we tried to identify, based on the models proposed by the previously mentioned authors, how the presidente-mom is categorized. The theoretical foundation for this research is the theory of Idealized Cognitive Models (Lakoff, 1987), the Conceptual Metaphor Theory developed by Lakoff (1993; 2008); Reddy (1993), Lakoff and Johnson (1999; 2002 [1980]; 2003), Ortony (1993), Cameron (2003), Sardinha (2007), among other researchers; Kovecses (2000; 2005) and Yu (2008) studies on metaphor and culture and the relation between metaphor and politics, and metaphor and ideology, according to Goatly (2007) and Charteris-Black (2005). The Corpus is made up of political cartoons published from 2010 to 2014. As a result of this regard, the hypotheses that Dilma is seen as a mother figure has been confirmed. We observed in the corpus that she is categorized either as a nurturant mother, the father's wife, and mainly as the evil stepmother. We also observed that a patriarchalist, sexist and conservatist political-ideological point of view is prevalent in the cartoons.

Key Words: Conceptual Metaphor; Culture; Politics; Dilma; Mother.

RESUMÉ

La métaphore est présente dans notre quotidien et nous la retrouvons dans toutes les sphères de la vie humaine. Dans le champs politique, Lakoff (1995; 2002; 2008a), Lakoff et Wehling (2012) et Kovecses (2000) montrent que nos premières expériences sur l'idée de gouvernement se produisent au sein de la famille. De ces expériences découle la métaphore primaire INSTITUTION EST FAMILLE qui autorise l'apparition des sous-métaphores NATION EST FAMILLE, PRÉSIDENT EST PÈRE/MÈRE et CITOYENS/D'AUTRES MEMBRES DU GOUVERNEMENT SONT ENFANTS/MEMBRES DE LA FAMILLE. La métaphore NATION EST FAMILLE est liée à la conception que nous avons de moralité. Cette conception conduit au surgissement de différentes visions de ce que veut dire famille et, par conséquent, de ce que veut dire Nation/gouvernement. Ce travail a le but d'analyser si la métaphore PRESIDENT EST PERE/MERE est actualisée dans le contexte brésilien dans les textes se référant à la Présidente Dilma Rousseff. Nous partons de l'hypothèse que Dilma Rousseff est conceptualisée comme mère et, ainsi, nous cherchons à identifier selon les modèles de famille proposés par les auteurs cités ci-dessus comment la présidente-mère est catégorisée. La base théorique de notre recherche est la Théorie des Modèles Cognitifs Idéalisés(LAKOFF, 1987), la Théorie de la Métaphore Conceptuelle, développée par Lakoff (1993; 2008), Reddy (1993), Lakoff et Johnson, (1999; 2002 [1980]; 2003), Ortony (1993), Cameron (2003), Sardinha (2007), parmi d'autres; les études sur la métaphore et la culture de Kovecses (2000, 2005) et Yu (2008) et le rapport existant entre métaphore et idéologie, selon Goatly (2007) e Charteris-Black (2005). Notre *corpus* est composé de dessins de presse publiés entre 2010 et 2014. Dans nos résultats, l'hypothèse que Dilma est conceptualisée comme mère a été confirmée. Nous proposons que dans le *corpus* de notre travail la présidente-mère est catégorisée soit comme mère soignante, soit comme la femme du père et surtout, comme belle-mère méchante. Pour conclure, nous constatons que dans les dessins de presse prédomine une vision politico-idéologique à caractère patriarcal, sexiste et conservateur.

Mots-clés: Métaphore conceptuelle; culture; politique; Dilma; Mère.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento
CNI/Ibope	Confederação Nacional da Indústria-Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
CNT-Sensus	Confederação Nacional do Transporte-Sensus
CPMF	Contribuição Provisória sobre Movimentação ou Transmissão de Valores e de Créditos e Direitos de Natureza Financeira
FEE	Fundação de Economia e Estatística
FHC	Fernando Henrique Cardoso
Fundeb	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização do Magistério
HDTV	High Definition Television
Ideb	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IPI	Imposto sobre Produtos Industrializados
MCI	Modelo Cognitivo Idealizado
MP	Medida Provisória
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento
PDE	Plano de Desenvolvimento da Educação
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PESB	Pesquisa Social Brasileira
PFL	Partido da Frente Liberal
PIB	Produto Interno Bruto
PL	Partido Liberal
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PNDH 3	Plano Nacional de Direitos Humanos
PR	Partido da República
Prouni	Programa Universidade para Todos
PSD	Partido Social Democrático
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PSPN	Piso Salarial Profissional Nacional
PT	Partido dos Trabalhadores
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
Reuni	Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SUNAB	Superintendência Nacional do Abastecimento
SUS	Sistema Único de Saúde
TSE	Tribunal Superior Eleitoral

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 METÁFORA: UMA CONHECIDA DESCONHECIDA?	20
1.1 O que é metáfora?.....	20
1.2 Uma visão cognitiva da metáfora	26
1.2.1 A Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados.....	26
1.2.2 A Teoria da Metáfora Conceptual.....	34
1.2.3 Metáfora e multimodalidade	53
1.2.4 Metáfora e cultura	56
1.2.5 Metáfora e ideologia	61
2 METÁFORA E POLÍTICA	67
2.1 Os modelos de família do Pai Severo e do(a) Pai/Mãe Cuidadoso(a) de Lakoff.....	67
2.1.1 A moralidade do Pai Severo.....	69
2.1.2 A moralidade do(a) Pai/Mãe Cuidadoso(a).....	72
2.2 Entre o conservadorismo e o liberalismo: como pensa o brasileiro?	75
2.2.1 Dois países em um	76
2.3 Doze anos no poder: de Lula a Dilma	84
2.3.1 O Partido dos Trabalhadores (PT) e a popularização.....	84
2.3.2 “Nunca na história deste país...”: Oito anos de governo Lula.....	86
2.3.3 O Lulismo	91
2.3.4 Dilma: a candidata de Lula.....	96
2.3.5 Dilma na mídia: da campanha ao final do primeiro mandato.....	97
3 DILMA: MÃE CUIDADOSA, mulher do pai OU MADRASTA?	112
3.1 Aspectos metodológicos da pesquisa	113
3.1.1 O Corpus.....	115
3.1.2 Categorias de análise	117
3.1.3 A parcialidade real e imparcialidade pretendida	118
3.2 Brasil: Uma grande família	119
3.2.1 Pai Lula	121
3.2.2 Dilma: mãe cuidadosa, mulher do pai ou madrasta?	133
3.2.2.1 Dilma: a mãe cuidadosa.....	142
3.2.2.2 Dilma: a mulher do pai	157

3.2.2.3 Dilma: a madrastra malvada	167
CONSIDERAÇÕES (QUASE) FINAIS	182
REFERÊNCIAS.....	189
ANEXO A – Charges.....	199

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata sobre a caracterização da Presidente da República Dilma Rousseff como mãe através das metáforas presentes em charges publicadas em vários jornais do país, no período que compreende a campanha eleitoral de 2010 e o primeiro mandato de Dilma, incluindo o ano de 2014, de sua campanha para reeleição.

Paro. Penso. Este trabalho... Este trabalho? Este trabalho é fruto de uma longa caminhada...

Na pesquisa tudo é nosso. Primeira pessoa do plural. Mas se é nosso, o eu, aí também está presente. Tomo a liberdade, então, de iniciar na primeira pessoa do singular para depois passar a primeira do plural. Por que excluir o que de fato pertence ao eu do trabalho – sua vida, suas dúvidas, seus sonhos, sua luta –, quando foi tudo isso que deu origem ao próprio trabalho?

É interessante como a escrita acadêmica, com sua linguagem, objetividade e impessoalidade, tenta retirar a “pessoa” da academia, transformando-a em pesquisadora e, ao mesmo tempo, como a vida da pessoa se imiscui, influencia e define a vida acadêmica da pesquisadora. Do mesmo modo, a vida acadêmica da pesquisadora modifica e transforma não apenas o seu olhar e pensamento, mas também a vida da pessoa, fazendo parte do seu dia-a-dia, de sua família, dialogando com ela em longas noites de estudo (ou de insônia).

Em 2010, quando participei da seleção para o Doutorado no PROLING, meu projeto de pesquisa era totalmente diferente do que terminei por fazer: objeto diferente, teoria diferente, *corpus* diferente, metodologia diferente. Apesar de toda minha empolgação com a aprovação, com o projeto e com o trabalho que dali poderia surgir, como diria Drummond, “No meio do caminho tinha uma pedra”.

No primeiro ano, assisti às aulas em busca dos créditos de que precisava. Nessa vida de professora, como é bom ser aluna novamente! Ir às aulas, ler, estudar, conversar com os colegas, tudo era prazer! No meio de tanta felicidade, mais uma: primeiro filho, uma menina! Que maravilha! Vou correr e tentar concluir os créditos antes do seu nascimento!

No ano de 2011, licença maternidade: amamentar, trocar fralda, aprender a cuidar de um bebê – “Ser mãe é padecer no paraíso!”. Primeira qualificação. Ufa! Fui aprovada. Nomeação para o Campus I da UFPB, alívio! Vamos lá, cadê a pesquisa? Em meio a fraldas, provas para corrigir, aulas para preparar, leituras e noites escrevendo, fundamentação teórica quase pronta.

Gravações em áudio e transcrições. Trabalho duro, que exige paciência. Chega 2012. Tudo ia dar certo. De repente, “No meio do caminho tinha uma pedra”. Não era possível coletar os dados necessários para a pesquisa. Pára tudo! Fiquei assim... “Caminhando contra o vento. Sem lenço e sem documento. No sol de quase dezembro.”

2013 foi um ano decisivo. “No meio do caminho tinha uma pedra”... Com o marido trabalhando em Cajazeiras e, ainda, sendo vice-coordenadora de um curso de graduação na UFPB, que estava se preparando para a avaliação do MEC, tudo ficava mais difícil. O Governo Federal, então, permitiu que professores em estágio probatório solicitassem licença capacitação. Presidente é pai, não é padrasto! Colegas de trabalho, que realmente são colegas, me liberaram para escrever por exatos doze meses. Mas sobre o quê? Cercada de companheiros no PROLING que se dedicavam ao estudo das metáforas conceptuais e sendo orientados pela mesma professora... Quem sabe? Ela gostou.

“No meio do caminho tinha uma pedra”. Teoria nova, leituras novas, muitas leituras! Escrever de novo. Projeto novo. Lakoff e Johnson (1999; 2002 [1980], 2003), Lakoff (1987; 1993; 1995, 2008b), Reddy (1993), Ortony (1993), Kovecses (2000; 2002; 2005), Cameron (2003), Gibbs (2006), Sardinha (2007), Yu (2008), Goatly (2007) e Charteris-Black (2005) e outros autores foram meus fiéis companheiros na caminhada para entender o que é metáfora, a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, a Teoria da Metáfora Conceptual e a relação existente entre metáfora e cultura e metáfora e ideologia.

“O Gigante acordou” e na febre das manifestações de rua que eclodiram país afora, surgiu a ideia: Dilma? Leituras e mais leituras... “E agora, José?” Era preciso contextualizar o trabalho e, para isso, eu precisava entender o que vinha acontecendo na política brasileira após a chegada de Lula ao Planalto. Amaral (2011), Singer (2012), Almeida (2008; 2013) e Silva (2014) dentre outros, foram meus aliados no mundo da política.

E, por que não aproveitar aquele meu momento tão “família” para sair em busca da metáfora PRESIDENTE É PAI/MÃE? Para tornar o trabalho mais divertido, um pouco de humor: as charges. Lakoff (2002; 2008a) e Lakoff e Wehling (2012) ainda podiam me dar uma mãozinha com os modelos de família do Pai Severo e do Pai/Mãe Cuidadoso(a). Em meio à leituras novas e interessantes – cabeça borbulhando! – surgiram, então, as seguintes perguntas: As metáforas PRESIDENTE É PAI/MÃE, CIDADÃOS/OUTROS MEMBROS DO GOVERNO SÃO FILHOS são atualizadas por expressões que se referem à Dilma Rousseff? Se sim, como, a partir dos modelos de família do Pai Severo e do Pai/Mãe Cuidadoso(a), a presidente é categorizada?

Para coroar nossa pesquisa, família crescendo: pai, mãe, filha, cachorro, segundo filho. Nasceu em julho de 2014, antes da tese. Prazo! “No meio do caminho tinha uma pedra” Entre leituras, trocas de fralda e amamentação do bebê, o trabalho começa a desabrochar... Segunda qualificação feita. Era preciso fazer as correções necessárias e terminar o trabalho.

Após esse longo percurso para entender como e por que essa pesquisa surgiu, “Navegar é preciso”, disse o poeta, “Viver não é preciso”. Então, agora, deixando o âmbito do eu, vamos a um segundo momento, ao nós; ao que a escrita acadêmica requisita e impõe: mostrar sobre o que é o trabalho, como ele foi construído e com que objetivo.

Como dissemos anteriormente, este trabalho trata sobre a caracterização da Presidente Dilma Rousseff como mãe através das metáforas presentes em charges publicadas em vários jornais do país, no período de 2010 a 2014. Para falar em Dilma, porém, tivemos que partir de seu antecessor, o ex-presidente Luíz Inácio Lula da Silva, para entender como Dilma Rousseff chegou à Presidência da República e o que era dela esperado.

O estudo das metáforas não é algo novo, ele nos remete à antiguidade. Um dos primeiros estudiosos a pensar e escrever sobre metáfora foi Aristóteles. Para ele, a metáfora era vista como um ornamento retórico, passível de ser utilizado para embelezar o discurso. A criação e uso da metáfora, nesse sentido, eram conscientes e as metáforas eram tidas como um fenômeno linguístico.

Essa compreensão da metáfora como figura de linguagem tornou-se dominante e, por longos anos, foi o único modelo de estudo sobre o tema. Na década de 1970, porém, alguns estudiosos começaram a ver que a metáfora não estava presente apenas em textos poéticos, mas ela também estava infiltrada em textos cotidianos, do dia-a-dia das pessoas. Um dos primeiros autores a escrever sobre a metáfora nessa concepção foi Reddy (1993), sendo logo seguido por outros autores.

Em 1980, Lakoff e Johnson publicaram o livro *Metaphors we live by* (com tradução para o português publicada em 2002). Nesse livro, os autores sistematizam o que ficou conhecido como a Teoria da Metáfora Conceptual, ou seja, a metáfora não era mais vista como um fenômeno linguístico, mas sim como um fenômeno do pensamento humano, através do qual conceptualizamos as coisas e o mundo ao nosso redor. Como características principais das metáforas, temos que elas são convencionais, automáticas (não-conscientes) e, ainda, que elas possuem base experiencial, ou seja, conceptualizamos as coisas a partir de nossas experiências subjetivas, corporais e culturais.

A partir de então, os estudos sobre metáfora tomaram novo rumo e inúmeros autores se dedicaram ao estudo da metáfora conceptual e de sua relação com vários aspectos do pensamento/agir humano, tais como, a categorização e conceptualização das coisas, a relação entre a metáfora e aspectos sociais, culturais e ideológicos e, ainda, sua relação com outras áreas, como a Psicologia, o Direito, a Política. É nesse campo que este trabalho se insere, o da investigação da relação entre metáfora, categorização e política.

De acordo com Lakoff (2002), as metáforas influenciam o modo como compreendemos o mundo e as coisas. No livro *Moral Politics* (2002), no qual o autor faz um estudo sobre o pensamento político americano, ele inicia observando que nossas primeiras experiências de governo – em família – nos levam a conceptualizar Nação como família e, desse modo, entendermos o governo ou governante como sendo o pai/mãe e os cidadãos ou outros políticos como filhos. Daí decorre a metáfora NAÇÃO É FAMÍLIA e seus desdobramentos, PRESIDENTE É PAI/MÃE e CIDADÃOS/OUTROS MEMBROS DO GOVERNO SÃO FILHOS.

Sabendo que utilizamos um domínio-fonte para conceptualizar um domínio-alvo, Lakoff (2002) identifica dois modelos de família que caracterizam o pensamento político conservador e liberal: o modelo do Pai Severo e o modelo do Pai/Mãe Cuidadoso(a). As concepções que temos de família, no entanto, estão intrinsicamente ligadas à questão da moralidade, do que entendemos ser bom ou mau, do que acreditamos ser fazer o bem ou o mal. Sendo assim, os modelos de família surgem a partir de concepções do que é moralidade. Se, para alguém, moralidade é entendida como força, é mais provável que essa pessoa tenha pensamentos mais conservadores e espere por um governo que funcione no modelo do Pai Severo. Se, por outro lado, entende-se moralidade com sendo cuidado, a tendência é ser mais liberal, e, neste caso, esperar do governo um posicionamento mais de acordo com o modelo do Pai/Mãe Cuidadoso(a) é mais provável.

Tendo como base a Teoria da Metáfora Conceptual, a relação existente entre metáfora cultura, ideologia e política e, ainda, os modelos de família de Lakoff (2002), neste trabalho pretendemos verificar se a metáfora PRESIDENTE É PAI/MÃE é atualizada no contexto brasileiro com relação a presidente Dilma Rouseff. Caso seja, pretendemos verificar como Dilma é categorizada na mídia– de acordo com o modelo do Pai Severo ou do Pai/Mãe Cuidadoso(a). Nossa hipótese é de que a metáfora NAÇÃO É FAMÍLIA e seus desdobramentos também se aplicam à política Brasileira e que Dilma não é caracterizada pela mídia como uma mãe cuidadora.

O *corpus* deste trabalho é composto de charges publicadas em diversos jornais do país no período de 2010 a 2014. As charges foram coletadas em *sites* especializados (Humor político e Charge Online), além de *sites* esparsos que tratam sobre política.

Cumpre-nos ressaltar que as charges são textos tipicamente multimodais, ou seja, que se apresentam, em sua grande maioria, em mais de um modo simultaneamente. A maioria das charges analisadas apresentam o modo verbal e o não verbal (visual ou pictórico). Em nossa análise, inicialmente, verificamos como a metáfora é apresentada na charge, os mapeamentos possíveis e, por fim, qual modelo de família é retratado ou representado.

Nosso trabalho está dividido em três capítulos: O primeiro trata da definição de metáfora, da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, bem como da Teoria da Metáfora conceptual, a relação entre metáfora e cultura, metáfora e ideologia e metáfora e multimodalidade.

No segundo capítulo, tratamos da relação entre metáfora e política e dos modelos de família propostos por Lakoff (2002), além de apresentarmos um estudo de Almeida (2008) sobre o pensamento/ visão/ ideologia do brasileiro. Ainda no segundo capítulo, discorreremos sobre a (história?) política brasileira, compreendendo a Era Lula, o Lulismo, o Partido dos Trabalhadores e Dilma Rousseff.

No terceiro e último capítulo, são apresentados os aspectos metodológicos de nossa pesquisa e a análise dos dados coletados.

Por fim, apresentamos as considerações finais, as referências das obras e *sites* consultados no decorrer da pesquisa e, em anexo, todas as charges analisadas, na ordem em que aparecem no corpo do trabalho.

Metáfora

*Uma lata existe para conter algo
Mas quando o poeta diz: "Lata"
Pode estar querendo dizer o incontível*

*Uma meta existe para ser um alvo
Mas quando o poeta diz: "Meta"
Pode estar querendo dizer o inatingível*

*Por isso, não se meta a exigir do poeta
Que determine o conteúdo em sua lata
Na lata do poeta tudonada cabe
Pois ao poeta cabe fazer
Com que na lata venha caber
O incabível*

*Deixe a meta do poeta, não discuta
Deixe a sua meta fora da disputa
Meta dentro e fora, lata absoluta
Deixe-a simplesmente metáfora*

Gilberto Gil

1 METÁFORA: UMA CONHECIDA DESCONHECIDA?

Metáfora. Uma pesquisa rápida no Google nos indica a dimensão do assunto que iremos tratar neste trabalho ao mostrar que há mais de setecentos e cinquenta mil resultados para o termo. Sendo assim, será que ainda há o que se falar sobre metáfora?

Quando mencionamos a palavra metáfora, o que primeiro nos salta à mente é a figura de linguagem, tal como estudamos no Ensino Básico, que tem como intuito maior ornamentar os nossos textos. Na poesia e na prosa, encontramos inumeráveis exemplos de metáforas. Metáforas como *Você é o sol da minha vida* ou *José é um banana* também são comumente utilizadas por nós em nossas conversas diárias. A metáfora não é algo novo nem desconhecido da maioria das pessoas, pelo contrário, ela está presente em todas as atividades verbais, demonstrando a criatividade humana no uso da linguagem (MOURA, 2012).

Neste capítulo introdutório, apresentamos o fenômeno da metáfora. Primeiramente, mostramos, de maneira breve, como os estudos sobre metáfora tiveram início – a visão tradicional da metáfora. Em seguida, abordamos a visão cognitiva da metáfora, mostrando que ela faz parte do nosso dia-a-dia. Tomamos como base teórica para nosso trabalho a Teoria da Metáfora Conceptual e a relação existente entre metáfora, cultura e ideologia.

1.1 O que é metáfora?

Como dissemos anteriormente, precisamos encontrar uma definição do que é metáfora. Sentimos esta necessidade a partir de perguntas que pessoas várias nos faziam e ainda fazem quando sabem que estamos cursando o Doutorado: *Seu Doutorado é em quê?*, *O que é que você está pesquisando?* e as mais interessantes de todas: *Ah! Metáfora é? Não sabia que você trabalhava com Literatura!*, *Eu já estudei isso. Mas o que é mesmo?* Algumas pessoas até citavam exemplos de metáforas que já haviam lido em um livro ou ouvido alguém dizer.

O termo metáfora é bastante conhecido. As metáforas são bastante utilizadas por todos nós, independente de classe, raça, cor, cultura ou nível educacional. Meu pai, por exemplo, nascido no interior da Paraíba, sempre dizia que não gostava de estudar, que gostava de números, mas não de escrever ou ler. Estudou até o antigo Primeiro Grau (atual Ensino Fundamental) e fez um Curso Técnico em Contabilidade; falava através de metáforas sem sequer perceber isto. Expressões como *Ele é um cavalo* e *Você é a estrela da minha vida* ou mesmo *Deixe de perder tempo com isso!*, dentre outras, eram facilmente ouvidas ao se

conversar com ele. Ele trazia à tona em suas conversas diversas metáforas, sem que necessitasse estar consciente de que estava utilizando uma metáfora ou mesmo soubesse disso.

Embora a metáfora seja uma velha conhecida, muitas vezes nos surpreendemos quando paramos para pensar o que ela realmente é e não conseguimos chegar a uma definição. Essa foi a conclusão a que chegamos quando nos perguntavam sobre o que estávamos estudando e retrucávamos perguntando se a pessoa sabia do que se tratava. Algumas pessoas não conseguiam explicar, mas davam exemplos de metáforas e outras davam uma definição nos moldes da que encontramos no Dicionário Aurélio online (2013.). Metáfora é:

s.f. Figura de linguagem que consiste na transferência da significação própria de uma palavra para outra significação, em virtude de uma comparação subentendida. Por exemplo, quando se diz "Ele é uma raposa", emprega-se uma metáfora, isto é, usa-se o nome de um animal para descrever um homem que possui uma qualidade, astúcia, que é própria do animal raposa.

O termo metáfora, de origem grega, significa transferência, transporte, mudança (WILSON; KEIL, 1999), ou seja, através da linguagem, nós transferimos o significado de uma palavra para outra, atribuindo características daquela a esta.

O estudo da metáfora nos remete à antiguidade. Aristóteles, provavelmente, foi o primeiro filósofo grego a estudar e definir o que seria metáfora. Dele herdamos a noção mais antiga que se tem de metáfora: “A metáfora consiste no transportar para uma coisa o nome de outra, ou do género para a espécie, ou da espécie para o género, ou da espécie de uma para a espécie de outra, ou por analogia.” (ARISTÓTELES, 2003, p. 134)

Aristóteles entendia a metáfora como um elemento retórico (ARISTÓTELES, 2005). Seus estudos são base para os demais estudos sobre metáfora que se seguiram.

Leezenberg (2001) afirma que Aristóteles não via a metáfora apenas como um aparato para embelezar o discurso, mas como estilística e pragmaticamente apta a ser utilizada com propósitos conversacionais, ou seja, provavelmente ele também via uma função cognitiva das metáforas. No mesmo caminho, Cameron (2003) defende que, embora Aristóteles definisse metáfora como sendo a substituição de um termo por outro, ele não desconsiderava o seu aspecto cognitivo, pois para ele a metáfora serve para expressar novas ideias e conceitos e é necessário um trabalho mental para relacionar os dois conceitos que nela estão presentes, ou seja, ele também reconhecia uma função cognitiva da metáfora.

Para Aristóteles, uma metáfora bem sucedida na retórica combinava 'clareza, encanto e desconhecimento', e, quando utilizada de forma adequada, podia agir conceptualmente para produzir novos significados. Além da função retórica, ele também reconheceu a função cognitiva da metáfora, que se tornou dominante nas duas últimas décadas. (CAMERON, 2003, p. 13, grifo da autora, tradução nossa)¹

O trabalho de Aristóteles, em sua *Poética* (2003) e *Retórica* (2005), além de nos dar a definição de metáfora, fornece-nos algumas ideias básicas que ainda vigoram no estudo das metáforas. De acordo com Aristóteles, para entender uma metáfora é necessário encontrar as similaridades em meio às diferenças e, ainda, que os ouvintes necessitariam ter certo conhecimento cultural compartilhado para interpretá-las.

No início do século XX, Cameron (2003) explica que a visão aristotélica da metáfora foi consideravelmente reduzida: a metáfora passa a ser vista apenas como uma figura de linguagem, a metáfora é entendida como uma figura utilizada para comparar duas coisas, é linguagem figurada, em oposição à linguagem literal. A metáfora é considerada como elemento retórico, cuja utilidade é embelezar, ornamentar o que é dito ou escrito. Nessa visão, além de ser apenas um fenômeno da linguagem, a metáfora seria usada de maneira consciente e seria facilmente reconhecida e entendida pelos interlocutores.

A visão tradicional da metáfora a entende como ornamento, figura de linguagem criada pelo falante e utilizada por ele para demonstrar sua habilidade retórica, estudada por filósofos, retóricos e críticos literários (SILVA, 1997). A metáfora é dispensável, ou seja, você pode usá-la ou não, uma escolha consciente, e deveria ser utilizada apenas em textos poéticos. Nos discursos objetivos ela deveria ser evitada, utilizando-se uma linguagem clara, objetiva, precisa e, portanto, literal.

Como dissemos anteriormente, o marco inicial dos estudos sobre metáfora são a *Poética* (2003) e a *Retórica* (2005) de Aristóteles. Ortony (1993) afirma que não é surpresa alguma que qualquer estudo sério sobre metáfora deve obrigatoriamente iniciar mencionando os trabalhos de Aristóteles, já que a *Retórica* tem sido um campo de estudo por mais de dois milênios. Segundo ele (ORTONY, 1993, p. 3, grifo do autor, tradução nossa),

Aristóteles estava interessado na relação da metáfora com a linguagem e no papel da metáfora na comunicação. Sua discussão sobre essas questões, principalmente na *Poética* e na *Retórica*, exerce influência até os dias atuais. Ele acreditava que as metáforas eram comparações implícitas, baseadas nos princípios da analogia, uma

¹ For Aristotle, successful metaphor in rhetoric or speech-making combined 'clarity, pleasantness and unfamiliarity', and, when used appropriately, could act conceptually to produce new understanding. In addition to its rhetorical function, he also recognized the cognitive function of metaphor that has risen to dominance in the last two decades. (CAMERON, 2003, p. 13)

visão conhecida, em termos modernos, como teoria da comparação. Quanto ao seu uso, ele acreditava que era principalmente ornamental.²

Seguindo a tradição Aristotélica da metáfora com função retórica, ao longo dos séculos, a metáfora foi estudada sob uma ótica estritamente linguística, como nos trabalhos de Quintiliano no século I AD, de Tesauro e de Vico nos séculos XVII e XVIII. No século XX, algumas teorias que veem a metáfora de maneira tradicional se destacaram: a Teoria da Substituição, a da Comparação e a da Interação. (KNOWLES; MOON, 2006)

De acordo com Faraco (2008), a Teoria da Substituição caracteriza a metáfora como sendo a substituição de um termo por outro para se atingir um determinado efeito semântico ou retórico, ou seja, é a aplicação de um nome de uma coisa a outra, sendo este segundo nome um substituto para uma outra palavra ou expressão que possui um significado literal. É uma figura de linguagem que se realiza através da substituição ou renomeação.

Para a teoria da comparação, a metáfora é vista como uma comparação, uma maneira de dizer que uma coisa é como outra. Através das similaridades entre uma coisa e outra, a metáfora poderá ser compreendida, o que sugere que a metáfora é como uma símile reduzida.

Já para a Teoria da interação, desenvolvida por Black (1993), um processo mental que liga o Tópico ao Veículo gera um significado novo, ao invés de ativar similaridades pré-existentes.

De acordo com essa nova abordagem, tanto a fonte como o alvo da metáfora interagem para produzir uma nova visão de mundo. Desse modo, uma metáfora produtiva gera novo conhecimento e não pode ser considerada semanticamente equivalente a nenhum conjunto de expressões literais co-existentes. (FARACO, 2008, p. 32)

Black (1993) afirma que a Teoria da interação deve ser estudada em oposição às duas outras teorias alternativas, a da substituição e a da comparação (sendo esta um caso especial daquela). Para ele (1993, p. 28, grifo do autor, tradução nossa),

No contexto de uma sentença metafórica particular, os dois tópicos "interagem", das seguintes formas: (a) a presença do tópico primário leva o ouvinte a selecionar algumas das propriedades do secundário; e (b) o convida a construir um paralelismo

² Aristotle was interested in the relationship of metaphor to language and the role of metaphor in communication. His discussion of the issues, principally in the *Poetics* and in the *Rhetoric*, have remained influential to this day. He believed metaphors to be implicit comparisons, based on the principles of analogy, a view that translates into what, in modern terms, is generally called the *comparison* theory of metaphor. As to their use, he believed that it was primarily ornamental. (ORTONY, 1993, p. 3, grifo do autor)

de implicações complexas que podem ser adequadas para o tópico primário; e (c) reciprocamente induz mudanças paralelas no tópico secundário.³

Embora não tenha trabalhado com a linguagem prosaica, segundo Cameron (2003), Black (1993) foi responsável por trazer de volta o papel cognitivo das metáforas já anteriormente sugerido por Aristóteles, mas que por longos anos havia sido esquecido.

A partir da metade para o final do século XX, alguns autores, como Schon (1993) e Reddy (1993), começaram a ver a metáfora não apenas como uma figura de linguagem, mas como uma pista para o nosso pensamento e conceptualização.

No final da década de 1970 e início da década de 1980, surge a Linguística Cognitiva em contraposição ao Gerativismo. Seu surgimento foi impulsionado, segundo Silva (1997), pelo interesse pelo fenômeno da significação e pela investigação psicolinguística sobre o papel dos protótipos no processo de categorização. Para a Linguística Cognitiva: “as estruturas formais de uma língua não são estudadas como se fossem autônomas, mas como reflexos de uma organização conceitual geral, princípios de categorização e mecanismos de processamento”. (GIBBS, 1994; LAKOFF, 1990 apud GIBBS, 2006, p. 3, tradução nossa)⁴

Ainda segundo Silva (1997), dentre os temas que despertam interesse especial da Linguística Cognitiva, encontram-se as características estruturais da categorização linguística, tais como prototipicidade, polissemia e metáfora.

Kovecses (2002), no mesmo caminho que Lakoff e Johnson, afirma que, numa visão cognitiva da metáfora, ela é definida como compreender um domínio conceptual em termos de outro domínio. Por ter um caráter cognitivo, a metáfora conceptual está presente em todas as esferas da vida humana, inclusive na linguagem. Quando nos comunicamos, utilizamos expressões linguísticas que remetem às metáforas conceptuais. Essas expressões são chamadas de expressões metafóricas, ou seja, palavras ou expressões linguísticas que utilizamos de um domínio para nos referirmos ao outro.

Para Sardinha (2007), o estudo da metáfora pode ser dividido em quatro grandes vertentes: a tradicional, a da metáfora conceptual, a da metáfora sistemática ou metáfora em uso e a da metáfora gramatical. O autor nos apresenta um quadro sucinto no qual ele elenca os

3 In the context of a particular metaphorical statement, the two subjects “interact” in the following ways: (a) the presence of the primary subject incites the hearer to select some of the secondary subject’s properties; and (b) invites him to construct a parallel implication-complex that can fit the primary subject; and (c) reciprocally induces parallel changes in the secondary subject. (BLACK, 1993, p. 28)

4 the formal structures of a language are studied not as if they were autonomous, but as reflections of general conceptual organization, categorization principles, and processing mechanisms. (GIBBS, 1994; LAKOFF, 1990 apud GIBBS, 2006, p. 3)

fundadores, seus seguidores, a disciplina a que deu origem, a visão e o foco de cada uma delas.

Quadro 1 – Vertentes de estudo da metáfora

	Tradicional	Metáfora conceptual	Metáfora sistemática	Metáfora gramatical
Fundador (es)	Gramáticos gregos, romanos e renascentistas	George Lakoff e Mark Johnson	Lynne Cameron	Michael Halliday
Principais seguidores	Gramáticos, estudantes de literatura em geral	Ray Gibbs, Zoltán Kovecses, Gerhard Steen	Alice Deignan	Jim Martin, Miriam Tanerniers, Louise Ravelli
Disciplina de origem	Poesia e retórica	Linguística cognitiva	Linguística aplicada	Linguística sistêmico-funcional
Foco	Uso especializado	Mente	Uso habitual	Sistema linguístico

Fonte: SARDINHA (2007, p. 62)

Sardinha (2007) explica que, enquanto a visão tradicional está associada ao tratamento da metáfora como uma figura de linguagem, um artifício para embelezar o discurso, sendo um fenômeno linguístico e individual, a visão da metáfora conceptual a encara como um fenômeno cognitivo e profundamente corporificado. Já a abordagem sistemática, também chamada de discursiva, a vê como um processo social e a gramatical, como sendo o uso de um recurso gramatical para exprimir uma função que não lhe é intrínseca.

Vereza (2007) afirma que as pesquisas sobre metáfora realizadas no âmbito da Linguística Aplicada proporcionaram superar uma limitação teórica e metodológica de estudos desenvolvidos em outras áreas: a de que o material linguístico utilizado não consiste de exemplos inventados, mas de “amostras autênticas de linguagem *em uso*” (VEREZA, 2007, p. 490, grifo da autora). Sendo assim, a legitimidade e eficácia das amostras podem ser garantidas. Para a autora, uma das características dos estudos aplicados é a contextualização de seu objeto de investigação no âmbito do discurso.

Podemos ver assim que, depois de ter transferido o lócus da metáfora da linguagem para o pensamento, considerando a primeira apenas como um espaço em que as evidências da metáfora conceptual seriam materializadas, a pesquisa na área da metáfora tem se voltado, mais recentemente, para a linguagem a partir de uma perspectiva discursiva, ou seja, para o uso da metáfora em situações reais de linguagem em uso. (VEREZA, 2007, p. 490)

Existem diferentes visões que atualmente coexistem sobre a metáfora. Embora reconheçamos a importância de conhecermos as diversas vertentes de estudo da metáfora, neste trabalho não nos aprofundaremos nelas. Preferiremos dar atenção especial à visão

cognitiva da metáfora, foco do nosso estudo. Nesse sentido, a metáfora será compreendida como um fenômeno através do qual nós, humanos, organizamos nosso pensamento e conceptualizamos as pessoas, objetos, emoções, sentimentos e entidades abstratas.

1.2 Uma visão cognitiva da metáfora

Conforme mencionado anteriormente, a Linguística Cognitiva surgiu no final dos anos 1970 e início dos 1980, em oposição ao Gerativismo, impulsionada pelo interesse pelo fenômeno da significação e pelos estudos de Rosch sobre protótipos e categorização.

De acordo com Silva (1997, p. 58),

A Linguística Cognitiva é uma abordagem da linguagem perspectivada como meio de conhecimento e em conexão com a experiência humana do mundo. As unidades e as estruturas da linguagem são estudadas, não como se fossem entidades autónomas, mas como manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual.

Segundo o mesmo autor, interessam aos pesquisadores dessa área o estudo dos princípios funcionais da organização linguística, a interface conceptual entre sintaxe e semântica, a relação entre a linguagem e o pensamento, além do estudo da categorização, tais como prototipicidade, polissemia, modelos cognitivos, esquemas imagéticos e metáforas.

Em nosso trabalho trataremos da categorização, da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs) e de um tipo específico desses modelos: a metáfora.

1.2.1 A Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados

Para a Linguística Cognitiva, nossa interação com o mundo se dá através da linguagem, via estruturas mentais. A Linguística Cognitiva está aberta à interdisciplinaridade com outras ciências cognitivas, pois acredita que linguagem é parte integrante da cognição e interage com outros sistemas cognitivos como percepção, atenção, memória e raciocínio.

A linguagem não é autónoma, não é entendida como representação do mundo, mas

é estudada como um sistema para a categorização do mundo, e nela naturalmente se reflectem capacidades cognitivas gerais e a experiência individual (a começar pela experiência do nosso próprio corpo), social e cultural. A categorização linguística é, por conseguinte, o objecto fundamental da análise linguística. (SILVA, 1997, p. 85)

De acordo com Silva (1997, p. 64, grifo do autor), “Uma das capacidades cognitivas fundamentais é a *categorização*, isto é, o processo mental de identificação, classificação e nomeação de diferentes entidades como membros de uma mesma categoria.”

Lakoff (1987, p. 6, tradução nossa), por sua vez, afirma que

Sem a capacidade de categorizar, nós não poderíamos de maneira alguma agir, seja no mundo físico ou em nossas vidas sociais e intelectuais. Compreender como categorizamos é fundamental para se compreender como pensamos e agimos, e, portanto, fundamental para compreendermos o que nos torna humanos.⁵

Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 266, grifo dos autores) definem categorização como sendo “uma forma natural de identificar um *tipo* de objeto ou de experiência iluminando certas propriedades, atenuando outras e até escondendo outras”.

Numa visão clássica ou tradicional, as categorias eram vistas como lógicas. As entidades que estavam numa mesma categoria pertenciam a essa categoria se compartilhassem das mesmas características, consideradas suficientes e necessárias. Essas características, por sua vez, serviam para definir a própria categoria, ou seja, as categorias eram conjuntos de coisas, “recipientes”, e as coisas ou estariam dentro ou fora dela (LAKOFF, 1987).

[...] uma categoria é definida em termos de uma teoria dos conjuntos: ela é caracterizada por um conjunto de propriedades inerentes às entidades da categoria. Tudo no universo está ou dentro ou fora da categoria. Os objetos que estão em uma categoria são aqueles que têm todas as propriedades inerentes requeridas. Qualquer objeto que não tenha uma ou mais das propriedades inerentes fica fora da categoria. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 213-214)

Diferentemente da visão clássica, na visão cognitiva, a categorização se processa com base em protótipos:

[...] definir não é uma questão de enunciar um conjunto fixo de condições suficientes e necessárias para a aplicação de um conceito (embora isso possa ser possível em certos casos especiais, tais como na ciência ou em outras disciplinas técnicas, e mesmo aí isso não é sempre possível); ao invés disso, os conceitos são definidos por protótipos e por tipos de relações entre eles. Em lugar de serem rigidamente definidos, os conceitos que brotam de nossa experiência são abertos. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 217-218)

⁵ Without the ability to categorize, we could not function at all, either in the physical world or in our social and intellectual lives. An understanding of how we categorize is central to any understanding of how we think and how we function, and therefore central to an understanding of what makes us human.

A teoria do protótipo teve origem nos estudos de Rosch e colaboradores, nos anos 1970, no campo da Psicolinguística, sobre a categorização das cores, das aves, dos frutos e de outras entidades.

De acordo com Feltes e Keller (2011), foi da Teoria dos protótipos que o conceito fundamental de *semelhanças de família* foi tirado, ou seja, para que se defina uma categoria, não é necessário que todos os seus elementos compartilhem das mesmas características: “O que acontece é que há, entre esses membros, semelhanças entre si. Assim, a pertença à categoria seria motivada por semelhanças de família com os membros prototípicos.” (FELTES; KELLER, 2011, p. 365)

Os protótipos são representações mentais, exemplares típicos, mais representativos, de uma entidade, funcionando como pontos de referência: “O protótipo é considerado o melhor exemplo, se possuir as propriedades consideradas típicas de uma categoria. Sendo dessa forma, o exemplo típico.” (ASSUNÇÃO; SPERANDIO, 2011, p. 505). A Linguística Cognitiva entende que os vários membros que compõem uma categoria geralmente apresentam diversos graus de semelhança, ou seja, uns são mais prototípicos do que outros.

De acordo com Lakoff (1987), essa aproximação da Linguística Cognitiva com a Teoria do protótipo mostra que a categorização é essencialmente uma questão de experiência e imaginação: de um lado, temos a percepção, a atividade motora e a cultura e, de outro, a metáfora, a metonímia e os esquemas de imagens.

Nós categorizamos coisas concretas, como pessoas, objetos e animais. Mas também categorizamos entidades abstratas, como eventos, ações, relações sociais, emoções, doenças e até governos. Lakoff (1987) explica que a maior parte das categorizações que fazemos são automáticas e inconscientes.

A linguagem possui uma função categorizadora: ela não é a representação do mundo, mas uma interpretação, uma construção que fazemos do mundo. Essa construção se dá com base na experiência, o que Lakoff e Johnson (2002 [1980]) chamam de experiencialismo.

Para compreender o mundo e agir nele, temos de categorizar os objetos e as experiências de forma que passem a fazer sentido para nós. Algumas de nossas categorias emergem diretamente de nossa experiência, devido à forma de nossos corpos e à natureza de nossas interações com as outras pessoas e com nosso ambiente físico e social. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 265)

Desse modo, de acordo com esses autores, a cognição e, conseqüentemente, a linguagem são determinadas pela experiência corporal, tanto individual, quanto coletiva. As experiências são adquiridas e interpretadas à luz de conceitos de que já dispomos. Esses

conceitos funcionam como modelos interpretativos: os Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs).

Modelos cognitivos são corporificados, direta ou indiretamente, por meio de ligações sistemáticas a conceitos corporificados. Um conceito é corporificado quando seu conteúdo ou outras características são motivados pela experiência corporal ou social. Isso não significa necessariamente que o conceito é previsível a partir da experiência, mas que faz sentido que ele tenha o seu conteúdo (ou outras características), dada a natureza da experiência correspondente. A corporificação, portanto, fornece uma ligação *não arbitrária* entre a cognição e a experiência. (LAKOFF, 1987, p.154, grifo do autor, tradução nossa)⁶

Lakoff (1987) diz que o nosso conhecimento é organizado através dos MCIs, e a categorização e os protótipos são subprodutos dessa organização. A Teoria dos Modelos Cognitivos tenta explicar como nós categorizamos as coisas, tendo como base quatro fontes: os *Frames* de Fillmore (1982), a Gramática Cognitiva de Langacker (1987), a Teoria dos Espaços Mentais de Fauconier (1985) e a Teoria da Metáfora e da Metonímia Conceptual de Lakoff e Johnson (2002 [1980]).

De acordo com Imaculada (2009, p. 33)

A noção de Modelos Cognitivos Idealizados constitui o cerne da semântica prototípica de Lakoff. Eles são estruturas conceituais complexas, de caráter experiencial, que organizam nosso conhecimento geral do mundo. São construtos mentais que resultam da interação dos indivíduos com seu ambiente, via corporalidade, e, muito freqüentemente, são construídos com apelos a mecanismos imaginativos como metáforas e metonímias.

Já Miranda (2009, p. 83) define MCIs como

conhecimentos socialmente produzidos e culturalmente disponíveis. Têm esses conhecimentos papel crucial na cognição humana, qual seja, o de possibilitar o domínio, a lembrança e o uso de um vasto conjunto de conhecimentos adquiridos na vida diária.

Os MCIs são individualmente idealizados, constituindo-se em *modelos cognitivos* e, interindividualmente partilhados pelos membros de um determinado grupo social, ou seja, também são *modelos culturais*: “É no contexto dos respectivos modelos cognitivos e culturais que, para a Linguística Cognitiva, as categorias linguísticas podem ser devidamente

⁶ Cognitive models are embodied, either directly or indirectly by way of systematic links to embodied concepts. A concept is embodied when its content or other properties are motivated by bodily or social experience. This does not necessarily mean that the concept is predictable from the experience, but rather that it makes sense that it has the content (or other properties) that it has, given the nature of the corresponding experience. Embodiment thus provides a *nonarbitrary* link between cognition and experience. (LAKOFF, 1987, p.154)

caracterizadas.” (SILVA, 1997, p. 76) Eles também são idealizados, visto que podem não se ajustar perfeitamente ao mundo natural, sendo criações da mente humana.

Lakoff (1987) destaca que alguns modelos cognitivos são exclusivamente culturais: *sexta-feira*, por exemplo, na cultura ocidental, é o penúltimo dia da semana, sendo o último dia de trabalho; para os cristãos, é o dia em que Jesus foi crucificado e, para os supersticiosos, o dia de azar. Os modelos cognitivos podem variar de cultura para cultura.

De acordo com Lakoff (1987), existem cinco tipos de MCIs: os proposicionais, os esquemas de imagens, as metonímias, os modelos simbólicos e as metáforas.

Os **MCIs proposicionais** especificam os elementos, suas características e a relação existente entre eles. Esses modelos são classificados em: proposição simples; *frame*, cenário ou *script*; *cluster models* (feixe de traços), taxonomia e categoria radial.

Nesses modelos, não há uso de mecanismos imaginativos, como metáfora, metonímia ou imagens mentais; e o conjunto de elementos utilizados no MCI pode ser, ou de elementos ou conceitos de nível básico (entidades, ações, estados, propriedades etc.), ou de conceitos caracterizados por modelos cognitivos de outros tipos. (FELTES; KELLER, 2011, p. 369)

Como exemplo de MCI proposicional (do tipo *frame*) temos *solteirão*. A categoria *solteirão* é definida de acordo com um MCI no qual existe uma sociedade marital e, ainda, há uma idade considerada “certa” para se casar.

Lakoff (1987) afirma que os MCIs não se ajustam ao mundo de maneira precisa. Eles possuem diferentes graus de aproximação ou semelhança, ou seja, possuem um efeito prototípico: eles podem se ajustar perfeitamente, muito bem, razoavelmente bem, um pouco, razoavelmente mal, mal, ou não se ajustar de maneira alguma: “Se o MCI em que *solteirão* é definido se encaixa em uma situação perfeitamente e a pessoa a que se refere o termo é inequivocamente um homem adulto solteiro, então ele se qualifica como um membro da categoria *solteirão*.” (LAKOFF, 1987, p. 70, grifo do autor, tradução nossa)⁷

No caso da categoria *solteirão*, no entanto, existem alguns homens que não são casados, já alcançaram a idade “certa” para casar, mas não fazem parte dessa categoria: é o caso do papa, padres, monges, por exemplo.

Lakoff (1987) destaca que os modelos cognitivos estão presentes em qualquer ato de categorização. Uma mesma categoria pode envolver um ou mais de um modelo. Ele explica

⁷ “If the ICM in which *bachelor* is defined fits a situation perfectly and the person referred to by the term is unequivocally an unmarried adult male, then he qualifies as a member of the category *bachelor*.” (LAKOFF, 1990, p. 70, grifo do autor)

que frequentemente vários MCIs se combinam, formando um conjunto complexo, o que ele chama de *cluster models*. No caso do conceito *mãe*, uma série de MCIs é utilizada para a categorização:

- O modelo do nascimento: mãe é aquela que dá a luz;
- O modelo genético: mãe é a mulher que fornece material genético;
- O modelo do cuidado: mãe é a mulher que alimenta e cria;
- O modelo marital: mãe é a mulher que é casada com o pai;
- O modelo genealógico: mãe é a ancestral mais próxima.

Mãe remete, segundo o autor, não apenas para os domínios de nascimento e genético, mas para outros domínios, como o nutritivo, educacional, marital e genealógico: a mulher que educa e alimenta uma criança também pode ser considerada mãe, mesmo que não seja sua mãe biológica.

Os **MCIs esquemas de imagens** dizem respeito a imagens tais como trajetória, espessura, comprimento, formato dos objetos, além de nossa percepção e movimento corporal, possuindo natureza corpórea-cinestésica. Alguns exemplos desses modelos são: recipiente, parte-todo, centro-periferia, origem-percurso-meta.

O conceito *Terça-feira*, por exemplo, é definido com base em um MCI que inclui o movimento do sol, um padrão de caracterização de fim do dia e início de outro dia e, ainda, um ciclo composto de sete dias – a semana. Nesse MCI, a semana é um todo composto de sete partes organizadas em uma sequência linear. Cada parte da sequência é chamada de dia. A *terça-feira* é o terceiro dia da semana. Lakoff (1987) explica que esse nosso conceito de semana é idealizado, pois não existe objetivamente na natureza, ou seja, foi criado pelos homens. Porém, ele destaca que esse modelo não é o único existente, podendo variar de cultura para cultura.

Os **MCIs metonímicos** ocorrem em um único domínio conceptual, no qual uma coisa é tomada como representando o todo ou um aspecto do todo. A metonímia é gerada quando existe uma estrutura conceptual nos quais estão presentes o conceito A e o conceito B. O conceito B está relacionado a A ou pode até mesmo ser parte de A. Se B é mais fácil de ser entendido ou lembrado, para que A seja compreendido num determinado contexto, utiliza-se o conceito B, ou seja, a parte significando o todo.

Algumas fontes metonímicas de efeito prototípico apresentadas por Lakoff (1987) são: os estereótipos sociais; os exemplos típicos; os ideais; os padrões; os geradores; os submodelos e os exemplos salientes. Vejamos um exemplo de esteriótipo e um de ideal.

Os estereótipos ocorrem quando um membro de uma categoria que tem um status socialmente reconhecido é usado para compreender a categoria como um todo, geralmente com o propósito de fazer julgamentos rápidos sobre as pessoas. Lakoff (1987) exemplifica com o caso de *mãe-dona-de-casa* e *mãe-que-trabalha-fora*.

A *mãe-dona-de-casa* define as expectativas culturais de como uma mãe deve ser: "No geral, em nossa cultura, mães-donas-de-casa são tidas como melhores exemplos de mães do que mães-que-trabalham-fora." (Lakoff, 1987, p. 79, tradução nossa)⁸

A *mãe-que-trabalha-fora* é definida em oposição ao estereótipo *mãe-dona-de-casa*. Já a *mãe-dona-de-casa* nasce de uma visão estereotipada de cuidado e educação: as *mães-que-trabalham-fora* não cuidam, nem educam seus filhos de maneira apropriada justamente porque estão fora de casa. Os estereótipos são importantes para a conceptualização, pois eles definem as expectativas que temos em relação a uma categoria.

Outro exemplo de MCI do tipo metonímia são os ideais. Existem vários tipos de *mãe*: a mãe "ideal" (que apresenta todas as características esperadas de uma mãe, ou seja é a mãe biológica, que fica em casa, cuida e educa os filhos e é casada com o pai das crianças), a mãe biológica, a madrasta, a adotiva, a mãe-barriga-de-aluguel, a mãe solteira, a mãe genética (que doa seus óvulos), dentre outros. Lakoff (1987) afirma que essas subcategorias de mães são definidas como variações do conceito central de mãe – a mãe "ideal" – e esse conceito é determinado culturalmente. Quanto mais uma mulher se aproxima dessa descrição, mais representativa da categoria *mãe* ela é.

Boa parte do conhecimento cultural é organizada em termos de ideais. Nós possuímos conhecimento cultural sobre casas ideais, famílias ideais, companheiros ideais, emprego ideal, chefe ideal, trabalhadores ideais etc. O conhecimento cultural sobre os ideais leva a efeitos prototípicos. Existe uma assimetria entre os casos ideais e os não-ideais: fazemos julgamentos de qualidade e definimos metas para o futuro em termos de casos ideais, ao invés dos não-ideais. Essa assimetria é consequência de um padrão de inferência que usamos com os ideais. Nós supomos que os ideais possuem todas as boas qualidades que os casos não-ideais tem, mas não presumimos que os casos não-ideais possuem todas as boas qualidades dos casos ideais. (LAKOFF, 1987, p. 87, tradução nossa)⁹

⁸ "On the whole in our culture, housewife-mothers are taken as better examples of mothers than nonhousewife-mothers." (LAKOFF, 1987, p. 79)

⁹ A lot of cultural knowledge is organized in terms of ideals. We have cultural knowledge about ideal homes, ideal families, ideal mates, ideal jobs, ideal bosses, ideal workers, etc. Cultural knowledge about ideals leads to prototype effects. There is an asymmetry between ideal and nonideal cases: we make judgments of quality and set goals for the future in terms of ideal cases, rather than nonideal cases. This asymmetry is a consequence of a pattern of inference that we use with ideals. Ideals are assumed to have all the good qualities that nonideal cases have, but nonideal cases are not assumed to have all the good qualities of ideal cases. (LAKOFF, 1987, p. 87)

Já os **MCIs do tipo simbólico**, segundo Assunção e Sperandio (2011, p. 508), diferem dos demais, que são puramente conceituais, pois “são produzidos a partir da associação dos elementos linguísticos com os elementos conceituais em um MCI”. Alguns exemplos são: os itens lexicais, as categorias gramaticais e construções gramaticais.

Lakoff (1987) dá um exemplo tirado do Japonês: *hon*. O autor explica que *hon* classifica objetos longos e finos, como lápis, vela, árvore, corda, cabelo, vara, principalmente objetos longos, finos e que não são flexíveis.

Ele explica que *hon* também pode ser utilizado para classificar cobras mortas, peixe seco, já que são longos e finos. O conceito de *hon* também pode ser estendido. Ainda existem outras situações menos representativas as quais *hon* também se aplica: competições de artes marciais nas quais são usados bastões e espadas (armas longas, finas e rígidas); bobina de fita (que quando desenrolada é longa e fina) e, do mesmo modo, filmes (já que eles também vem ou vinham em rolos); ligações telefônicas, programas de rádio e de televisão (que passam através de fios, longos e finos) e injeções (já que as agulhas são finas e longas).

Por fim, temos os **MCIs metafóricos**. As metáforas são mapeamentos de um modelo proposicional ou de imagens, envolvendo domínios cognitivos (ou de experiência) diferentes, ou seja, nós projetamos características de um domínio de origem (*source domain*) num domínio-alvo (*target domain*). Esses modelos são formulados da seguinte maneira: existe um domínio conceptual A (domínio-fonte) e um domínio conceptual B (domínio-alvo). O domínio-fonte é um domínio mais concreto e o domínio-alvo, mais abstrato. Para que B seja compreendido, há um mapeamento parcial e unilateral de A para B, fazendo com que B seja entendido em termos de A.

Imaculada (2009, p. 35) resume, explicando que os tipos de MCI podem ser divididos da seguinte maneira: “Os modelos proposicionais e os esquemas de imagens se caracterizam a partir das estruturas básicas que se sustentam nos domínios concretos da experiência. Já os metonímicos e metafóricos se definem como mapeamentos que fazem uso dos modelos estruturais.”

Como em nosso trabalho pesquisaremos sobre MCIs do tipo metáfora, apresentaremos, a seguir, uma breve explanação sobre a Teoria da Metáfora Conceptual.

1.2.2 A Teoria da Metáfora Conceptual

Em *Women, Fire and Dangerous Things* (1987), Lakoff cita como exemplo de MCI do tipo metafórico a metáfora do canal de Reddy: "A metáfora do canal para a comunicação mapeia o nosso conhecimento sobre a transmissão de objetos em recipientes para a compreensão da comunicação como transmissão de ideias em palavras." (LAKOFF, 1987, p. 114, tradução nossa)¹⁰

Reddy foi o primeiro a demonstrar, através de estudos linguísticos e da análise de vários exemplos de expressões em inglês utilizadas pelas pessoas no dia-a-dia, o que ele chama de metáfora do canal. Em seu artigo *The conduit metaphor: A case of frame conflict in our language about language*, o autor chega à conclusão de que

(1) a linguagem funciona como um canal, transferindo pensamentos corporeamente de uma pessoa para outra, (2) na fala e na escrita, as pessoas inserem seus pensamentos e sentimentos nas palavras, (3) as palavras realizam a transferência ao conter os pensamentos ou sentimentos e transmiti-los aos outros, e (4) ao ouvir ou ao ler, as pessoas extraem os pensamentos e sentimentos das palavras mais uma vez. (REDDY, 1993, p. 170, tradução nossa)¹¹

Investigando a questão da comunicação em Inglês, Reddy, através da análise de diversos enunciados, propõe que a língua é concebida como um canal através do qual são transferidos, corporeamente, os pensamentos de uma pessoa para outra. Os pensamentos e sentimentos são inseridos nas palavras que são conduzidas de uma pessoa A para uma B. A pessoa B, ao ler ou ouvir as palavras, delas extrai os sentimentos e pensamentos. Alguns exemplos dados por Reddy (1993) são:

- Você sabe muito bem que eu te *dei* essa ideia.
- É muito difícil *passar* essa ideia num ambiente hostil.
- Da próxima vez que escrever, *envie* ideias melhores.
- É muito difícil *colocar* este conceito em palavras.

O estudo de Reddy acerca de como conceptualizamos a comunicação através da metáfora do canal abriu caminho para vários outros autores que passaram a investigar o

¹⁰ "The conduit metaphor for communication maps our knowledge about conveying objects in containers onto an understanding of communication as conveying ideas in words." (LAKOFF, 1987, p. 114)

¹¹ (1) language functions like a conduit, transferring thoughts bodily from one person to another; (2) in writing and speaking, people insert their thoughts or feelings in the words; (3) words accomplish the transfer by containing the thoughts or feelings and conveying them to others; and (4) in listening or reading, people extract the thoughts and feelings once again from the words. (REDDY, 1993, p. 170)

pensamento metafórico e como este molda as nossas ações e pensamentos. Segundo Lakoff (1993, p. 203-204, tradução nossa),

Reddy fez muito mais nesse ensaio do que ele modestamente sugeriu. Com um único exemplo cuidadosamente analisado, ele nos permitiu ver, ainda que de forma restrita, que o inglês utilizado no dia-a-dia é em grande parte metafórico, dissipando de uma vez por todas a visão tradicional de que a metáfora é primordialmente linguagem figurada utilizada na poética. Reddy mostrou, através de um único, mas significativo caso, que o locus da metáfora é o pensamento e não a língua, que a metáfora é parte indispensável da maneira com que convencionalmente conceituamos o mundo, e que nosso comportamento cotidiano reflete uma compreensão metafórica de nossas experiências.¹²

No ano de 1980, com a publicação do livro *Metaphors we live by* (traduzido para português em 2002 como *Metáforas da vida cotidiana*), George Lakoff e Mark Johnson deram um novo impulso aos estudos sobre metáfora.

De acordo com Assunção e Sperandio (2011, p. 510), o lançamento desse livro “produz uma revolução nos estudos sobre metáfora, por assumir como tese central a pressuposição de que a metáfora é onipresente e essencial na linguagem e no pensamento”.

Kovecses (2005) afirma que Lakoff e Johnson não foram os primeiros a afirmar isso, mas foram os primeiros a fazê-lo de maneira sistemática, generalizável e experimental. Já Deignam (2005) explica que, ao contrário do que apregoa a visão tradicional, Lakoff e Johnson afirmam que a metáfora não é um fenômeno apenas linguístico, mas sim mental, indispensável tanto para o pensamento quanto para a linguagem.

Em *Metáforas da vida cotidiana*, Lakoff e Johnson defendem que a metáfora é uma operação mental básica, através da qual nós entendemos o mundo. Elas não apenas estruturam o que percebemos, mas também a maneira como agimos e nos relacionamos com os outros.

[...] a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 45)

A metáfora é vista como uma operação mental por meio da qual nós compreendemos o mundo. Para os autores, os conceitos estão metaforicamente estruturados em nossas mentes.

¹² Reddy did far more in that essay than he modestly suggested. With a single, thoroughly analyzed example, he allowed us to see, albeit in a restricted domain that ordinary everyday English is largely metaphorical, dispelling once and for all the traditional view that metaphor is primarily in the realm of poetic “figurative” language. Reddy showed, for a single, very significant case, that the locus of metaphor is thought, not language, that metaphor is a major indispensable part of our ordinary, conventional way of conceptualizing the world, and that our everyday behavior reflects our metaphorical understanding of experience.

Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 303) afirmam que “A metáfora é um dos mais importantes instrumentos para tentar compreender parcialmente o que não pode ser compreendido em sua totalidade: nossos sentimentos, nossas experiências estéticas, nossas práticas morais e nossa consciência espiritual.”

As metáforas são resultado de mapeamentos mentais: utilizamos domínios por nós conhecidos para explicarmos domínios desconhecidos. Esses, que desejamos conceptualizar, são chamados de domínio-alvo (*target domain*), enquanto aqueles, de domínio-fonte (*source domain*).

A metáfora não é apenas uma questão de linguagem, mas do pensamento e da razão. A linguagem é secundária. O mapeamento é primário na medida em que ele sanciona o uso de padrões linguísticos e de inferência do domínio-fonte para conceitos do domínio-alvo. (LAKOFF, 1993, p. 208, tradução nossa)¹³

Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 48, grifo dos autores) afirmam que “A essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra.” Partindo de nossa experiência corporal, nós mapeamos elementos de um domínio mais concreto, domínio-fonte, para um domínio mais abstrato, domínio-alvo. Esse mapeamento é unilateral, ou seja, conceptualizamos o domínio-alvo em termos do domínio-fonte.

[...] sugerimos que há direcionalidade na metáfora, quer dizer, entendemos um conceito em termos de outro. Especificamente, tendemos a estruturar os conceitos menos concretos e inerentemente mais vagos (como aqueles para expressar emoções) em termos de conceitos mais concretos, os quais são mais claramente delineados em nossa experiência. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 201)

É importante frisar que, como afirmam Lakoff e Johnson (2002 [1980]), a tendência é estruturar conceitos mais abstratos em termos de conceitos mais concretos. Embora tradicionalmente as pesquisas sobre metáfora conceptual afirmem e demonstrem que nós conceptualizamos o abstrato em termos do que é concreto, as metáforas também podem ser utilizadas para conceptualizar entidades concretas em termo de outras entidades concretas ou, como afirma Forceville (2009, p. 79, grifo do autor, tradução nossa): “apesar de uma das propriedades mais salientes da metáfora ser ajudar a nossa compreensão do que é mais

¹³ The metaphor is not just a matter of language, but of thought and reason. The language is secondary. The mapping is primary, in that it sanctions the use of source domain language and inference patterns for target domain concepts. (LAKOFF, 1993, p. 208)

abstrato *via* o que é mais concreto, isso não exclui a possibilidade de *ambos* domínio-fonte e alvo serem concretos em certas metáforas.”¹⁴

Forceville (2009) afirma que como a Teoria da Metáfora Conceptual dá bastante ênfase às metáforas que conceptualizam entidades abstratas como concretas, a possibilidade de uma metáfora que conceptualize concreto como concreto não tem recebido muito atenção por parte dos pesquisadores. Porém, ele afirma que essa possibilidade se torna particularmente relevante quando saímos do escopo do puramente verbal. Forceville (2009) afirma que em muitos textos visuais e em textos multimodais, as metáforas são do tipo OBJETO A É OBJETO B.

No mesmo sentido, Goatly (2007) explica que o *corpus* por ele utilizado – o METALUDE (Metaphor At Lingnan University Department of English)¹⁵ – inclui várias metáforas que, sistematicamente, conceptualizam objetos como objetos como, por exemplo, SER HUMANO É COMIDA.

Quando estudamos a metáfora conceptual, alguns aspectos importantes devem ser observados: as metáforas são convencionais; muitas delas têm o corpo humano como sua origem (corporificação) e elas são culturais, ou seja, refletem a maneira de ver o mundo de um grupo de pessoas.

Para a teoria da metáfora conceptual, algumas conceptualizações já estão metaforicamente estruturadas em nossa mente e podem ser acessadas através da linguagem, via expressões linguísticas que as manifestam, ou seja, expressões metafóricas: são as metáforas convencionais.

As metáforas convencionais se refletem na nossa linguagem do dia-a-dia e estruturam o sistema conceptual ordinário de nossa cultura. Nós não nos damos conta de que as utilizamos e o fazemos de forma inconsciente.

Como exemplo de metáfora convencional, temos A MENTE É UM RECIPIENTE, presente nos enunciados:

- Não consigo *tirar* isso da minha cabeça.
- Sua cabeça está *cheia* de ideias.
- *Bote* isso na cabeça de uma vez por todas!

¹⁴ although helping our understanding of the most abstract *via* the most concrete is one of the most salient properties of metaphor, this does not rule out the concreteness of *both* the source and target in certain metaphors. (FORCEVILLE, 2009, p. 79, grifo do autor)

¹⁵ Vale frisar que o Metalude é um banco de dados composto por itens lexicais metafóricos convencionalizados, ou seja, ele trabalha com metáfora verbais. Mesmo assim, foram encontradas metáforas cujos domínios-fonte e alvo são entidades concretas. Para maiores informações sobre o metalude, ver: <http://www.ln.edu.hk/lle/cwd/project01/web/introduction.html>.

Outro exemplo é a metáfora AMOR É VIAGEM, com as expressões metafóricas

- *Veja até onde chegamos* em nosso relacionamento.
- *Trilhamos* um caminho sem volta.
- *Esse namoro não vai chegar a lugar algum.*

Em oposição às metáforas convencionais, existem as metáforas novas, ou seja, aquelas que se encontram fora do nosso sistema conceptual, que são fruto da criatividade e imaginação humana. Tais metáforas, segundo os autores, podem dar novo sentido a nossa experiência. De acordo com Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 235), “Essas metáforas são capazes de nos dar uma nova compreensão de nossa experiência. Desse modo, elas podem dar sentido novo ao nosso passado, às nossas atividades diárias, ao nosso saber e às nossas crenças.”

Como exemplo de metáfora nova, os autores citam o caso de um aluno iraniano que estava assistindo a um seminário sobre metáforas que eles estavam ministrando. Quando em Berkeley, o aluno escutou a expressão *a solução dos meus problemas* e a entendeu como “uma grande quantidade de líquido, borbulhante e fumegante contendo todos os seus problemas em processo de dissolução, ou em forma de precipitação, com catalisadores dissolvendo constantemente alguns problemas (do momento) e precipitando outros” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 240). Os autores chamam essa metáfora como vista pelo iraniano de metáfora QUÍMICA e argumentam que ela dá uma nova visão dos problemas: os problemas são coisas que não se resolvem de uma vez por todas e nunca desaparecem completamente.

Vereza (2007) afirma que, para a teoria cognitiva, a metáfora nova, assim como a convencional, é licenciada por metáforas conceptuais subjacentes. A autora explica que a expressão “fulano é uma mala (já convencionalizada), mas sicrano é uma mochila de náilon” (VEREZA, 2007, p. 492) pode ser criada – através de desdobramentos, novos mapeamentos ou correspondências – devido à existência das metáforas A VIDA É UMA VIAGEM e DIFICULDADE É PESO.

Como dissemos anteriormente, uma questão fundamental para a Teoria da Metáfora Conceptual, conforme Lakoff e Johnson (2002 [1980]), é a base experiencial que as metáforas possuem. Os autores afirmam que “nenhuma metáfora pode ser compreendida ou até mesmo representada de forma adequada, independentemente de sua base experiencial” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 68, grifo dos autores).

De acordo com a visão experiencialista, o nosso sistema conceptual é fruto de nossas experiências corpóreas e nossas experiências culturais, “de nosso agir constante e bem sucedido em nosso ambiente físico e cultural” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 288).

Os autores afirmam que, embora as metáforas possuam uma base física e uma cultural, fazer a distinção entre essas duas bases é tarefa bastante difícil, já que é a cultura que faz com que nós tenhamos certa visão de mundo ou mesmo certa interpretação de nosso corpo e do ambiente em que vivemos. É a cultura que faz com que priorizemos alguns valores, crenças e atitudes básicas e desprezemos outras. Ou seja, “Seria mais correto dizer que toda a nossa experiência é totalmente cultural e que experienciamos o ‘mundo’ de tal maneira que nossa cultura já está presente na experiência em si.” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 129, grifo dos autores)

As metáforas são representações mentais, abstratas, e um dos meios pelas quais elas tomam forma é através de expressões linguísticas. A metáfora, na visão conceptual, não é uma expressão linguística. É uma operação mental. Porém, por ser uma operação mental, como podemos estudar as metáforas conceptuais? Como elas podem ser verificadas?

De acordo com Lakoff e Johnson (2002 [1980]), nós não temos plena consciência do nosso sistema conceptual, ou seja, geralmente agimos e pensamos de maneira mais ou menos automática, inconsciente. Desse modo, uma das maneiras que os autores veem para que possamos descobrir como conceptualizamos as coisas é observando a linguagem. O estudo das metáforas pode ser feito através da análise de expressões linguísticas que as veiculam. Essas expressões, chamadas de expressões metafóricas, não são a metáfora conceptual em si, mas sim, a manifestação do pensamento metafórico.

Uma vez que expressões metafóricas em nossa língua são ligadas a conceitos metafóricos de uma maneira sistemática, podemos usar expressões metafóricas linguísticas para estudar a natureza de conceitos metafóricos e, dessa forma, compreender a natureza metafórica de nossas atividades (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 50)

Kovecses (2000), do mesmo modo, explica que, como não podemos observar diretamente a mente, nós podemos estudar as metáforas através de uma de suas manifestações mais complexas, elaboradas e extensas: a língua. Através da língua podemos ter acesso a como a mente trabalha, ou seja, a língua é um instrumento confiável na identificação de padrões conceptuais e esses padrões podem nos dar pistas sobre o que acontece em nossa mente.

Um exemplo de metáfora conceptual dado por Lakoff e Johnson (2002 [1980]) é DISCUSSÃO É GUERRA. Eles nos mostram várias expressões metafóricas (em itálico) que realizam essa metáfora: Seus argumentos são *indefensáveis*; Ele *atacou* os pontos fracos da minha argumentação; Suas críticas foram direto *ao alvo*; Se você usar essa *estratégia*, ele vai *esmagá-lo*; Ele *destruiu* todos os meus argumentos.

Segundo os autores, nós experienciamos uma discussão, que é um conceito abstrato, como se fosse uma guerra. Isto é verdade não apenas na nossa maneira de falar sobre discussão, mas em nossa forma de pensar e agir quando estamos em uma discussão. Nós mapeamos discussão em termos de guerra, ou seja, os participantes da discussão são os oponentes, a atividade de discutir é a própria luta/batalha, e as armas são as palavras. Nós ganhamos ou perdemos uma batalha do mesmo modo que somos vencidos ou derrotamos nossos oponentes numa discussão, fazendo-os aceitar nossos argumentos.

No que diz respeito aos tipos de metáforas, em *Metáforas da vida cotidiana* (2002 [1980]), os autores classificam as metáforas conceptuais em estruturais, orientacionais, ontológicas. Como subtipo das metáforas ontológicas, temos, ainda, a personificação.

As **metáforas estruturais** são aquelas nas quais um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro. Como exemplo, temos a metáfora TEMPO É DINHEIRO, na qual compreendemos o tempo como sendo algo que podemos gastar, desperdiçar, investir (bem ou mal), poupar. Ou seja, o tempo, conceito abstrato, é experienciado como sendo dinheiro, entidade concreta. Algumas expressões metafóricas bastante comuns e que trazem à tona essa metáfora são:

- Você está *desperdiçando* tempo.
- Eu não *tenho* tempo para isso.
- Você deveria *gastar* o seu tempo com algo mais interessante.
- *Reserve* um tempo do seu dia para relaxar.
- Vamos *poupar* tempo.

As **metáforas orientacionais** são as que organizam um sistema de conceitos em relação a outro e têm como base a experiência física e cultural que possuímos. As metáforas orientacionais têm a ver com o nosso corpo e como ele funciona no espaço físico. Segundo os autores (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 59) a maioria dessas metáforas “tem a ver com orientação espacial do tipo: para cima-para baixo, dentro-fora, frente-trás, em cima de-fora de (*on-off*), fundo-raso, central-periférico”. Como exemplos, temos FELIZ É PARA CIMA e, o oposto, TRISTE É PARA BAIXO. Quando estamos tristes, geralmente,

assumimos uma postura caída, ficamos cabisbaixos, enquanto que, quando estamos felizes, o contrário ocorre. As metáforas acima estão presentes em expressões metafóricas tais como:

- Estou me sentindo *pra cima*.
- Ela está meio *pra baixo* estes dias.
- Pensar nela me *levanta* o ânimo.

As **metáforas ontológicas** são as geradas através da experiência com objetos físicos e substâncias. Através delas conceptualizamos eventos, atividades, emoções e idéias como entidades, substâncias, recipientes. Como exemplo temos a metáfora MENTE É UMA MÁQUINA, presente nas expressões:

- A minha mente simplesmente não *está funcionando* hoje.
- Estou um pouco *enferrujado* hoje.

Por fim, há ainda, dentre as metáforas ontológicas, a **personificação**. Na personificação, objetos físicos são concebidos como pessoas. Lakoff e Johnson (2002 [1980]) dão o exemplo da metáfora INFLAÇÃO É UM ADVERSÁRIO, com as expressões:

- A inflação *nos colocou contra a parede*.
- A inflação *roubou* as minhas economias.
- O dólar *foi destruído* pela inflação.

De acordo com Espíndola (2011, p. 15), a personificação é um tipo especial de metáfora ontológica, através da qual conceptualizamos experiências subjetivas como pessoas. Sobre a metáfora acima citada INFLAÇÃO É UM ADVERSÁRIO, Espíndola (2011) explica que ela pode ser atualizada tanto por expressões que caracterizam ações de um ser humano – que ela chama de humanização – quanto por ações que são características de um ser vivo, mas não humano – que ela chama de animação. Como exemplo, a autora cita:

- A inflação *está devorando* nossos lucros.

No exemplo acima, a inflação é tratada como um ser vivo, uma entidade, mas não necessariamente como um ser humano, já que devorar é mais uma característica dos animais do que de um ser humano.

Não nos deteremos nessa classificação das metáforas, pois não é nosso intuito neste trabalho. Porém, gostaríamos de destacar que em 2003 foi publicada uma nova edição de *Metaphors we live by*. Nela, os autores acrescentaram um posfácio no qual fazem uma revisão do que está colocado no livro frente aos novos estudos e descobertas no campo da metáfora conceptual.

No posfácio, os autores esclarecem que a classificação das metáforas em orientacionais, ontológicas e estruturais foi modificada. Segundo Lakoff e Johnson (2003, p. 265, tradução nossa), “Todas as metáforas são estruturais (na medida em que mapeiam estruturas com estruturas), todas são ontológicas (pois criam entidades no domínio-alvo), e muitas são orientacionais (pois mapeiam esquemas imagéticos orientacionais).”¹⁶

Segundo os autores, as pesquisas que surgiram após o livro deles estabeleceram, de uma vez por todas, que nós pensamos metaforicamente e que a metáfora tem natureza conceptual. Eles afirmam que, com os estudos sobre a metáfora conceptual, quatro grandes mitos que historicamente prevaleceram no mundo ocidental foram derrubados, ou seja, hoje, (1) sabemos, de maneira conclusiva, que a metáfora não é uma questão apenas linguística, mas cognitiva; (2) que ela não está baseada na similaridade, mas sim em correlações entre domínios diferentes; (3) que até mesmo os nossos conceitos mais profundos são compreendidos através de metáforas; e, ainda, (4) que o sistema de metáforas conceptuais não é arbitrário, mas corporificado e de base cultural.

Como dissemos, no posfácio acrescentado na edição de 2003 do livro *Metaphors we live by*, os autores reafirmam alguns aspectos da Teoria da Metáfora Conceptual e fazem uma revisão de outros. Um dos aspectos da Teoria da Metáfora Conceptual revisitado foi a própria concepção do que é metáfora. A metáfora, inicialmente, era entendida como sendo um mapeamento entre dois domínios: tomavam-se as características do domínio-fonte e aplicava-se a um novo domínio, domínio-alvo. Segundo os autores, esse mapeamento era matemático e, com o tempo e com os novos estudos, tornou-se inadequado, pois “Mapeamentos matemáticos não criam entidades alvo, enquanto metáforas conceituais costumam fazê-lo.” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 253, tradução nossa)¹⁷, ou seja, essa visão matemática destoa do caráter criativo que a metáfora conceptual possui.

Para dar conta desse caráter criativo, os autores adotaram um novo conceito para metáfora: o da projeção, ou seja, a metáfora seria como um retroprojektor, o domínio-alvo seria uma primeira imagem e a projeção metafórica seria o processo de colocar outra imagem (domínio-fonte) sobre a primeira, adicionando, desse modo, características dessa àquela. Porém, assim como a metáfora do mapeamento matemático, a da projeção também apresentou um problema: todas as características do domínio-fonte seriam projetadas no domínio-alvo.

¹⁶ “All metaphors are structural (in that they map structures to structures); all are ontological (in that they create target do-main entities); and many are orientational (in that they map orientational image-schemas).”

¹⁷ Mathematical mappings do not create target entities, while conceptual metaphors often do.¹⁷ (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 253)

No entanto, como nem toda a estrutura do domínio-fonte é mapeada, em 1997, a metáfora da projeção também foi abandonada.

A metáfora do mapeamento é então retomada, mas sob nova ótica. O mapeamento, nesse caso, não seria matemático, mas sim neural. Embora a Teoria Neural da Linguagem ainda esteja “em construção”, como os próprios autores lembram, ela defende que os domínios são entendidos como redes neurais e os mapeamentos são conexões neurais entre essas redes. Temos agora, então, a Teoria Neural da Metáfora que, de acordo com Sperandio (2010), é a versão contemporânea da Teoria da Metáfora Conceptual.

Na visão neural, os mapeamentos metafóricos são físicos: quando nós fazemos uma conexão entre dois domínios é porque as partes do cérebro que lidam com os domínios são ativadas simultaneamente (KNOWLES; MOON, 2006). A metáfora é um fenômeno neural.

Você não tem escolha quanto a pensar metaforicamente. Como os mapas metafóricos fazem parte do nosso cérebro, vamos pensar e falar metaforicamente quer queiramos ou não. Uma vez que o mecanismo da metáfora é em grande parte inconsciente, vamos pensar e falar metaforicamente, quer saibamos ou não. (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 258, tradução nossa)¹⁸

Segundo Kovecses (2000), a hipótese levantada pelos estudos neurocientíficos é a de que, quando conceptualizamos conceitos abstratos, dois grupos de neurônios são ativados no cérebro ao mesmo tempo, ou seja, quando um grupo de neurônios é ativado, o outro automaticamente também o é:

Em suma, as metáforas conceptuais são conjuntos de neurônios em diferentes partes do cérebro ligadas por circuitos neurais. Os conjuntos de neurônios localizados em diferentes partes do cérebro são os domínios fonte e alvo, e o circuito neural físico que os liga são os mapeamentos. Isso nos permite ver a metáfora como estruturas físicas no cérebro (ou seja, neurais). Ao se aprender uma metáfora, conexões neurais apropriadas de diferentes partes do cérebro são "recrutadas". Isto acontece como resultado da ativação neural repetida e simultânea de duas áreas do cérebro. (KOVECSES, 2000, p. 24, tradução nossa)¹⁹

¹⁸ You don't have a choice as to whether to think metaphorically. Because metaphorical maps are part of our brains, we will think and speak metaphorically whether we want to or not. Since the mechanism of metaphor is largely unconscious, we will think and speak metaphorically, whether we know it or not. (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 258)

¹⁹ In short, conceptual metaphors are ensembles of neurons in different parts of the brain connected by neural circuitry. The ensembles of neurons located in different parts of the brain are the source and target domains, and the physical neural circuitry that connects them are the mappings. This allows us to see metaphor as physical (i.e., neural) structures in the brain. In learning a metaphor appropriate neural connections are “recruited” between different parts of the brain. This happens as a result of repeated and simultaneous neural activation of two brain areas. (KOVECSES, 2000, p. 24)

A Teoria Neural também corrobora com o que Lakoff e Johnson (2002 [1980]) chamam de corporificação, pois, para essa teoria, o circuito neural é moldado pela experiência. Nesse sentido, a ligação entre corpo e mente torna-se de suma importância, servindo como base para a proposta de semântica lançada por ela: a semântica da simulação. Assunção e Sperandio (2011, p. 511) afirmam que “Segundo essa semântica, na produção de significados de conceitos físicos, os significados são vistos como simulações mentais, ou seja, a ativação dos neurônios necessita da imaginação, percepção ou desempenho de uma ação.”

Para a semântica da simulação, os significados são vistos como simulações mentais, resultados da imaginação, percepção ou desempenho de uma ação, que faz com que alguns neurônios sejam ativados. Quando imaginamos, relembramos ou até mesmo sonhamos que estamos fazendo algo, grande parte dos neurônios que são ativados quando nós realmente realizamos a ação, também são ativados quando apenas simulamos mentalmente a ação. De acordo com Lakoff (2002 [1980]), a semântica da simulação tem como base uma observação simples feita por Jerome Feldman: “Se você não pode imaginar alguém pegando um copo, você não pode compreender o significado de ‘Alguém pegou um copo’.” (FELDMAN, apud LAKOFF, 2008b, p. 19, tradução nossa.)²⁰

Então, se, de início, considerava-se que o processamento metafórico se dava primeiramente num domínio-fonte e era mapeado, em seguida, para um domínio-alvo, para a Teoria Neural da Metáfora, o processamento é feito em paralelo:

Quando, por exemplo, ouvimos uma expressão metafórica, o circuito do domínio-fonte é ativado pelos significados literais das palavras e o circuito do domínio-alvo pelo contexto. Juntos, esses dois domínios ativam o circuito do mapeamento. Como resultado, temos um circuito integrado, já que há a ativação de ambos os domínios e o processamento sobre ambos ao mesmo tempo. (SPERANDIO, 2010, p. 37)

Lakoff e Johnson (2003) destacam ainda, como de grande contribuição para os estudos sobre metáfora conceptual, assim como para o estudo de aspectos não metafóricos da conceptualização humana, os estudos de Grady e Johnson sobre as metáforas primárias e os de Fauconnier e Turner sobre mesclagem.

Em *Philosophy in the flesh* (1999), os autores apresentam a Teoria Integrada da Metáfora Primária, composta das teorias acima mencionadas – a Teoria da fusão (*conflation*) de Johnson, a Teoria da Metáfora Primária de Grady, a Teoria da Mesclagem Conceptual de Fauconnier and Turner – acrescidas da Teoria Neural de Narayanan.

²⁰ “if you cannot imagine someone picking up a glass, you can’t understand the meaning of ‘Someone picked up a glass.’” (FELDMAN, apud LAKOFF, 2008, p. 19)

De acordo com a Teoria da Fusão (*conflation*) de Johnson (1997), as crianças passam por duas fases distintas e sucessivas na aprendizagem das metáforas: a fusão e a diferenciação. Na primeira, correspondente aos primeiros anos de vida, há a fusão de dois domínios conceptuais do dia-a-dia. As crianças concebem as experiências sensório-motoras e as subjetivas como sendo uma experiência única. Elas não fazem distinção entre o que é experiência subjetiva e o que é sensório-motora quando elas ocorrem ao mesmo tempo. Como exemplo, temos a questão subjetiva do afeto que, normalmente, está correlacionada à de calor, de ser segurado no braço/colo (experiência sensório-motora). Mais tarde, na diferenciação, as crianças maiores conseguem separar os domínios subjetivo do sensório-motor. Porém, essa associação/cruzamento entre domínios que ocorre na fase da fusão persiste. Por essa razão, segundo Lakoff e Johnson (1999), é que temos a metáfora AFEIÇÃO É CALOR e, assim, podemos falar, por exemplo, em “sorriso caloroso”.

As fusões fornecem a base para a aprendizagem das metáforas conceptuais primárias. Após a experiência da fusão, a criança é capaz de diferenciar os dois domínios conceptuais. Só então é que a metáfora conceptual surge. Para a teoria neural, as fusões são instâncias de coativação de ambos os domínios, durante as quais são desenvolvidas conexões neurais permanentes entre eles. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 30, tradução nossa.)²¹

Em seu estudo, Grady (1997) identificou que as metáforas que Lakoff e Johnson descreveram em *Metaphors we live by* (1980) são, em sua maioria, metáforas complexas. Tendo como base a Teoria da Fusão de Johnson, Grady diz que as primeiras fusões que fazemos quando crianças levam à formação automática de centenas de metáforas primárias, que relacionam experiências subjetivas com experiências sensório-motoras, ou seja, nós conceptualizamos as nossas experiências subjetivas em termos de experiências sensório-motoras.

Em *Philosophy in the flesh* (1999), Lakoff e Johnson fornecem vários exemplos de metáforas primárias e das experiências sensório-motora e subjetiva que levaram ao seu surgimento, tais como:

- FELIZ É PARA CIMA

Julgamento subjetivo: Felicidade

Domínio sensório-motor: Orientação corporal

²¹ The conflations provide the basis for the learning of primary conceptual metaphors. Subsequent to the conflation experience, the child is able to differentiate the two conceptual domains. Only then does conceptual metaphor emerge. In the neural theory, the conflations are instances of coactivation of both domains, during which permanent neural connections between the domains develop. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 30)

Exemplo: “Estou me sentindo *pra cima* hoje”

Experiência primária: Sentir-se feliz e cheio de energia e ter uma postura ereta (correlação entre estado afetivo e postura)

- TEMPO É MOVIMENTO

Julgamento subjetivo: A passagem do tempo

Domínio sensório-motor: Movimento

Exemplo: “O tempo *voa*”

Experiência primária: Experimentar a passagem do tempo enquanto alguém se move ou observa o movimento.

Para Grady, as metáforas primárias surgem da fusão de nossas experiências/julgamentos subjetivos e experiências sensório-motoras. Já as metáforas complexas originam-se a partir de metáforas primárias, via mesclagem.

No que diz respeito à mesclagem, em artigo intitulado *Rethinking metaphor*, Fauconnier e Turner (2008) propõem que a metáfora conceptual faz parte de algo bem maior: como o nosso sistema conceptual funciona, como ele projeta elementos de um domínio para outro, como ele funde dois domínios distintos em um, como construímos novos domínios etc.

Essa teoria postula que domínios conceituais distintos podem ser co-ativados e, em algumas circunstâncias, as conexões entre os domínios podem ser formadas, produzindo novas inferências, que são denominadas mesclas conceituais e podem ser tanto convencionais quanto originais. (SPERANDIO, 2010, p. 43)

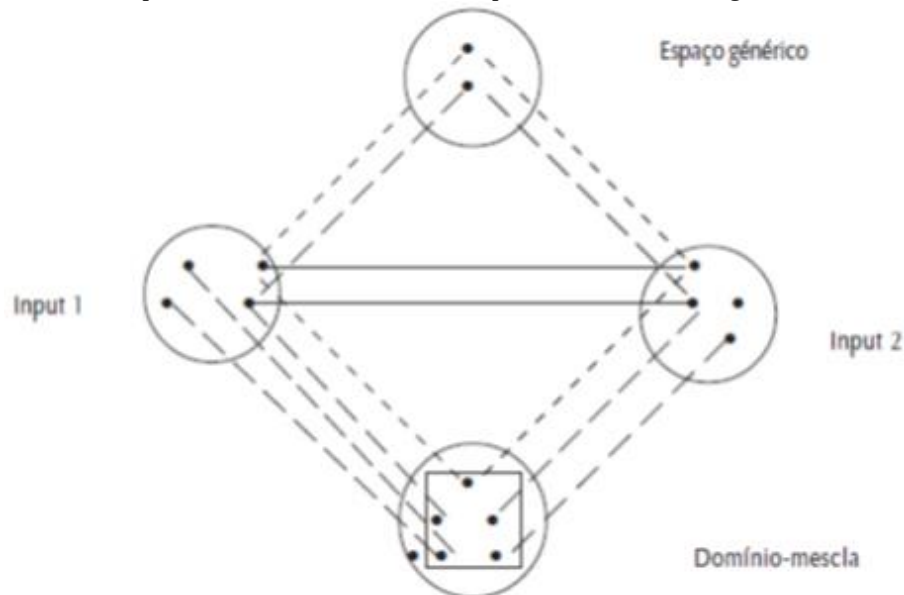
Eles também chamam nossa atenção para o fato de que a metáfora não é resultado de um único mapeamento, mas sim de uma série de construções mentais que envolvem vários espaços mentais e mapeamentos envolvidos numa rede de integração conceptual.

A mensagem para todos nós, teóricos da metáfora, é que é preciso ir muito além do foco habitual no mapeamento entre domínios e na inferência. Precisamos enfrentar diretamente a complexidade maior das integrações que estão por trás dos sistemas conceituais metafóricos observáveis, é preciso levar em conta a sua história cultural, e precisamos dar conta, explicitamente, das estruturas emergentes que produzem, tanto culturalmente quanto individualmente. (FAUCCONNIER; TURNER, 2008, p. 27, tradução nossa)²²

²² The message for all of us metaphor theorists is that we need to go far beyond the usual focus on cross-domain mapping and inference transfer. We need to face squarely the far greater complexity of integrations that lie behind observable metaphorical conceptual systems, we need to take into account their cultural history, and we need to account explicitly for the emergent structures they produce, both over cultural time and over individual time (a child's learning of the elaborate interconnected integration networks). (FAUCCONNIER; TURNER, 2008, p. 27)

Fauconnier e Turner utilizam a noção de espaço conceptual ou mental para descrever como se dá esse processo e defendem um modelo em rede, no qual temos um espaço genérico, que contém uma estrutura abstrata que se aplica a dois ou mais domínios distintos, chamados de espaços *input* ou espaços de entrada. Os espaços *input*, por sua vez, sofrem uma fusão, passando a constituir um novo domínio, o espaço mescla, conforme podemos ver no diagrama apresentado abaixo:

Figura 1: Diagrama apresentando os quatro componentes do processo de mesclagem – o espaço genérico, os *inputs*, o domínio-mescla e sua respectiva estrutura emergente.



Fonte: MIRANDA (2009, p. 91)

Um exemplo de integração conceptual retirado de Kovecses (2005) é: “Esse cirurgião é um açougueiro”. De acordo com o autor, o enunciado, na verdade, quer dizer que o cirurgião não é bom no que faz. Mas, isto não está presente literalmente no que é dito. Ou seja, há um sentido figurado no enunciado através do seguinte mapeamento:

O açougueiro → O cirurgião

A faca do açougueiro → O bisturi

O animal (a carne) → O ser humano

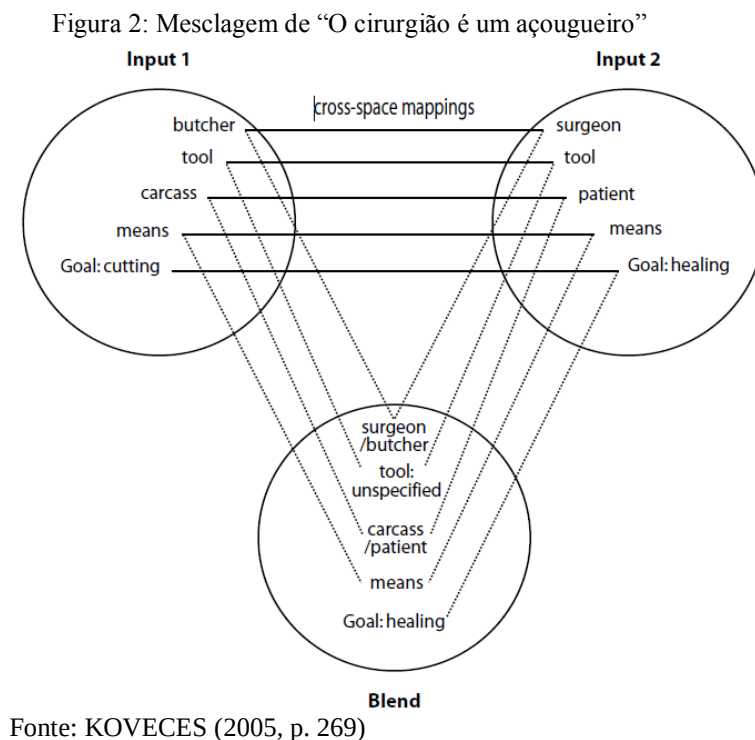
A mercadoria → O paciente

O abatedouro → A sala de cirurgia

O propósito de cortar carne → O propósito de curar

Os meios que o açougueiro usa → Os meios que o cirurgião usa

Kovecses (2005) afirma que a análise acima é válida, mas não dá conta de demonstrar como o enunciado, na verdade, quer mostrar que o cirurgião é incompetente. Para tanto, ele diz que temos que recorrer à teoria da mesclagem ou integração conceptual. Sendo assim: Existem dois espaços de entrada (*input*) e uma série de mapeamentos relacionando os dois; existe um espaço genérico, no qual uma pessoa utiliza um instrumento perfuro-cortante em um corpo, com um objetivo; há um espaço mescla, que integra os dois espaços de entrada; logo, é com a ajuda da mesclagem que podemos chegar ao resultado de que o cirurgião é incompetente, pois ele corta o paciente da mesma maneira que um açougueiro corta a carne e não o cura.



Lakoff e Johnson (1999) afirmam que as metáforas complexas são construídas a partir da relação entre as metáforas primárias e a cultura. Eles nos fornecem um exemplo de metáfora complexa amplamente difundido no mundo ocidental: UMA VIDA COM PROPÓSITO É UMA VIAGEM.

Segundo os autores (1999), as metáforas primárias que levam à metáfora acima são:

- OBJETIVOS SÃO DESTINOS

Julgamento subjetivo: Alcançar um objetivo

Domínio sensório-motor: Chegar a um destino

Exemplo: “No fim das contas, ele vai se sair bem. Mas ele ainda não *chegou lá* ainda.”

Experiência primária: Chegar a um destino (local) no dia-a-dia e, assim, alcançar um objetivo (ir à cozinha/geladeira e pegar um copo de água quando se está com sede, por exemplo)

- AÇÕES SÃO MOVIMENTOS

Julgamento subjetivo: Ação

Domínio sensorio-motor: Mover seu corpo no espaço

Exemplo: “Eu estou *caminhando* no projeto”

Experiência primária: A ação ordinária de se mover no espaço, especialmente nos primeiros anos de vida

Os autores mostram que a metáfora UMA VIDA COM PROPÓSITO É UMA VIAGEM parte da crença que existe no ocidente de que as pessoas devem ter objetivos na vida e devem agir de maneira a alcançá-los. Lakoff e Johnson (1999), então, fornecem-nos o que chamam de uma versão metafórica da crença: As pessoas devem ter destinos a alcançar na vida e elas devem se movimentar para chegar neles.

Como resultado, as metáforas primárias combinadas com o simples fato de que uma viagem leva a um destino, levam ao seguinte mapeamento metafórico:

- UMA VIDA COM PROPÓSITO É UMA VIAGEM
- UMA PESSOA QUE ESTÁ VIVENDO É UM VIAJANTE
- OS OBJETIVOS QUE TEMOS NA VIDA SÃO DESTINOS
- UM PLANO DE VIDA É UM INTINERÁRIO

Ou seja, a metáfora complexa UMA VIDA COM PROPÓSITO É UMA VIAGEM surge da junção das metáforas complexas acima, formadas a partir das metáforas primárias anteriormente apresentadas.

Lakoff e Johnson (1999, p. 30, grifo dos autores, tradução nossa.) explicam que

Todas as metáforas complexas são "moleculares", formadas a partir de “átomos” metafóricos chamados de metáforas primárias. Toda metáfora primária tem uma estrutura mínima e surge naturalmente, automaticamente, e inconscientemente através da experiência cotidiana por meio da fusão, durante a qual as associações entre domínios são formadas. Metáforas complexas são formadas por mesclagem conceptual. As primeiras experiências universais levam a fusões universais que, em seguida, se transformam em metáforas conceptuais convencionais universais (ou amplamente difundidas).²³

²³ All complex metaphors are "molecular," made up of "atomic" metaphorical parts called primary metaphors. Each primary metaphor has a minimal structure and arises naturally, automatically, and unconsciously through everyday experience by means of conflation, during which cross-domain associations are formed. Complex metaphors are formed by conceptual blending. Universal early experiences lead to universal conflations, which

Lakoff e Johnson (2003) afirmam que a Teoria Neural da metáfora desenvolvida por Narayanan (1997) pode dar uma explicação para os resultados encontrados por Grady e Johnson. Para a Teoria Neural, as associações feitas durante o período de fusão são realizadas através de ativações neurais simultâneas. Essas ativações simultâneas têm como resultado conexões neurais permanentes, feitas através de redes neurais que definem os domínios conceituais, ou seja, as metáforas primárias surgem automaticamente e inconscientemente através de um processo neural ordinário.

A Teoria neural da metáfora de Narayanan nos dá um relato de como as metáforas primárias são aprendidas, uma explicação da razão de termos as metáforas primárias que possuímos e um mecanismo neural para inferência metafórica. Temos um sistema de metáforas primárias simplesmente porque temos os corpos e os cérebros que temos e porque vivemos no mundo em que vivemos, no qual intimidade tende a se correlacionar significativamente com proximidade, afeição com calor e alcançar um objetivo com chegar a um destino. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 34, tradução nossa)²⁴

De acordo com Sperandio (2010), para a teoria de Narayanan, a base anatômica das ativações que são feitas entre domínio-fonte e alvo constituem os “acarretamentos metafóricos”. Esses acarretamentos ocorrem quando

- uma ativação neural A resulta na ativação neural B;
- B está conectado a um grupo neural C, em uma rede que caracteriza outro domínio conceitual;
- B pode ativar C;
- a ativação de B é um acarretamento literal;
- C está ligado metaforicamente a B, por estar em outro domínio conceitual;
- logo, a ativação de C é um acarretamento metafórico.

Ainda no posfácio da edição de *Metaphors we live by* (2003), Lakoff e Johnson reconhecem que a primeira análise que eles fizeram de algumas metáforas foram incompletas, devido ao desconhecimento que tinham sobre as metáforas primárias e que só vieram a adquirir com estudos posteriores.

then develop into universal (or widespread) conventional conceptual metaphors. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 30, grifo dos autores)

²⁴ Narayanan's neural theory of metaphor gives us an account of how primary metaphors are learned, an explanation of why we have the ones we have, and a neural mechanism for metaphorical inference. We have a system of primary metaphors simply because we have the bodies and brains we have and because we live in the world we live in, where intimacy does tend to correlate significantly with proximity, affection with warmth, and achieving purposes with reaching destinations. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 34)

Os autores também discutem sobre a distinção que foi feita entre metáfora e metonímia e tentam esclarecer melhor. Segundo eles, a distinção básica reside no fato de que na metáfora encontramos dois domínios e, portanto, o mapeamento é múltiplo (dois ou mais elementos são mapeados), enquanto na metonímia há apenas um domínio e um mapeamento único, sendo um elemento de um domínio substituído por outro pertencente ao mesmo (macro) domínio.

A moral da história é esta: Quando estiver distinguindo uma metáfora de uma metonímia, não se deve olhar apenas para os significados de uma única expressão linguística ou se existem dois domínios envolvidos. Em vez disso, deve-se determinar como a expressão é usada. Será que os dois domínios formam um único e complexo tópico com um único mapeamento? Se assim for, você tem uma metonímia. Ou os domínios podem ser separados, com vários mapeamentos e com um dos domínios formando um tópico (o domínio-alvo), enquanto o outro domínio (fonte) é a base de inferência e gera variadas expressões linguísticas? Se este for o caso, então você tem uma metáfora. (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 267-268, tradução nossa)²⁵

O posfácio termina discorrendo sobre a aplicação da Teoria da Metáfora Conceptual. Lakoff e Johnson (2003) chamam a atenção para o fato de que, nos vinte e cinco anos seguintes à publicação de seu livro, a Teoria da Metáfora conceptual tem sido aplicada a diversos campos de estudo e metáforas foram encontradas tanto na poesia, quanto no Direito, na Política, na Análise literária, na Psicologia, na Ciência da computação, na Matemática e na Filosofia. As pesquisas realizadas revelam como as metáforas estruturam o nosso pensamento e, até mesmo, que pensamentos são permitidos.

Gibbs (2006) afirma que, nos últimos vinte anos, linguistas, filósofos e psicólogos abraçaram a ideia de que a metáfora faz parte da linguagem cotidiana, sendo fundamental para a linguagem, o pensamento e a experiência. Sob a ótica da Linguística Cognitiva, tais pesquisadores vêm demonstrando que as pessoas falam metaforicamente porque elas pensam, sentem e agem metaforicamente.

Apesar do grande “sucesso” e popularidade que a Teoria da Metáfora Conceptual possui no meio acadêmico, Gibbs (2006) chama a atenção para o fato de que existem muitas críticas acerca de tais pesquisas, tanto por parte de estudiosos da própria Linguística

²⁵ The moral is this: When distinguishing metaphor and metonymy, one must not look only at the meanings of a single linguistic expression and whether there are two domains involved. Instead, one must determine how the expression is used. Do the two domains form a single, complex subject matter in use with a single mapping? If so, you have metonymy. Or, can the domains be separate in use, with a number of mappings and with one of the domains forming the subject matter (the target domain), while the other domain (the source) is the basis of significant inference and a number of linguistic expressions? If this is the case, then you have metaphor. (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 267-268)

Cognitiva, quanto por pesquisadores de outras áreas. As principais críticas podem ser divididas em questões de três ordens: metodológica, teórica e pragmática.

Com relação à metodologia empregada, questiona-se como os linguistas cognitivos identificam a metáfora na linguagem cotidiana. As críticas sugerem que os exemplos dados são criados, artificiais e refletem uma linguagem idealizada, mas não a linguagem utilizada naturalmente no dia-a-dia. Discute-se que não existe um método definido para identificar as metáforas conceituais e, ainda, que as análises feitas são realizadas baseando-se na intuição do analista, que certamente tem suas ideias ligadas a uma teoria ou hipótese que quer apoiar.

Para Gibbs, dentre as críticas à Teoria, a mais importante está relacionada ao fato de que se as pessoas utilizarem metáforas na linguagem, isso não indica, necessariamente, que elas estão pensando metaforicamente, que a análise do uso e estrutura da língua talvez não diga nada sobre o pensamento humano. Segundo o autor, alguns psicólogos, particularmente, sugerem que a Teoria da Metáfora Conceptual faz suposições não comprovadas, apenas com base em análises linguísticas.

Por fim, o autor nos diz que alguns linguistas, especialmente os ligados à pragmática, argumentam que a Teoria da Metáfora Conceptual está tão focada em dar suporte ao conhecimento metafórico presente no uso da linguagem que ignora a importância de outras informações conceituais e pragmáticas, por exemplo, como as pessoas usam e interpretam as metáforas.

Embora concordando com as críticas acima, Gibbs (2006) afirma que elas não negam a premissa básica da Teoria da Metáfora conceptual, a de que as pessoas de diferentes línguas e culturas ao redor do mundo falam através de metáforas e de padrões metafóricos que são universais, em alguns casos, e particulares, em outros: “A revolução lingüística cognitiva no campo da metáfora continua, embora os debates sobre o papel que a metáfora desempenha na língua, pensamento e cultura certamente continuará a gerar discussões.”²⁶ (GIBBS, 2006, p. 16, tradução nossa)

Para ele, os linguistas cognitivos devem: (1) tornar explícitos os objetivos teóricos que motivam seus estudos e não pressupor que os resultados de suas pesquisas se estendem às demais áreas de estudo; (2) reconhecer as limitações de seus trabalhos e, em consequência disso, estabelecer parâmetros claros de como identificar as metáforas na língua e de como deduzir a presença da sistematicidade das metáforas conceituais subjacentes no discurso; (3) reconhecer que a diversidade da linguagem metafórica faz com que diferentes mecanismos

²⁶ “The cognitive linguistic revolution on metaphor continues, although the debates over the role that metaphor plays in language, thought and culture will surely continue.”²⁶ (GIBBS, 2006, p. 16)

necessitem ser utilizados para explicar a motivação e uso de diferentes tipos de metáforas na língua e que os resultados de seus estudos não podem ser generalizados para toda a teoria da metáfora, tanto na língua quanto no pensamento; (4) ser necessário criar métodos que deem conta de como as pessoas negociam que metáforas melhor caracterizam alguma ideia, emoção ou situação no dinâmico processo de conversação, ao invés de apenas se concentrar em exemplos “construídos”; e (5) dar mais atenção à relação que existe entre metáfora e cultura, em como a cultura e as crenças de cada povo ou grupo modelam, tanto suas experiências, quanto as metáforas conceptuais que são utilizadas por eles para descrever essas experiências.

Como podemos ver, o estudo da metáfora conceptual gera polêmica e novos desafios e o tema está longe de ser considerado “acabado” ou “definitivo”. Portanto, faz-se mister a continuação das pesquisas e estudos sobre o tema em questão.

1.2.3 Metáfora e multimodalidade

Como vimos anteriormente, a Teoria da Metáfora Conceptual mostra que o *locus* da metáfora não é a língua, mas o pensamento e, ainda, que as metáforas conceptuais têm base experiencial, ou seja, elas nascem a partir de nossas experiências corporais e sócio-culturais.

Se a metáfora é, como afirma e demonstra tal teoria, um fenômeno do pensamento humano, a metáfora conceptual deve estar presente em todas as esferas da vida humana. Logo, segundo Yu (2009), a visão cognitiva da metáfora criou novas oportunidades de estudo no campo das metáforas não-verbais e multimodais, pois não sendo um atributo exclusivo da língua, além de manifestar-se verbalmente, a metáfora também deve estar presente nas interações não-verbais.

Forceville (2002) afirma que uma das limitações das pesquisas na área da metáfora conceptual é que, apesar do crescente interesse pelo estudo das metáforas, a maioria das pesquisas tem como foco suas manifestações verbais, dando pouca ou nenhuma atenção às manifestações não-verbais das metáforas.

Apesar da caracterização que Lakoff e Johnson (1980: 5) fazem da essência da metáfora como "compreender e experimentar um tipo de coisa em termos de outra" enfaticamente evitar a palavra "verbal" ou "linguística", a validade das afirmações feitas pela TMC sobre a existência de metáforas conceptuais depende, quase que exclusivamente, de padrões detectáveis em metáforas *verbais*. (FORCEVILLE, 2009, p. 21, grifo do autor, tradução nossa)²⁷

²⁷ Even though Lakoff and Johnson's (1980: 5) characterization of metaphor's essence as "understanding and experiencing one kind of thing in terms of another" emphatically avoids the word "verbal" or "linguistic," the

O foco nas metáforas verbais, segundo Forceville (2009), é perigoso por, pelo menos, dois motivos: (a) as pesquisas em Linguística Cognitiva sofrem de um raciocínio circular – tornando-se um espelho do que ocorre no nível verbal, elas analisam a língua para inferir sobre o corpo e a mente que, por sua vez, irão motivar diferentes aspectos da estrutura linguística e do comportamento humano – e (b) corre-se o risco de cegar os pesquisadores para aspectos da metáfora que só ocorrem (ou são típicos) de metáforas não-verbais ou multimodais.

Claramente, para validar a ideia de que as metáforas são *expressas pela língua* como oposição a ideia de que ela *são necessariamente linguísticas por natureza*, faz-se mistér demonstrar que e como elas podem ocorrer não-verbal e multimodalmente, assim como puramente de maneira verbal. (FORCEVILLE, 2009, p. 21, grifo do autor, tradução nossa)²⁸

Forceville (2007) afirma que, provavelmente, a maioria das metáforas não-verbais são metáforas multimodais.

Sobre a teoria da multimodalidade, postulada por Kress e Van Leeuwen em 2001, Sperândio (2012, p. 2) explica que a partir dela, pensa-se na linguagem como sendo um fenômeno multimodal, “onde os sentidos sejam resultado da relação textual estabelecida a partir dos diferentes modos utilizados na sua constituição”.

A teoria da multimodalidade entende que a linguagem se constitui de múltiplas articulações entre diversos estratos, e não apenas da dupla articulação entre significante e significado, como concebe a semiologia tradicional. Sperândio (2012) explica que Kress e Van Leeuwen entendem que na era das tecnologias e na cultura ocidental os textos estão cada vez mais multimodais, ou seja, neles coexistem diferentes níveis semióticos, como, por exemplo, o sonoro, o gestual, o visual etc.

Definir o que é modo, segundo Forceville (2009), não é tarefa fácil, visto que tal definição envolve vários e diferentes fatores. De maneira rudimentar, ele diz que modo pode ser tomado como um sistema interpretável através de uma percepção específica, ou seja,

validity of CMT’s claims about the existence of conceptual metaphors depends almost exclusively on the patterns detectable in *verbal* metaphors. (FORCEVILLE, 2009, p. 21, grifos do autor)

²⁸ Clearly, to further validate the idea that metaphors are *expressed by language*, as opposed to the idea that they are *necessarily linguistic in nature*, it is imperative to demonstrate that, and how, they can occur non-verbally and multimodally as well as purely verbally. (FORCEVILLE, 2009, p. 21, grifo do autor)

temos o modo visual ou pictórico, o modo sonoro, o modo olfativo, o modo gustativo e o modo tátil.

Porém, outros aspectos, tais como a maneira na qual o texto foi produzido (através de imagens, gestos, música, verbal, escrito, impresso etc) e, até mesmo, aspectos culturais (o que é considerado música em uma cultura pode ser considerado som/ruído em outra, por exemplo) também irão indicar a presença de um ou mais modos no texto. O autor diz que é impossível dar uma lista exaustiva dos modos existentes. No entanto, ele nos fornece uma listagem inicial: signo pictórico ou visual, signo escrito, signo falado, gestos, sons, música, cheiro, gosto e toque.

As metáforas monomodais são as que tanto o domínio-alvo quanto o domínio-fonte são processados em um mesmo modo. Já as metáforas multimodais são aquelas cujos domínios-fonte e alvo são representados, como afirma Forceville (2009), *exclusiva e predominantemente* em diferentes modos. O autor explica que os termos *exclusiva e predominantemente* são necessários, pois as metáforas não-verbais, frequentemente, possuem domínios-fonte e/ou domínios-alvo construídos sobre mais de um modo simultaneamente.

Forceville aponta que a metáfora monomodal prototípica é a verbal e acrescenta que outro tipo de metáfora monomodal é a pictórica ou visual, por ele estudada em *Pictorial metaphor in advertising* (2002). Dentre as metáforas visuais, ele destaca que existe um subtipo, a verbo-visual, que não é mono, mas sim multimodal. Já os textos multimodais, conforme o autor, incluem uma diversidade de gêneros textuais, tais como, propagandas, charges, tirinhas, videocliques, filmes etc.

Em comum entre as metáforas multimodais e as monomodais verbais, temos o fato de que dois fenômenos pertencentes a categorias diferentes são representados de maneira que nós somos convidados a entender e experienciar um em termos do outro, ou seja, uma ou mais de uma característica do domínio-fonte é projetada no domínio-alvo que, dessa maneira, sofre uma transformação conceptual. Porém, uma das diferenças mais importantes entre os dois tipos de metáforas, segundo Forceville (2007, p. 27, grifo do autor, tradução nossa), é o fato de que “A comunicação não-verbal é mais facilmente compreendida e tem maior apelo emocional do que a verbal.”²⁹

Com essa afirmação, Forceville não pretende dizer que as metáforas não-verbais são universais, pois, como falamos anteriormente em nosso trabalho, existe o filtro cultural e a

²⁹ *Non-verbal communication is more easily comprehensible and has greater emotional appeal than verbal communication.* (FORCEVILLE, 2007, p. 27, grifo do autor)

experiência individual que irão influenciar na interpretação dessas metáforas. Porém, segundo o autor, embora certo conhecimento da língua ou cultura seja necessário para a construção e interpretação da metáfora, nas metáforas em que os domínios-fonte e alvo são representados seja de maneira visual, tátil, sonora ou musical, pessoas não familiarizadas com a língua/cultura poderão compreendê-la, mesmo que de maneira rudimentar ou diferente.

Forceville (2007) destaca ainda que o canal de informação escolhido para transmitir uma metáfora, seja ele a língua, sons, gestos, imagens ou outros, determina como a metáfora foi construída e como ela deve ser interpretada. Ele recorre aos trabalhos de Kennedy (1982) e Whittock (1990) sobre as metáforas não-verbais para dar base ao que diz: tais autores enfatizam que a interpretação das metáforas pressupõe alguma intenção por parte do autor, que combina certos elementos perceptuais não apenas com uma intenção estética, mas também para que sejam entendidos como uma metáfora.

As pesquisas sobre as metáforas multimodais ainda são poucas se comparadas às das metáforas verbais. Alguns exemplos são as investigações de Forceville (1996; 2003; 2007) e de McQuarrie e Mick (2003) sobre propagandas, a de El Refaie (2003) sobre charges políticas, as de Cienki (1998), McNeill (1992; 2005) e Muller (2004) sobre discursos orais acompanhados de gestos e, no Brasil, a de Sperândio (2012) sobre charges animadas.

A pesquisa sobre a metáfora multimodal configura-se como um novo desenrolar dos estudos sobre metáfora conceptual, ainda carente de reflexões teóricas e de novas pesquisas empíricas, apesar das investigações que foram e vêm sendo desenvolvidas no Brasil e no mundo. Nesse sentido é que buscamos contribuir para a área com este trabalho, cujo *corpus* é composto de textos que, em sua grande maioria, são multimodais: as charges.

1.2.4 Metáfora e cultura

De todo o exposto sobre a Teoria da Metáfora Conceptual, podemos afirmar que a metáfora, além de não ser exclusivamente linguística, é um fenômeno que pertence, em diferentes níveis, tanto à língua, quanto ao pensamento, às experiências corpóreas e sociais, ao nosso sistema neural, à cultura e à ideologia. Nós compreendemos o mundo através das metáforas.

[...] a compreensão de mundo passa a ser vinculada à concepção da metáfora, uma vez que grande parte de conceitos básicos, como tempo, quantidade, estado e ação, além dos conceitos emocionais, como raiva e amor, são compreendidos

metaforicamente. Isso evidencia o importante papel da metáfora na compreensão do mundo, da cultura e de nós mesmos. (SPERANDIO, 2010, p. 30)

Para Lakoff e Johnson (2002 [1980]), o sistema metafórico de uma dada língua é compatível com a cultura dos falantes dessa língua. As metáforas, como vimos anteriormente, têm base experiencial, ou seja, elas são resultado de nossas experiências corpóreas e de nossas experiências culturais.

Yu (2008) afirma que as metáforas conceptuais emergem da interação entre corpo e cultura. Ele diz que, enquanto o corpo é pontencialmente uma fonte universal, a cultura funciona como um filtro que irá selecionar quais aspectos das experiências sensório-motoras serão conectados com as experiências subjetivas para a formação dos mapeamentos metafóricos: “as metáforas estão fundamentadas na experiência corporal, mas são moldadas pela conhecimento cultural. Em outras palavras, as metáforas são corporificadas em seu ambiente cultural.” (YU, 2008, p. 247, tradução nossa)³⁰

Uma das questões que têm instigado o interesse dos linguistas é essa relação existente entre metáfora e cultura. Darn (2010) afirma que a natureza e uso da metáfora variam de cultura para cultura. As metáforas são geradas de acordo com as características de cada cultura. Por isso, ele acredita que a metáfora pode ser útil quando nos propomos a explorar e entender outras culturas.

Em nosso trabalho, tomaremos como base a definição de Kovecses (2005) para cultura, ou seja, entendemos cultura como sendo um conjunto de conhecimentos compartilhados que caracteriza um grupo (grande ou pequeno) de pessoas. Esses conhecimentos englobam crenças, valores, folclore e expressões artísticas.

No que diz respeito à relação entre metáfora e cultura, de acordo com Sperandio (2010), um dos temas de maior interesse é a distinção entre as metáforas que são universais e as metáforas de culturas específicas.

Sobre a questão da universalidade ou não das metáforas, Cameron (2003) afirma que existem algumas metáforas que podem estar presentes em duas ou mais culturas diferentes.

Parece provável que a transferência de metáforas em diferentes culturas pode ser limitada a um grupo relativamente pequeno de metáforas conceptuais primárias, e que as metáforas de línguas diferentes variam de acordo com fatores culturais, bem como com fatores sociais e outros. Uma metáfora conceitual pode ser semelhante

³⁰ [...] metaphors are grounded in bodily experience but shaped by cultural understanding. Put differently, metaphors are embodied in their cultural environment.(YU, 2008, p. 247)

em duas culturas, mas ser expressa de forma diferente. (CAMERON, 2003, p. 20, tradução nossa)³¹

Cada cultura pode possuir suas próprias metáforas e suas próprias expressões metafóricas. Do mesmo modo, existem algumas metáforas que são comuns a várias culturas. Existem metáforas universais e metáforas que não são universais. As metáforas universais, por sua vez, podem ser veiculadas através de expressões metafóricas semelhantes, ou mesmo expressões distintas em cada cultura.

Na tentativa de elucidar a questão das metáforas universais e não-universais, Lakoff e Johnson (1999) propõem um método baseado na distinção entre metáforas primárias e complexas. No posfácio de *Metaphors we live by* (2003), eles argumentam que, como as metáforas irão refletir nossas experiências cotidianas e nossos cérebros são corporificados (todos nós possuímos um corpo e um cérebro semelhantes e vivemos no mesmo mundo), a maioria das metáforas primárias são universais. Já as metáforas complexas, que derivam das primárias, tem base cultural, podendo diferir de cultura para cultura.

Sperandio (2010), do mesmo modo, afirma que as metáforas primárias são mais prováveis de serem encontradas em diferentes culturas, enquanto que as complexas são específicas de alguns grupos culturais.

Yu (2008) afirma que existem metáforas que são universais e outras que são específicas de determinada cultura. Ele também concorda que as metáforas primárias são mais prováveis de serem universais e as complexas tendem a ser específicas de determinada cultura. Para ele, o corpo é a fonte das metáforas e a cultura o filtro. Ou seja, é a cultura que irá permitir que certas experiências corporais sejam mapeadas de um domínio-fonte para um domínio-alvo. Porém, o autor diz que muitas experiências comuns a todas as pessoas (experiências universais) podem não passar pelo filtro cultural e, portanto, não serão utilizadas para o mapeamento metafórico.

Kovecses (2005) diz que, de acordo com a Teoria Cognitiva, as metáforas são baseadas em experiência corpóreas e, por essa razão, algumas acontecem automaticamente e inconscientemente, já que derivam de experiências primárias universais, como no caso de AFEIÇÃO É CALOR. Porém, existem algumas metáforas – as complexas – que não são universais, mas específicas de uma cultura. Ele afirma que mais interessante que as metáforas

³¹ It seems likely that transferability of metaphors across cultures may be limited to this relatively small group of primary conceptual metaphors, and that the metaphors of different languages will vary with cultural factors, as well as with social and other factors. A conceptual metaphor can be similar in two cultures but expressed differently in the language. (CAMERON, 2003, p. 20)

primárias são as complexas para o estudo de aspectos culturais, pois elas estão permeadas deles.

Para Kovecses (2005), a Teoria da Metáfora Primária de Grady é a confirmação mais clara e explícita sobre a universalidade de algumas metáforas.

A questão é que as metáforas primárias são susceptíveis de ser universal, enquanto as complexas, que se formam a partir daquelas, são muito menos propensas a serem universais. As culturas tem grande influência em quais metáforas conceptuais complexas emergem das metáforas primárias. (KÖVECSSES, 2005, p. 4, tradução nossa)³²

Entretanto, assim com Yu (2008), Kovecses (2005) entende que nem sempre as experiências universais levam a metáforas universais. Ele afirma que as experiências corpóreas podem ser anuladas, tanto pela cultura, como por processos cognitivos; que nem toda metáfora primária é universal, enquanto algumas complexas podem ser e, ainda, que as metáforas, necessariamente, não são corporificadas, pois muitas são baseadas em considerações culturais e processos cognitivos de vários tipos.

Em seu livro *Metaphor and emotion: Language, culture and body in human feeling* (2000), Kovecses reflete sobre a questão da universalidade e da variação cultural na conceptualização das emoções. Ele defende que a metáfora não apenas reflete modelos culturais, mas sim os constitui, e explica que ninguém se surpreenderia ao saber que existem grandes diferenças entre a maneira com que pessoas de culturas diferentes pensam e compreendem as emoções. Do mesmo modo, também não seria surpresa alguma perceber que existem semelhanças entre essas culturas. Para o autor, o primordial, então, é saber o que é universal e o que é particular de cada cultura e, ainda, que existem variações entre culturas diferentes – interculturais – e dentro de uma mesma cultura – intraculturais.

A variação pode ocorrer de diversas maneiras: uma cultura pode utilizar diferentes domínios-fonte para conceptualizar um único domínio-alvo ou vice-versa; pode haver um conjunto de metáforas conceptuais que seja comum a duas culturas diferentes, mas, por uma ou outra razão, cada cultura demonstre preferência em utilizar uma expressão metafórica específica, ao passo que outro grupo prefira outra e, ainda, pode haver metáforas conceptuais que são próprias de uma determinada cultura, não existindo em outras.

³² The point is that the primary metaphors are likely to be universal, whereas the complex ones that are formed from them are much less likely to be so. Cultures greatly influence what complex conceptual metaphors emerge from the primary metaphors. (KÖVECSSES, 2005, p. 4)

No campo das metáforas e das expressões linguísticas que as refletem, o cognitivo e o cultural estão fundidos em um único conceito. As chamadas *metáforas conceptuais* são entidades (ou melhor dizendo, processos) tanto culturais como cognitivas. (KOVECSES, 2000, p.162, grifo do autor, tradução nossa.)³³

Kovecses (2005) explica, por exemplo, que tanto em Inglês quanto em Chinês, as metáforas básicas que conceptualizam felicidade estão presentes: FELICIDADE É PARA CIMA, FELICIDADE É LEVE; FELICIDADE É UM LÍQUIDO EM UM RECIPIENTE. Porém, existe uma metáfora em Chinês que não existe em Inglês: FELICIDADE É UMA FLOR NO CORAÇÃO. Kovecses (2005) afirma que, de acordo com Yu (1995, 1998), essa metáfora mostra um lado mais introvertido dos chineses, que difere, por exemplo, dos americanos, que são relativamente mais extrovertidos.

Como exemplo de variação cultural e, mais ainda, intracultural, Kovecses (2000) retoma a questão discutida por Lakoff (1995; 2002; 2008a) da metáfora SOCIEDADE É FAMÍLIA. Como demonstrado por Lakoff, existem diversas versões do conceito de família na cultura americana – a saber, a noção de família com base no modelo do Pai Severo e no modelo do Pai/Mãe Cuidadoso(a), que serão apresentados mais adiante em nosso trabalho, e a noção que cada pessoa terá sobre sociedade dependerá do modelo que ela tem em mente, o que, como consequência, a levará a preferências/posições políticas diferentes.

A noção de sociedade depende se a pessoa acredita em uma família em que há uma grande figura de autoridade que a dirige, com base nos princípios de recompensa ou punição ou, diferentemente, em uma família que funcione na base da ajuda, cuidado e empatia com o outro. Lakoff demonstra que a visão que cada pessoa tem da família influencia a maneira como ela pensa sobre uma variedade de questões sociais, tais como os empréstimos para cursar a faculdade, o aborto, e o papel do governo na sociedade. (KOVECSES, 2000, p. 118-119, tradução nossa.)³⁴

As dimensões em que as variações podem ocorrer são muitas: social, cultural, regional, étnica ou, ainda, de acordo com o propósito da interação. Há também as subculturas, ou seja, subgrupos que fazem parte do grande grupo cultural, preservando alguns valores da cultura dominante e, ao mesmo tempo, criando novos valores que lhes são próprios. Esses subgrupos geralmente podem ser definidos e reconhecidos pelas metáforas que usam, em

³³ In metaphors and their linguistic expression, the cognitive and the cultural are fused into a single conceptual complex. What we have been calling *conceptual metaphors* are just as much cultural as they are cognitive entities (or, more exactly, processes). (KOVECSES, 2000, p.162)

³⁴ One's notion of society depends on whether the person believes in a family in which there is a major authority figure who runs the family on the basis of the principles of reward or punishment or, alternatively, in a family in which the family functions on the basis of helping, caring for, and empathizing with each other. Lakoff demonstrates that the particular construal of the family influences the way one thinks about a variety of social issues, such as college loans, abortion, and the role of the government in society. (KOVECSES, 2000, p. 118-119)

contraste com as da cultura dominante. Essas subculturas podem ser religiosas, artísticas, científicas, baseadas em gênero, idade, profissão. Há, por fim, uma dimensão individual no uso das metáforas que não pode ser desconsiderada.

As metáforas são, ao mesmo tempo, conceptuais, linguísticas, neurais e sócio-culturais. As causas das variações ou universalidade delas dependem tanto da corporiedade, quanto da experiência sócio-cultural, quanto de processos cognitivos/neurais: *“A mente é igualmente produto da cultura e da corporificação, ou, mais precisamente, os três são susceptíveis de terem evoluído juntos em mútua interação uns com os outros.”* (KOVECSES, 2000, p. 294, grifo do autor, tradução nossa.)³⁵

Desse modo, Kovecses (2000) defende que a ciência cognitiva deve abraçar explícita e sistematicamente as dimensões culturais no estudo da cognição humana, pois, segundo ele, não é possível estudar a mente de maneira séria sem que se estude a cultura. A importância de se estudarem os aspectos culturais da metáfora conceptual reside no fato de que esse estudo pode nos ajudar a compreender melhor e sermos mais sensíveis às experiências, tanto universais quanto particulares, dos indivíduos que fazem parte de diferentes grupos culturais.

1.2.5 Metáfora e ideologia

Outro aspecto que tem despertado o interesse de pesquisadores da metáfora conceptual é a sua relação com a ideologia. De acordo com Charteris-Black (2005), ideologia é um sistema de ideias através do qual um grupo social cria os significados que justificam sua própria existência, sendo, desse modo, uma forma de autolegitimação. A ideologia é um conjunto de ideias que organiza e representa o mundo e forma a base de como agir nesse mundo.

Assim como a cultura e a história, a ideologia tem um grande papel na produção e elaboração de muitas das metáforas que utilizamos (GOATLY, 2007). As metáforas são uma ferramenta ideológica. Mas, até que ponto o nosso pensamento e ideologia são determinados pelas ou determinam as metáforas que, como vimos, surgem a partir de nossas experiências corporais e culturais?

³⁵ *The mind is equally the product of culture and embodiment, or, even more precisely, the three are likely to have evolved together in mutual interaction with each other.* (KOVECSES, 2000, p. 294, grifo do autor)

Segundo Goatly (1997, p. 157, tradução nossa), “Provavelmente todas as metáforas expressam um substrato ideológico, do qual nós geralmente não temos consciência”³⁶. Elas são utilizadas para construir a realidade, como um meio de manter as relações de poder existentes na sociedade.

Dentre os aspectos que fazem parte desse conhecimento cultural-ideológico, destaca-se o senso comum. Para Lakoff (2002), o senso comum, longe de ser algo banal, é um rico objeto de estudo para a ciência cognitiva. O autor (2002) diz que o senso comum, na verdade, é uma das coisas mais estudadas pelos cognitivistas, pois nos fornece pistas para uma estrutura conceitual da qual não temos consciência, e é exatamente por esta razão que o chamamos de comum: “Nada é ‘apenas’ senso comum. O senso comum possui uma estrutura conceitual que geralmente é inconsciente. E é justamente isso que faz com ele seja senso comum.” (LAKOFF, 2002, cap 1 – p. 2, grifo do autor, tradução nossa.)³⁷

De acordo com o Dicionário Aurélio Online (2014), senso comum é a “avaliação ou julgamento de ideias ou situações com base em formulações relativamente simples, ingênuas, e muitas vezes até preconceituosas, resultantes da experiência direta (experiência da vida) das pessoas comuns”.

Entendemos por senso comum uma ideia aceita como verdadeira ou válida por uma comunidade ou grupo de pessoas, sem que haja questionamento sobre ela ou, até mesmo, sem que haja consciência de que esta ideia existe, ou seja, *todo mundo sabe disso*, é senso comum; *não há o que se questionar*, é senso comum; *todos aceitam a ideia*, é senso comum; *qual a novidade nisso?* É senso comum, é “sabido de todos” ou, pelo menos, é entendido como sendo do conhecimento e aceitação de todos ou quase todos dentro de um grupo.

Goatly (2007) afirma que as línguas possuem categorias “prontas”, “fixas”, que nós entendemos como senso comum. Mas, na verdade, essas categorias carregam uma ideologia da qual nós não temos consciência. Desse modo, o senso comum, que é transmitido culturalmente, tem consequências para a ideologia e demonstra como ela influencia nosso comportamento verbal e não verbal, assim como nossa percepção do mundo.

Assim como Lakoff e Johnson (2002 [1980]) explicam que as metáforas convencionais são automáticas e inconscientes, Goatly (2007) afirma que, de maneira ingênua, nós achamos que nossa linguagem é sobre o mundo real, quando, na verdade, nós só temos acesso a um mundo projetado: o mundo que foi inconscientemente criado e organizado

³⁶ Probably all metaphors express an ideological substratum, of which we are generally unaware. (GOATLY, 1997, p. 157)

³⁷ “Nothing is ‘just’ common sense. Common sense has a conceptual structure that is usually unconscious. That’s what makes it common sense”. (LAKOFF, 2002, cap 1 – p. 2, grifo do autor)

pela nossa mente. O autor (2007) recorre à teoria do discurso, conforme Foucault e Bordieu, para explicar melhor o que ele pretende dizer.

De acordo com Foulcault (2001; 2002), o discurso não apenas descreve uma realidade pré-existente, mas faz com que essa realidade exista. Embora os objetos e ações existam no mundo real, é através do discurso que o conhecimento é produzido e que esses objetos e ações criam sentido.

O Conhecimento sancionado ou legitimizado como verdadeiro através do discurso e da língua que se fala geralmente adquire a aparência objetiva de senso comum. Pois a influência da língua sobre nosso pensamento e percepção da realidade é muito mais poderosa quando não temos conhecimento dela, quando ela expressa uma ideologia escondida ou, tecnicamente falando, *latente*. (GOATLY, 2007, p. 27, grifo do autor, tradução nossa)³⁸

Quando nos comunicamos, utilizamos expressões metafóricas que remetem às metáforas convencionais sem que precisemos parar para pensar no que estamos dizendo, sem que haja necessidade de se discutir se realmente compreendemos tempo como dinheiro, amor como uma viagem ou nação como família. São “verdades aceitas e quase sempre inquestionáveis”, representam a maneira como conceptualizamos tempo, amor e viagem. Essa conceptualização torna-se praticamente automática, é inconsciente e, portanto, ela se apresenta como sendo senso comum, do conhecimento de todos e aceita por quase todos ou pela maioria das pessoas. Segundo Lakoff (2002, cap 16 – p. 5, grifo do autor, tradução nossa), “o que é interessante é que o ‘senso comum’ persiste e é muito poderoso”.³⁹

O senso comum faz com que entendamos algumas coisas de certa maneira e nos atemos a essa maneira de pensar para defendermos o nosso ponto de vista. Especificamente, no caso da política, Lakoff (2002) sugere que é esse senso comum que faz com que as pessoas defendam ou não o aborto, compreendam como importante ou não ações de cunho social, levantem ou não a bandeira em defesa dos direitos dos gays, lésbicas e transexuais, defendam guerras ou se declarem contra elas.

Em *Washing the brain: metaphor and hidden ideology* (2007), Goatly, através do estudo de metáforas encontradas na língua inglesa, demonstra que as metáforas reproduzem e inculcam ideologias, servindo como ferramenta de poder. Nesse livro, ele afirma que as

³⁸ The knowledge sanctioned or legitimised as true through discourse and through the language one speaks usually acquires the appearance of objective commonsense. For the influence of language upon our thought and perception of reality is most powerful when we are unaware of it, when it expresses hidden or, technically speaking, *latent* ideology. (GOATLY, 2007, p. 27, grifo do autor)

³⁹ “what is interesting is that the ‘common sense’ persists and is so powerful” (LAKOFF, 2002, cap 16 – p. 5. Grifo do autor.)

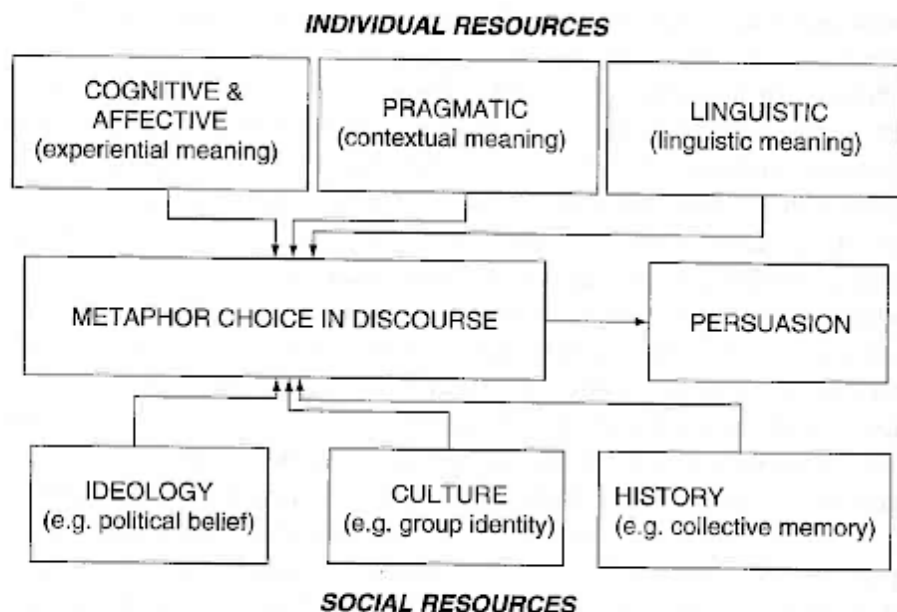
metáforas convencionais constroem e reproduzem ideologia e, assim, justificam e reproduzem certos pensamentos e comportamentos pessoais, sociais, ambientais e políticos. Alguns exemplos estudados por Goatly (2007) são: a metáfora **HOMEM É MÁQUINA**, que justificou os trabalhadores serem tratados dessa maneira no período da Revolução Industrial; **IMPORTANTE É CENTRAL**, representando diferentes partes de um país e seus habitantes como diferentes em valor e alimentando as desigualdades; **SEXO É VIOLÊNCIA**, alimentando as práticas sexuais violentas, principalmente contra as mulheres, tendo em vista que a maioria das expressões metafóricas que o autor encontrou para **SER HUMANO É COMIDA** eram aplicadas a mulheres e, portanto, um de seus desdobramentos – **SEXO É COMER** – induz ao pensamento de que a mulher existe para satisfazer os apetites sexuais dos homens.

Charteris-Black (2005) explica que as metáforas mexem com nossos sentimentos e emoções. O autor (2005) afirma que as metáforas são utilizadas com grande frequência em discursos políticos justamente porque elas representam certos modos de ver o mundo, refletindo um sistema de crenças e valores compartilhados sobre o que é o mundo e, ao mesmo tempo, valores específicos de cada cultura sobre o lugar da humanidade nesse mundo.

Em seu livro – *Politicians and Rhetoric: The Persuasive Power of Metaphor* (2005) – tendo como base a Teoria da Metáfora Conceptual e a Análise Crítica do Discurso, ele propõe uma abordagem que analisa as metáforas com o objetivo de identificar as intenções e ideologias presente na linguagem, que busca mostrar como as metáforas de um determinado grupo sócio-político podem ser utilizadas como instrumento de persuasão, para alcançar fins ideológicos. Essa abordagem é conhecida como Teoria Crítica da Metáfora Conceptual.

A Teoria Crítica da Metáfora Conceptual (CHARTERIS-BLACK, 2004) entende que a metáfora deve ser estudada não apenas em sua dimensão cognitiva, mas também numa dimensão pragmática – verificando o contexto em que elas são utilizadas e a intenção com que são usadas – e numa dimensão crítico-discursiva – investigando seu poder de persuasão; como ela influencia em nossas crenças e julgamentos de valor. O autor resume sua visão no seguinte quadro:

Quadro 2 – Modelo discursivo de metáfora



Fonte: Charteris-Black (2004, p. 248)

Como vimos, a metáfora conceptual está intrinsicamente ligada à cultura e a ideologia, além de estar presente não apenas na língua, mas em todo pensar e agir humano. Quando pensamos, utilizamos um sistema de conceitos bem elaborado, mas geralmente não temos consciência de que esses conceitos estão ali, ou de como eles se interrelacionam ou se integram formando uma rede de conceitos. Isso é o que acontece com algumas metáforas como TEMPO É DINHEIRO, AMOR É VIAGEM e, ainda, uma que terá grande importância em nosso trabalho, NAÇÃO É FAMÍLIA.

Essas metáforas conceptuais, elaboradas a partir de nossa experiência, ao mesmo tempo que são criadas, criam um sistema de valores e crenças que elas mesmas alimentam e mantêm, ou seja, “ A metáfora é um produto que é o resultado de seu próprio processo; ela é o mapa, a viagem e o destino. (CHARTERIS-BLACK, 2004, p. 252, tradução nossa)⁴⁰

Por fim, há nas metáforas uma ideologia latente, como diz Goatly (2007), da qual não podemos escapar e que molda o nosso pensamento e agir no mundo, inclusive na área da política, como veremos no próximo capítulo.

⁴⁰ Metaphor is a product that is the outcome of its own process and is the map, the journey and the destination. (CHARTERIS-BLACK, 2004, p. 252)

Brilha Uma Estrela

Passa o tempo e tanta gente a trabalhar
De repente essa clareza pra votar
Sempre foi sincero de se confiar
Sem medo de ser feliz
Quero ver você chegar
Lula lá, brilha uma estrela
Lula lá, cresce a esperança
Lula lá, o Brasil criança
Na alegria de se abraçar
Lula lá, com sinceridade
Lula lá, com toda a certeza pra você
Um primeiro voto
Pra fazer brilhar nossa estrela
Lula lá, muita gente junta
Valeu a espera
Lula lá, meu primeiro voto
Pra fazer brilhar nossa estrela

Hilton Acioli

2 METÁFORA E POLÍTICA

Neste capítulo falaremos sobre a relação entre metáfora conceitual e política, os modelos de família do Pai Severo e do Pai/Mãe Cuidadoso(a), sobre a visão política do brasileiro e, ainda, sobre a Era Lula, o Lulismo, o PT e Dilma Rousseff.

2.1 Os modelos de família do Pai Severo e do(a) Pai/Mãe Cuidadoso(a) de Lakoff

De acordo com Lakoff (2008b), os estudos cognitivos foram responsáveis por dar uma nova visão ao pensamento humano, mostrando que noventa e oito por cento do que pensamos não é realizado de forma consciente. Porém, esse pensamento do qual nós não temos consciência é parte do que somos e de como vemos o mundo ao nosso redor. Isso também se aplica à política: a mente tem um enorme papel em como nosso país é governado.

É no seio da família que aprendemos e temos nossa primeira experiência com modelos de governo ou administração. Nossos pais nos governam, nos dirigem, nos lideram, nos dizem o que fazer ou não fazer e, até, como fazer, o que é certo ou errado, nos sustentam, nos punem ou recompensam, distribuem as atividades que devem ser realizadas.

Dessa experiência, ou coocorrência, entre os domínios família e governo decorre uma metáfora primária bastante importante: INSTITUIÇÃO É FAMÍLIA, que dá suporte para as metáforas básicas: NAÇÃO É FAMÍLIA, GOVERNANTE/PRESIDENTE É PAI/MÃE e CIDADÃOS/OUTROS MEMBROS DO GOVERNO SÃO MEMBROS DA FAMÍLIA/FILHOS.

A ligação entre moral e política, segundo Lakoff (2002; 2008a), é promovida pela metáfora mencionada anteriormente: NAÇÃO ou SOCIEDADE É FAMÍLIA. Essa metáfora está intrinsecamente ligada à concepção que temos de moralidade.

Segundo Kovecses (2000), o discurso sobre moralidade geralmente envolve duas metáforas conceituais: MORALIDADE É FORÇA e MORALIDADE É CUIDADO. As duas metáforas não são excludentes; são utilizadas em conjunto na maioria das ocasiões. No entanto, as pessoas podem atribuir a elas diferente ordem de primazia: enquanto para alguns a moralidade é primeiramente definida em termos de força, para outros, ela é cuidado.

As duas visões de moralidade implicam diferentes concepções do que é uma família. Para a metáfora MORALIDADE É FORÇA, a família será baseada na disciplina. Já uma família na qual as pessoas possuem o dever moral de ajudar os outros nasce e é alimentada

pela metáfora MORALIDADE É CUIDADO. Por essa razão, a concepção de moralidade e família vai influenciar diretamente na visão que se tem de política, de Nação e de governo.

A ordem de primazia que atribuímos às duas metáforas da moralidade vai explicar as duas concepções políticas existentes – conservadorismo e liberalismo. Se a metáfora da força for tida como mais importante, é mais provável que a pessoa seja atraída por ideias conservadoras, ao passo que se for dada maior importância à metáfora da MORALIDADE É CUIDADO, é provável que a pessoa tenha ideias mais liberais.

Kovecses (2000) explica que a concepção de sociedade que uma pessoa tem depende do que ela entende ser família: uma família baseada nos princípios da punição ou recompensa, na qual existe uma pessoa que é tida como a autoridade maior ou, em contrapartida, uma família que tem como base a ajuda, o cuidado e a empatia. Para o autor, a visão que se tem de família irá influenciar a maneira como se pensa sobre várias questões sociais, tais como aborto, programas sociais e o papel do governo na sociedade.

Parte dos nossos sistemas conceituais, se somos liberais, conservadores ou nenhum dos dois, é uma concepção metafórica comum de Nação como Família, com o governo, ou chefe de Estado, visto como uma velha figura de autoridade masculina, geralmente um pai. (LAKOFF, 2002, cap. 8 – p. 1, tradução nossa)⁴¹

Sabendo que nós fazemos um mapeamento entre domínios alvo e fonte, Lakoff (2002) e Lakoff e Wehling (2012) chegam a duas versões ideais de família que são mapeadas pela metáfora NAÇÃO É FAMÍLIA: o modelo do Pai Severo e o do Pai/Mãe Cuidadoso(a).

No livro *Moral Politics* (2002), Lakoff faz uma análise dos dois modelos de família que representam o pensamento conservador e o liberal estrito: o modelo do Pai Severo e o do Pai/Mãe Cuidadoso(a), respectivamente.

A ligação entre moral e política-baseada na família vem de uma das maneiras mais comuns que temos de conceptualizar o que é uma nação, ou seja, como uma família. É a metáfora comum, inconsciente e automática da Nação-como-Família que produz o conservadorismo da moralidade Pai Severo e o liberalismo contemporâneo da moralidade Pai/Mãe Cuidadoso(a). (LAKOFF, 2002, p. 13-14, tradução nossa)⁴²

⁴¹ Part of our conceptual systems, whether we are liberals, conservatives, or neither, is a common metaphorical conception of the Nation as Family, with the government, or head of state representing the government, seen as an old male authority figure, typically a father. (LAKOFF, 2002, cap. 8 – p. 1)

⁴² The link between family-based morality and politics comes from one of the most common ways we have of conceptualizing what a nation is, namely, as a family. It is the common, unconscious, and automatic metaphor of the Nation-as-Family that produces the conservatism from Strict Father morality and contemporary liberalism from Nurturant Parent morality. (LAKOFF, 2002, p. 13-14)

Segundo o autor, a divisão existente entre conservadores e liberais nos Estados Unidos vai muito além de ser apenas uma divisão política. É uma divisão moral. Uma divisão que leva em conta o que pensamos ser uma pessoa “boa”, a coisa “certa” a se fazer. É acima de tudo uma divisão baseada na família, sobre o que nós entendemos ser o tipo “correto” de família – o que é ser um bom pai/mãe e o que significa criar bem. A divisão política para o autor é pessoal e tem a ver com o tipo de pessoa que você é. (LAKOFF, 2002)

Lakoff e Wehling (2012) explicam que esses modelos são idealizados e que podem ou não corresponder ao modelo de família no qual nós fomos criados, porém, sempre guardam estreita ligação com o que entendemos por moralidade.

2.1.1 A moralidade do Pai Severo

Em *Moral Politics* (2002), Lakoff explica que o modelo do Pai Severo muitas vezes é reconhecido como o modelo tradicional de família, ou seja, aquela família composta por pai, mãe e filhos, na qual cada um dos membros possui papéis bem definidos: o pai é responsável por ditar as regras a serem seguidas, sustentar e proteger a família; a mãe cuida dos filhos, da casa e mantém o respeito e obediência às regras estabelecidas pelo pai; aos filhos cabe o papel de respeitar e obedecer aos pais.

Embora o modelo prototípico de família do Pai Severo seja formado da maneira acima, Lakoff (2002) reconhece que existem variações desse modelo que podem incluir uma mãe funcionando como um Pai Severo – a Mãe Severa: *Existem muitas mães, especialmente mães solteiras firmes, que funcionam como pais severos.*⁴³ (LAKOFF, 2002, Cap. 5 – p. 5, tradução nossa)

Lakoff (2002) explica que esse modelo de família não ocorre isoladamente em nosso sistema conceptual e aceitá-lo significa aceitar algumas prioridades morais (também constituídas metaforicamente) que naturalmente caminham junto com ele.

Em primeiro lugar, o autor (2002) chama a atenção para o fato de que a moralidade do Pai Severo está intrinsecamente ligada a uma visão behaviorista de punição e recompensa: o que é moral deve ser recompensado, o que não é deve ser punido e, assim, eliminado da sociedade.

⁴³ There are many mothers, especially tough single mothers, who function as strict fathers. (LAKOFF, 2002, Cap. 5 – p. 5)

Para o autor, as metáforas que têm maior prioridade no modelo do Pai Severo são: a metáfora da força moral, da autoridade moral, da ordem moral, dos limites morais, da essência moral, da pureza moral, da integridade moral e da saúde moral.

A metáfora da força moral traz consigo a dicotomia, bastante forte, entre o que é bom e o que é mau. O mal é uma força que tenta desviar a pessoa do que é bom e ser bom é ter força moral para resistir ao mal;

Na metáfora da autoridade moral, a figura paterna é entendida como uma figura de autoridade, e o exercício dessa autoridade se constitui num comportamento moral. Essa metáfora dá legitimidade ao pai para agir de maneira a disciplinar seus filhos para que, desse modo, eles adquiram valores morais;

A metáfora da ordem moral entende que existe uma hierarquia natural no mundo. Esse entendimento legitima as relações de poder hierárquicas dentro da família, na qual existe alguém superior, que dá ordens, e alguém inferior, que deve obedecer a elas;

A metáfora dos limites morais contribui para o modelo dando uma lógica espacial do perigo dos desvios morais. Existe um limite, sancionado socialmente, que indica o que é moral. Qualquer ato ou ação fora desse limite é imoral;

A metáfora da essência moral contribui com a ideia de que existe uma essência, ou seja, um caráter, que pode ser determinado por ações passadas e que indica ações futuras. Cada pessoa é constituída de uma essência moral que irá determinar o seu modo de agir;

A metáfora da integridade moral transforma a moral em um todo único, homogêneo e indivisível, chamado virtude, e sugere que qualquer sinal de heterogeneidade pode significar um vício;

A metáfora da pureza moral parte da noção de que algo é puro quando não está misturado com outra substância, quando não está sujo, sendo assim, deve-se buscar a pureza moral e não se misturar com pessoas cujas ações são imorais;

Por fim, a metáfora da saúde moral, no mesmo caminho, faz com que entendamos que aquilo que não é moral é uma doença e deve ser extirpada ou, do contrário, poderá contaminar outros, como uma epidemia. Portanto, entende-se que o contato com pessoas consideradas imorais é perigoso.

Cada uma das metáforas acima existe independentemente do modelo de família do Pai Severo e, segundo Lakoff (2002), a maioria está presente em diversas culturas ao redor do mundo. A lógica e a moralidade do modelo do Pai Severo são um produto das metáforas listadas acima.

Então, partindo das metáforas mencionadas, no modelo do Pai Severo (em inglês *the Strict Father model*, indicando que a figura paterna – o homem – é a autoridade maior na família):

- A punição e a recompensa são fundamentais;
- O pai é o líder moral da família e deve ser obedecido;
- O pai severo é necessário, pois as crianças nascem más – elas só fazem o que querem e não sabem distinguir o que é certo do que é errado;
- Deve-se punir a violação de regras morais severamente e de maneira dolorosa, ao passo que se deve recompensar ou louvar a sua observação para que, desse modo, os filhos sejam incentivados a fazer o bem e não o mal;
- A punição ou recompensa é o que fará com que a criança aprenda a respeitar as regras;
- O pai severo é necessário para proteger seus filhos do mal, pois, para esse modelo, a vida é difícil e o mundo um lugar perigoso;
- O exercício da autoridade paterna é moral, assim como é moral punir a desobediência e recompensar a obediência;
- A vida é uma luta pela sobrevivência e a competitividade é bem-vinda, pois favorece a autodisciplina;
- A criança deve ser ensinada, para que se torne uma pessoa disciplinada, que cumpre seus compromissos e os leva adiante;
- A meritocracia deve ser observada e a hierarquia mantida, pois são consideradas como importantes para a disciplina;
- O pai deve exercer autoridade sobre seus filhos, discipliná-los, sustentá-los e protegê-los para que, quando maduros, eles possam ser independentes, construir suas próprias famílias e desempenharem, sem qualquer intervenção do pai, o papel de pai severo.

O modelo do Pai Severo, mapeado na política, explica porque os conservadores se preocupam tanto com a autoridade, a disciplina e com a punição: “Faz todo sentido em uma família patriarcal, na qual a força masculina domina inquestionavelmente. Autoridade, obediência, disciplina e punição estão todos presentes na família, organizados em um pacote.”(LAKOFF, 2008a, cap. 3 – p. 4, tradução nossa)⁴⁴

⁴⁴ It makes sense in a patriarchal family where male strength dominates unquestionably. Authority, obedience, discipline, and punishment are all there in the family, organized in a package. (LAKOFF, 2008a, cap. 3 – p. 4.)

2.1.2 A moralidade do(a) Pai/Mãe Cuidadoso(a)

Assim como o modelo do Pai Severo é produto de um sistema de conceitos que temos sobre moralidade, o modelo do Pai/Mãe Cuidadoso(a) também possui algumas metáforas que o justificam e caracterizam, sendo de maior prioridade do que outras. São elas: MORALIDADE É EMPATIA e MORALIDADE É CUIDADO.

Segundo Lakoff (2002), empatia é colocar-se no lugar do outro, sentir o que o outro sente. Na metáfora da moralidade como empatia, como você se coloca no lugar da outra pessoa, você buscar fazer com que ela se sinta bem.

Já a metáfora que entende moralidade como cuidado parte do princípio de que é nossa responsabilidade cuidar de outras pessoas que estão no nosso convívio social, assim como os pais cuidam dos seus filhos.

Lakoff (2002) aponta que outras metáforas também estão presentes na moralidade do Pai/Mãe Cuidadoso(a), inclusive metáforas que também fazem parte do sistema do Pai Severo. Porém, o que diferencia um modelo do outro é a prioridade que é dada a certas metáforas. Sendo assim, a metáfora da moralidade como cuidado também está presente no sistema do Pai Severo, mas está abaixo das metáforas da autoridade moral e da ordem moral, por exemplo. O mesmo acontece na família do Pai/Mãe Cuidadoso(a), a metáfora da autoridade moral e da ordem moral também estão presentes, mas devem ser entendidas em conformidade com a metáfora da empatia moral e do cuidado moral, que lhes são superiores.

No modelo do Pai/Mãe Cuidadoso(a) (em inglês *the Nurturant Parent model*, o que indica que tanto o homem – pai – quanto a mulher – mãe – podem ocupar essa posição indistintamente ou ela pode também ser ocupada pelos dois em posição de igualdade):

- A responsabilidade de cuidar da família é compartilhada;
- O papel do pai e da mãe é cuidar das crianças e criá-los para que eles também possam cuidar de outras pessoas;
- Cuidado, felicidade e interação formam o alicerce. Cuidado significa empatia, colocar-se no lugar do outro, responsabilidade por você mesmo e pelos que estão a sua volta;
- As crianças se desenvolvem através de relacionamentos positivos com outras pessoas;
- O cuidado e o amor fazem com que as crianças se tornem responsáveis, autodisciplinadas e autoconfiantes, cuidando de si e dos outros;

- A obediência é vista como consequência do amor e respeito aos pais;
- A disciplina é vista como algo positivo. Porém, ela é resultado do senso de cuidado e responsabilidade desenvolvido nas crianças;
- O cuidado, ainda, indica estabelecer limites e explicá-los;
- Há o respeito mútuo entre pais e filhos e esse respeito não é imposto, mas conquistado através do comportamento dos pais;
- Quando os filhos fazem algo errado, ao invés de serem punidos eles são incentivados a fazer algo para compensar o erro;
- O papel dos pais é proteger e transmitir aos filhos a dedicação para com a vida em comunidade, na qual um deve cuidar do outro;
- A comunicação e os questionamentos são incentivados e todos os membros da família participam das decisões, sendo ouvidos;
- O objetivo principal é que as crianças estejam satisfeitas e sejam felizes.

Mapeado para a política, o modelo do Pai/Mãe Cuidadoso(a) leva à ideias mais liberais, maior preocupação com causas sociais, simpatia pelos direitos dos gays, lésbicas e transexuais, dentre outras questões.

Os dois modelos descritos acima, segundo Lakoff (2002; 2012), representam a visão conservadora e a visão liberal de como o governo deve ser e agir. Eles explicam, por exemplo, por que os conservadores são a favor da pena de morte, ao passo que os liberais são contra; por que os liberais são a favor de programas de distribuição de camisinhas e seringas descartáveis entre os jovens, enquanto os conservadores acham tais programas imorais e incentivadores do sexo entre os jovens e do uso de drogas ilícitas; e, ainda, por que os conservadores não aceitam a ideia de impostos progressivos, enquanto os liberais veem como algo justo e que deva ser aplicado.

Lakoff (2002) e Lakoff e Wehling (2012) chamam a atenção para o fato de que, embora sejam apenas dois modelos, eles dão conta de uma variedade de posições políticas, desde as mais radicais às mais moderadas e, ainda, que pode haver variações entre os dois tipos de modelo. Mas, essas variações não mudam o fato de que eles existem e representam a visão conservadora estrita e a visão liberal estrita.

Em *Washing the brain: metaphor and hidden ideology* (2007), Goatly afirma que, em seu estudo sobre a política americana e os modelos de família, Lakoff (2002) demonstrou como a ideologia é criada, reforçada e como ela se torna dominante, através do seu resumo sobre os temas mais importantes da ideologia de direita. No entanto, Goatly (2007) afirma

discordar de Lakoff em pelo menos dois pontos: ele não acredita que os modelos de família possam ser aplicados de maneira consistente às políticas liberal e conservadora e nem que as pessoas que têm uma visão conservadora são ideologicamente inocentes, ou seja, ele indica que, na menor das hipóteses, elas são seduzidas pela ideologia latente inerente às metáforas segundo as quais elas pensam. Goatly (2007) afirma, ainda, que elas não apenas são seduzidas por essa ideologia, mas estão comprometidas com ela, assim como todos nós estamos, simplesmente pelas posições que tomamos e pelas relações (econômicas e sociais) que temos em sociedade. Para o autor (2007, p. 387), *O fato de que estas duas metáforas familiares não são aplicadas de forma consistente sugere que no centro da tomada de decisão política estão o poder e a ideologia, ao invés de, simplesmente, os dois complexos metafóricos de Lakoff*.⁴⁵

Concordamos com Goatly, quando ele afirma que por trás dos modelos de família está a ideologia e que estamos comprometidos com essa ideologia pelas posições, ações e relações que temos em sociedade. No entanto, acreditamos que os modelos de família de Lakoff (2002) e Lakoff e Wehling (2012) representam, sim, duas visões ideológicas que caracterizam o pensamento político (não só americano, mas também brasileiro): a visão conservadora e a liberal. Porém, destacamos que é praticamente impossível encontrar uma pessoa ou partido político que siga uma visão estritamente conservadora ou estritamente liberal, ou seja, essas duas visões (co)existem e o que temos, na verdade, é uma mescla de aspectos de um ou outro modelo.

Como vimos, os modelos de família de Lakoff (2002) e Lakoff e Wehling (2012) surgiram a partir do estudo e exame da sociedade e política americana. Por essa razão, cabe destacar, em nosso trabalho, algumas diferenças existentes entre a política americana e a brasileira. Em primeiro lugar, os sistemas político-eleitoral dos dois países são diferentes. Uma das principais diferenças é que, enquanto nos Estados Unidos existem apenas dois partidos políticos: o Republicano e o Democrata, no Brasil, há o pluripartidarismo. Em 23 de Julho de 2015, por exemplo, existiam no Brasil 32 partidos políticos registrados no Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Em segundo lugar, enquanto nos Estados Unidos um partido representa o pensamento conservador e o outro o liberal – os partidos Republicano e Democrata defendem a bandeira do conservadorismo e do liberalismo, respectivamente. No Brasil, por outro lado, dificilmente poderemos classificar os partidos dessa maneira. Verificamos, inclusive que, em nosso país,

⁴⁵ The fact that these two family metaphors are not consistently applied, suggests that at the heart of political decision-making are power and ideology rather than simply Lakoff's two metaphor complexes.

há certo repúdio ao termo “conservador”. Os partidos não querem ser de direita, não querem ser conhecidos como conservadores, mas sim como de esquerda ou centro-esquerda.

De acordo com o cientista político Ricardo Caldas (apud CASTRO, 2011a), tal fato pode estar ligado à herança negativa deixada pelas legendas conservadoras no país, que foram contra a abolição da escravidão, contra o fim da monarquia e apoiaram o regime militar.

Em sua coluna na revista *Veja*, Castro afirma que *Não há partidos conservadores no Brasil*. No mesmo caminho, o filósofo Olavo de Carvalho, em entrevista concedida a mesma revista, afirma que a ausência de um partido conservador no país é resultado de um processo que começou durante o regime militar: [...] *a classe política, que era de maioria direitista, acabou sendo marginalizada e deixando um espaço vazio. Esse espaço foi preenchido pelos políticos de esquerda que voltavam do exílio. Quando veio a Constituição de 1988, a esquerda já era praticamente hegemônica.* (CASTRO, 2011b)

Embora cientes das diferenças entre os dois países, principalmente das apontadas acima, acreditamos que os modelos de família podem ser aplicados e explicam o pensamento político-ideológico brasileiro, se não dos partidos políticos, dos próprios políticos, dos formadores de opinião, dos acadêmicos, dos jornalistas, da imprensa e das pessoas em geral. Por essa razão, quando falamos, em nosso trabalho, de ideologia conservadora ou liberal não estamos nos referindo a este ou aquele partido político, mas ao pensamento que subjaz ao que está presente, tanto nos discursos, quanto nas ações de determinados políticos, formadores de opinião e meios de comunicação e, no caso específico de nossa pesquisa, nas charges analisadas.

Também cabe ressaltar que quando falamos em pensamento político liberal não estamos nos referindo ao liberalismo enquanto doutrina política-econômica, mas a um pensamento político progressista que, em oposição ao conservadorismo, defende a liberdade individual e simpatiza com causas como legalização do aborto, a liberação regulamentada das drogas, os direitos dos LGBTs, os impostos graduativos etc.

2.2 Entre o conservadorismo e o liberalismo: como pensa o brasileiro?

Segundo Lakoff (2002) e Lakoff e Wehling (2012), a maneira como conceptualizamos a nação e o governo parte de nossas primeiras experiências em família. A metáfora NAÇÃO É FAMÍLIA é uma metáfora universal e se desdobra nas seguintes metáforas: PRESIDENTE É PAI/MÃE e CIDADÃOS/OUTROS MEMBROS DO GOVERNO SÃO FILHOS.

Vimos, ainda, que existem dois modelos de família que conceptualizam a ideologia política conservadora e liberal: o modelo do Pai Severo e o do Pai/Mãe Cuidadoso(a). A preferência por um ou outro modelo ou, até mesmo, uma mistura dos dois, indica um posicionamento diante de questões políticas, como privatização, legalização do aborto, casamento *gay*, dentre outros.

O que significa essa visão conservadora? E a liberal? O brasileiro é mais liberal ou mais conservador? Acreditamos, ser necessário, então, sair do âmbito da ciência cognitiva para entendermos como pensa o brasileiro e, ainda, um pouco sobre o momento histórico-político no qual o *corpus* de nossa pesquisa foi produzido. Essa contextualização nos facilitará a análise e compreensão das charges apresentadas no terceiro capítulo de nosso trabalho.

2.2.1 Dois países em um

Para entender melhor como pensa o povo brasileiro e, ainda, os resultados das eleições para a Presidência da República nos anos de 2010 e 2014, recorreremos aos livros do cientista político Antonio Carlos Almeida: *A cabeça do brasileiro* (2013) e *A cabeça do eleitor* (2008).

Almeida (2013) faz uma verdadeira radiografia das crenças e valores do brasileiro. No *Best Seller A cabeça do brasileiro* (2013), ele nos apresenta o que pensamos com relação à ética, sexualidade, o “jeitinho brasileiro”, destino, família, punições, cor/raça, economia, política, igualdade, civismo, dentre outras questões. Suas conclusões foram baseadas nos resultados da Pesquisa Social Brasileira (PESB). A PESB foi realizada através de questionários criados especificamente para essa pesquisa, sendo utilizada uma amostra probabilística, com três estágios de seleção, e representativa das cinco regiões do país.

Para Almeida, o resultado da PESB mostra que vivemos num verdadeiro *apartheid* cultural: o Brasil são dois países distintos e separados.

O que está em jogo são valores em conflito, e, por conseguinte, uma sociedade em conflito. Enquanto a classe baixa defende valores que tendem lentamente a morrer ou se enfraquecer, a classe alta mantém-se alinhada a muitos princípios sociais dominantes nos países já desenvolvidos. (ALMEIDA, 2013, p. 25)

Existe um lado dominante – mais conservador – que predomina no pensamento da classe mais baixa e que, pouco a pouco, vai perdendo força e outro – mais liberal – que, com o passar dos anos, vai se fazendo mais presente na sociedade e que tende a se fortalecer à

medida que o nível de escolaridade média da população aumentar. Não existe um lado certo ou errado, apenas dois lados distintos.

A primeira vista e principalmente para alguém que acaba de chegar ao Brasil e liga a televisão, a impressão é de estamos em um país amplamente liberal. Basta assistirmos às novelas para vermos isso: troca de casais, homossexualismo, igualdade entre homens e mulheres, negros e brancos sendo tratados de maneira igual, adolescentes demonstrando independência com relação às decisões que tomam, famílias nas quais os pais e mães não são tidos como autoridade, mas sim como amigos dos filhos, dentre outros aspectos que são marcas do pensamento liberal. Esse parece ser o pensamento das pessoas que comandam a mídia, pessoas que, além de pertencerem à classe média ou alta, já passaram pelos bancos das universidades.

Porém, quando passamos a analisar o que pensa a população em geral, vemos que, embora alguns valores, até mesmo por influência da própria mídia, tenham sido modificados ao longo dos anos, o que prevalece é o conservadorismo, pelo menos para a maioria da população brasileira.

Vários fatores influenciam na maneira como pensamos: raça/cor, gênero, religião, região em que nascemos, classe social, cultura, idade, escolaridade. A PESB identificou que, de todos esses fatores, o que mais pesa é a escolaridade: “É a educação que comanda a mentalidade.” (ALMEIDA, 2013, p. 25, grifo do autor). É a escolaridade que realmente divide a mentalidade do povo brasileiro. A fórmula é a seguinte: quanto mais escolarizado, mais liberal; quanto menos, mais conservador.

Como comprovado por testes/pesquisas, tanto nacionais quanto internacionais, a maior parte da população brasileira tem escolaridade baixa. Desse modo, o resultado da PESB mostra que o Brasil é, primordialmente, um país de pensamento arcaico, conservador, e o pensamento dominante obedece às seguintes características: a) apoia o “jeitinho brasileiro”; b) é hierárquico; c) é patrimonialista; d) é fatalista; e) não confia nos amigos; f) não tem espírito público; g) defende a “lei de Talião”⁴⁶; h) é contra o liberalismo sexual; i) é a favor de mais intervenção do Estado na economia; e j) é a favor da censura.

⁴⁶ A lei de talião tem origem no latim *lex talionis* (*lex* = lei e *talis* = tal ou igual). Conhecida pela expressão “Olho por olho, dente por dente”, segundo essa lei, a pena aplicada devia ser equivalente ao crime cometido, na mesma proporção do dano sofrido. A lei de talião é contemporânea do antigo direito hebreu, na época de Moisés, fazendo parte da tradição e sendo utilizada pelo povo no dia-a-dia. Está presente na Bíblia, no Antigo Testamento. Em Êxodo 21:24 encontramos: “Olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé.” Em Levítico 24:17, “Todo aquele que ferir mortalmente um homem será morto”. Foi consagrada nos diversos artigos do Código de Hamurabi – rei da Babilônia no século XVIII a.C – pois lhe serviu de base. Por exemplo, nos artigos 196 e 197 desse Código encontramos, respectivamente: “Se alguém arranca o olho a um outro, se lhe

O “jeitinho brasileiro” é um instrumento que possibilita que as regras sejam quebradas. Amplamente difundido no Brasil, segundo Almeida (2013), ele nos permite entender por que no Brasil há tanta dificuldade em combater a corrupção:

[...] a corrupção não é simplesmente a obra perversa de nossos políticos e governantes. Sob a simpática expressão “jeitinho brasileiro”, ela é socialmente aceita, conta com o apoio da população, que a encara como tolerável. (ALMEIDA, 2013, p. 46, grifo do autor.)

Para o autor, o jeitinho equivale a uma “zona cinzenta moral” entre o que é certo e o que é errado. Enquanto as regras, sejam elas boas ou ruins, são universais e criadas para serem aplicadas a todos os cidadãos, quando lançamos mão do jeitinho, fazemos com que a quebra dessa regra, dependendo das circunstâncias, possa passar de errado a certo.

Quantas vezes não nos deparamos com pessoas em rodas de amigos contando vantagem sobre o que conseguiram ou como se livraram de alguma situação recorrendo ao jeitinho? O jeitinho brasileiro é sinônimo de esperteza. Saber utilizar o jeitinho para “virar o jogo” ou obter vantagens não é considerado mal. A opinião pública brasileira reconhece e aceita que se recorra ao jeitinho como padrão moral. O resultado da PESB mostra que há uma clara divisão entre os que o consideram certo e os que o condenam (50% *versus* 50%). Talvez seja essa a razão de tornar-se tão difícil combater a corrupção no Brasil, porque aceitamos como padrão moral a corrupção individual do “jeitinho”.

A PESB mostra que o brasileiro médio⁴⁷ tem uma visão de mundo hierárquica: “É bastante evidente a mentalidade hierárquica no Brasil.” (ALMEIDA, 2013, p. 84). Desse modo, há posições predefinidas e cada um deve desempenhar o seu papel, que é determinado pela sua condição social. Porém, Almeida chama a atenção para o fato de o país não ser um bloco monolítico, ou seja, como a população brasileira é dividida, existem pessoas mais hierárquicas e pessoas mais igualitárias.

Para entendermos melhor o que seria essa visão hierárquica, o autor nos dá um exemplo: o casamento. Num contrato de casamento hierárquico, os papéis do homem e da mulher estão claramente definidos: é o homem que zela pelo sustento da família, dedicando-se ao trabalho, enquanto a mulher deve cuidar dos filhos. O homem é a autoridade no lar e a

deverá arrancar o olho.” e “Se ele quebra o osso a um outro, se lhe deverá quebrar o osso.”. Também foi adotada na Lei das XII Tábuas, antiga legislação que está na origem do Direito Romano: “Tábua VII, 11 – Se alguém fere a outrem, que sofra a pena de Talião, salvo se houver acordo”. (Cf. DUARTE, 1999; OLIVEIRA, 2002; ZIZLER, 2013)

⁴⁷ O brasileiro médio não é uma pessoa ou um grupo de pessoas. Ele não existe no mundo real sendo, na verdade, uma criação. Ele é a representação de todos os brasileiros.

mulher deve obedecê-lo. Cada um deverá desempenhar as atribuições que são esperadas de seu sexo.

Já numa visão igualitária, na qual os papéis não são socialmente determinados, todos os indivíduos são considerados iguais e eventuais desigualdades ou diferenças até poderão existir, mas são acordadas entre as partes. Numa família na qual predomina a visão igualitária, homem e mulher definem o tipo de relacionamento que consideram mais adequado ao seu caso.

Os resultados da PESB mostram claramente que a nossa sociedade é regida por uma lógica hierárquica e, ainda, que hierarquia e autoritarismo estão positivamente correlacionados: quanto mais hierárquica, mais autoritária uma pessoa é. Como exemplo, temos que as pessoas que acreditam numa relação patrão-empregado na qual ao patrão deve-se assegurar uma posição de autoridade mesmo fora do ambiente de trabalho, também acreditam que os protestos contra o governo devem ser fortemente reprimidos. Para essas pessoas, há sempre alguém numa posição superior e outra numa inferior e aquela terá sempre mais direitos do que esta, justamente por estar no topo da hierarquia.

Outra característica do pensamento do brasileiro médio é o patrimonialismo. A política nacional é patrimonialista e a aceitação social dessa característica é bastante significativa. Isso significa que o brasileiro concorda que o governo cuide do que é público, ao passo que ele se preocupa exclusivamente com o que é seu, deixando seus representantes “livres” para fazerem o que quiserem. Segundo Almeida (2013), patrimonialismo e corrupção são ideias afins: quanto mais se defende o patrimonialismo, mais tolerante será com a corrupção: “Os dados são muito claros e permitem concluir que corrupção não é um fenômeno circunscrito a uma elite política perversa e sem ética, mas revela valores fortemente arraigados na população brasileira.” (ALMEIDA, 2013, p. 109)

Os brasileiros acreditam no destino e que grande parte dele está nas mãos de Deus: o fatalismo religioso herdado da religiosidade de tradição católica portuguesa. Confia mais na família do que em outras pessoas e acham que só devem colaborar com o governo se ele cuidar do que é público, ou seja, se o governo não faz a parte dele, não há por que fazer a sua parte (falta de espírito público).

No que diz respeito às punições, a PESB mostra que no Brasil prevalece o pensamento do “Olho por olho, dente por dente”. Uma grande proporção dos brasileiros concorda com linchamentos, grupos de extermínio, pistoleiros, assassinato de bandidos e estupro de

estupradores. A justiça é considerada ineficiente e lenta e, por essa razão, as punições ilegais são vistas como uma solução.

Com relação à sexualidade, o brasileiro também possui uma visão conservadora. Para Almeida (2013), esse conservadorismo é bastante claro e está ligado ao controle do corpo, principalmente do corpo da mulher, historicamente imposto pela Igreja. Há rejeição do homossexualismo, tanto masculino quanto feminino, e de práticas liberais, como troca de casais, casamento aberto, sexo anal e oral, masturbação e uso de revistas pornográficas, o que leva o autor a concluir que “Digamos que, por hora, em termos de aceitação sexual, o Brasil é o país do papai-e-mamãe.” (ALMEIDA, 2013, p. 154)

Segundo a PESB, um dos valores mais fortes na sociedade brasileira é o seu amor pelo Estado:

Para os brasileiros, o Estado deve predominar na justiça, na previdência social, na saúde, na educação, no saneamento básico, no fornecimento de água, nas estradas e rodovias, no recolhimento de lixo, na produção de energia elétrica e nos bancos. Ufa!!! Não surpreende a enorme dificuldade para implantar e manter o controle privado de estradas lucrativas, por exemplo. (ALMEIDA, 2013, p. 178)

O pensamento dominante entre as camadas mais pobres é de que cabe ao Estado intervir mais na economia e na vida dos cidadãos. Considerando o Estado como um “grande pai protetor”, os brasileiros mais pobres e mais dependentes de iniciativas governamentais acreditam que o governo, que tem os recursos necessários, deve e vai olhar por eles. Essa opinião é oposta a dos considerados não-pobres (Cf. ALMEIDA, 2013).

Os resultados da PESB mostram que o brasileiro é antiliberal em relação a vários aspectos da vida econômica. Há uma diferença de intensidade na resposta de pessoas de diferentes grupos (idade, região do país, homens e mulheres etc), porém, todos preferem que o Estado regule a economia. Os mais escolarizados, no entanto, com menos intensidade que os menos escolarizados:

Um percentual bastante elevado, 85%, acha que o governo deve controlar o preço de todos os serviços básicos; 70% consideram que ele deve manter o controle de preço de todos os produtos vendidos no Brasil – a volta da velha SUNAB; e pouco mais da metade considera que o controle governamental deve se estender aos níveis salariais e a aspectos mínimos da vida empresarial, como o número de banheiros em uma firma. O desejo da população brasileira é ver o Estado regulando toda a atividade econômica. (ALMEIDA, 2013, p. 201)

Por fim, a PESB nos mostra, ainda, que o brasileiro é a favor da censura. Como exemplo disso, Almeida (2013) cita o caso do jornalista do *New York Times* que fez uma

reportagem na qual ele diz que o hábito de beber do então presidente Lula prejudicaria suas funções. A reação do governo foi tentar expulsar o jornalista do Brasil. Segundo o autor, essa reação surpreende se pensarmos no princípio Constitucional da liberdade de imprensa, porém, não surpreende saber que houve apoio do povo, pois o brasileiro médio apoia a censura.

Os resultados da PESB mostram que o Brasil é um país dividido entre o conservadorismo e o liberalismo, e essa divisão também se reflete na vida política: nas escolhas, na visão que se tem de governo/governante e no papel desse governo na sociedade.

Em seu livro, Almeida (2013) deixa claro que a grande diferença de valores e crenças vigentes no Brasil resulta da desigualdade de escolaridade: “os mais escolarizados são menos tradicionais do que os menos escolarizados” (ALMEIDA, 2008, p. 15) e que esses valores e crenças estão profundamente enraizados e, por esta razão, não mudam rapidamente:

Como há uma enorme proporção de adultos com escolaridade muito baixa, e um grupo pequeno com curso superior completo ou mais, então a desigualdade torna-se chocante. O fato é que os mais jovens tendem a ser mais escolarizados. Assim, daqui a 30 ou 40 anos a mentalidade média do brasileiro será, inexoravelmente, menos tradicional do que é hoje. (ALMEIDA, 2008, p. 15)

Interessante ressaltar que, em nosso trabalho, fizemos a escolha pelo termo *presidente*, ao invés de *presidenta*, por acreditamos que, no desempenhar da função política, não deveria haver diferença entre um gênero ou outro. Desse modo, preferimos não dar ênfase ao gênero da pessoa que ocupava o cargo político. Porém, no decorrer de nossa pesquisa, pudemos observar que o conservadorismo e o machismo ainda estão bastante presentes em nossa sociedade.

Apesar de uma mulher ter sido eleita para o maior cargo político do país, no Brasil, o machismo ainda prevalece. Não nos deteremos nesse tema, pois ele será estudado em outro trabalho que estamos desenvolvendo. Porém, é importante frisar que, ao coletarmos as charges que seriam analisadas em nosso trabalho, verificamos, com surpresa, que a presidente Dilma Rousseff, em muitas charges, é retratada em situações, com adereços, objetos e exercendo atividades considerados “típicos” de mulher. Em algumas charges (ver exemplos abaixo), ela aparece varrendo, lavando roupa, cozinhando, trabalhando de manicure, costureira, doméstica; em outras, ela aparece de avental, com um rolo de cozinha, vestindo um casaco de pele; e, ainda, há uma charge em que a presidente é repreendida por ter estourado o cartão de crédito.

Verificamos que em várias charges, inclusive nas apresentadas abaixo, prevalece uma visão estereotipada da mulher, como mostraremos em nossa análise no terceiro capítulo.

Charge 1 - Humberto, Jornal do Commercio (PE), 22 jul. 2011.



Fonte: Charge online.

Charge 2 – Nani, Charge online, 27 jul. 2011.



Fonte: Charge online.

Charge 3 – Pelicano, Bom Dia (SP), 25 mar. 2012.

CORTE DE VERBAS POUPA PT



Fonte: Charge online.

Charge 4 – Mariano, Charge online, 20 maio 2012.

SE QUEM PRESIDE É A PRESIDENTA, QUEM GOVERNA É A GOVERNANTA?



Charge 5 – Aroeira, O Dia (RJ), 07 dez. 2014.

Chargeonline.com.br - © Copyright do autor



Charge 6 – Paixão, Gazeta do Povo (PR), 26 mar. 2014.



Diante do resultado da PESB e, ainda, dos modelos de família apresentados por Lakoff (2002) e Lakoff e Wehling (2012), podemos esperar que, no Brasil, exista uma preferência por governos/governantes que sigam o modelo do Pai Severo, ou seja, governos/governantes mais conservadores, menos liberais. Porém, o que vimos ocorrer nas últimas eleições para presidente foi justamente o contrário. Como, então, podemos compreender a lógica que levou os eleitores a escolherem governos/governantes mais liberais?

2.3 Doze anos no poder: de Lula a Dilma

“Se existiu alguém que afirmou ser impossível um simples operário ocupar o mais alto cargo de um país, enganou-se e, como diz o ditado, redondamente.” diz Oliveira (2011, p. 13) logo no início do seu livro *A Era Lula: Visão geral do governo mais popular do Brasil*.

Impossível falar de Dilma, sem antes falar de Lula, de suas eleições para Presidente da República e de sua imagem; sem antes entendermos um pouco do fenômeno Lula, do Lulismo, do Partido dos Trabalhadores (PT), da própria Dilma Rousseff e um pouco sobre a política brasileira. Nesta seção, nos ocuparemos desses assuntos, dando uma breve visão do que antecedeu à chegada de Dilma, uma candidata sem qualquer experiência anterior em disputas eleitorais, ao Planalto e, em seguida, a sua reeleição.

2.3.1 O Partido dos Trabalhadores (PT) e a popularização

Segundo o Instituto Lula (2014),

A segunda metade dos anos 1970 é caracterizada pela radicalização dos movimentos reivindicatórios da classe trabalhadora. Uma vez reprimida violentamente toda forma de oposição à ditadura, do movimento estudantil às organizações armadas, passando pela cassação de parlamentares e proibição de partidos, a atividade sindical vira uma espécie de ponta de lança da contestação, atraindo o entusiasmo e a solidariedade de militantes de esquerda que já não encontravam espaço para atuar em suas áreas de origem, da Igreja à Universidade.

Nos anos de 1978 a 1980, Lula se consolidou como o maior nome de oposição no cenário político brasileiro, comandando greves gerais de grandes proporções. Em 1980 foi preso, ficando 31 dias na cadeia. Ao ser libertado, sua meta era fundar um partido que lutasse pelos direitos dos trabalhadores. Aliando-se a intelectuais e outros líderes sindicais, fundou e foi o primeiro presidente do Partido dos Trabalhadores (PT), “prontamente apoiado e

influenciado por intelectuais, religiosos, artistas, estudantes e militantes egressos da luta armada.” (INSTITUTO LULA, 2014)

O Partido dos Trabalhadores (PT) foi fundado em 10 de fevereiro de 1980, quando o Brasil vivia sob a Ditadura Militar, tendo Lula como seu principal fundador. Porém, só foi reconhecido como partido pelo Tribunal Superior de Justiça Eleitoral em 11 de fevereiro de 1982: “Em 10 de fevereiro de 1980, no Colégio Sion (SP), o PT surgiu com a necessidade de promover mudanças na vida de trabalhadores da cidade e do campo, militantes de esquerda, intelectuais e artistas.” (PT, 2014)

A proposta de criação do PT, que foi aprovada em janeiro de 1979, em Congresso dos Metalúrgicos, falava na criação de um partido “sem patrões”, que não fosse “eleitoreiro” e que mobilizasse os trabalhadores na luta por seus direitos e pela construção de uma sociedade justa e igual, sem “exploradores” e “explorados”. Tal proposta demonstrava o caráter socialista do partido.

O PT, através de seu maior líder, Lula, teve ampla e histórica participação na democratização do Brasil, participando do movimento pelas eleições diretas e garantindo aos trabalhadores direitos na Constituição de 1988.

Porém, com a vitória de Lula, em 2002, o caráter socialista do PT parece ter sido sufocado tanto pelas alianças políticas feitas, como pelos compromissos firmados por Lula na Carta ao Povo Brasileiro. De acordo com Singer (2012), o PT tem hoje duas almas: a de Sion, rementendo aos ideais levantados pelo partido quando de sua criação e a do Anhembi, que surgiu com a divulgação da Carta ao Povo Brasileiro, em junho de 2002.

Quando o comitê de Lula decidiu comprometer-se com as exigências do capital, cujo pavor de suposto prejuízo a seus interesses com a previsível vitória da esquerda levava à instabilidade nos mercados financeiros, foi dado o sinal de que o velho radicalismo petista tinha sido, no mínimo, suspenso. (SINGER, 2012, p. 57)

De início, a Carta ao Povo Brasileiro aparentava apenas ser uma decisão de campanha, a fim de angariar votos. Mas, depois, ela foi aprovada pelo Diretório Nacional do Partido, quando reunido no Anhembi, transformando-a em orientação oficial. Tal fato não agradou à parcela da esquerda partidária, que se desligou do partido. O tom do discurso petista era outro, tanto em relação ao capital, à responsabilidade fiscal, à estabilidade econômica e quanto à manutenção da política econômica posta em vigor pelos governos anteriores.

As duas almas do PT convivem dentro do partido, inclusive na passagem do governo Lula para o governo Dilma. Tal mudança fez com que partidários de esquerda, mais

extremistas e puristas, se revoltassem contra a nova programática do partido e, principalmente, com a proposta de reforma da Previdência Social encaminhada pelo governo Lula ao Congresso Nacional. Assim, em 2003, alguns poucos “rebeldes” foram expulsos do partido: “A decisão de excluir do partido os opositores do projeto previdenciário evidenciava que o espírito do Anhembi não aceitaria oposição interna ao governo Lula.” (SINGER, 2012, p. 58)

Após a vitória de Lula, o PT cresceu, passando a ser um dos maiores e mais importantes partidos no país, distanciando-se de seus opositores diretos PSDB, PMDB e DEMOCRATAS (antigo PFL) quanto à identificação partidária.

De acordo com Fernandes (apud SINGER, 2012), possivelmente a transformação do eleitor que se identifica com o PT está relacionada com a perda do segmento mais radical do partido, que foi para o PSOL, e a adesão de um novo segmento, o dos beneficiários dos programas sociais e de inclusão do governo petista.

2.3.2 “Nunca na história deste país...”: Oito anos de governo Lula

Lula disputou quatro vezes a eleição para Presidente da República. Nas três primeiras vezes, saiu derrotado: em 1989, por Fernando Collor e, em 1994 e 1998, por FHC. Seus ideais geravam terror em alguns e sua pouca formação escolar fazia com que outros o considerassem incapaz, sendo chamado de analfabeto. Na sua quarta disputa, em 2002, o povo, desgostoso com o então governo, escolheu o candidato que, durante anos, vinha se apresentando como oposição ao modelo em vigor. Foi eleito presidente com uma votação recorde de 50 milhões de votos.

O Lula da disputa de 2002, porém, não era mais o mesmo. Sua aparência havia mudado, assim como seu discurso e seus aliados. Surgia, assim, o “Lulinha paz e amor”, como ficou sendo chamado na imprensa. Partidos mais conservadores, como o Partido Liberal (PL) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), compunham sua chapa. Além disso, foi apoiado por José Sarney, o que causou divisão dentro do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Essas alianças causaram certa rejeição e decepção em alguns petistas que saíram do PT e fundaram o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL).

Porém, mesmo diante de sua crescente aceitação pelo povo brasileiro no primeiro turno, no período de sua campanha em busca de uma vitória no segundo turno, sua eleição como presidente ainda gerava medo. Segundo Oliveira (2011, p. 16), “o período de FHC era

concluído com a necessidade de uma política de continuidade, pelas novas implantações econômicas, após graves crises que haviam praticamente apagado o Brasil”. Desse modo, o chamado “risco Lula” mostrava que o temor de que Lula implantasse um novo modelo econômico ou seguisse o estilo cubano de governo fez com que empresários e investidores estrangeiros deixassem o Brasil, acreditando numa quebra da bolsa de valores.

Havia o medo de que o Brasil “falisse” e, por outro lado, a imprensa temia ter sua liberdade suprimida. Lula, então, contra a sua vontade, assina a Carta ao Povo Brasileiro a fim de acalmar tanto o povo quanto os investidores. Como ele próprio diz em entrevista dada a Emir Sader no livro *Lula e Dilma: 10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil* (SADER, 2013, p. 19): “Depois nós fizemos a Carta ao Povo Brasileiro, que foi um documento muito necessário. Eu era contra. Aliás, eu era radicalmente contra a carta porque ela dizia coisas que eu não queria falar, mas hoje eu reconheço que ela foi extremamente importante.” Na Carta, Lula selava o compromisso com os pilares da economia brasileira implantados pelos governos anteriores.

A primeira gestão de Lula, conforme prometido na Carta aos Brasileiros, deu segmento à política econômica de FHC.

Na aparência, tendo vencido a eleição de 2002 envolto ainda por restos da aura do movimento operário dos anos 1980, o ex-metalúrgico apenas manteve a ordem neoliberal estabelecida nos mandatos de Collor e FHC. Decidido a evitar o confronto com o capital, Lula adotou política econômica conservadora. (SINGER, 2012, p. 07)

Aperfeiçoando algumas ações já implementadas pelo governo anterior, Lula passou a ser considerado por muitos até mesmo como o criador delas, como, por exemplo, o Bolsa Família. O Bolsa Família era o antigo Bolsa-escola do governo FHC, porém, ampliado. Enquanto o Bolsa-escola atingia cerca de 5 milhões de famílias, o Bolsa Família, por sua vez, atingia aproximadamente 12 milhões. (OLIVEIRA, 2011)

Quando eleito presidente, Lula, em seu primeiro discurso, prometeu ao menos três refeições ao dia para cada cidadão brasileiro. Seu foco e esforços se dirigiram para a área social, ampliando, aperfeiçoando, criando e implantado projetos sociais. Segundo Oliveira (2011), isso ocorreu de maneira nunca antes vista no país, nem na época de Getúlio Vargas. Ganhou do povo o apelido antes dado a Getúlio, de “Pai dos pobres”.

Lula, “Pai dos pobres”, governante carismático e habilidoso, que tinha experiência pessoal por ter vivido na miséria, parecia saber exatamente o que o povo precisava ver e ouvir. Em discurso realizado em Caruaru, Pernambuco, em 27 de agosto de 2010, podemos

ver como Lula conseguia dominar a sua relação com o público e explorar sua história de vida. Podemos ver, ainda, como o Lulismo e a polarização, sobre o que falaremos no próximo item, é alimentada pelo próprio Lula em seu discurso:

Ao subir ao palco da cerimônia de inauguração, Lula provocou uma onda de empurra-empurra e gritos. Foi o último a falar. Como é de seu estilo, discursou andando pelo palco e recorrendo a histórias e “causos” de seu passado de retirante. “Saí daqui com a barriga grande. Achava que era gordura, mas era verme”, disse. “Não tenho pescoço de tanto levar balde d’água na cabeça. A gente tinha que esperar a água ‘sentar’ para beber, de tanta lama e sujeira de vaca misturada.” Todos gargalhavam – e alternavam o celular entre a função de gravar, fotografar e ligar para os amigos para que ouvissem as piadas do presidente. Em alguns momentos, Lula fazia pausas e deixava a plateia completar seu raciocínio: “Antes, quando se falava de coisas boas, era só Sul e Sudeste. Quando era coisa ruim...”. E era emendado pelo público: “Era Norte e Nordeste”. (ARANHA, 2010, p. 2)

Em seu primeiro mandato, Lula se dedicou a questões financeiras: a contenção da despesa pública, a elevação dos juros, a manutenção do câmbio flutuante, o quase congelamento do salário mínimo e a reforma previdenciária com redução de benefícios, tudo com vistas a estabilizar a economia e provar que os compromissos da campanha seriam cumpridos. Ao mesmo tempo, tomou iniciativas em outra direção: a transferência de renda.

O primeiro projeto lançado – Fome Zero – foi abortado mesmo antes de seu início, gerando por algum tempo piadas entre os críticos do governo, pois não “decolou”. O Bolsa família, programa criticado por políticos e por parcela da população como sendo de cunho apenas assistencialista, foi o que ganhou maior destaque no seu governo.

Em 2006, a chegada de Guido Mantega ao Ministério da Fazenda quebrou um pouco com o foco neoliberal e alavancou o foco desenvolvimentista, caracterizando a segunda gestão de Lula: uma diminuição do modo conservador de governo até então vigente. Houve maior valorização do salário mínimo, flexibilização dos gastos públicos e redução de juros. O maior efeito dessa nova fase foi a geração de empregos.

Em 2007, foi lançado o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), que liberou recursos para o aumento do investimento público. A União praticamente duplicou o orçamento destinado a investir, o ritmo de expansão do Produto Interno Bruto (PIB) foi acelerado no segundo mandato, acompanhado pela geração de emprego e ativação do mercado interno:

O maior poder aquisitivo das famílias de baixa renda — com a expansão do crédito, a valorização do mínimo e o poder de compra resultante da diminuição do preço relativo de artigos populares por meio de desonerações fiscais — direcionou parte da

atividade econômica para os pobres. As empresas voltadas para dentro incrementaram o investimento para aproveitar as oportunidades, gerando postos de trabalho, os quais por sua vez realimentaram o consumo, num círculo virtuoso que conseguiu, finalmente, tocar na contradição fundamental: a massa miserável que o capitalismo brasileiro mantinha estagnada começava a ser absorvida no circuito econômico formal. (SINGER, 2012, p. 87)

O objetivo do governo com o PAC era investir em obras nos setores de transporte, energia e ainda, na área social e urbana. No setor do transporte com a construção de rodovias, ferrovias, hidrovias, portos e aeroportos; no de energia, aumentando a geração e a transmissão, assim como a produção de petróleo e de combustíveis renováveis; nas áreas social e urbana, com realização de obras que melhorassem a questão do saneamento, do transporte público e do acesso à água e luz.

Entre 2009 e 2010, com a crise econômica mundial, o governo Lula aumentou o consumo popular através do aumento do salário mínimo, das desonerações fiscais e, ainda, do alongamento do crédito. Desse modo, a crise não atingiu o Brasil como se temia e, embora a economia do país tenha recuado em 2009, em 2010, o Brasil pôde retomar seu crescimento.

Uma das medidas que favoreceram essa retomada foi o Programa Minha Casa Minha vida. Depois das muitas demissões ocorridas em 2009, o Programa Minha Casa Minha Vida conteve o desemprego, pois levou à contratação de trabalhadores na construção civil. De acordo com Singer (2012), foi gerado 1,3 milhão de vagas ainda em 2009 e 2,5 milhões em 2010.

Com a geração de empregos, os trabalhadores, agora de carteira assinada, possuíam uma estabilidade maior. Acresce-se a isso o fato de o crédito ter sido facilitado e, então, o consumo popular aumenta. O consumo, nesse momento, segundo Singer (2012), incidiu também sobre bens duráveis como automóveis e casas.

O sucesso do segundo mandato de Lula, que terminou com apoio inédito desde a redemocratização, está relacionado ao fato de que, após um período de prolongada estagnação ou surtos de crescimento breves (Plano Cruzado, Plano Real), por mais de duas décadas, o Brasil tenha experimentado um quadriênio de aceleração do crescimento (repita-se: 4,5% ao ano em média) e redução da pobreza por meio do aumento expressivo do emprego e da renda. Foi nesse contexto que a impressão de caminhar para uma “sociedade de classe média” tomou conta do imaginário nacional, espalhando-se à direita e à esquerda. (SINGER, 2012, p. 89)

De acordo com Oliveira (2011), na área político-econômica, os oito anos do governo Lula foram marcados pelo controle da inflação, redução do desemprego, recordes na balança comercial, incentivo às exportações, estímulo ao microcrédito, diversificação dos investimentos realizados pelo Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES), recordes na

indústria automobilística, fortalecimento da Petrobrás e da indústria naval, crescimento do salário mínimo e aumento do poder de compra.

Na área da saúde, segundo Costa (2013), com a mudança de governo em 2003, as expectativas com relação às políticas sociais e, particularmente, as políticas para a saúde foram elevadas. Porém, a médica afirma que, assim como nos governos anteriores, no governo Lula, os gastos com a saúde continuaram sendo muito baixos, ou seja, não ocorreram mudanças significativas. Para a autora (2013, p. 250),

Deve ser reconhecida a existência de um movimento virtuoso de fortalecimento da produção e inovação tecnológica na saúde com o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) da Saúde, que ficou conhecido como “Mais Saúde”, criado no segundo governo Lula. Mas esse movimento é ainda insuficiente para provocar mudanças na evolução da balança comercial do complexo econômico industrial da saúde, cuja evolução negativa é marcante: de 3,00, em 2003, para 9,51 bilhões de dólares, em 2010.

Na área da educação, Gentili e Oliveira (2013, p. 254) afirmam que “nesses poucos mais de dez anos, importantes iniciativas foram tomadas para ampliar e assegurar o direito à educação, especialmente no que se refere à universalização da educação básica e sua melhoria e a democratização do acesso à educação superior.”

Os autores afirmam que as mudanças mais significativas na área ocorreram no segundo mandato de Lula e a que merece maior destaque é o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE). O PDE é um conjunto de programas que abarcam tanto a educação básica, quanto a superior.

Na educação básica, por meio da Emenda Constitucional n. 59, de 11 de novembro de 2009, a obrigatoriedade escolar foi ampliada: educação obrigatória e gratuita dos 4 aos 17 anos de idade.

Com a Emenda Constitucional n. 53, de 19 de dezembro de 2006, foi criado o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização do Magistério (Fundeb), com duração de 14 anos. Como consequência, houve a instituição do Piso Salarial Profissional Nacional (PSPN) dos docentes da educação básica (ainda que em patamares bem baixos).

No que diz respeito à educação superior, houve a criação do Programa Universidade para Todos (Prouni), ampliando o acesso de estudantes de baixa renda ao ensino superior e, ainda, o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), através do qual o governo incentivou as universidades públicas federais a promover a expansão tanto física, quanto acadêmica e pedagógica, aumentando o número de

vagas nos cursos de graduação, a ampliação da oferta de cursos noturnos e o combate da evasão, dentre outras metas.

Todos esses programas têm como meta a fixação da média 6 na educação brasileira, através do indicador de qualidade na educação, que estabelece uma escala de 0 a 10 – o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) – até o ano de 2022.

Segundo Amaral (2011), a obsessão de Lula em seu segundo mandato era superar o primeiro mandato em todas as marcas para, desse modo, conseguir eleger seu sucessor ou, no caso de 2010, sucessora. O autor menciona que Lula dizia aos seus ministros mais próximos: “Eu não vou repetir o Fernando Henrique, que fez de tudo para se reeleger, teve um segundo governo medíocre e ficou vendo o candidato dele perder pra mim. Presidente bom elege o seu sucessor.” (AMARAL, 2011, p. 166)

O autor continua afirmando que o sucesso do PAC e o aquecimento da economia eram os ingredientes que poderiam levar à vitória nas eleições presidenciais de 2010, e Dilma Rousseff estava no centro da estratégia política de Lula. (AMARAL, 2011)

A popularidade e aprovação de Lula como governante alcançou níveis altíssimos. Ao deixar o governo, após seu segundo mandato, por exemplo, seu índice de popularidade era de 87% (CNT-Sensus). Tamanha era e é a popularidade e aceitação de Lula que surge no Brasil um movimento chamado de Lulismo.

2.3.3 O Lulismo

O Lulismo nasce no Brasil ainda no primeiro mandato de Lula, sendo

o encontro de uma liderança, a de Lula, com uma fração de classe, o subproletariado, por meio do programa cujos pontos principais foram delineados entre 2003 e 2005: combater a pobreza, sobretudo onde ela é mais excruciante tanto social quanto regionalmente, por meio da ativação do mercado interno, melhorando o padrão de consumo da metade mais pobre da sociedade, que se concentra no Norte e Nordeste do país, sem confrontar os interesses do capital. (SINGER, 2012, p. 10)

Singer (2012) ainda afirma que o Lulismo também decorre do antilulismo. O antilulismo está concentrado no Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), afastando a antiga classe média⁴⁸ de Lula e do PT, criando uma polarização na política brasileira que não

⁴⁸ Utilizamos o termo antiga classe média para designar a classe média que existia antes do governo Lula. Após o governo Lula, surgiu no Brasil uma nova classe média que engloba, além da antiga classe média, as pessoas beneficiadas pelos programas de inclusão do governo.

é de cunho ideológico, ou seja, capitalistas *versus* comunistas, mas sim entre pobres e classe média. Os números apresentados em seu livro mostram que, em 2006 e 2010, houve uma nítida separação entre o voto dos mais pobres e o dos ricos e que, nas eleições anteriores, havia uma coerência ideológica, apesar da baixa escolaridade média do eleitorado: os de esquerda, que possuíam rendas maiores e maior nível de escolaridade votavam no PT. Já os que se colocavam como de direita, entre os quais os de baixa renda, em partidos mais conservadores. Ele conclui sua linha de raciocínio do seguinte modo:

Em suma, penso que no lulismo a polarização se dá entre ricos e pobres, e não entre esquerda e direita. Por isso, a divisão lulista tem uma poderosa repercussão regional, e o Nordeste, que é mais pobre, concentra o voto lulista. Daí, igualmente, termos maioria tucana de São Paulo para o Sul, e petista do Rio de Janeiro para o Norte. Isso significa que o lulismo dilui a polarização esquerda/direita porque busca equilibrar as classes fundamentais e esvazia as posições que pretendem representá-las na esfera política. (SINGER, 2012, p. 20)

A base do Lulismo, segundo o autor, foi a relação criada por Lula com os mais pobres. Esses, beneficiados por um conjunto de medidas criadas para melhorar sua condição de vida, retribuíram com apoio maciço, fervoroso e fiel, a partir da eleição de 2006. Por outro lado, a crise do “mensalão” foi o pivô do afastamento da classe média alta. Inverte-se, assim, o que aconteceu em 1989. Naquele ano, Lula havia sido derrotado pelo voto dos mais pobres, que votaram em Fernando Collor e, entre a classe média, ele havia alcançado maioria.

Em entrevista concedida após aquele pleito, Lula afirmava: “A verdade nua e crua é que quem nos derrotou, além dos meios de comunicação, foram os setores menos esclarecidos e mais desfavorecidos da sociedade [...]. Nós temos amplos setores da classe média com a gente — uma parcela muito grande do funcionalismo público, dos intelectuais, dos estudantes, do pessoal organizado em sindicatos, do chamado setor médio da classe trabalhadora”.

Consciente do peso eleitoral dos “mais desfavorecidos”, acrescentava: “A minha briga é sempre esta: atingir o segmento da sociedade que ganha salário mínimo. Tem uma parcela da sociedade que é ideologicamente contra nós, e não há por que perder tempo com ela: não adianta tentar convencer um empresário que é contra o Lula a ficar do lado do trabalhador.

Nós temos que ir para a periferia, onde estão milhões de pessoas que se deixam seduzir pela promessa fácil de casa e comida”. (SINGER, 2012, p. 34, grifo do autor)

Como explica Chauí (2013, p. 128) “De modo geral, utilizando a classificação dos institutos de pesquisa de mercado e da sociologia, costuma-se organizar a sociedade numa pirâmide seccionada em classes designadas como A, B, C, D e E, tomando como critério a renda, a propriedade de bens imóveis e móveis, a escolaridade e a ocupação ou profissão. Por esse critério, chegou-se a conclusão de que, entre 2003 e 2011, as classes D e E diminuíram consideravelmente, passando de 96,2 milhões de pessoas a 63,5 milhões; já no topo da pirâmide houve crescimento das classes A e B, que passaram de 13,3 milhões de pessoas a 22,5 milhões. A expansão verdadeiramente espetacular, contudo, ocorreu na classe C, que passou de 65,8 milhões de pessoas a 105,4 milhões. Essa expansão tem levado a afirmação de que cresceu a classe média brasileira, ou melhor, de que teria surgido uma nova classe média no país”.

Em pesquisa, Hunter e Power (apud SINGER, 2012) verificaram que, nas três primeiras vezes que disputou a presidência, Lula recebia mais votos entre os eleitores com maior nível de escolaridade, principalmente nos estados mais industrializados e urbanos, no Sul e Sudeste, enquanto que os mais pobres e menos escolarizados votavam na direita. O realinhamento só ocorreu após Lula assumir o governo. Com os escândalos, Lula perdeu intenções de votos entre alguns eleitores, mas compensou e os substituiu com o voto de pessoas que nunca haviam votado nele antes.

Coimbra (apud SINGER, 2012) afirma que a base para a aprovação do governo e a decisão da eleição em 2006 foi o aumento no poder de consumo dos eleitores de baixa renda. Eles passaram a ter acesso a bens e serviços antes só possíveis à classe média ou média alta, seja em produtos como alimentos, material de construção ou em celulares, DVDs, cruzeiros e passagens aéreas.

O popular que havia ficado fora de moda, seja pela retórica neoliberal, ao centro, seja pelo conteúdo de classe, à esquerda, está de volta. Diferentemente da experiência peessedebista, o “Real do Lula” veio acompanhado de mensagem que faz sentido para os mais pobres: a de que pela primeira vez o Estado brasileiro olha para eles, os deserdados, e, portanto, se popularizou. Eis o motivo de o ex-presidente insistir que “nunca na história deste país...”.

Irritados, os supostos “formadores de opinião” não percebem que Lula não está se dirigindo a eles e martelam a tecla de que a história não começou com Lula, o que é verdade. Contudo, ouvido vários degraus abaixo, o bordão adquire sentido distinto: Nunca na história dos mais humildes o Estado olhou tanto para eles. (SINGER, 2012, p. 46, grifo do autor)

Com o lançamento do Bolsa Família, a partir de setembro de 2003, teve início uma melhora gradual e real na condição de vida dos mais empobrecidos. O Bolsa Família teve uma enorme quantidade de recursos a ele destinados: em 2004, recebeu verba 64% maior do que antes e, em 2005, 24%; atendia 3,6 milhões de famílias e, em dois anos, passou a atender 8,7 milhões; seu orçamento foi multiplicado por treze entre os anos de 2003 e 2006: pulou de 570 milhões para 7,5 bilhões de reais. Perto do pleito de 2006, alcançava 11,4 milhões de famílias. O Bolsa Família, segundo Singer (2012), teve grande influência nos votos dados a Lula em 2006.

Mas não foi apenas o Programa Bolsa Família o responsável pela mudança de vida e pela fidelidade e amor dos mais pobres. Houve também o aumento real do salário mínimo de 24, 25% no primeiro mandato, o uso do crédito consignado por aposentados a partir do ano de 2004, a diminuição de preços da cesta básica e uma série de programas como *Luz para Todos*, regularização das propriedades quilombolas, construção de cisternas no semiárido, maior

acesso à educação, dentre outros. Todas essas ações, em conjunto, resultaram na diminuição da pobreza a partir de 2004.

Em 01 de outubro de 2010, a edição nº 646 da revista *Época* foi praticamente toda dedicada a reportagens sobre Lula. Em um delas, intitulada *O presidente e o mito*, a jornalista mostra a história do casal José João e Luzimaria (ARANHA, 2010, p. 1):

Uma pequena amostra da mitificação da imagem de Lula pode ser encontrada na sala recém-mobiliada de Luzimaria Silva Nascimento, de 32 anos, moradora de Caetés, o município-sede da região rural onde o presidente nasceu e viveu até os 7 anos de idade. Ela é decorada com dois sofás novos, uma luminária ainda no plástico, um conjunto de mesa de centro, mesa de canto, um armário e um rack que serve de suporte para a TV e o som. Tudo comprado em muitas parcelas ao longo dos últimos anos. A sala foi pintada de três cores: amarelo, lilás e azul. Atrás da TV, em um dos quadros pendurados na parede lilás, vê-se uma fotomontagem com Luzimaria, seu marido, José João do Nascimento, e uma imagem de Lula ao centro. “Para mim, ele é um pai”, diz Luzimaria, ao se referir ao presidente. Em 2002, ela prometeu, caso Lula ganhasse a eleição, que subiria de joelhos uma pedra de 600 metros. Prometeu e cumpriu. No topo, acendeu um maço de velas. Seu marido, José João, diz que Lula foi emoldurado junto na foto com o casal porque o presidente também teria cumprido sua parte da promessa de melhorar a vida da família. Na casa onde moram com mais cinco pessoas, ainda há cômodos em que as paredes estão descascando e os lençóis são usados como portas. A sala pôde ser equipada porque o preço da comida caiu, a aposentadoria de Nascimento subiu e Luzimaria passou a ganhar o benefício do programa Bolsa Família – R\$ 80 – para a filha de 3 anos.

Foto 1 – João José e Luzimaria



Fonte: Aranha (2010, p. 2)

De acordo com Aranha (2010), em Pernambuco, estado em que Lula nasceu, e, principalmente, em cidades no interior do estado, é comum encontrar foto de Lula nas casas. As pessoas adoram Lula, acendem velas e rezam por ele. Singer (2012) afirma que, para encontrar fervor lulista, é preciso ir até o interior do Nordeste e conversar com pessoas que experienciaram a mudança de vida proporcionada pelo governo, como Luzimaria e José João.

Na expectativa de que o programa de inclusão continue a ser cumprido, os mais pobres apoiam Lula, enquanto os menos pobres que, segundo Singer (2012), encaram o discurso lulista como falso e aproveitador, pois acreditam que foi através do dinheiro que lhe foi tirado com os impostos que Lula adquiriu tamanho sucesso, unificam-se em torno do PSDB, em busca da restauração do seu *status quo ante*.

Afinal, ele bancaria o “bom pai” com recursos alheios. Além disso, o estilo de vida pequeno-burguês é ameaçado pela ascensão do subproletariado. A presença de consumidores populares em locais antes exclusivos, como aeroportos, diminui o *status* relativo de quem antes tinha neles exclusividade. No espaço público, a classe média tradicional brasileira começa a ser tratada como “igual”, e não gosta da experiência. (SINGER, 2012, p. 119, grifo do autor)

No que diz respeito aos mais pobres agraciados pelos programas do governo, Singer (2012) os classifica como subproletariado. Os subproletários são aquelas pessoas superempobrecidas, que vivem na miséria, na informalidade e cuja renda mensal chega até um salário mínimo *per capita* e, ainda, pela metade dos que recebem, no máximo, dois salários mínimos *per capita*. São pessoas exploradas pela classe média como subgente. São as empregadas domésticas, os ambulantes, os lavadores de carros, os que vivem na informalidade. Sua origem remete ao período da escravidão. Ao longo do século XX, o subproletariado não conseguiu incorporar-se à condição de proletariado, “reproduzindo massa miserável permanente e regionalmente concentrada” no Norte e, principalmente Nordeste do Brasil. Já entre os estados do Sul e Sudeste, Singer (2010) afirma que os que mais se aproximam do Norte e Nordeste são Minas Gerais e Rio de Janeiro. O autor destaca que, ao tocar na questão da miséria, o Lulismo está relacionado ao que ele chama de questão setentrional: uma política na qual os próprios excluídos sustentavam a exclusão.

O lulismo provocou um deslocamento na identificação do eleitorado com o PT: se ao longo de sua história o partido perdia a simpatia dos segmentos de baixa renda e escolaridade, atingindo, segundo Meneguello (1989), um público diferenciado, pertencente a estratos mais favorecidos da população, a partir de 2002, o movimento inverso acontecia.

Há nítida percepção do sentido da transformação do PT na afirmativa do então presidente do partido, Ricardo Berzoini, em março de 2008: “Hoje o PT tem uma força no Nordeste que há quinze anos nem sonhava ter. Em regiões onde o impacto das políticas do governo foi menor, muitas vezes o questionamento ético supera a força das realizações. Depende muito da região e do estrato social”. (SINGER, 2012, p. 66, grifo do autor)

O PT, seguindo a mesma direção do Lulismo, torna-se, então, o “partido dos pobres”, ganhando a simpatia, admiração e voto do subproletariado. Defendendo, simultânea e paradoxalmente, reformas estruturais profundas e estabilidade econômica, propriedade social dos meios de produção e respeito aos contratos, um discurso anticapitalista e o apoio às grandes empresas, coexistem no PT dois partidos diferentes num mesmo corpo partidário.

2.3.4 *Dilma: a candidata de Lula*

De acordo com a biografia publicada no *site* do Palácio do Planalto (PALÁCIO DO PLANALTO, 2014), Dilma, juntamente com seu marido Carlos Araújo, ajudou a fundar o Partido Democrático Trabalhista (PDT) no Rio Grande do Sul. Em 1986, foi escolhida para ocupar a Secretaria da Fazenda da capital gaúcha. Nos anos 1990, retornou a Fundação de Economia e Estatística (FEE) como presidente e, em 1993, tornou-se Secretária de Energia, Minas e Comunicação do Rio Grande do Sul. Em 1998, o petista Olívio Dutra foi eleito como governador do Rio Grande do Sul e Dilma, novamente, ocupou a Secretaria de Energia, Minas e Comunicação do estado. Dois anos depois, filiou-se ao PT.

Já filiada ao PT, em 2002, Dilma foi convidada para participar da equipe de transição entre os governos de FHC e Lula. “O trabalho realizado no governo gaúcho chamou a atenção de Luiz Inácio Lula da Silva, já que o Rio Grande do Sul foi uma das poucas unidades da federação que não sofreram com o racionamento de energia em 2001.” (PALÁCIO DO PLANALTO, 2014) Dilma foi, então, convidada pelo presidente para ser Ministra de Minas e Energia. Quando, em novembro de 2002, Lula convocou a imprensa para anunciar os nomes dos ministros do Trabalho, da Educação, da Saúde, dos Direitos Humanos e de Minas e Energia, ele apresentou Dilma dizendo: “Havia quem pensasse que esse ministério era coisa de homem. Vamos provar que pode ser liderado por uma mulher.” (Cf. AMARAL, 2011, p. 115)

Em 2005, com a crise do mensalão e as denúncias contra José Dirceu, então chefe da Casa Civil, Lula escolheu Dilma para ocupar esse posto. A ministra assumiu a direção de programas importantes para o governo: o PAC e o Minha Casa, Minha Vida. Além disso, coordenou a Comissão Interministerial para definir as regras para a exploração das reservas do pré-sal e, ainda, integrou a Junta Orçamentária do Governo, encarregada de avaliar a liberação de recursos para obras.

Em março de 2008, quando Lula foi ao Rio anunciar obras de mais de um bilhão de reais nas favelas do Alemão, Manguinhos e Rocinha, ele pediu que Dilma fosse até a frente do palco para que pudesse ser vista por todos e, agradecendo à ministra, chamou-a de “a mãe do PAC”. Isso se repetiu nos discursos de Lula nas três favelas mencionadas. Segundo Amaral (2011), o então ministro Franklin Martins provocou Dilma, dizendo que Lula havia lançado sua candidatura naquele dia. “Dilma desconversou. Querendo ou não falar do assunto, o fato é que o nome da ministra já frequentava as listas de candidatos dos institutos de pesquisa.” (AMARAL, 2011, p. 173)

Em abril de 2010, Dilma deixou o governo para, indicada e apoiada por Lula, ser candidata à Presidência da República.

2.3.5 Dilma na mídia: da campanha ao final do primeiro mandato

Após ser indicada por Lula para ser sua sucessora, Dilma passou a ser alvo da mídia, tanto televisiva quanto impressa. Vários jornalistas se dedicaram a escrever sobre a Ministra, sua história de vida, sua aparência, seu comportamento, sua experiência/inexperiência política e sua capacidade/incapacidade para liderar o país.

Assim como Lula, Dilma sofreu várias mudanças em sua aparência e isso também foi comentado na mídia. De acordo com Aquino (2010), colunista da revista Época, a nova aparência de Dilma, em 2010, deixou a candidata à Presidência da República mais feminina, mais suave, esbanjando sorrisos e autoconfiança. Tal transformação, segundo a colunista, tinha como objetivo maior a HDTV: “a televisão digital de alta definição, implacável em sua precisão, que mostra até os sinais da alma... A imagem na TV, justa ou injustamente, faz um candidato ganhar ou perder votos. Na campanha estética, Dilma tem muito mais truques e recursos do que o tucano Serra” (AQUINO, 2010).

Figura 3 – Imagens de Dilma



Fonte: AQUINO (2010).

Mas, segundo a mídia, não era apenas a aparência de Dilma que deveria preocupar os petistas. Ao contrário de Lula, Dilma não tinha tido uma história de vida na pobreza, não era carismática e nem simpática, o que tornava difícil a identificação do povo com ela, como mostra a charge abaixo:

Charge 7 – Simon Taylor, A Charge Online, 06 maio 2010.



Fonte: Charge online.

Aranha (2010, p. 2) afirma que “Lula domina, como poucos, a relação com seu público”. E, ainda, que as pessoas se identificam com o ex-presidente não apenas por causa de

sua trajetória de vida ou retórica, mas também com base no seu gestual e na sua linguagem corporal.

“Ele tem um cochichado bom”, diz Maria Luna, de 92 anos, moradora de Caruaru. Ela vibra quando vê, pela TV, Lula falando no ouvido das pessoas durante os eventos. “Ele cochicha e dá risada. É assunto particular, segredo dele com o povo.” Os olhos brilham quando ela fala do presidente, que ela classifica como “o maior estadista do mundo” e, em momentos mais entusiasmados, “pai celestial”. (ARANHA, 2010, p. 2, grifo do autor)

Dilma, ao contrário de Lula, não parecia à vontade ao falar em público. A candidata não conseguia comover o auditório, arrancar aplausos e gritos como fazia o seu antecessor e foi bastante criticada pela mídia por causa disso. Fiúza (2014), colunista da revista Época, por exemplo, em uma de seus textos a chama de “poste que fala”. Sobre a postura e desenvoltura de Dilma quando discursava no Congresso do PT no qual foi lançada sua candidatura, ele diz:

Durante quase uma hora de discurso, quem se imaginou num país dirigido por aquela senhora ficou, no mínimo, mareado. Sua movimentação de braços excessiva e a esmo, parecia tentar domar o volante de um carro desgovernado. Acompanhar a expressão corporal e facial da ministra era, de fato, um exercício estonteante. Nada combinava com nada. Tentativas de sorriso duelavam com gestos bruscos, palavras medidas para dar informalidade saíam em tom categórico, o olhar se fixava criteriosamente no nada. (FIÚZA, 2014, p. 13)

Lula entrou na campanha de Dilma como seu padrinho. Em alguns comícios, inclusive, ele compareceu sozinho e desferia críticas aos adversários de Dilma como se ele mesmo fosse o candidato. Os jornalistas Silva e Rocha (2010) dizem que, com ou sem Dilma ao seu lado, Lula sempre era a maior estrela nos compromissos públicos de campanha e era o último a falar nos comícios, o que mostrava uma clara inversão de papéis, já que normalmente a última pessoa a falar é o candidato(a) ao cargo eletivo. Silva e Rocha afirmam que em um dos comícios de Dilma em Valparaíso, Goiana, o discurso de Dilma, que eles classificam como “técnico” e “racional”, causou pouco impacto. Já quando Lula falou, “houve uma explosão na plateia”: “Nos comícios, muitas vezes Lula age como se fosse o próximo presidente. Faz até promessas, como aconteceu em Contagem, Minas Gerais, na quarta-feira, quando anunciou que será contratada a construção de 2 milhões de casas próprias.” (SILVA; ROCHA, 2010)

Dilma nunca havia disputado uma eleição. Porém, tinha ao seu lado Lula, seu “padrinho”, que considerava que o fato de ela não ser tão conhecida pelo povo, aliado ao fato

de ser mulher, poderia representar uma vantagem. Além disso, a avaliação positiva que o governo Lula tinha indicava que o seu sucessor poderia sair vitorioso na disputa.

Uma questão levantada ainda em 2010, tanto pela mídia, quanto por cientistas políticos, foi em relação ao papel que Lula desempenharia no novo governo, caso Dilma fosse eleita. Dilma foi escolhida por Lula. Foi ele quem traçou a estratégia eleitoral e fez alianças para levá-la à Presidência. Lula desafiou a Legislação eleitoral para fazer campanha para Dilma e, ainda, indicou os principais integrantes do comando da campanha. Tudo isso gerava dúvidas sobre a influência que ele exerceria no provável futuro governo. Os jornalistas Silva e Rocha (2010) encerram sua reportagem dizendo:

Quem conhece Dilma de perto está curioso para saber como ela se adaptará ao papel de presidente. Conhecida pelo estilo autoritário, ela gosta de exercer poder e fica difícil prever como se comportará com a caneta mais importante do país. Se conseguir ter vida própria, terá chances de ocupar lugar de destaque na galeria dos ex-presidentes. Caso deixe valer a vontade de Lula, ficará na história como uma sombra. Pelo que se viu até agora, a margem de manobra para Dilma imprimir uma marca pessoal na Presidência, se eleita, esbarrará na figura onipresente de seu antecessor.

Na biografia autorizada de Dilma, Amaral (2011, p. 168) afirma que para tocar o PAC,

Dilma infernizou a vida de assessores e colegas de ministério. Miriam Belchior e outros assessores estiveram a ponto de deixar a Casa Civil. Lula contava que ministros iam a seu gabinete queixar-se da forma como eram cobrados por Dilma. O presidente recomendava a ela que fosse mais suave, ao menos com os colegas, mas nunca a desautorizou. A fama de durona e irascível se espalhou na Esplanada e chegou à imprensa. Quando repórteres perguntavam sobre o assunto, Dilma costumava se sair com esta: “Sou uma mulher dura cercada de homens meigos.”

No mesmo caminho, em sua matéria, Loyola (2014b) diz: “No ministério e na Presidência, a obsessão por dados, a pouca paciência para discussões subjetivas, a falta de apetite pela política e as broncas destemperadas em subordinados viraram as marcas pessoais de Dilma.”

Perto do final do seu segundo mandato, Lula intensifica a aparição da então ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff. Dilma foi apelidada por seu antecessor de “mãe do PAC” e, em diversas ocasiões, foi apresentada como responsável pelo sucesso do governo.

Embora negasse ser candidata à Presidência da República, a oposição começou a apontar irregularidades em relação à legislação eleitoral, fazendo com que Lula e Dilma recebessem multas, antes e durante o processo eleitoral.

As charges 8 e 9 mostram Lula fazendo campanha para Dilma. Na charge 8, o artista coloca Lula desempenhando uma tarefa não política e, mesmo assim, fazendo campanha para Dilma, mostrando que em todas as situações e eventos Lula fazia campanha.

Já na charge 9, após ser multado por fazer campanha irregular, o chargista mostra que Lula não parou, mas apenas disfarçou, no caso da charge, usando a língua do “p”, brincadeira na qual repetimos cada sílaba das palavras com um “p” no início, para dificultar a compreensão.

Charge 8 – Nani, Nanihumor, 27 out. 2009



Fonte: Nanihumor (2014)

Charge 9 – Amarildo, A Gazeta (ES), 26 mar. 2010.



Fonte: Charge online.

Fiúza (2014) afirma que em 29 de abril de 2010, quando Lula entrou em rede nacional, ele estava fazendo comício para Dilma. Sobre a comemoração do Dia do Trabalho que foi feita pelo presidente no mesmo dia, o colunista escreve:

“Vocês sabem quem eu quero”, bradou o presidente no sabadão sindical. Sim, sabemos. O TSE também está careca de saber, como comprovam as multas aplicadas a Lula por campanha fora de hora, em sua longa micareta eleitoral. [...] Lula não quer nada de mais, apenas comemorar o Primeiro de Maio em abril, vender sua Dilma em horário alternativo e fazer comício dia sim, outro também. (FIÚZA, 2014, p. 29)

Durante a campanha de 2010 e no decorrer do primeiro mandato de Dilma, não pararam as críticas da mídia sobre ela ser apenas uma “marionete” de Lula no Palácio do Planalto. Exemplo disso são as charges a seguir, publicadas em diferentes momentos.

A charge 10 foi publicada em 2010, quando Dilma era candidata à Presidência e dizia-se que, caso ganhasse, seria comandada por Lula. Já a charge 11, publicada em 2013, remete ao fato de que alguns petistas, desgostosos com o andamento do governo Dilma, levantaram a bandeira do “Volta, Lula!” querendo que o candidato do partido à Presidência da República fosse Lula. A charge retoma a fala da própria presidente, de que Lula não voltaria, pois nunca havia saído.

Charge 10 – Eder, Comércio Araraquara, 07 abr. 2010.
LULA ESTÁ CONVENCIDO DE QUE DILMA SERÁ NOVA PRESIDENTE...



Fonte: Blog do PPS (2010)

Charge 11 – Lailson, Humor político, 31 jul. 2013.



Fonte: Humor político (2013)

O mesmo aconteceu na campanha pela reeleição, em 2014. Fiúza (2014) apelida Dilma de “avatar” de Lula e critica:

Sem nenhum plano de governo, com um ministério fisiológico de cabo a rabo, sem um mísero ato de estadista em dois anos de mandato, Dilma se destaca por ser ou não ser Lula, dependendo do ponto de vista. É a apoteose da nulidade, que o Brasil progressista e feminista consagra com aprovação recorde. (FIÚZA, 2014, p. 217)

Em sua primeira disputa eleitoral, Dilma não tinha experiência anterior. Porém, seu discurso era de continuidade do que foi feito no governo Lula. Lula, por sua vez, com seus quase 80% de aprovação, demonstrava confiança em sua candidata: “Parecia mesmo que Lula entendia o que o povo brasileiro precisava ouvir, e nas propagandas eleitorais aparecia defendendo o papel de Dilma no governo e em suas realizações.” (OLIVEIRA, 2011, p. 71)

Evelin (2010) afirma que

Lula impôs a seu partido, o PT, uma candidata totalmente inexperiente em disputas eleitorais, transformou-a em favorita – transpondo, em muitas ocasiões, os limites da lei e das boas práticas republicanas – e agora está muito próximo de elegê-la como sucessora. Navegando em índices quase escandalosos de popularidade, próximos dos 80% de aprovação, Lula viu a própria oposição, de forma canhestra, tentar se associar a seu sucesso.

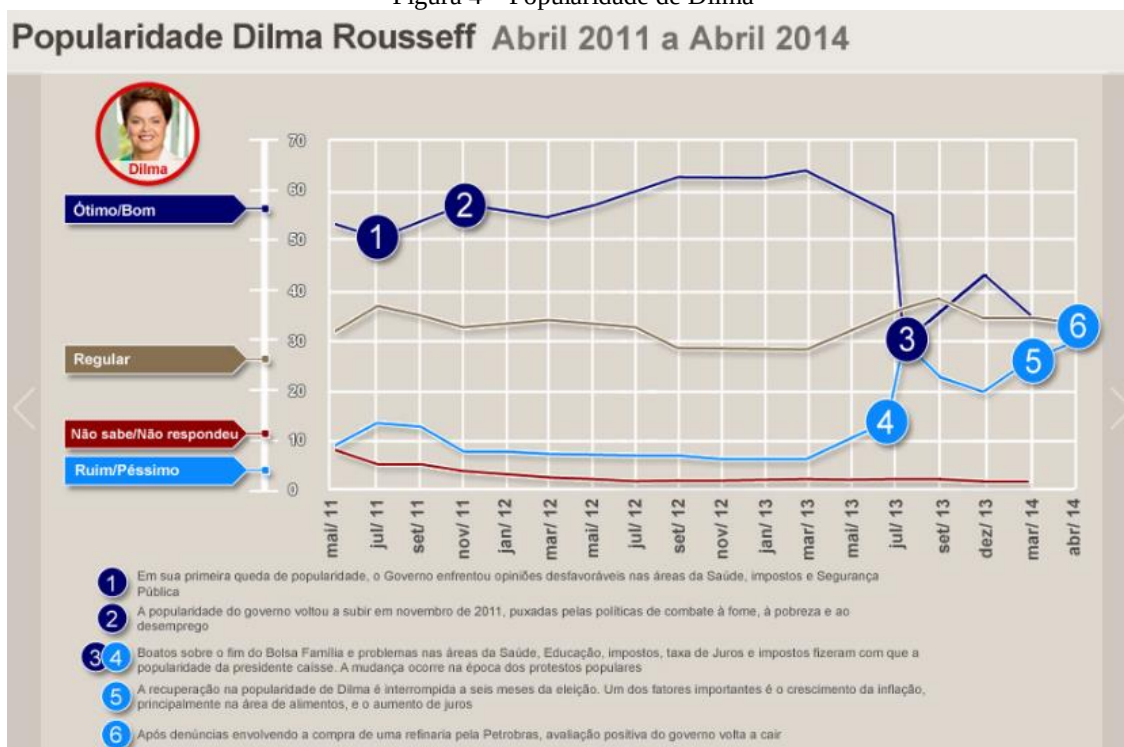
Em 31 de outubro de 2010, Dilma foi eleita a primeira mulher Presidente, ou Presidenta, como ela gosta de ser chamada, do Brasil. Dilma venceu o pleito em 2010 com

uma plataforma de campanha que dava continuidade ao que foi feito no governo Lula: transferência de renda, expansão do crédito popular, valorização do salário mínimo e geração de emprego.

Podemos dizer que sua gestão foi marcada por altos e baixos, crises, escândalos, denúncias, críticas, manifestações e eventos de grande porte, como a Copa do Mundo e a Jornada Mundial da Juventude.

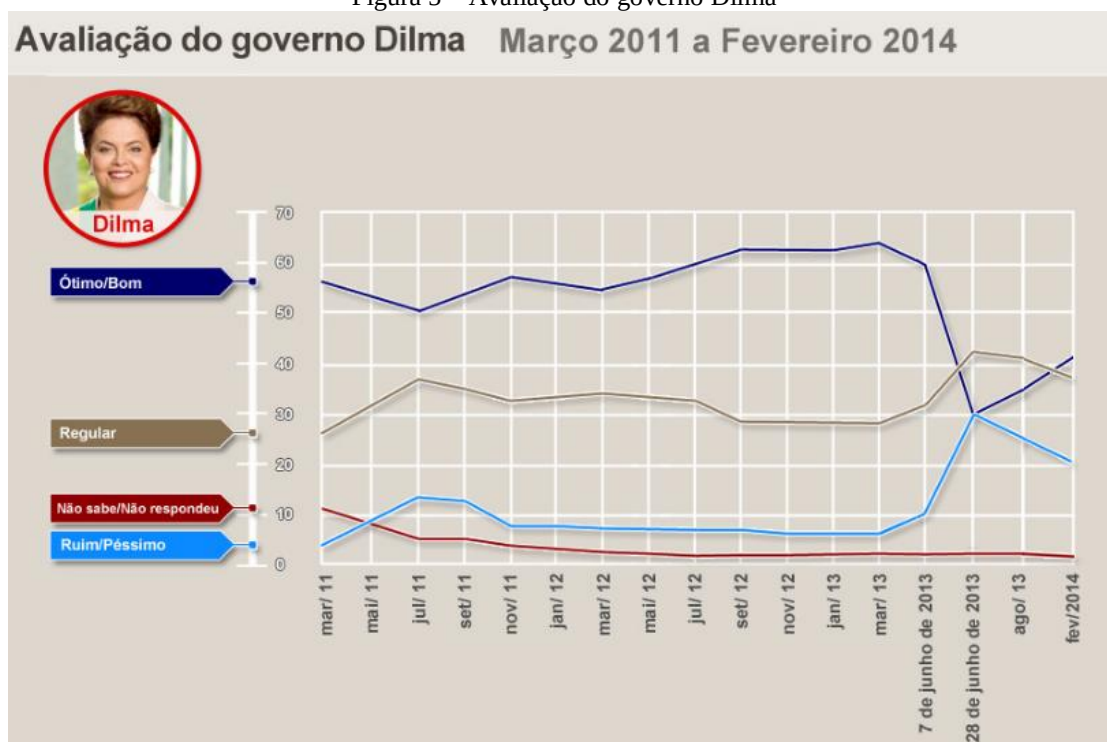
Dilma Rousseff deu início ao seu primeiro mandato com um alto índice de aprovação e popularidade. Porém, no decorrer do seu governo, principalmente a partir de 2013, sua popularidade foi caindo, juntamente com a aprovação de seu governo, como podemos ver nas pesquisas do CNI/Ibope e Datafolha, respectivamente:

Figura 4 – Popularidade de Dilma



Fonte: CNI/Ibope (In: TERRA, 2014)

Figura 5 – Avaliação do governo Dilma



Fonte: Datafolha (In: TERRA, 2014).

Ao fazer um balanço do primeiro mandato de Dilma, o cientista político Carlos Melo (2014) diz que, enquanto para a oposição, o governo mergulhou em um mar de corrupção, teve dificuldades de articulação e houve uma deterioração da atividade política, para os que apoiam a presidente, o governo conseguiu aprovar tudo o que desejou e o sucesso do governo pode ser comprovado com os índices de popularidade que alcançou.

Como sempre, a verdade está no equilíbrio: esse início de governo não foi o desastre anunciado pela oposição - uma presidente sem autoridade, incapaz, em contradição com o antecessor, que a impediria de governar; houve tensão, mas não se pode falar em fragmentação do bloco no poder instituído por Lula. No entanto, tampouco houve avanços: o País girou em torno do que inapropriadamente se chamou "faxina" - que, no caso, foi menos disposição de "limpar" do que reação aos estilhaços dos cristais que se foram. (MELO, 2014)

Melo (2014), porém, afirma que houve retrocessos, prejudicando a imagem construída nos dezesseis anos anteriores à Dilma. Ele diz que o governo não possuía agenda clara, não conseguia negociar com seus opositores, que a inflação subiu, o crescimento do país foi modesto e a autonomia do Banco Central foi questionada.

No campo econômico, Silva (2014) afirma que uma das maiores críticas é a de que a presidente desmontou o tripé econômico, adotado desde 1999: metas de inflação, câmbio flutuante e superávit primário. Na avaliação do mercado financeiro, diz Silva (2014), o

primeiro mandato de Dilma não obteve resultados positivos na economia: o PIB não cresceu como esperado, a inflação aumentou muito, os investimentos e a confiança dos consumidores e dos investidores minguaram.

Um alerta para a presidente Dilma Rousseff, o ministro Guido Mantega e o presidente do Banco Central, Alexandre Tombini: o foco exagerado no crescimento econômico, em detrimento do controle da inflação e das expectativas inflacionárias, está azedando o humor dos investidores estrangeiros em relação ao Brasil. Baixar os juros na marra, quase por decreto, pode dar problema mais à frente, sob a forma de repique inflacionário. (SILVA, 2014 , cap 1 – p. 13)

Para Silva (2014), o governo não faz planos para crescimento econômico em médio e longo prazos. O economista (2014, p. 71) afirma que, de acordo com um grande investidor brasileiro, que não quis se identificar para evitar represálias por parte do governo, “Dilma está pagando agora o preço pela condução da economia com um viés fortemente intervencionista, adotando medidas hostis aos investidores, além de ter tirado o enfoque do combate à inflação e do controle das contas públicas.”

O mesmo autor (2014) também diz que o problema da economia brasileira, segundo economistas e investidores, é a própria Dilma Rousseff: “A presidente tem ingerência excessiva na política econômica e não há ninguém com coragem suficiente na Esplanada dos Ministérios ‘para pôr limites aos caprichos de Dilma’.” (SILVA, 2014, cap 2 – p. 73, grifo do autor)

O jornalista Sampaio (2014) afirma que, embora a presidente Dilma tenha lançado vinte e três pacotes com medidas para estimular a economia brasileira (dentre essas medidas temos a desoneração da folha de pagamento, o corte do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) sobre a linha branca, reforma de portos e aeroportos e novo marco regulatório da mineração), durante seu mandato, a economia não cresceu e o governo perdeu credibilidade.

Internamente, os próprios técnicos da equipe econômica admitem que houve um excesso de medidas, mas a visão do governo é clara: não fossem os estímulos fiscais e monetários concedidos nos últimos anos, o ritmo da economia brasileira seria ainda mais lento, e a inflação ainda mais alta. No Palácio do Planalto, o entendimento é que as medidas estruturais, como a desoneração da folha de pagamentos, as concessões ao setor privado e a desvalorização da taxa de câmbio, ainda vão surtir efeito pleno sobre a atividade produtiva. (SAMPAIO, 2014)

Para Juan Jensen (apud SAMPAIO, 2014, grifo do autor), da Tendências Consultoria, o governo mudou “as regras do jogo” rapidamente e os pacotes lançados não cumpriram com seu objetivo principal:

‘Todo remédio tem efeito colateral. O problema do governo é que ele atacou os efeitos colaterais dos seus remédios com novos medicamentos’, disse o economista, que citou o caso do setor de combustíveis. Para auxiliar a Petrobras, mas ao mesmo tempo evitar que um reajuste da gasolina chegasse ao consumidor, o governo zerou o principal tributo do setor, a Cide. Com isso, reduziu sua arrecadação, e deixou a gasolina mais competitiva que o etanol. Então, concedeu um pacote ao etanol, com redução do PIS/Cofins, o que reforçou a piora fiscal.

Outra economista que critica a política econômica do governo Dilma é Thais Marzola Zara, da Rosenberg Associados. Segundo Thais (Cf. SAMPAIO, 2014), como o governo não tinha um plano em longo prazo, cada vez que se defrontava com algum problema, improvisava lançando um pacote.

Assim como na área econômica, em outras áreas, como saúde, educação e políticas públicas, o governo estava causando rejeição por parte de parcela da população, de parcela da classe média. A partir de Junho de 2013, uma série de manifestações ocorreu em várias capitais brasileiras e foi amplamente divulgada na imprensa. De início, os protestos eram contra o aumento das tarifas de ônibus. Mas, logo depois, tomaram proporções bem maiores e os manifestantes iam às ruas gritar por melhorias no transporte público, na educação, na saúde e, ainda, protestar contra a corrupção, os gastos com a Copa do mundo, o aumento da inflação e uma série de outros fatores como, a homofobia e Projetos de Emenda Constitucionais enviados pela presidente ao Congresso. Dizia-se que “O Gigante acordou”, referindo-se ao Brasil que ia às ruas reclamar e exigir do governo melhorias. A popularidade de Dilma caiu. A viabilidade de sua candidatura à reeleição começou a ser questionada nos meios de comunicação. Na charge 12, por exemplo, o artista nos mostra que com as manifestações e protestos, Dilma já não conseguiria ser eleita no primeiro turno, como esperava.

Charge 12 – Pelicano, Bom Dia (SP), 01 jul. 2013.



Em entrevista no programa *De Frente com Gabi*, do SBT, em julho de 2013 (Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=0MdnTBgPjJ0>>. Acesso em: 02 fev. 2014), o cientista político Alberto Carlos Almeida afirma que as manifestações de junho de 2013 têm como características não possuir líder, não ter conexão institucional e, ainda, não ter uma demanda específica. Buscava-se melhor qualidade de vida. O cientista afirma, ainda, que as pessoas que fizeram as manifestações, em sua grande maioria, cursavam ou já tinha cursado o ensino superior. Quando questionado sobre a influência que os protestos teriam nas urnas, Almeida explicou que as manifestações criaram uma expectativa muito grande de que o Brasil iria mudar. E isso não vai acontecer. Segundo ele, os protestos fazem parte de um fenômeno de mudança de pensamento político que vem acontecendo gradualmente no país. O eleitor está dando um recado para os políticos: “sejam mais austeros, mais eficientes e dêem exemplo, precisamos de uma sociedade mais igualitária. Isso também inclui vocês”.

Em 2013, Dilma foi vaiada na abertura da Copa das Confederações. Em 2014, Dilma foi xingada e vaiada na abertura da Copa do Mundo. Segundo os jornalistas, com a derrota do Brasil, Dilma lamentou: o governo temia o prejuízo tanto na área econômica, quanto na eleitoral.

Charge 13 – Paixão, Gazeta do Povo (PR), 15 jun. 14.



Fonte: Charge online.

Dentro de seu próprio partido, o PT, Dilma viu surgir o movimento *Volta, Lula*, ameaçando sua candidatura à reeleição em 2014. Alguns petistas, temendo a derrota de Dilma, lutavam para que o ex-presidente se tornasse o candidato do partido.

Charge 14 – Pelicano, Bom Dia (SP), 29 jul. 2013.



Fonte: A Charge Online.

Dentre os escândalos no governo Dilma, temos, logo no primeiro ano de seu mandato, a demissão de sete ministros, acusados de envolvimento em esquemas de corrupção. Nesse primeiro escândalo, porém, Dilma saiu com a popularidade em alta, sendo vista pelo povo como a mulher que faria uma “limpeza” na casa (ver charge 15).

Charge 15 – Dálcio, Correio Popular (SP), 31 ago. 2011.



Em 2014, através de investigação da Polícia Federal, eclode o maior escândalo do governo Dilma: o Petrolão. O Petrolão, que recebeu tal nome em referência ao mensalão, descoberto durante o governo Lula, é um esquema de corrupção e desvios de fundos na Petrobrás, maior empresa estatal brasileira, para beneficiar políticos, comprar votos e financiar campanhas. O funcionamento e os envolvidos no Petrolão ainda estão sob investigação. Mas, temia-se que esse escândalo pudesse prejudicar a imagem do ex-presidente Lula e da presidente Dilma.

Às vésperas do segundo turno da eleição para presidente em 2014, a revista semanal de maior circulação no país – *Veja* – antecipou a publicação de uma edição cuja capa trazia Lula e Dilma e dizia “Eles sabiam de tudo”. Segundo o PT e os aliados de Dilma, a revista estava tentando influenciar os eleitores a votar em Aécio Neves, do PSDB. A então candidata à reeleição ameaçou processar a revista e a coligação de Dilma entrou com um pedido no TSE para retirar a revista de circulação. No entanto, o pedido foi negado.

Como vimos, porém, nem o Petrolão nem os ataques da mídia impediram a reeleição de Dilma Rousseff. Dilma foi reeleita em 2014, sendo a candidata eleita que obteve a menor votação nas últimas quatro eleições para Presidente do Brasil: 52% dos votos, contra 48% do seu adversário Aécio Neves, do PSDB. Iniciou seu segundo mandato sendo alvo de críticas e denúncias por parte da imprensa.

Isto aqui, o que é?

*Isto aqui, ô ô
É um pouquinho de Brasil iá iá
Deste Brasil que canta e é feliz,
Feliz, feliz,*

*É também um pouco de uma raça
Que não tem medo de fumaça ai, ai
E não se entrega não*

*Olha o jeito nas 'cadeira' que ela sabe dar
Olha só o remelexo que ela sabe dar*

*Morena boa, que me faz penar,
Bota a sandália de prata
E vem pro samba sambar*

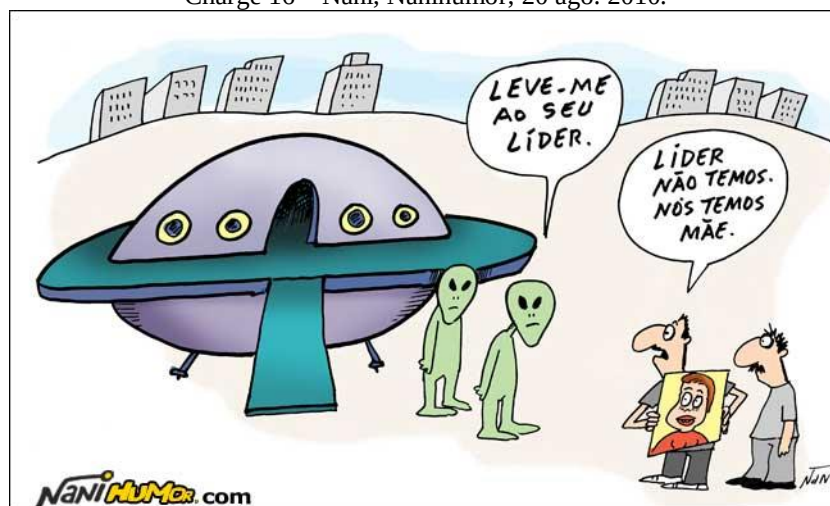
Ary Barroso

3 DILMA: MÃE CUIDADOSA, MULHER DO PAI OU MADRASTA?

Como vimos anteriormente, pensar o governo ou governante como figura paterna ou materna não é algo novo, nem exclusivo de um país/sociedade. Segundo Lakoff (2002), a metáfora do governo como pai/mãe deriva de uma metáfora maior: INSTITUIÇÃO É FAMÍLIA. A partir dessa metáfora, temos a metáfora complexa NAÇÃO É FAMÍLIA, que se desdobra em GOVERNO/PRESIDENTE É PAI/MÃE e CIDADÃOS/OUTROS MEMBROS DO GOVERNO SÃO CRIANÇAS/FILHOS.

Lakoff e Wehling (2012) afirmam que a metáfora NAÇÃO É FAMÍLIA está presente não apenas na sociedade americana, mas é uma metáfora universal. No Brasil, assim como nos Estados Unidos, as metáforas acima mencionadas também podem ser encontradas e materializadas em diversos textos, através de expressões várias, como na charge abaixo:

Charge 16 – Nani, Nanihumor, 20 ago. 2010.



Fonte: Nanihumor

Desse modo, tendo como base as metáforas acima e o fato de que (a) Lula foi categorizado, durante seu governo, de “Pai dos pobres”; (b) na campanha de 2010, Dilma Rousseff, foi apresentada à nação, pelo próprio Lula, como “mãe” e, por fim, (c) a própria Dilma afirmou, em comício, que seria a “mãe dos brasileiros”, surgem as seguintes perguntas:

- As metáforas PRESIDENTE É PAI/MÃE, CIDADÃOS/OUTROS MEMBROS DO GOVERNO SÃO FILHOS são atualizadas por expressões que se referem à Dilma?
- Se sim, segundo os modelos de família do Pai Severo e do Pai/Mãe Cuidadoso(a), como ela é categorizada?

Essas são as perguntas que tentaremos responder em nossa análise.

3.1 Aspectos metodológicos da pesquisa

Para realizar nossa pesquisa, passamos por três etapas: levantamento bibliográfico/leitura, coleta de dados e análise do material coletado.

No levantamento bibliográfico, procedemos à leitura de textos sobre metáfora, a Teoria da Metáfora Conceptual e a relação entre metáfora e cultura. Também procuramos e lemos textos que nos ajudassem na contextualização do nosso trabalho, ou seja, textos sobre Lula, Dilma, seus governos, e outras questões ligadas a eles, como o Lulismo e o PT.

Importante frisar aqui que alguns estudos já foram feitos no campo da metáfora conceptual sobre Lula. Podemos mencionar, por exemplo, o livro de Palumbo (2014), *Referenciação, metáfora e argumentação no discurso presidencial*, que estuda as metáforas nos pronunciamentos do ex-presidente sobre a política externa de seu governo. Nele, a autora conclui que a metáfora e a referenciação são utilizadas por Lula de maneira argumentativa, ou seja, são utilizadas de maneira estratégica para construir uma imagem de um Estado, de um governo e de um governante que estariam aptos a assumirem uma maior participação nas decisões de ordem global.

Outros trabalhos incluem os de Sardinha sobre as metáforas utilizadas por Lula e a Linguística de Corpus: *Metáforas de Lula e Alckmin nos debates de 2006 em uma perspectiva da Lingüística de Corpus* (2007), *Lula e a metáfora da conquista* (2008) e *As metáforas do Presidente Lula na perspectiva da Linguística de Corpus: O caso do desenvolvimento* (2010).

No primeiro, o autor contrastou o uso de metáforas dos dois candidatos à Presidência, a fim de verificar se o candidato vitorioso utilizou metáforas de modo mais eficaz que o outro. A conclusão foi que, embora ambos tenham usado uma quantidade parecida de metáforas, Lula conseguiu dar maior ênfase ao seu discurso, pois foi mais seletivo e concentrou metáforas mais afinadas com seus propósitos.

Na segunda publicação, Sardinha observa que a palavra “conquista” se destaca no *corpus* composto de 868 pronunciamentos do Presidente. Em sua análise, ele verifica que “conquista” gera uma grande variedade de metáforas e que se constitui numa metáfora-chave nos pronunciamentos do presidente Lula, pois, sendo coerente com a história de vida e ideologia política do presidente, confere credibilidade ao seu discurso.

Já no terceiro trabalho, o autor investiga a presença de metáforas conceptuais relacionadas a “desenvolvimento”, nos mesmos 868 pronunciamentos feitos por Lula. Os resultados mostram que Lula utilizou, de maneira sistemática, três conceitos metafóricos para caracterizar desenvolvimento como um processo longo, construído, planejado e gerado pelo governo – VIAGEM, CONSTRUÇÃO e ORGANISMO.

Sperândio, em *As metáforas de Lula: Uma forma de legitimação* (2009), faz uma análise do uso das metáforas no discurso do então Presidente Lula, tendo como base a Linguística Cognitiva e a Análise Crítica do Discurso. A autora identifica que as metáforas utilizadas legitimam as ações do presidente e que é através do uso delas que Lula orienta sua argumentação, demonstrando sua visão com relação ao seu governo e ao país, ou seja, sua ideologia.

Em *Metáforas/metonímias conceptuais no discurso de Luiz Inácio Lula da Silva* (2011), Espíndola investiga as metáforas e metonímias conceptuais presentes em 11 discursos de Lula, 6 proferidos em eventos nacionais e 5, em eventos internacionais, a fim de verificar as funções semântico-discursivas que as expressões licenciadas exercem e, ainda, como elas são utilizadas como estratégia linguístico-discursiva pelo locutor. Os resultados mostram que em discursos proferidos no âmbito internacional, para autoridades estrangeiras, havia o predomínio da metonímia O PAÍS PELOS GOVERNANTES/HABITANTES e a metáfora BRASIL É UMA PESSOA. A autora chega à conclusão de que tanto a metonímia, quanto a metáfora citada funcionam como estratégias de afastamento do discurso. Porém, ela afirma que esse afastamento não é voluntário, mas determinado tanto pelo gênero discursivo, quanto pelo contexto, interlocutores e temática dos discursos.

Por fim, ainda sobre as metáforas utilizadas por Lula, encontramos a tese de Daltoé *As metáforas de Lula: A deriva dos sentidos na língua política* (2011), na qual a pesquisadora investiga, a partir de pressupostos da Análise do Discurso de Linha Francesa, as metáforas utilizadas pelo presidente como um processo discursivo que promove o deslizamento de sentidos e transforma a língua e o pensamento político até então vigente.

Também encontramos, em menor número, alguns trabalhos que tecem sobre Dilma e metáforas conceptuais como, por exemplo, o de Miranda e Mendes sobre metáforas multimodais no debate político: *A emergência de metáforas multimodais: análise da metaforização e da compressão no debate político-eleitoral* (2014). No artigo, os autores analisam metáforas multimodais em interações face a face no debate político-eleitoral. Eles levam em conta as variáveis verbal e gestual e demonstram que, quanto mais entrincheirada a

expressão metafórica está em nosso sistema conceitual, mais difícil é reconhecê-la e, quanto menos entrincheirada, mais facilmente ela é reconhecida como uma expressão metafórica.

Ainda sobre Dilma, temos o artigo de Sant`Anna, *Metáforas no discurso político de Dilma Rousseff* (2013), que investiga 35 discursos de Dilma e mostra que a utilização de metáforas fortalece a argumentação. Para a autora, tendo em vista que as metáforas são constituídas de saberes culturalmente compartilhados, possuindo um grande teor de informações implícitas e de valores emocionais, elas aproximam a presidente do seu público-alvo, contribuindo para o convencimento deste.

Por fim, salientamos que, embora existam vários trabalhos sobre metáforas utilizadas por Lula e, ainda, alguns sobre as usadas por Dilma em seus discursos/pronunciamentos, não encontramos, até o momento, trabalhos que investigem as metáforas utilizadas para categorizar Dilma Rousseff, como é o caso de nossa pesquisa.

3.1.1 O Corpus

A segunda etapa da pesquisa consistiu na coleta de dados. Nosso *corpus* é composto de charges publicadas no período de 2010 a 2014.

Para a escolha das charges, visitamos *sites* especializados, a saber, *A charge online* e *Humor político*. Os dois *sites* escolhidos, além de apresentarem algumas charges criadas exclusivamente para serem por eles publicadas, também apresentam charges publicadas em diversos jornais brasileiros, de diferentes estados. Também visitamos outros *sites* esparsos, como *blogs*, em busca de textos sobre Dilma (e também sobre Lula) que tivessem ligação com o tema do nosso trabalho.

Como trabalhamos com charges, devemos lembrar que estamos investigando metáforas multimodais, conforme vimos no primeiro capítulo de nosso trabalho, ou seja, metáforas cujos domínio-fonte e alvo são representados em diferentes modos.

A charge, geralmente, é um texto multimodal, envolvendo aspectos não verbais (figuras, cores, formas etc) e, ainda, muitas vezes, aspectos verbais. As charges, segundo Carneiro (2012), têm a política como sua principal matéria-prima. Argumentativo por natureza, esse texto aparentemente simples e ingênuo, através do qual o chargista veicula sua opinião/posição/ideologia, é capaz de influenciar o leitor, tanto quanto uma reportagem de uma revista (ou até mais). A charge possui uma função humorística, descritiva e avaliativa.

Desse modo, a charge revela-se, portanto, um gênero textual apenas aparentemente ingênuo e despretenso: o humor, que promove o riso e angaria, assim, a adesão do leitor, acentua, em verdade, seu caráter questionador e seu poder derrisório. (CARNEIRO, 2012, p. 83)

Cavalcanti (2008, p. 38) afirma que

A charge encontra-se na página de opinião, de editoriais, ou mesmo na primeira página dos jornais porque transmite informações que envolvem fatos, mas é, ao mesmo tempo, um texto crítico e humorístico. É a representação gráfica de um assunto conhecido dos leitores segundo a visão crítica do desenhista ou do jornal.

De acordo com El Refaie (2009), as charges são uma ótima oportunidade de explorar a metáfora multimodal, já que a metáfora é um artifício comumente utilizado por chargistas e a maioria das charges combina códigos visuais e verbais. Para a autora (2009), as charges de jornais agem como uma ponte entre a realidade e a ficção, combinando eventos verdadeiros com um mundo imaginário criado pelo chargista.

El Refaie (2009) destaca que a charge é um gênero que possui estilo, convenções e propósito comunicativo próprios. Geralmente ela aparece em um único quadro, publicado no editorial ou nas páginas de comentários dos jornais e, diferentemente das propagandas, nas quais o propósito comunicativo é destacar alguma característica positiva do produto anunciado, na charge, o artista representa um aspecto da vida cultural, social ou política de maneira humorística, com a intenção de expor seus aspectos negativos, algo ruim ou vergonhoso sobre a situação. Por essa razão, não é surpresa alguma que os chargistas frequentemente façam uso de estereótipos e conceitos metafóricos para representar negativamente a complexidade do mundo de maneira mais simples e engraçada.

No mesmo caminho que Forceville (2007), El Refaie (2009) afirma que o gênero textual escolhido para comunicar algo tem um importante papel na escolha das metáforas que serão utilizadas, bem como na forma em que elas serão apresentadas e, ainda, na maneira em que elas serão identificadas e interpretadas.

Embora as charges muitas vezes retratem situações claramente absurdas, elas tomam como base as experiências de vida real dos leitores e confiam em suas competências interpretativas mais amplas [...] O chargista, desse modo, confia na capacidade de cada leitor para completar em sua cabeça o que é sugerido por uma imagem, incluindo as ações que a precedem e as que sucedem o momento retratado. (EL REFAIE, 2009, p. 178-179, tradução nossa)⁴⁹

⁴⁹ Although cartoons often depict clearly ludicrous situations, they draw on readers' real-life experiences and rely on their wider interpretive competences [...] The cartoonist thus relies on every reader's ability to complete in his or her head what is suggested by an image, including the actions that precede and follow the depicted moment. (EL REFAIE, 2009, p. 178-179)

Nas charges é possível que algumas metáforas sejam compreendidas do mesmo modo, até intuitivamente, por todos os membros de um grupo cultural ou comunidade linguística. No entanto, vale ressaltar que, para compreender o que a charge veicula, o leitor necessita ter certo conhecimento cultural, social, histórico e político, pois é esse conhecimento prévio que vai gerar o riso, a crítica, a denúncia. Sem ele, não será possível ao leitor compreender, de maneira plena, o que está implícito no texto.

Como afirmam Schilperoord e Maes (2009, p. 216, tradução nossa), “o processamento e interpretação das charges requer uma mistura complexa de conhecimento político, cultural, histórico e contextual”.⁵⁰ A interpretação das charges é, em certa medida, guiada pelo gênero e por considerações pragmáticas. Os leitores provavelmente lerão e interpretarão o texto tendo em mente que ele irá criticar ou ridicularizar uma pessoa ou situação e buscarão interpretá-lo dessa maneira. A interpretação também dependerá da capacidade do leitor de reconhecer pessoas, objetos, situações e, ainda, do seu conhecimento de fatos tais como notícias atuais, eventos históricos, hábitos culturais, dentre outros. Essa capacidade de interpretação do leitor será indispensável.

Embora seja imprescindível reconhecer que as charges possuem uma dimensão pragmática tanto quanto uma dimensão cognitiva, em nosso trabalho não nos ocuparemos da interpretação que o leitor fará das charges, mas sim das metáforas conceptuais veiculadas nos textos e dos mapeamentos autorizados.

3.1.2 *Categorias de análise*

Como dissemos anteriormente, em nosso trabalho, partindo da metáfora NAÇÃO É FAMÍLIA, tomamos como categorias de análise as metáforas PRESIDENTE É PAI/MÃE e CIDADÃOS/OUTROS MEMBROS DO GOVERNO SÃO FILHOS.

Para o levantamento dos dados, procedemos à leitura exaustiva dos textos selecionados. Em primeiro lugar, verificamos se essas metáforas são atualizadas por expressões que se referem à Dilma. Depois, verificamos, de acordo com os modelos de família do Pai Severo e do Pai/Mãe Cuidadoso(a), como Dilma é categorizada. Para falar,

⁵⁰ the processing and interpretation of cartoons requires a complex mix of political, cultural, historical, and contextual knowledge. (SCHILPEROORD; MAES, 2009, p. 216)

porém, em Dilma, tivemos que partir de seu antecessor, Lula, e do que ele representa. Os dados coletados e os resultados apresentados neste trabalho foram fruto desse levantamento.

A análise, de cunho qualitativo, foi feita à luz da Teoria da Metáfora Conceptual, identificando expressões metafóricas e as metáforas por elas atualizadas, procurando encontrar a metáfora atualizada em cada charge e os mapeamentos possíveis e tentando reconstruir o ponto de vista expresso pelo chargista.

As charges foram numeradas de acordo com a ordem em que aparecem no texto. Para facilitar ao leitor recuperar os dados referentes ao *corpus*, sempre que possível, colocamos o nome do chargista, o veículo de informação no qual ela foi publicada e a data de sua publicação.

3.1.3 A parcialidade real e imparcialidade pretendida

De acordo com Severino (2002, p. 145), “A escolha de um tema de pesquisa, bem como a sua realização, necessariamente é um ato político. Também, neste âmbito, não existe neutralidade.”

Este trabalho não tem como objetivo defender este ou aquele ponto de vista, partido político, candidato ou posição política. Não ousaremos dizer que seremos imparciais, pois que a imparcialidade, visto que somos seres ideológicos, sócio-historicamente construídos, inexistente. Desse modo, temos os nossos posicionamentos e sabemos que eles fazem parte do nosso dizer, mesmo que não queiramos que isso aconteça. Ou seja, em nosso dizer poderão ser encontradas marcas do que pensamos, de como nos sentimos em relação ao tema abordado.

Porém, caso seja descoberto em nosso dizer algo que não foi dito, recorreremos ao senso comum, uma verdade por nós conhecida e partilhada, (quase) impossível de ser contestada. Poderemos negar o que não dissemos ou mesmo atribuir à interpretação do leitor aquilo que encontrou, para que desse modo, possamos nos isentar de qualquer responsabilidade pelo não dito implícito em nosso dizer.

Por fim, tomaremos a parcialidade real e a encobriremos com uma capa de neutralidade, para que, assim, possamos chegar à imparcialidade pretendida em nossa pesquisa.

3.2 Brasil: Uma grande família

Lakoff (2002) e Lakoff e Wehling (2012) nos mostram, através da análise da política na sociedade americana, que as nossas primeiras experiências de governo acontecem no seio da família. Por essa razão, temos a metáfora NAÇÃO É FAMÍLIA, que é universal. A maneira como conceptualizamos nação – como família – se desdobra em outras metáforas, quais sejam, GOVERNANTE/PRESIDENTE É PAI/MÃE e CIDADÃOS/OUTROS MEMBROS DO GOVERNO SÃO CRIANÇAS/FILHOS.

Partindo de charges publicadas no período de 2010 a 2014, pretendemos obter resultados que possam responder as nossas perguntas de pesquisa. A primeira delas, se Dilma é categorizada como mãe e a segunda, que tipo de mãe é revelado pelas charges, ou seja, como os chargistas categorizam Dilma.

Primeiramente, em nossa pesquisa, buscamos expressões/charges que atualizassem a metáfora PRESIDENTE É PAI/MÃE, na visão dos chargistas.

Mapeamento 1

Metáfora: PRESIDENTE É PAI/MÃE Domínio-fonte: PAI/MÃE Domínio-alvo: PRESIDENTE Evoca: NAÇÃO É FAMÍLIA CIDADÃOS/ OUTROS MEMBROS DO GOVERNO SÃO FILHOS Mapeamentos: FAMÍLIA → BRASIL PAI/MÃE → PRESIDENTE FILHOS → CIDADÃOS/POLÍTICOS ADMINISTRAR O LAR → GOVERNAR O PAÍS

Foram encontradas várias ocorrências que atualizam a metáfora acima. Podemos ver, a partir dos dados coletados, que a metáfora PRESIDENTE É PAI/MÃE está presente na cultura/ideologia política brasileira e que existem expressões metafóricas que conceptualizam Dilma (e seu antecessor Lula) dessa maneira.

Em seguida, buscamos verificar no *corpus* como Dilma pode ser categorizada a partir dos modelos de família do Pai Severo e do Pai/Mãe Cuidadoso(a). Isso foi feito através das atitudes/ ações de Dilma retratadas nas charges com relação aos seus filhos e ao governo do lar (Nação).

Lembramos ao leitor que, como estamos tratando da metáfora PRESIDENTE É PAI/MÃE, procuramos ações/attitudes típicas dessa posição paterna/materna que pudessem caracterizar que tipo de pai/mãe a presidente é para os chargistas.

Poder-se-ia, porém, dizer que as attitudes/ações elencadas poderiam ser de uma professora, de um líder religioso ou mesmo de um técnico de futebol? Sim. Isso, inclusive, corrobora com a metáfora mais ampla, base de nosso trabalho, INSTITUIÇÃO É FAMÍLIA. Em nosso caso, a instituição é a Nação. Mas, a instituição poderia ser a Escola, a Igreja, ou mesmo, o Time/Clube de Futebol. Teríamos como pessoas que ocupem as posições de pai/mãe o professor, o líder religioso ou o técnico e, portanto, as ações/attitudes acima elencadas poderiam ser desempenhadas por eles. Acreditamos, inclusive, que os modelos de família do Pai Severo e do Pai/Mãe Cuidadoso(a), que, conforme Lakoff (2002) e Lakoff e Wehling (2012), representam posições políticas, também poderiam ser aplicados nesses outros casos, sempre representando uma visão mais conservadora ou mais progressista, respectivamente.

Nos Estados Unidos, Lakoff (2002) e Lakoff e Wehling (2012) nos mostram que a maneira de se pensar/ fazer política é resultado do mapeamento entre dois domínios: família (domínio-fonte) e governo (domínio-alvo). Eles dizem que o nosso entendimento de família irá influenciar no que entendemos ser governo/governar e irá nos levar a uma posição política mais conservadora ou mais liberal. Desse modo, os autores nos falam sobre dois modelos de família que conceptualizam as duas formas de pensar/ fazer política: o modelo do Pai Severo e o modelo do Pai/Mãe Cuidadoso(a).

Precisamos, então, em nosso trabalho, verificar como Dilma é categorizada. Para tanto, primeiramente, vamos relembrar as características de cada modelo, já descritos no segundo capítulo.

Enquanto no modelo do Pai Severo o papel de líder é do homem, no modelo do Pai/Mãe Cuidadoso(a), o líder pode ser o homem ou a mulher. Para o pai severo, cuidar significa disciplinar, sustentar, controlar, proteger. Disciplinar significa punir ou recompensar. A hierarquia deve ser mantida e o objetivo é tornar os filhos autodisciplinados e bem-sucedidos.

Para o pai/mãe cuidadoso(a), cuidar significa respeitar, proteger, amar. Disciplinar significa estabelecer limites. O diálogo é bem-vindo e o objetivo final é fazer com que os filhos sejam felizes.

O modelo do Pai Severo e do Pai/Mãe Cuidadoso(a), mapeados para a política, correspondem, respectivamente, a uma posição conservadora e liberal ou progressista.

3.2.1 *Pai Lula*

Impossível falar em Dilma, sem antes retomar rapidamente um pouco do que Lula representa e de como ele foi/é categorizado nas charges. Aranha (2010) diz que em Pernambuco, estado natal do presidente Lula e onde ele alcançava os maiores índices de aprovação a seu governo, os termos escolhidos pela população para se referir ao ex-presidente são: pai, líder, maior estadista do mundo, melhor presidente do Brasil, amigo, fenômeno, enviado de Deus, anjo e assombro, além de pai dos pobres e, ainda, pai celestial.

Como vimos no capítulo anterior, Lula foi apelidado de Pai dos pobres, quando presidente do país, devido aos programas de inclusão social e transferência de renda de seu governo. Interessante notar, porém, que, mesmo após a eleição de Dilma, Lula, agora ex-presidente, continuou a ser visto pelos seus eleitores e corregilionários como pai, de acordo com os dados coletados em nossa pesquisa.

Embora ainda sejam poucos os presidentes eleitos através de eleições diretas no Brasil, podemos dizer que o que aconteceu e vem acontecendo com Lula, o Lulismo, é algo novo em nosso país. Não podemos afirmar com certeza o porquê, mas talvez Lula ainda seja tido como pai (a) devido à mudança de vida/padrão que a população mais pobre passou a ter a partir do seu governo, (b) à mudança ocorrida no PT, que ganhou força e visibilidade na política brasileira; (c) às alianças políticas que fez com diversos partidos e políticos, como o PMDB e José Sarney, por exemplo; (d) por seu carisma e identificação com o povo; (e) pelos altos índices de popularidade que alcançou em seu governo, inclusive no final do seu último mandato; (f) pela ingerência que continua tendo no governo, mesmo não sendo presidente; (g) por ter sido sucedido por uma mulher, ou seja, o seu posto não foi retirado, apenas foi acrescentada uma figura materna à família e, até mesmo, (h) por essa mulher ter sido indicada (imposta?) por ele.

Encontramos algumas charges sobre Lula que retomam a metáfora PRESIDENTE É PAI (ou, em alguns casos, ex-presidente é pai?). As charges encontradas autorizam alguns mapeamentos (a partir da metáfora maior NAÇÃO É FAMÍLIA e da submetáfora PRESIDENTE É PAI/MÃE), que tentaremos apresentar no decorrer de nossa análise.

Em muitas charges, encontramos Lula como pai de Dilma Rousseff, como, por exemplo, nas charges 17 a 21. Todas as charges, com exceção da 18, que é de 2011, são de 2010, ano da eleição de Dilma Rousseff, na qual, durante sua campanha, foi apadrinhada por Lula.

Charge 17 – Clayton, O Povo (CE).



Fonte: Blog do Eliomar.

Mapeamento 2

Metáfora: PRESIDENTE É PAI/MÃE
 Domínio-fonte: PAI/MÃE
 Domínio-alvo: PRESIDENTE
 Evoca:
 NAÇÃO É FAMÍLIA
 CIDADÃOS/ OUTROS MEMBROS DO GOVERNO SÃO FILHOS
 Mapeamentos:
 FAMÍLIA → BRASIL
 PAI → LULA
 FILHA → DILMA

Na charge 17, o pai Lula, ao se despedir de sua filha Dilma, lhe faz um carinho na tentativa de tranquilizá-la. Porém, podemos ver através da expressão facial colocada no desenho de Dilma que ela está bastante assustada por ter que ficar sozinha naquele momento – a campanha eleitoral de 2010. Como vimos, segundo jornalistas, nos compromissos de campanha e até nos comícios, Lula era a figura central e Dilma aparecia apenas como a

pessoa que ele indicava para lhe suceder e que (se esperava) daria continuidade aos projetos e ações por ele iniciados.

A charge 18 tem como tema a visita de Dilma à Bulgária para conhecer o país onde seu pai biológico nasceu. Podemos ver na charge que Lula demonstra irritação ao saber que Dilma viajou para conhecer o país de seu pai, pois ele considera que ele mesmo é o pai dela: ele a criou, ele a ajuda, orienta e cuida dela.

Charge 18 – Benett, Gazeta do Povo (PR), 03 out. 2011.



Fonte: A Charge Online.

Em nossa pesquisa, encontramos várias charges que colocam Dilma como sendo filha de Lula. As charges 19, 20 e 21 retomam a obrigatoriedade do uso de cadeirinhas para carregar as crianças nos carros.

No *corpus*, encontramos charges que são apenas visuais e outras que, além do visual, também exploram o verbal. Como exemplo, temos a charge 19, que é apenas visual, enquanto que a 20 e a 21 são verbo-visuais.

Como vimos no primeiro capítulo, Forceville (2002) explica que os textos verbais e os textos apenas visuais se constituem em monomodais. Já os verbo-visuais, são multimodais. De acordo com o autor (2007), a maioria das metáforas não verbais são multimodais, isto é, são representadas em mais de um modo simultaneamente. É o que ocorre em nosso trabalho, no qual a maioria das charges coletadas é multimodal. Além da charge 19, mencionada acima, apenas as charges 1, 27, 39, 45, 57 e 60 são exclusivamente visuais.

Charge 19 – Clayton, O Povo (CE), 01 set. 2010.



Fonte: A Charge Online.

A charge 19 apresenta Lula carregando Dilma numa cadeirinha para criança. A partir de 2010, o uso da cadeirinha para carregar crianças nos carros das famílias tornou-se obrigatório, devido à segurança que ela proporciona em caso de acidentes. O cinto de segurança utilizado é a própria faixa presidencial, o que sugere que o pai, Lula, é quem guia/ dirige/ conduz sua filha, Dilma, que é apenas uma criança, até à Presidência da República. Note-se que Dilma mostra-se feliz e segura sendo carregada pelo pai. Lula, o pai, também está feliz e bastante tranquilo, com as mãos nos bolsos, seguro de que está conduzindo no caminho certo.

Na charge 20, o mesmo tema da cadeirinha é utilizado. Porém, chama a nossa atenção o fato de que Serra também está dentro do carro, lembrando a campanha eleitoral de 2010, na qual Serra buscou o voto dos eleitores de Lula, tentando se aliar ao sucesso do governo petista e aos altos índices de popularidade e aceitação junto ao eleitorado.

Enquanto Dilma está segura e sorridente na cadeirinha, Serra, apesar de também estar utilizando cinto de segurança, não está sentado na cadeira apropriada, como se estivesse pegando carona no carro de Lula. Dilma, porém, senta-se na cadeira que, como podemos ver pelo cinto de segurança, é a cadeira do presidente da república. Note-se ainda que, enquanto Dilma é a filha de Lula, Serra também faz parte da família. Porém, Lula não é seu pai, mas sim, seu tio, o que demonstra uma relação bem diferente da que ele tem com Dilma.

Charge 20 – Aroeira, O Dia (RJ), 31 ago. 2010.



Fonte: A Charge Online.

Na charge 21, Lula carrega Dilma nas costas, sempre em segurança, sentada na cadeirinha. Lula é colocado como um pai cuidadoso para Dilma, que a protege, que a deixa segura e que a guia.

Charge 21– Lute, Hoje Em Dia (MG), 09 jun. 2010.

USO OBRIGATÓRIO DA CADEIRINHA É ADIADO



Fonte: A Charge Online.

Lula, em outras charges, é colocado não como pai, mas como mãe de Dilma.

Mapeamento 3

Metáfora: PRESIDENTE É PAI/MÃE
 Domínio-fonte: PAI/MÃE
 Domínio-alvo: PRESIDENTE
 Evoca:
 NAÇÃO É FAMÍLIA
 CIDADÃOS/ OUTROS MEMBROS DO GOVERNO SÃO FILHOS
 Mapeamentos:
 FAMÍLIA → BRASIL
 MÃE → LULA
 FILHA → DILMA

Em nossa sociedade (ainda bastante conservadora, como vimos anteriormente), a figura da mãe, mais do que a paterna, é tida como aquela que é responsável pelo cuidado, carinho e amor. A mãe é aquela que dá a vida ao filho. A mãe cuida da casa, da educação, da disciplina, da higiene e da alimentação dos filhos e, embora existam famílias (em número cada vez mais crescente) nas quais o pai é quem desempenha essas funções, essa é a imagem que ainda prevalece. Mais uma vez, as charges corroboram com a visão de que Lula é a mãe (ou pai) cuidadora(o).

Entendemos que a relação existente entre metáfora, cultura e ideologia é a base que sustenta e autoriza a metáfora PRESIDENTE É PAI/MÃE. Além disso, vimos que a cultura funciona como um filtro (YU, 2008), selecionando os aspectos sensório-motores e subjetivos que irão formar os mapeamentos metafóricos. Desse modo, como em uma sociedade conservadora o papel da mulher e do homem estão definidos a priori – cabe ao homem sustentar, proteger e a mulher cuidar, dar carinho, alimentar – consideramos que existe uma diferença entre dizer que alguém é um pai ou alguém é uma mãe. Isso explicaria, por exemplo, nas charges 22 e 23 Lula ser apresentado não como um pai, mas sim como mãe de Dilma.

Charge 22 – Lailson, Humor World, 10 maio 2013.



Fonte: Humor político.

Enquanto na charge 22 Lula, a mãe, está em casa tricotando uma bolsa (será o bolsa família?), e Dilma, sua filha, chega feliz para lhe dar um abraço, na charge 23, ele carrega Dilma no colo.

Na charge 22, publicada em 2013, podemos ver que Lula está em casa, tranquilo, tricotando (ou seja, fazendo uma atividade não política, o que demonstra o seu afastamento do governo), quando é surpreendido pela chegada de Dilma. Apesar de a charge ser um texto estático, temos a impressão de que Dilma entrou abrindo a porta de repente (até pela expressão de susto de Lula) e abre os braços para abraçar Lula, a quem ela chama de mãe. Concluimos, então, que Dilma tenta, em 2013, uma maior reaproximação de Lula, sua mãe, tendo em vista seu lançamento como candidata à reeleição e a disputa eleitoral de 2014.

Já na charge 23, Dilma, como uma criança pequena, vem até Lula, sua mãe, para lhe contar seus problemas e, assim, aplacar sua dor, medo, raiva. Dilma é uma criança, ainda inexperiente, que não consegue lidar com os problemas e com os “coleguinhas” de maneira madura. Ela precisa do amparo, cuidado e aconselhamento da mãe, mulher madura e experiente, que sabe como lidar com as situações de adversidade na vida. A mãe representa a segurança, o amparo e a proteção.

Interessante notar o que Lula diz: trabalho de mãe nunca termina. Como dissemos anteriormente em nosso trabalho, uma das questões que cientistas políticos e jornalistas levantaram, quando da eleição em 2010, foi em relação ao papel que Lula desempenharia no governo Dilma. Já que ele teve grande influência na sua candidatura e vitória, questionava-se se ele teria influência nas decisões do governo.

Charge 23 – Aroeira, O Dia.



Fonte: Gazeta Maringaense (2011)

Nas charges 24 e 25, Lula é novamente apresentado como pai. Dessa vez, não como pai de Dilma, mas sim do povo brasileiro, ao lado de Dilma, que é a mãe.

Mapeamento 4

Metáfora: PRESIDENTE É PAI/MÃE
 Domínio-fonte: PAI/MÃE
 Domínio-alvo: PRESIDENTE
 Evoca:
 NAÇÃO É FAMÍLIA
 CIDADÃOS/ OUTROS MEMBROS DO GOVERNO SÃO FILHOS
 Mapeamentos:
 FAMÍLIA → BRASIL
 PAI → LULA
 MÃE → DILMA
 FILHOS → CIDADÃOS / POVO

A charge 24 tem como tema as alianças feitas por Lula e Dilma durante seus governos. Alianças com o PMDB, José Sarney, Fernando Collor, com a bancada religiosa, dentre outras, que foram bastante criticadas, tanto por petistas, quanto por oposicionistas ao governo, pela imprensa e, até, por eleitores.

Charge 24 – Raul, Humor Político, 26 jun. 2013.



Fonte: Humor Político.

Charge 25 – Nani, A Charge Online, 06 nov. 2011.

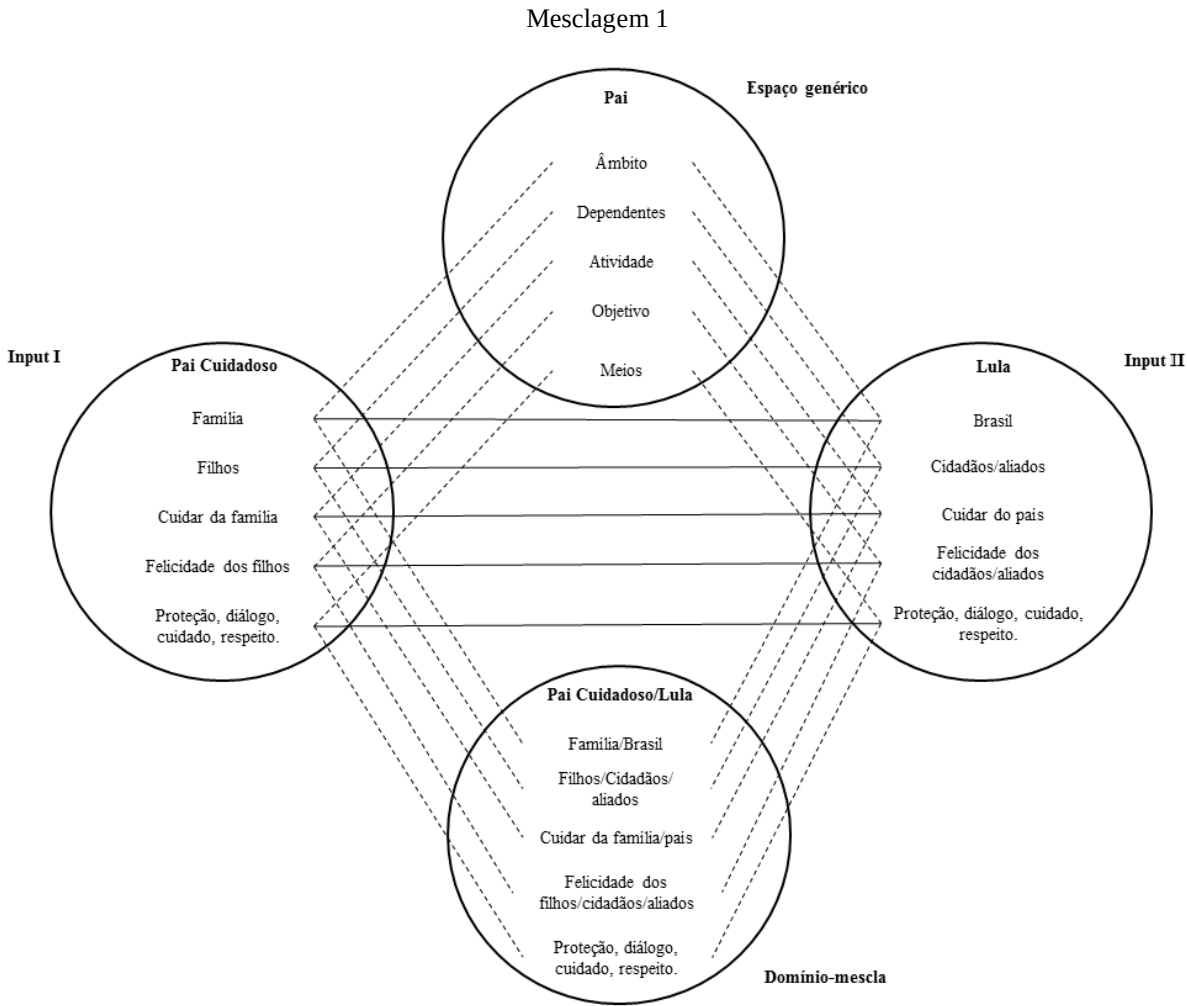


Fonte: A Charge Online.

Na charge 24, Lula é o pai e Dilma, a mãe. Cumpre-nos ressaltar que, de acordo com os dados coletados em nosso trabalho, verificamos que Lula geralmente é tido/visto como um pai cuidadoso, nos termos dos modelos de família de Lakoff (2002) e Lakoff e Wehling (2012).

Lula se preocupa com o povo, criou/ampliou/implementou programas sociais que melhorassem a vida dos mais pobres, buscou uma melhor distribuição de renda, proporcionou aos mais pobres acesso a bens e serviços que antes não lhes era possível usufruir, protegeu e apoiou seus aliados frente às denúncias de corrupção enquanto pôde e mesmo quando condenados disse estar “junto”, com eles.

Sendo Lula caracterizado como pai cuidadoso, quando Dilma foi apresentada (e se apresentou) como mãe, o esperado era que ela seguisse o mesmo caminho do pai. Desse modo, entendeu-se que ela seria a mãe cuidadosa, que seu governo seria a continuação do anterior. Porém, isso não é o que se verifica na charge 25.



Mapeamento 5

Metáfora: PRESIDENTE É PAI/MÃE
Domínio-fonte: PAI/MÃE
Domínio-alvo: PRESIDENTE
Evoca:
NAÇÃO É FAMÍLIA
CIDADÃOS/ OUTROS MEMBROS DO GOVERNO SÃO FILHOS
Mapeamentos:
FAMÍLIA → BRASIL
PAI → LULA
MÃE → DILMA
FILHOS → OUTROS POLÍTICOS/ ALIADOS POLÍTICOS / “COMPANHEIROS”

Charge 26 – Benett, Gazeta do Povo, 22 ago. 2010.



Fonte: Charges do Benett.

A charge 26 nos mostra Lula como pai, Dilma como mãe e outros políticos como filhos. Importante verificar que a escolha lexical do chargista já demonstra o tom de crítica que ele quis dar em seu trabalho. Sabemos que “dependentes” é outro termo para designar filhos. Porém, ele ressalta uma característica maior, a saber, a de que os filhos dependem financeiramente dos pais, ou seja, a base aliada se mantém através da ajuda financeira de Lula e Dilma. Note-se que enquanto Lula acena para os dependentes (políticos ligados ao PMDB), Dilma permanece parada, com um sorriso meio forçado. Enquanto Lula soube lidar e angariar o apoio de políticos ligados ao PMDB e a outros partidos de direita, Dilma não teve e continua não conseguindo ter um bom “relacionamento” com eles.

É interessante notar que, embora Lula apareça como um pai cuidadoso (é liberal, dialoga com os filhos, os protege, os escuta e tenta fazê-los felizes), outras expressões metafóricas nos levam a ver nele outra postura: Lula é autoridade (ou autoritário?). Nesses casos, Lula é retratado como um pai, mais especificamente, como pai celestial ou divino, um ser superior, como se a sua autoridade derivasse de sua própria essência, da característica de ser “maior” do que os demais políticos.

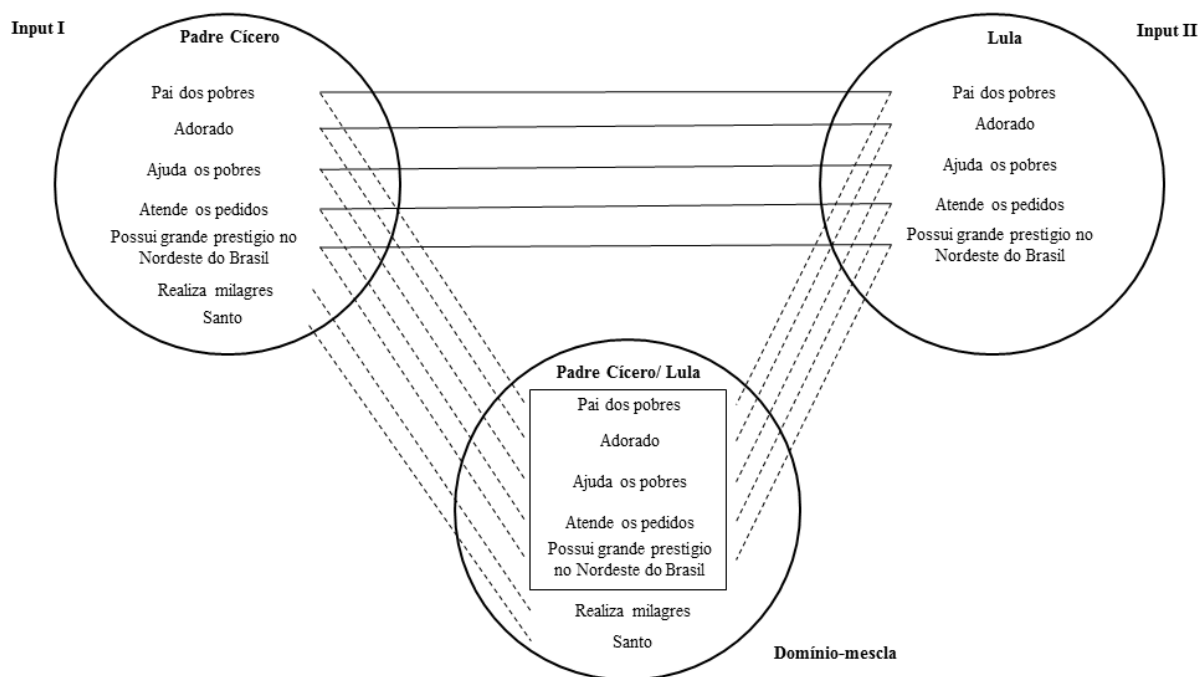
O caráter de pai dos pobres atribuído a Lula pode ser visto em vários recortes/charges, inclusive na charge 27, na qual Lula é comparado a Padre Cícero. Nessa charge, não encontramos informação verbal.

Charge 27 – Jarbas, Diário de Pernambuco, 29 dez. 2010.



Fonte: A Charge Online.

Mesclagem 2



Padre Cícero é uma figura bastante importante no Nordeste do Brasil. Ele é adorado, a ele se atribuem milagres, alguns fazem romaria para visitar sua estátua. Na charge 27, Lula é representado como sendo um pai, assim como Padre Cícero foi. Porém, vemos que ele é apresentado como sendo ainda maior do que aquele, visto que todos os fiéis encontram-se ao pé de sua estátua. As expressões faciais indicam a decepção de Padre Cícero, ao ver que seus seguidores, em sua grande maioria nordestinos e pobres, agora seguem e recorrem a Lula, que olha para Padre Cícero e ri, pois o superou em número de fiéis.

Essa visão de Lula como um santo, como um ser celestial, com poderes sobrenaturais, talvez se deva à tradição católica e a religiosidade bastante presentes no Brasil. Vemos, então, que, nesse sentido, Lula se aproxima do modelo do Pai Severo, pois a hierarquia e autoridade máxima do pai prevalecem. Conforme vimos no segundo capítulo, no Brasil, predomina uma ideologia conservadora, na qual a hierarquia, o autoritarismo e a visão do Estado como um “pai protetor” prevalecem (ALMEIDA, 2013). Essa ideologia conservadora também está presente na maneira como os chargistas entendem e conceptualizam as coisas, no caso em questão, a própria Nação-família e a figura do presidente da República.

Como pode ser Lula um Pai Severo se, anteriormente, dissemos que ele é categorizado como um pai cuidadoso? De acordo com Lakoff (2002) e Lakoff e Wehling (2012), a variação ou mescla entre os modelos pode existir. Os modelos de família representam o conservadorismo estrito e o liberalismo estrito, mas, é possível haver variações entre os modelos, indicando que, mesmo um pai cuidadoso possa se aproximar, em alguns momentos e situações, do pai severo e vice-versa.

Na escolha por Padre Cícero, a charge traz, ainda, outro aspecto bastante divulgado e criticado pela mídia/ oposição: o de que Lula é adorado pelos pobres e, principalmente, pelos nordestinos. Tal aspecto voltou à tona com bastante força durante a campanha de reeleição de Dilma e, ainda, após a sua vitória. Como Dilma obteve a maioria maciça dos votos do Nordeste, alguns comentaristas, oposicionistas e alguns eleitores disseram que ela só foi eleita por causa dessa região que, segundo eles, “depende” de programas assistencialistas do governo, tais como o Bolsa Família. Essa ideia divulgada por alguns meios de comunicação gerou, inclusive, uma série de postagens preconceituosas nas redes sociais.

3.2.2 Dilma: mãe cuidadosa, mulher do pai ou madrasta?

Durante a campanha eleitoral de Dilma Rousseff para presidente em 2010, como vimos, o então presidente Lula a apelidou de “a mãe do PAC” em alguns de seus discursos. A estratégia de passar a imagem de Dilma como mãe pôde ser vista durante toda a campanha, tanto em comícios, quanto no horário eleitoral gratuito. A própria Dilma afirmou em comício realizado em 2010 que Lula lhe deixou o legado de cuidar do povo brasileiro e que ela ia ser a mãe do povo brasileiro (Cf.: ALVARES, 2010).

Fiúza (2014), colunista da revista *Época*, critica dizendo que, como o povo não estava acreditando nas “embalagens” criadas para Dilma (gestora, gerentona, dama de ferro, princesa

do pré-sal), a solução mais segura e posta nas ruas pelos petistas foi: Dilma é simplesmente mãe. Após o primeiro programa do PT no horário eleitoral gratuito, ele escreve:

O Brasil respira aliviado. A candidata que lidera as pesquisas para presidente não é nada daquilo que você estava pensando. Você é um maldoso. Dilma Rousseff é uma flor de pessoa. Um doce de coco. Depois de assistir à sua aparição no primeiro dia do horário eleitoral, não há o que temer. Se ela for eleita, o Brasil será um lugar aconchegante – quase um útero materno. (FIÚZA, 2014, p. 47)

Dilma foi apresentada aos eleitores como mãe em várias ocasiões:

- Em julho de 2010, no Paraná, o presidente diz: "Vamos parar com esse negócio de não votar porque é mulher. Pare de ser besta, foi ela que lhe pariu", discursiva. No auge, cria um slogan: "Dê uma chance a sua mãe!". (Cf. LEAL, 2010)
- Em julho de 2010, em Natal, a candidata Dilma disse em seu discurso: "O presidente Lula me deixou um legado, que é cuidar do povo brasileiro. Eu vou ser a mãe do povo brasileiro." (Cf. ALVARES, 2010)
- Em agosto de 2010, em Belo Horizonte, Lula questiona a dificuldade dos homens em votar numa mulher e diz: "Quem pariu nós? (...) Quem cuidou da gente, limpou a gente, quando a gente não sabia nem se limpar?" (Cf. MARQUES, 2010)
- Na caracterização de Dilma no primeiro programa do horário eleitoral gratuito, na campanha de 2010, as palavras mais usadas foram "mãe", "companheira", "mulher", para emocionar o eleitor e criar uma identificação com a candidata (TOLEDO, 2010)
- Nos comícios de Dilma, as pessoas levavam cartazes nos quais Lula era retratado como pai e sua sucessora Dilma, como mãe.

Foto 2 – Cartaz levado por eleitores em comício de Dilma Rousseff em Campo Grande (MS)



Fonte: TV Contato (2010).

Foto 3 – Faixa que apresenta Lula como pai e Dilma como mãe.



Fonte: Blog do PPS (2012)

Podemos compreender porque Dilma, em sua primeira disputa eleitoral, foi apresentada ao povo como mãe. Em nossa cultura, a mãe é tida como uma figura sensível, boa, amável, bonita, que cuida dos filhos, os alimenta e faz o possível para vê-los felizes ou, como diz o poeta Coelho Neto,

Ser mãe é desdobrar fibra por fibra
o coração! Ser mãe é ter no alheio
lábio que suga, o pedestal do seio,
onde a vida, onde o amor, cantando, vibra.
Ser mãe é ser um anjo que se libra
sobre um berço dormindo! É ser anseio,
é ser temeridade, é ser receio,
é ser força que os males equilibra!
Todo o bem que a mãe goza é bem do filho,
espelho em que se mira afortunada,
Luz que lhe põe nos olhos novo brilho!
Ser mãe é andar chorando num sorriso!
Ser mãe é ter um mundo e não ter nada!
Ser mãe é padecer num paraíso!

Realizando uma busca rápida na *internet* com a palavra mãe, os primeiros resultados que encontramos são: poemas enaltecendo a figura materna; mensagens, cartões, frases sobre as mães e suas qualidades; músicas, nacionais e internacionais, de diversos gêneros – do sertanejo ao infantil sobre a mãe que ama, aconselha, protege e se sacrifica pelos filhos; imagens de mulheres felizes, amamentando, rindo, fazendo carinho e cuidando de seus filhos.

Segundo Falcke e Wagner (2000, p. 423),

À mãe, geralmente, atribui-se a ideia mítica de ideal de amor e afeição. Apesar do crescente questionamento sobre o amor materno incondicional e inato, a visão da mãe ideal, responsável pelo bem-estar psicológico e emocional da família (McGoldrick & Carter, 1995; Smith, 1995; Teyber, 1995), ainda é bastante presente na literatura e no senso comum (Badinter, 1985).

O Brasil, embora seja um país laico política e administrativamente, possui forte tradição religiosa. Sendo assim, a figura da mãe, além de ser bondosa, carinhosa, feliz, cuidadosa, sensível, misericordiosa, também é adorada, canonizada na figura de Maria, mãe de Jesus. Isto dá ainda maior importância à figura materna, que é aquela que cuida de nós tanto na Terra, quanto nos Céus.

Nas cenas finais de *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna (1975), podemos verificar a importância da figura de Maria, mãe de Jesus, como uma mulher misericordiosa, que se compadece dos homens e por eles intercede junto a seu filho, Jesus, sendo por Ele ouvida. Maria, mãe de Jesus é chamada de “A mãe da justiça” e “A misericórdia”.

Durante todo o julgamento, o próprio Jesus se dirige à mãe, em busca de sua opinião e conselho e, ao final, sua decisão de dar uma segunda chance a João Grilo, mandando-o de volta para a Terra e de enviar as outras cinco personagens para o Purgatório, é baseada na opinião da Mãe:

MANUEL
 Minha mãe o que é que acha?
 A COMPADECIDA
 Eu ficaria muito satisfeita.
 MANUEL
 Então está concedido.
 ENCOURADO
 Não tem jeito não. Homem que mulher governa... (SUASSUNA, 2014, p. 181)

Em nossa pesquisa, encontramos inúmeras charges que retratam Dilma como mãe. Como exemplo, temos a charge 26, na qual Lula é o pai, Dilma, a mãe e a base aliada, seus dependentes. Além das charges já anteriormente apresentadas neste trabalho (charges 16, 24 e 26), com relação à categorização de Dilma como mãe, selecionamos, ainda, as seguintes charges:

Charge 28 – Fernando Cabral, Liderança do PSDB no Senado, 01 ago. 2013.



Fonte: Liderança do PSDB no Senado.

A charge 28, feita por Fernando Cabral do PSDB, retoma a fala de Lula, de que Dilma é a “mãe do PAC” e critica o atraso nas obras do Programa, indicando que a mãe não está cuidando devidamente do seu filho. Enquanto o PAC está preocupado, pois está muito atrasado, a mãe ainda está dormindo. Nota-se que o relógio, na verdade, não está indicando hora, mas sim o ano – 2013. Em 2014, a nova disputa eleitoral para Presidência da República ocorreria e, por isso, a resposta de Dilma – só mais 4 aninhos – pode ser lida de, pelo menos,

duas maneiras diferentes: (a) que ela desejaria ser reeleita e (b) que sendo reeleita, o PAC continuaria parado por mais quatro anos.

Outra leitura possível seria de que Dilma ainda teria mais quatro anos para desenvolver o PAC, ou seja, fazê-lo andar. Porém, embora possível, cremos que esta última leitura não é a “desejada” pelo chargista, já que ele pertence aos quadros do PSDB, ou seja, é da base oposicionista.

As charges 29, 30, 31 e 32 foram feitas no período da campanha eleitoral de 2010, na qual Dilma foi apresentada ao povo como mãe.

Charge 29 – Thiago Recchia, Gazeta do Povo (PR), 08 fev. 2010.



Fonte: A Charge Online.

A charge 29 satiriza Dilma ser chamada de mãe do PAC. Na charge, vemos Dilma sentada, sendo entrevista por Jô Soares. Enquanto ela admite ser a mãe do PAC, inclusive fazendo alusão aos demais membros da família, seus irmãos ministros e governadores, que também têm responsabilidade sobre o PAC, pois são seus tios, o comediante ri e zomba,

indicando que as obras do PAC nunca saíram do papel, ou seja, ninguém viu o PAC, filho de Dilma.

Charge 30 – Nani, Nanihumor, 01 ago. 2010.



Fonte: Nanihumor.

A charge 30 faz alusão ao que mais tomou destaque nas campanhas de Dilma e Serra: ela, sendo chamada de mãe e ele, médico, que só falava em ações que favorecessem a área da saúde. Dilma se diz mãe do povo brasileiro e podemos ver na figura um homem sendo tratado como um bebê: usando babador, chupeta, touca e roupas que lembram um bebê, indicando que é/será assim que o povo brasileiro é/será tratado: como criança. Já o eleitor de Serra aparece com roupas claras, abatido, com olheiras, doente, tomando soro e ligado ao balão de oxigênio para respirar. Note-se que enquanto no babador do eleitor de Dilma o que está escrito é “Eu sou da mamãe”, na do eleitor de Serra, encontramos “Serra doente”. Talvez tal fato remeta à própria campanha, na qual Serra estava perdendo e, por essa razão, estava “doente”, precisando de soro e oxigênio para continuar na disputa ou, ainda, talvez seja uma crítica ao próprio político “doente”, que não saberá governar justamente por sua condição “física”.

Charge 31 – Jorge Braga, O Popular (GO), 11 set. 2010.



Fonte: A Charge Online.

A charge 31 remete ao nascimento do neto de Dilma Rousseff. Quando ele nasceu, Dilma foi fotografada e filmada segurando o bebê no colo, mais uma vez remetendo ao seu papel de mãe e, mais ainda, de avó e sugere que o bebê foi usado no horário eleitoral gratuito com fins eleitoreiros. A avó, como conhecida no senso comum da população brasileira, é “mãe duas vezes”, é ainda mais carinhosa e amorosa que a mãe; doce, atenciosa e disposta a tudo pelos seus netos. Assim como a mãe, a avó é uma categoria “pronta”, razoavelmente estabilizada e transmitida em nossa cultura, que carrega consigo uma ideologia da qual não temos consciência, mas que tem o poder de influenciar nosso comportamento e percepção do mundo em que vivemos (GOATLY, 2007).

Na charge, Dilma canta uma cantiga de ninar bem conhecida, utilizada para brincar e acalmar o bebê: Serra, serra, serrador... A canção, no entanto, remete à disputa eleitoral. Serra é o principal adversário de Dilma e “serrar o papo do vovô”, indica o desejo de Dilma de ganhar a eleição. A imagem de Dilma com o bebê fortalece ainda mais a visão que estava sendo apresentada na campanha, de que Dilma era uma pessoa suave e sensível, uma verdadeira mãe.

Charge 32 – Claudio, Agora S. Paulo, 21 ago. 2010.



Fonte: A Charge Online.

A charge 32 traz os três principais candidatos à Presidência da República e como, em suas campanhas, eles estavam sendo apresentados ao eleitor, todos pobres e necessitados de voto e da ajuda do grande pai, Lula. O ex-presidente Lula, como pai dos pobres, chora diante da necessidade dos três candidatos e promete ajudá-los. A ajuda é uma crítica ao programa Bolsa Família, nesse caso, sendo mostrado como um programa de cunho apenas assistencialista.

Note-se, ainda, que enquanto Marina e Serra são filhos (“filha de seringueiro” e “filho de verdureiro”), Dilma é mãe (“mãe dos pobres”). Em busca do voto dos eleitores que recebiam ajuda do governo, ou seja, dos mais pobres, todos os candidatos buscavam uma identificação com eles. Marina e Serra apelaram para suas origens, seu passado/infância pobres. Já Dilma, nascida e criada em uma família que não era pobre, não poderia assim ser apresentada e, por isso, tornou-se a mãe de todos os brasileiros necessitados, companheira do pai Lula.

Já a charge 33, de 2013, retrata outro momento. Dilma, já com a popularidade baixa, deseja ser novamente considerada mãe. Com a visita do Papa ao Brasil, Dilma foi bastante criticada por tentar angariar votos e aumentar sua popularidade colando sua imagem à do líder religioso.

Charge 33 – Sponholz, Humor Político, 12 jul. 2013.

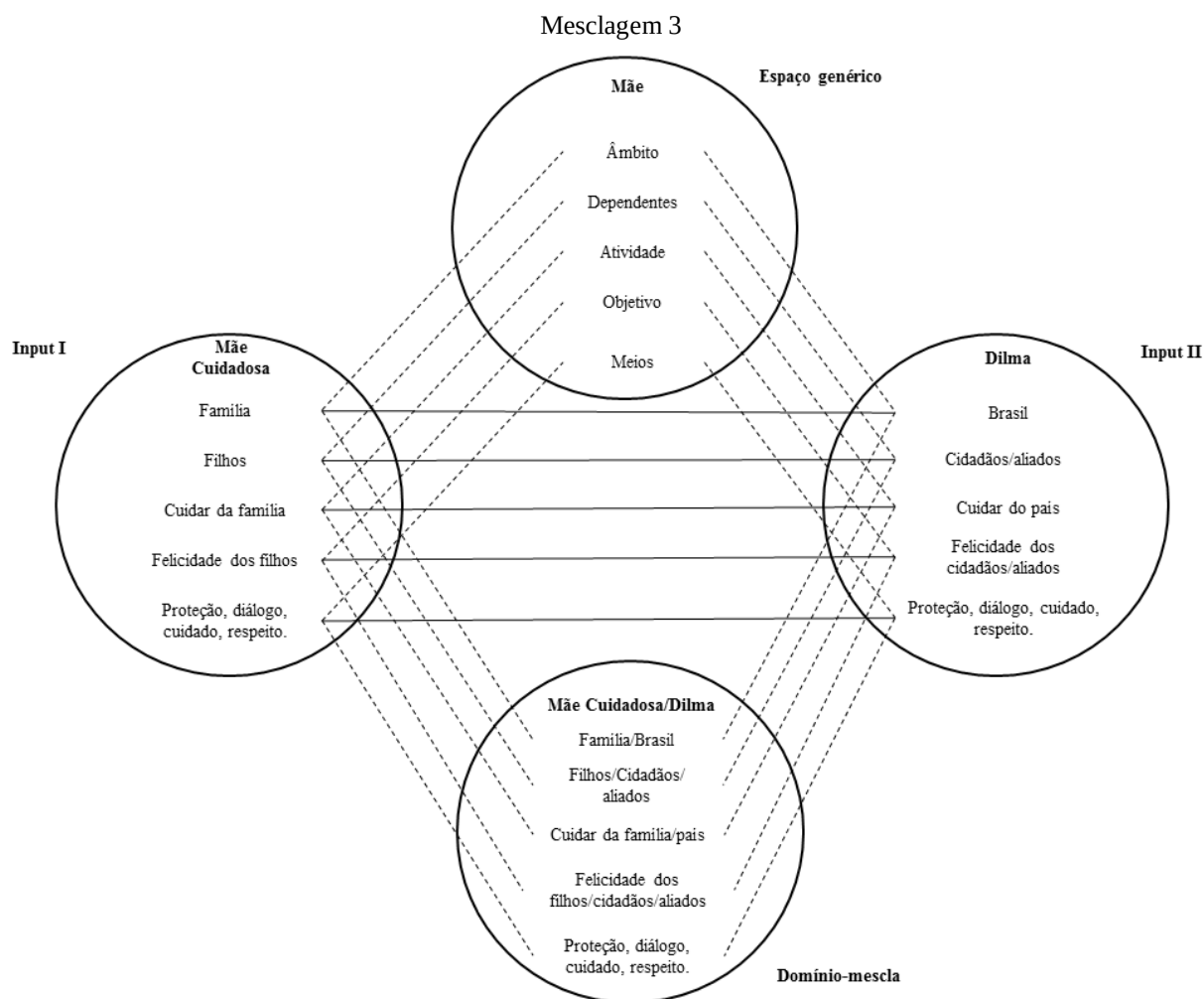


Fonte: Humor Político.

3.2.2.1 Dilma: a mãe cuidadosa

Como vimos, Dilma é, ao lado do pai Lula, categorizada como mãe. Assim como Lula é o pai cuidadoso, Dilma é a mãe cuidadosa.

Importante destacar que, para o modelo de família do Pai/Mãe Cuidadoso(a), conforme descrito por Lakoff, não há diferença se a posição de cuidador é desempenhada pelo pai ou pela mãe, o cuidado independe do sexo. O autor, diferentemente do que faz com o modelo do Pai Severo, no qual utiliza o termo *father*, indicando que a posição de liderança/governo da família deve ser preenchida por um homem, utiliza o termo *parent* no modelo de família do Pai/Mãe Cuidadoso (a). *Parent*, traduzido para português, significa pai num sentido amplo, englobando tanto pai quanto mãe. Ou seja, nesse modelo não há distinção entre homem e mulher, o papel de líder/governante pode ser ocupado por um ou outro, indistintamente.



Essa visão de homem e mulher como iguais tem sido cada vez mais aceita. Porém, em nossa cultura, verificamos que ainda há diferença entre as figuras do pai e da mãe. A mãe, como dissemos anteriormente, é a representação maior do carinho, cuidado, amor, proteção, alimento, calor. O pai, por outro lado, ainda é visto como o que sustenta e, embora também possa dar carinho, ainda existe o mito do “amor de mãe” que está acima de qualquer outro, inclusive do amor do pai.

Nas charges, vemos que os filhos de Dilma são diversos. Nos exemplos abaixo, seus filhos são petistas envolvidos em esquemas de corrupção (charge 34), outros políticos (charges 35 a 38) e, até mesmo, o próprio Lula (charges 39 e 40).

Mapeamento 6

Metáfora: PRESIDENTE É PAI/MÃE
 Domínio-fonte: PAI/MÃE
 Domínio-alvo: PRESIDENTE
 Evoca:
 NAÇÃO É FAMÍLIA
 CIDADÃOS/ OUTROS MEMBROS DO GOVERNO SÃO FILHOS
 Mapeamentos:
 FAMÍLIA → BRASIL
 PAI → LULA
 MÃE → DILMA
 FILHOS → ALIADOS POLÍTICOS

Charge 34 – Paixão, Gazeta do Povo (PR), 29 maio 2011.



Fonte: A Charge Online.

Na charge 34, Dilma é a mãe cuidadosa, comparada a uma galinha que coloca os pintinhos debaixo de suas asas para protegê-los. Lula é o pai. Sempre cantando de galo, é ele quem manda em tudo e todos e cuida também de seus filhos, como faz questão de dizer. No caso, os filhos são os petistas (“PinTos”) denunciados por crimes de corrupção. Lula e também Dilma sempre estiveram ao lado deles, tentando protegê-los da condenação por seus crimes.

Dilma também é mãe de outros políticos, seus aliados, como vemos na charge 35. Essa charge trata da criação da Secretaria da Micro e Pequena Empresa. Tal Secretaria tem status de Ministério e sua criação foi bastante criticada pela mídia e, principalmente, por oposicionistas do governo. A oposição criticava indicando que a criação da 39ª pasta no governo aumentaria muito os gastos públicos (com mais de 60 cargos, a pasta representava um gasto anual de mais de 7 milhões de reais) e, ainda, que a sua criação teve fins eleitoreiros e que o governo estava cooptando aliados por meio de cargos públicos.

O político indicado pelo governo para chefiar a Secretaria foi Afif, do PSD – partido que havia se aliado ao governo e que possuía uma das maiores bancadas no Planalto. Segundo a oposição, a indicação teve como objetivo manter o apoio do PSD, com vistas à reeleição em 2014.

Na charge, Dilma é a mãe que dá à Luz ao novo ministro, o pai não está explicitado no texto. Mas, vemos Geraldo Alckimin, do PSDB, cochichando ao ouvido de Dilma que ela devia pedir um teste de DNA. Tal fato nos lembra do percurso político de Afif que, em 1989 foi candidato à Presidência da República pelo PL; foi secretário no governo de Paulo Maluf, na década de 1980; foi candidato ao Senado pelo DEM e, em 2010, ainda pelo DEM, foi eleito vice-governador de São Paulo na chapa de Alckimn, do PSDB. Apenas em 2011, Afif foi para o PSD, partido aliado ao governo petista, mas durante boa parte de sua vida política, esteve filiado a partidos de oposição ao PT.

A charge 36 trata sobre o mesmo tema: o presente dado a Afif por Dilma, a Secretaria, que recebe em troca uma maçã, o PSD.

Charge 35 – Aroeira, Brasil Econômico, 12 maio, 2013.



Fonte: Humor Político

Na charge 37, Aécio Neves é colocado como filho de Dilma. Podemos ver que a criança, enquanto está no colo da mãe, mete o dedo no olho dela. Tal situação remete ao fato de Aécio Neves ter sido lançado como candidato à Presidência, sendo o candidato de oposição à Dilma. Porém, em anos anteriores, eles eram aliados. Quando ele era governador de Minas

Gerais e ela ocupava o cargo de Presidente da República, o Governo Federal ajudou o governo do estado de Minas Gerais por diversas vezes, e os dois políticos trocavam elogios.

Charge 36 – William, Humor Político, 09 maio 2013.

MÃEZONA



Fonte: Humor Político.

Charge 37 – Aroeira, O Dia, 06 maio 2013.

MAIO, MÊS DAS MÃES...



Fonte: Humor Político.

Na charge 38, a base aliada é composta de bebês que mamam e sugam o governo, a mãe Dilma. “Base aliada” escrito na mala do político nos remete a quem são os políticos e quem dá a chupeta para eles. Verifica-se que o primeiro político, o que segura a mala com a base aliada dentro faz um sinal de “certo” com a mão, indicando que agora que receberam sua parte, a chupeta-dinheiro, o governo pode ficar tranquilo, pois será pela base aliada apoiado. Em cada chupeta há um cifrão pendurado, demonstrando que esses políticos foram agraciados com dinheiro para que votassem em conformidade com a presidente e seu partido.

Charge 38 – Humberto, Jorn. do Commercio (PE), 20 ago. 2011.



Fonte: A Charge Online.

Nas charges 39 e 40, inverte-se o jogo. Se antes Lula era o pai de Dilma, agora, ela é sua mãe.

Mapeamento 7

Metáfora: PRESIDENTE É PAI/MÃE
 Domínio-fonte: PAI/MÃE
 Domínio-alvo: PRESIDENTE
 Evoca:
 NAÇÃO É FAMÍLIA
 CIDADÃOS/ OUTROS MEMBROS DO GOVERNO SÃO FILHOS
 Mapeamentos:
 MÃE → DILMA
 FILHO → LULA

Na charge 39, Dilma embala Lula, carrega o bebê Lula sempre colado a ela, lhe dá chupeta, lhe agrada. Na verdade, segundo a mídia, Dilma depende de Lula para que seja

reeleita, então, cuida dele com carinho. Lula é carregado num “canguru”, que é a própria faixa presidencial. O “canguru” é um artefato que faz com que o bebê fique sempre colado à mãe, acalmado-o. Já na charge 40, a situação é outra. Dilma alimenta e cuida de Lula para que, em 2018, ele possa sair candidato à Presidência da República.

Charge 39 – Simanca, O Ferrão, 30 jul. 2013.



Fonte: O Ferrão.

Charge 40 – Clayton, O Povo (CE), 11 maio 2014.



Chargeonline.com.br - © Copyright do autor
Fonte: A Charge Online.

Como dissemos anteriormente, encontramos diversas charges que colocam Dilma como mãe. Ela é categorizada nas charges como mãe cuidadosa de alguns políticos, como Lula, por exemplo, mas não do povo brasileiro.

Além dos casos acima, encontramos algumas charges que chamaram nossa atenção. Nessas, Dilma é retratada como sendo a mãe cuidadosa dos problemas que assolam o Brasil desde o início de seu governo, como a inflação e o PIB baixo, por exemplo.

Mapeamento 8

Metáfora: PRESIDENTE É PAI/MÃE Domínio-fonte: PAI/MÃE Domínio-alvo: PRESIDENTE Evoca: NAÇÃO É FAMÍLIA CIDADÃOS/ OUTROS MEMBROS DO GOVERNO SÃO FILHOS Mapeamentos: MÃE → DILMA FILHOS → “PROBLEMAS” (PIB BAIXO, CORRUPÇÃO, INFLAÇÃO, CPMF E OUTROS)
--

Charge 41 – Tacho, Humor Político, 12 maio 2013.



Fonte: Humor Político.

Enquanto nas charges 41, 42 e 45 Dilma, como uma mãe cuidadosa, preocupa-se e alimenta sua filha, a inflação, fazendo com que ela cresça, na charge 43, Dilma, além de ser a mãe do PAC, é a mãe da inflação e da corrupção. Ela corre dos seus filhos, pois não quer ser ligada a eles devido à reeleição em 2014. Já nas charges 44, 45 e 46, ela é a mãe da inflação. Note-se que uma mãe querida, cuidadosa, pois está sendo abraçada com muito amor por sua filha e recebe uma rosa.

Charge 42 – Sponholz, Humor Político, 09 maio 2013.



Fonte: Humor Político.

Charge 43 – Sponholz, Humor Político, 09 maio 2013.



Fonte: Humor Político.

Charge 44 – Pelicano, Bom Dia (SP), 12 maio 2013.



Fonte: Humor Político.

Charge 45 – Clayton, O Povo (CE), 12 maio 2013.



Fonte: O Povo Online.

Embora na charge 41 o desenhista utilize o termo inflação no corpo do dragão, observamos que em várias outras como, por exemplo, as 42 a 46, o dragão aparece sem que seja nomeado, porém, é facilmente reconhecido como sendo a inflação.

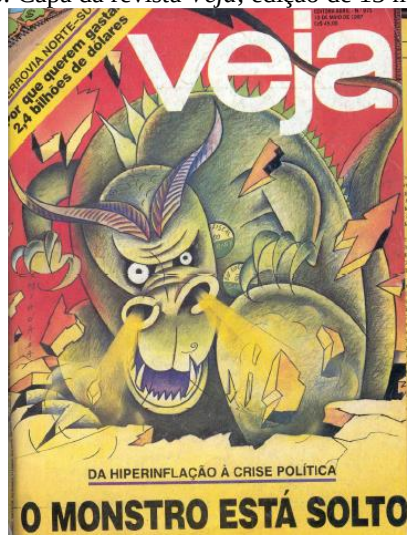
Gurgel e Vereza (1996, p. 6), afirmam que

O dragão é um monstro fascinante: massa gigantesca, dentes enormes, força descomunal, cospe fogo pelas ventas, anda sobre a terra, ao se locomover desloca grande massa de ar e tem sangue e, portanto, água em seu corpo. Ele representa o obstáculo que deve ser vencido: a inflação. Ao trazê-lo, através de um tempo sagrado, da Idade Média para o Século XX, a metáfora cria a realidade da ameaça do perigo iminente, o que vai suscitar e justificar uma série de ações ou medidas externas, estratégias de luta para o combate ao monstro.

Para as autoras, o dragão da inflação é quase uma expressão cristalizada. A inflação como dragão decorre da associação das metáforas conceptuais INFLAÇÃO É INIMIGO e INIMIGO É MONSTRO com a figura de linguagem “inflação é monstro” que “estrutura cognitivamente uma determinada realidade social” (GURGEL; VEREZA, 1996, p. 6). As autoras não indicam quando a figura da inflação como dragão começou a ser usada, mas afirmam que, tendo em vista que a situação inflacionária no Brasil vem se prolongando por vários anos, essa metáfora não é nova.

Embora não possamos afirmar quando a figura do dragão passou a ser utilizada para conceptualizar a inflação, no trabalho de Malheiros-Poulet (1995), podemos verificar que já em 1987 essa metáfora existia, estando presente na capa de uma das revistas semanais de maior circulação no país, a revista *Veja*:

Figura 8: Capa da revista *Veja*, edição de 13 maio 1987.



Fonte: Malheiros-Poulet (1995, p. 104)

A charge 46 nos lembra da criação da Rede Cegonha, Programa vinculado ao Ministério da Saúde, criado para proporcionar uma série de cuidados às mulheres e às crianças, desde o parto até o puerpério e do nascimento aos primeiros anos de desenvolvimento. Dilma recebe uma “encomenda” da cegonha, ou seja, sua filha, a inflação. O próprio governo garante o nascimento e crescimento da inflação através de seus programas e ações.

Charge 46 – Samuca, Diário de Pernambuco, 29 mar. 2011.



Fonte: A Charge Online.

Na charge 47, apoia-se a ideia de que algumas medidas tomadas por Dilma tem apenas caráter eleitoreiro. Nesse caso, a Medida Provisória (MP) da redução da tarifa de energia, que só deveria sair em 2014 para que pudesse ter o efeito desejado: angariar votos. Do mesmo modo, o aumento da Bolsa família e outras ações do governo. Dilma encontra-se grávida de ações que poderão lhe assegurar uma boa eleição em 2014.

Charge 47 – Amarildo, A Gazeta, 01 jun. 2013.



Fonte: Humor Político.

Na charge 48, Dilma repreende seu filho, o PIB, por ter caído mais uma vez. O PIB no governo Dilma não alcançou os índices almejados. Por fim, a volta da Contribuição Provisória sobre Movimentação ou Transmissão de Valores e de Créditos e Direitos de Natureza Financeira (CPMF) é anunciada nas charges 49 e 50. Na primeira, Lula passa para Dilma, a mãe, a responsabilidade de cuidar do filho – a CPMF e, na última, encontramos Dilma grávida do novo imposto, ou seja, ela lhe dará vida.

Charge 48 – Fernando Cabral, 17 out. 2013.



Fonte: Blog do Coronel.

Charge 49 – Pelicano, Bom Dia (SP), 05 nov. 2010.



Fonte: A Charge Online.

Charge 50 – Duke, O Tempo (MG), 03 set. 2011.



Chargeonline.com.br - © Copyright do autor

Fonte: A Charge Online.

Na maioria das charges acima, Dilma é retratada como uma mãe cuidadosa, que alimenta, dá colo, carinho, preocupa-se, faz pré-natal, que realmente cuida de seus filhos, protegendo-os. Porém, observamos que a ideia que nos é passada pelas charges é a de que ela é uma mãe ruim ou madrasta do povo brasileiro.

Como vimos nos capítulos anteriores, conforme Forceville (2007) e El Refaie (2009), a escolha pelo gênero charge já nos impõe uma leitura diferenciada dos textos. Os elementos colocados pelo chargista (sejam eles visuais ou verbais) não estão ali presentes apenas para embelezar o texto, mas para trazer à tona metáforas multimodais, que deverão ser construídas e interpretadas de acordo com a maneira com que foram atualizadas. Isso significa que, ao lermos e analisarmos as charges coletadas, além de possuir a capacidade de reconhecer as

pessoas, os acontecimentos e o momento, necessitamos, ainda, interpretá-las levando em consideração o seu propósito - ridicularizar alguém ou alguma coisa/situação.

Desse modo, entendemos que os chargistas, de maneira irônica, colocam Dilma como mãe, mas, na verdade, eles estão categorizando a presidente como madrastra, pois os “filhos” dela, dos quais ela cuida (inflação, corrupção, CPMF) são “inimigos” e prejudicam o povo, seu verdadeiro filho (sobre a categorização de Dilma como madrastra, ver o ponto 3.2.2.3, mais adiante).

Em nossa análise, verificamos que Lula é conceptualizado como pai e Dilma, como mãe. Porém, com relação ao tipo de pai/mãe que eles são categorizados, nossa hipótese de que Lula, na maioria das vezes, é conceptualizado como o pai cuidadoso para os seus diversos filhos (povo, PT, políticos, outros membros do governo) e Dilma, por outro lado, não é a mãe cuidadosa, foi confirmada.

A categorização de Dilma é bem mais complexa. Por ser mulher e, ainda, sucessora de Lula, de imediato, poderíamos dizer que Dilma é a mãe cuidadosa. Porém, verificamos que, em algumas charges, ela não é assim categorizada. É necessária outra categoria, que não a de mãe cuidadosa, para Dilma. Mas qual seria esta categoria? Se Dilma não é a mãe cuidadosa, poderia ela ser categorizada como Pai Severo?

Embora, de acordo com Lakoff (2002) e Lakoff e Wehling (2012), a posição de pai severo é, tradicionalmente, ocupada por um homem, cremos que essa posição independe do sexo nos dias atuais. Sendo assim, não vemos problema algum em categorizar uma mulher como sendo pai severo, no desempenho de sua função de presidente. Isso poderia ser aplicado na sociedade brasileira atual, cuja mentalidade, embora ainda bastante conservadora, vem sendo modificada, no que diz respeito aos papéis do homem e da mulher na família. Vale destacar, porém, que os “novos” modelos de família ainda sofrem preconceito e não são aceitos por grupos mais conservadores.

No Brasil, cresce o número de famílias que são governadas por mulheres. Em algumas, o pai não existe – são mães que não são casadas, que são viúvas ou divorciadas e criam seus filhos sozinhas. Em outros casos, o pai existe, porém, a liderança e administração do lar é compartilhada. Ainda, existem famílias nas quais os papéis (numa visão tradicional) são “invertidos”, ou seja, enquanto a mãe trabalha fora, sustenta e administra o lar, o pai é reponsável por cuidar das crianças e da casa. Existem as famílias compostas por casais homossexuais, nas quais não existe um homem e uma mulher, mas sim, dois homens ou duas

mulheres e, por fim, existem as famílias dos pais solteiros, viúvos ou divorciados, nas quais não existe uma figura feminina ocupando o lugar da mãe.

Desse modo, poderíamos pensar em Dilma como pai severo? Cremos que não. Como o modelo do pai severo revela uma posição política mais conservadora, Dilma se aproxima em alguns momentos, mas, assim como Lula, seu governo também não se encaixa nesse perfil. Em sua gestão, ela tem tomado decisões que nos mostram sua postura menos conservadora e mais liberal no âmbito político e econômico. Além disso, outra questão que dificulta a classificação de Dilma como pai severo é a da legitimidade.

O Pai severo, embora como o nome sugere, seja rigoroso e disciplinador, é a pessoa legítima para ocupar essa posição na hierarquia familiar e é aceito pelos filhos como sendo o pai legítimo. O exercício da autoridade do pai severo é moral e natural, deriva de sua posição na família, que não é questionada, nem posta em dúvida pelos filhos. No caso de Dilma, no entanto, verificamos que, embora ela tenha sido eleita pela maioria dos votos (e reeleita em 2014, como mencionamos anteriormente em nosso trabalho), muitas vezes, os chargistas a retratam como não sendo a pessoa que tem legitimidade para ocupar a posição que exerce.

Como, então Dilma é categorizada nas charges? Em nosso *corpus*, vimos que Dilma é categorizada, em alguns momentos e para alguns filhos, como mãe cuidadosa. Porém, em outros momentos, sugerimos que ela é categorizada como a mulher do pai e, ainda, como madrasta. Entendemos as três figuras colocadas como sendo variações da figura materna, ou seja, comprovadamente, Dilma é categorizada como mãe. Porém, a relação que existe entre elas e seus filhos/enteados varia. Por isso, entendemos que, nas charges, ela pode ser a mãe cuidadosa, amada e aceita pelos filhos, que deles cuida, protege e ama; a mulher do pai, que convive com os filhos deste, mas não é a mãe legítima e, portanto, não desempenha a função de mãe plenamente e nem é reconhecida como mãe pelos enteados e, ainda, a madrasta má, aquela que foi imposta pelo pai, mas que maltrata seus enteados que dela não gostam, mas amam o pai.

Salientamos que a categorização por nós aqui sugerida não pretende ser universal ou passível de ser aplicada em outros casos ou em outros países. Cremos tratar-se de uma situação atípica, criada a partir da indicação (ou, segundo a mídia, imposição) feita por Lula de que Dilma fosse a candidata do PT às eleições para Presidente, pelos altos índices de popularidade e aceitação que Lula possui junto à boa parcela do eleitorado brasileiro, pelo papel que o ex-presidente passou a desempenhar durante o seu governo e no governo de sua sucessora e, por fim, devido a uma luta político-ideológica que está sendo travada entre o

governo petista e alguns representantes da imprensa brasileira, tanto televisiva, quanto impressa e virtual.

Tal categorização também é possível pela visão estereotipada que temos em nossa cultura das figuras da mãe e da madrasta, sendo esta uma mãe malvada e aquela, uma mãe ideal. A figura da mulher do pai também é possível de existir devido ao grande número de casais que se separam e formam novas famílias, fazendo com que os filhos tenham a mãe ideal (que como diz Lakoff está em conformidade com todos os MCIs que a caracterizam – o do nascimento, o genético, o do cuidado e o genealógico –, com exceção do modelo marital – ver p. 29) e uma outra figura materna – a nova mulher do pai.

Como já apresentamos textos nos quais Dilma é categorizada como mãe, passaremos a mostrar outros, nos quais, através das ações e atitudes por ela tomadas, o seu papel de mãe se resume a ser a mulher do pai e/ou a madrasta má.

3.2.2.2 Dilma: a mulher do pai

Em 2012 fizemos uma atividade com uma de nossas turmas de língua inglesa na qual os alunos deveriam levar fotos de sua família e apresentá-las aos demais colegas, que lhes fariam perguntas sobre as fotos. Um dos alunos era filho de pais divorciados e, ao apresentar uma foto dele e do pai ao lado de uma mulher, foi indagado por outro aluno se aquela era sua madrasta. O aluno retrucou dizendo: “Não. Ela é só a mulher do meu pai.” Naquele momento todos riram. Se ela era a mulher do pai, disseram os demais, então, era sua madrasta. O aluno, porém, insistia. Ela era apenas a mulher do pai dele.

Parece engraçado, mas, para aquele rapaz fazia todo sentido dizer isso. “Apenas a mulher do pai” significava que ele não tinha com ela nenhuma intimidade ou nenhum tipo de relacionamento, que não fosse através de sua ligação com o pai. “Apenas a mulher do pai” significava que ele convivia com ela, mas apenas por causa do pai. “Apenas a mulher do pai” significava, para ele, que ela não era uma madrasta má, mas também não era sua mãe. “Apenas a mulher do pai” significava que a presença ou ausência dela não fazia diferença para aquele rapaz. Ela só existia para ele em função da relação que ela tinha com o pai.

A jornalista Aranha (2010) diz que, após ser escolhida por Lula para ser sua sucessora, Dilma Rousseff passou a ser chamada de: a mulher, a mulher do homem, a mulher de Lula, a menina de Lula e a mulher do presidente.

Dilma nunca havia disputado uma eleição antes de 2010 e, embora exercesse cargos na administração pública há vários anos, tanto no Rio Grande do Sul como no Governo Federal, ela não era tão conhecida do povo. Além disso, quando aparecia na mídia, Dilma era retratada como dura, como ela mesma disse: “Sou um mulher dura no meio de homens meigos”. Essa imagem não favorecia a candidata. Por isso, sua imagem foi “colada” à de Lula, político carismático, amado pelo povo. Dilma, então, era a mulher de Lula, a continuidade dele e não uma nova presidente, como nos mostram as charges 51 e 52.



Fonte: Humor Político.

Charge 52 – Paixão, Gazeta do Povo (PR), 18 ago. 2010.



Fonte: A Charge Online.

A fim de que possamos compreender melhor o que colocamos como mulher do pai em nossa análise, vejamos algumas características: a mulher do pai não tem “vida própria”, ela existe por sua relação com o pai; o relacionamento dos filhos se dá com o pai, sendo a mulher do pai apenas uma consequência desse relacionamento; a mulher do pai não é a mãe legítima dos filhos e nem é reconhecida por eles como mãe, ela é um apêndice do pai. Ela não disciplina, não pune, também não cuida e não educa; a mulher do pai, ao contrário da mãe, pode ser substituída sem que cause prejuízo emocional aos filhos; a mulher do pai, em sua

convivência com os filhos, age segundo o que o pai diz, não tem iniciativa própria; quando precisam, os filhos procuram o pai, não a mulher dele; enfim, os filhos respeitam a mulher do pai apenas em respeito ao pai.

Mapeamento 9

Metáfora: PRESIDENTE É PAI/MÃE
 Domínio-fonte: PAI/MÃE
 Domínio-alvo: PRESIDENTE
 Evoca:
 NAÇÃO É FAMÍLIA
 CIDADÃOS/ OUTROS MEMBROS DO GOVERNO SÃO FILHOS
 Mapeamentos:
 FAMÍLIA → BRASIL
 PAI → LULA
 MULHER DO PAI → DILMA
 FILHOS / ENTEADOS → CIDADÃOS / ELEITORES

Em algumas charges, Dilma é categorizada como a mulher do pai. Ela não tem vida ou vontade própria. Não é aceita como presidente, mas como uma mulher que está ali para fazer o que Lula diz. Ela foi eleita apenas por ter sido indicada e apadrinhada por Lula e não por mérito próprio. Por isso, ela se torna uma presidente invisível, não reconhecida como legítima para ocupar essa posição, que continua sendo de Lula.

Charge 53 – Amarildo, A Gazeta (ES), 24 abr. 2012.



Nas charges 53, o chargista “explica” a falta de legitimidade de Dilma para ocupar a posição de presidente, de mãe: ela não foi escolhida pelo eleitor. Na verdade, a escolha foi

Lula. Dilma é apenas a mulher de Lula, nada mais. Já a charge 54 nos mostra a completa invisibilidade de Dilma.

Charge 54 – Sponholz, Humor Político, 14 maio 2013.



Fonte: Humor Político.

A ingerência de Lula sobre Dilma está presente nas charges 55 a 60. Dilma foi eleita, mas é Lula quem governa. Como dissemos, ela não é, segundo as charges, a escolha legítima para ocupar o cargo de Presidente da República, mas apenas uma substituta para quando Lula estiver “fora de casa”.

Charge 55 – S. Salvador, Estado de Minas, 27 ago. 2011.



Fonte: A Charge Online.

A charge 55 trata sobre a “faxina ética” que Dilma estava fazendo no Congresso, demitindo Ministros envolvidos em escândalos de corrupção. Dilma, Presidente da República, é categorizada como uma dona-de-casa. Em conversa com uma colega dona-de-casa, ela mostra a vassoura com a qual estava “limpando” o Planalto e explica que colocaram freio na vassoura dela, ou seja, Lula, que aparece na charge segurando ferramentas, não permitiu que Dilma continuasse sua “faxina”. Dilma está sujeita à vontade de Lula, o homem da casa.

Na charge 56, o artista satiriza o fato de que Dilma não tem vida ou vontade própria, agindo apenas de acordo com o que Lula diz. Na 57, Lula é o pai, aquele que está acima da mulher, que toma as decisões e que é procurado quando algo tem que ser resolvido. Note-se que enquanto Dilma é retradada como um ser pequeno, sem vida, sentado na cadeira, Lula está pendurado na parede, numa foto enorme, falando ao telefone e observando o *notebook* em cima da mesa. Dilma não faz nada, enquanto Lula toma as decisões.

Charge 56 – Nani, A Charge Online, 19 jun. 2011.



chargeonline.com.br

Fonte: A Charge Online.

Charge 57 – M. Jacobsen, A Charge Online, 31 maio 2011.



Fonte: A Charge Online.

Durante toda sua primeira gestão, Dilma foi criticada pela mídia por recorrer a Lula para resolver os problemas que surgiam. Foi o que aconteceu quando o ministro Antonio Palocci foi acusado de estar envolvido em esquemas de corrupção. A charge 58 compara o governo a um carro. Dilma é a motorista, mas não consegue sequer trocar um pneu, um ministro, sem a ajuda de Lula. Lula, por outro lado, está sempre disponível a socorrer e possui todas as ferramentas necessárias para substituir qualquer parte do veículo ou mesmo carregá-lo no reboque.

A charge também traz implícito o pensamento arcaico e machista de que a mulher não é uma motorista “competente”, de que “mulher não sabe dirigir” ou, quando dirige, “mulher não sabe trocar pneu”, ou seja, depende de um homem para ajudá-la. O mesmo acontece com o país. Uma mulher não é competente o suficiente para conduzi-lo. Como afirma Goatly (2007), há uma ideologia escondida, que visa manter as relações de poder existentes na família e na sociedade/política brasileira.

Charge 58 – Duke, O Tempo (MG), 27 maio 2011.



Fonte: A Charge Online.

Charge 59 – Giancarlo, Humor Político, 13 maio 2013.



Paneetvino.blogspot.com

Fonte: Humor Político.

As charges 59 e 60 corroboram com o que é colocado nas charges anteriores. Na 59, quando se pergunta no Planalto sobre o líder do país, a resposta dada é que ele se mudou e mora em São Bernardo, ou seja, apesar de Dilma ser a Presidente do país, o líder do Brasil continua sendo Lula. Como nos mostra a charge 60, Lula deixou o cargo, mas Dilma governa sob sua sombra.

Charge 60 – Duke, O Tempo (MG), 04 jan. 2011.



Fonte: A Charge Online.

A partir das charges acima, vemos que Dilma pode ser caracterizada como a mulher do pai. O pai teve que se ausentar, mas deixou sua mulher, que segue suas recomendações. Porém, na hora de decidir, é ele quem decide, é ele quem é lembrado, é ele quem é procurado pelos filhos/eleitores. Dilma não é a mãe cuidadosa, pois ela não é encarada como a que cuida, que ama, que busca o bem de seus filhos, mas apenas como a que está lá por causa do pai, de sua relação com ele, para manter a ordem e cuidar da casa enquanto o pai não está.

Dilma, assim como os filhos de Lula, é dependente dele, como mostra a charge 61, de 2014, época da campanha para reeleição. A charge mostra Dilma, mais uma vez, sendo carregada por Lula. Porém, enquanto em 2010 as charges mostravam Dilma feliz, sendo carregada pelo ex-presidente, em 2014, Dilma não está satisfeita, demonstrando, assim, a sua vontade de se “emancipar”, desejo, segundo as charges coletadas, não alcançado.

Charge 61 – Miguel, Jorn. do Commercio (PE), 07 set. 2014



Entendemos que Dilma mulher do pai se relaciona com o que dissemos anteriormente em relação ao pai Lula. Lula, em alguns momentos, aproxima-se da figura do pai severo. Isso acontece quando sua autoridade não é/pode ser questionada, quando ele é a pessoa que legitimamente ocupa a posição superior na hierarquia familiar. Dilma, então, figura apenas como a mulher do pai, que é a única autoridade a ser obedecida, respeitada, temida e amada pelos filhos. A configuração da família está mais adequada ao modelo do Pai Severo, a uma ideologia conservadora, sendo Lula o pai e Dilma a mãe, que cuida da casa e dos filhos dentro do estabelecido pelo pai, que mantém a ordem, limpa etc. Dilma está numa posição hierarquicamente inferior a Lula na família, no governo.

Assim como encontramos metáforas em relação a Lula que podem ser vistas como variações da metáfora PRESIDENTE É PAI/MÃE, no que diz respeito à Dilma, o mesmo acontece. Uma metáfora bastante interessante que, inclusive, segundo a própria presidente, revela um ar de preconceito por ela ser mulher (questão por nós já colocada no capítulo 2 deste trabalho) – e que também remete ao modelo familiar do Pai Severo – é que Dilma é retratada como mãe-dona-de-casa, atualizando, também, a metáfora CORRUPÇÃO É SUJEIRA (CARNEIRO, 2012), o país/Planalto é visto como uma casa e Dilma como a dona-de-casa (empregada?), que limpa e cuida (ou não cuida?) do lar. A sujeira, por outro lado, são a corrupção e os corruptos (ver as charges 1 a 5 e 55, apresentadas anteriormente em nosso trabalho).

Mapeamento 10

Metáfora: PRESIDENTE É PAI/MÃE
 Domínio-fonte: PAI/MÃE
 Domínio-alvo: PRESIDENTE
 Evoca:
 NAÇÃO É FAMÍLIA
 CIDADÃOS/ OUTROS MEMBROS DO GOVERNO SÃO FILHOS
 CORRUPÇÃO É SUJEIRA
 Mapeamentos:
 FAMÍLIA → BRASIL
 PAI → LULA
 MÃE → DONA-DE-CASA → DILMA
 FILHOS → CIDADÃOS / POVO
 CASA → BRASIL
 CUIDAR DA CASA → CUIDAR DO BRASIL
 LIMPAR A CASA → LIMPAR O BRASIL
 SUJEIRA → CORRUPÇÃO / POLÍTICOS CORRUPTOS

A presidente Dilma Rousseff, em algumas ocasiões, como a demissão dos ministros logo no início de seu governo, foi vista pelo povo como a mãe que cuida da casa, que limpa, se livra da sujeira. Com isso, alcançou altos índices de popularidade, pois estava “arrumando” a casa (ver charge 15). Não por acaso (mas, muitas vezes, em tom de crítica), ela passou a ser chamada pela mídia de faxineira e suas ações de faxina ética. Entendemos que Dilma como dona-de-casa/faxineira é uma variação da classificação de Dilma como mãe cuidadosa, que zela pela casa e pelos filhos (na visão do povo), ou mesmo como a mulher do pai, que está ali apenas para cuidar da casa enquanto ele não volta (na visão da mídia).

Além de ser apenas a mulher do pai, a charge 62 nos apresenta Dilma como uma dona-de-casa relapsa, que não desempenha bem sua atividade de administrar as coisas da casa. Nessa charge, encontramos Dilma dona-de-casa olhando o que tem na geladeira. Porém, a geladeira está desligada e as “coisas”, como ela diz, estão se estragando, ou seja, em seu governo a Petrobrás, a Copa do Mundo, a economia e as alianças anteriormente feitas estão apodrecendo, se perdendo e sujando toda a geladeira, o Brasil. A charge também nos apresenta um problema grave que foi bastante divulgado na mídia no início de 2014, o da falta de água nos reservatórios e também da falta de energia, havendo o risco de racionamento. Por essa razão, a geladeira está desligada e, ainda, por esta mesma razão, várias coisas no governo Dilma estão se perdendo.

Charge 62 – Nani, A Charge Online, 18 mar. 2014.



chargeonline.com.br - © Copyright do autor
Fonte: A Charge Online.

Dilma é categorizada como mulher do pai e, mesmo nesse papel, ela é colocada pelos chargistas como incompetente para desempenhar sua função de cuidar do lar. Outra categorização que propomos para Dilma, a partir das charges coletadas para nossa pesquisa, é a de madrasta, como veremos a seguir.

3.2.2.3 Dilma: a madrasta malvada

“Branca de Neve era uma princesinha de cabelos bem negros, pele branca como a neve e lábios vermelhos. Ela morava com sua madrasta, **uma rainha muito vaidosa e má.**” (MARQUES; BELLI, ?, p. 33, grifo nosso)

“Era uma vez um homem cuja primeira esposa tinha morrido, e que tinha casado novamente com **uma mulher muito arrogante.** Ela tinha duas filhas que se pareciam em tudo com ela. O homem tinha uma filha de seu primeiro casamento. Era **uma moça meiga e bondosa, muito parecida com a mãe.** A nova esposa mandava a jovem fazer os serviços mais sujos da casa e dormir no sótão, enquanto as “irmãs” dormiam em quartos com chão encerado”.

(Disponível em:

<<http://www.educacional.com.br/projetos/ef1a4/contosdefadas/cinderela.html>>. Acesso em 10 de julho de 2014, grifo nosso)

Quem não conhece essas e outras histórias nas quais as mães são retratadas como bondosas e as madrastas, como vilãs? A mãe e a madrasta são figuras estereotipadas em nossa sociedade. A madrasta, ao contrário da mãe que, como vimos anteriormente é a encarnação do amor, afeição e cuidado, é uma figura feia, maldosa, que tem inveja dos seus enteados, que só pensa em si mesma e nos seus, que não cuida, mas, pelo contrário, maltrata os enteados.

Não estamos aqui a negar que existam mães que fujam às características acima ou madrastas que sejam boas e cuidadosas; sabemos que elas existem. Porém, quando mencionamos as palavras mãe e madrasta, o que primeiro nos salta a mente são figuras opostas, uma representando uma pessoa boa e a outra uma pessoa má. Esse é o senso comum, do qual, segundo Lakoff (2002), muitas vezes não temos consciência, mas que molda o nosso pensamento e agir no mundo, sendo algo poderoso e persistente.

Quando fazemos uma busca rápida na *internet* com o termo madrasta, além de sites que falam sobre uma novela transmitida por um canal de TV aberta que leva esse nome, vemos notícias de crimes cometidos por madrastas contra seus enteados como, por exemplo, nos casos das crianças Isabella Nardoni e do menino Bernardo, tão divulgados na mídia e que suscitaram revolta entre os brasileiros.

Figura 9 – Notícia sobre o caso Bernardo.

15/04/2014 20h41 - Atualizado em 30/04/2014 18h58

'Madrasta não deixava ele entrar em casa', diz avó de menino morto no RS

Corpo da criança de 11 anos foi encontrado enterrado em matagal. Pai, madrasta e amiga são suspeitos do crime e estão presos, diz polícia.

Fonte: G1 (2014).

Não apenas as madrastas cometem crimes contra seus enteados. Também existem mães que cometem crimes contra seus filhos. Porém, não vemos tantas notícias na mídia em relação a crimes cometidos por mães. Talvez isso se deva ao fato de que, quando a mãe é a agressora, geralmente a violência cometida parece ser a negligência no cuidado com os filhos, enquanto que, no caso da madrasta, prevalece a violência psicológica e física, conforme resultado de um estudo sobre a violência contra crianças e adolescentes feito em 2007, que leva em conta os registros de Conselhos Tutelares e levanta o perfil tanto da vítima, como dos agressores, bem como o tipo de violência cometida: “As maiores prevalências de negligência foram observadas entre a mãe e o pai; a violência psicológica e violência física entre a madrasta, o padrasto e outros familiares; a violência sexual, do tipo abuso entre o padrasto e

outros familiares;” (COSTA, 2007, p. 1140). Desse modo, a violência e os crimes cometidos pelas madrastas causam maior comoção pública e ganham maior destaque na mídia.

Ainda com relação ao papel da mãe e da madrasta, Falcke e Wagner (2000), reconhecem que, no senso comum, a mãe está ligada à bondade, amor e afeição. Já a madrasta é má:

Por outro lado, Cinderela e Branca de Neve nos ensinam, há muito tempo, que as madrastas são egoístas, frias e cruéis (Teyber, 1995). Sentimentos de pouco amor-próprio, ansiedade, hostilidade, culpa e melancolia são comumente relacionados à imagem desta personagem (Bassoff, 1990). Nesse sentido, é fácil notar que os modelos de identificação das madrastas são baseados em dois opostos: a figura idealizada da mãe perfeita e as madrastas malvadas descritas na literatura infantil. (FALCKE;WAGNER, 2000, p. 423)

As primeiras imagens que aparecem relacionadas ao termo madrasta são as das madrastas de Branca de Neve e Cinderela:

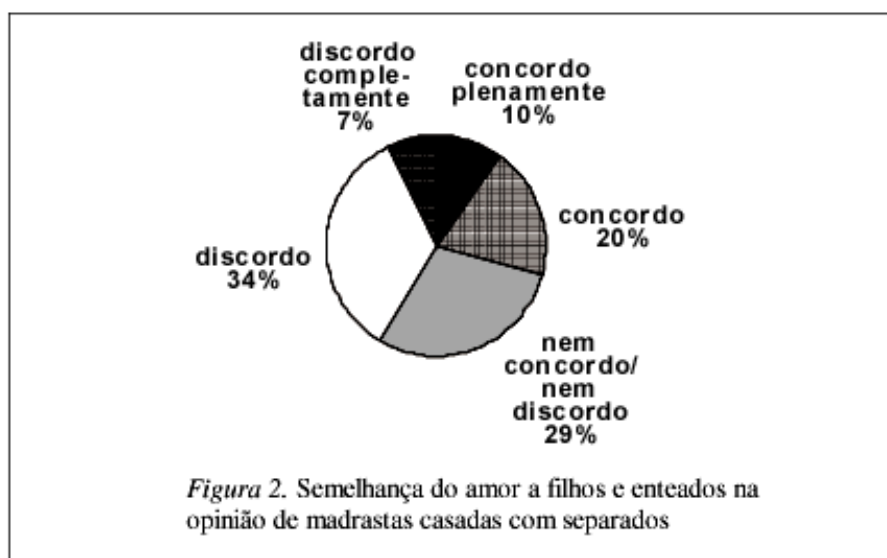
Figura 10 – A madrasta de Branca de Neve



Fonte: Antonella e sua boneca (2010).

A madrasta é aquela que maltrata, é cruel, não gosta. Ela, geralmente, odeia os enteados e deseja livrar-se deles. Em seu estudo, Falcke e Wagner (2000) relatam que as próprias madrastas não acreditam que o amor pelos enteados possa ser semelhante ao amor que uma mãe tem pelos filhos, conforme gráfico abaixo:

Figura 11 – Gráfico sobre semelhança do amor a filhos e enteados.

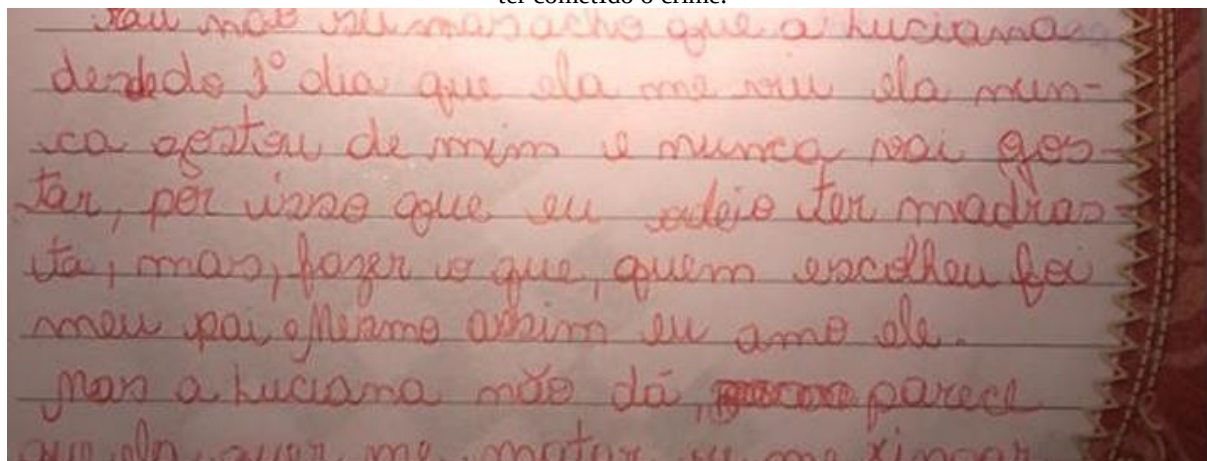


Fonte: Falcke; Wagner (2000, p. 433)

Por essa mesma razão, ainda acredita-se que quando as madrastas têm seus próprios filhos, elas buscam o bem desses e cuidam deles, mas não agem do mesmo modo com os seus enteados – a história de Cinderela. Isso reitera o que afirmamos anteriormente, com relação às charges que colocam Dilma como mãe cuidadosa dos problemas que assolam o país. Enquanto esses são categorizados como filhos de Dilma, o povo passa a ser seu enteado. Portanto, as charges apresentadas, de fato, apresentam Dilma como madrastra do povo brasileiro e não como sua mãe.

Ainda sobre a relação entre os filhos e a madrastra, observamos que os filhos amam os pais, mas a figura da madrastra, geralmente, é repudiada.

Figura 12 – Recorte de diário de uma garota assassinada falando sobre sua relação com a madrastra, suspeita de ter cometido o crime.



Fonte: Blog AM (2012).

No Facebook existem algumas comunidades como “Odeio minha madrasta falsa”, “Eu odeio madrasta” e “Eu odeio minha madrasta”, essa última se propondo a dar dicas de como se livrar de sua madrasta em 10 dias. Também existe uma comunidade chamada “Madrastas boazinhas”, para madrastas que amam seus enteados como se fossem seus filhos, “Madrasta”, “Madrasta ou Boadastra?”. Sim, boadrasta, porque o próprio termo madrasta já traz em si a palavra má. Segundo o Dicionário Aurélio Online (2014), madrasta significa:

s.f

1. Esposa ou companheira do pai, ou da mãe em casais do mesmo sexo, em relação aos filhos por eles tidos em relacionamento anterior.
2. Mãe que não cuida bem dos filhos.

adj. f.

1. Descarável, ingrata, cruel.

Por fim, Falcke e Wagner (2000) acrescentam que, dentre os mitos analisados em seu estudo, a concepção estereotipada da mulher como “cuidadora e responsável pela felicidade e bem-estar da família” ainda é bastante forte e presente em nossa sociedade. Diante disso, a presença da mãe é fundamental para a felicidade da família, enquanto que as ideias associadas à figura da madrasta provavelmente dificultam a construção de relações mais saudáveis e produtivas no seio de famílias reconstituídas.

Diante do exposto, acreditamos que categorizar Dilma como madrasta, para alguns filhos, seria possível, tendo em vista as charges encontradas.

Dilma, então, em algumas situações, não é a mãe cuidadora. Ela está lá, no posto da mãe, porque o pai – Lula – a colocou. Os filhos não são dela, são de Lula e ele a encarregou de cuidar deles. Ela, ao contrário do pai Lula, “maltrata” os filhos. Não cuida deles e não dá o que eles querem, deixando-os insatisfeitos. Prefere cuidar dos seus próprios filhos, ou seja, dos problemas, tais como a inflação, a corrupção e os políticos corruptos, como vimos anteriormente (ver pág. 144), prejudicando os enteados, no caso, o povo brasileiro.

Na charge 63, encontramos, de maneira explícita, Dilma sendo categorizada como madrasta. A charge mostra Dilma abraçando Anthony Garotinho, político evangélico do Rio de Janeiro, ligado ao Partido da República (PR). A charge é de 2010, ano da campanha

eleitoral de Dilma, na qual Garotinho oferece apoio e, em troca, pede que o governo revogue o decreto que instituiu o PNDH 3 (Plano Nacional de Direitos Humanos), pois nele há maior permissividade para o aborto legal e, ainda, a proteção aos direitos dos profissionais do sexo.

O termo madrasta pode ser entendido aqui de diversas maneiras: a) Garotinho oferece apoio à Dilma, mas ela, segundo a mídia, não comparece a nenhum evento de apoio ao candidato do PR, gerando descontentamento do político evangélico; b) o PNDH 3 não foi revogado, apesar de garotinho ter apoiado Dilma no primeiro turno; c) Dilma apoiou a pré-candidatura de Garotinho ao governo do Rio, em abril de 2010, na disputa contra um de seus aliados, Sérgio Cabral do PMDB, logo, Dilma também pode ser entendida como madrasta de Cabral, adversário político de Garotinho, que segundo notícias da época ficou irritado e teve sua aliança com o PT estremecida.

Charge 63 – Nani, Nanihumor, 08 abr. 2010.



Fonte: Nanihumor.

Mapeamento 11

Metáfora: PRESIDENTE É PAI/MÃE
 Domínio-fonte: PAI/MÃE
 Domínio-alvo: PRESIDENTE
 Evoca:
 NAÇÃO É FAMÍLIA
 CIDADÃOS/ OUTROS MEMBROS DO GOVERNO SÃO FILHOS
 Mapeamentos:
 FAMÍLIA → BRASIL
 PAI → LULA
 MADRASTA → DILMA
 FILHOS / ENTEADOS → CIDADÃOS / POVO

As charges 63 e 64 nos mostram uma Dilma que não está preocupada com o que ocorre com seus eleitores/ filhos, que toma medidas que não os deixam felizes ou não os favorece, que não age no interesse dos enteados. Na charge 64, a preocupação de Dilma é o final da novela e não a situação/ problema que seus filhos enfrentam.

Charge 64 – Nani, A Charge Online, 17 out. 2012.



Chargeonline.com.br - © Copyright do autor.
Fonte: A Charge Online.

Nas charges 65 a 71, Dilma posa de boa mãe, mas, na verdade, suas ações prejudicam seus filhos. Na charge 65, por exemplo, Dilma aumenta o valor da Bolsa Família. Porém, com a inflação gerada em sua própria administração, esse aumento significa apenas bananas, já que o preço delas aumentara muito durante seu governo. Outra leitura possível seria Dilma Rousseff “dando uma banana” para o povo, ou seja, ela não está preocupada com o que o povo passa, pensa ou diz. Na 66, Dilma “engana” o povo (os filhos): enquanto sobe o preço da gasolina, ela anuncia a baixa no preço da energia em rede nacional. A charge 67 também trata sobre o aumento da gasolina. Dilma é a dona-de-casa que não pensa duas vezes em subir o preço do combustível, que aceita o novo preço em sua casa sem nenhuma irritação ou incômodo, mesmo sabendo que está prejudicando seus filhos.

Charge 65 – Clayton, O Povo (CE), 03 maio 2014.



Chargeonline.com.br - © Copyright do autor
Fonte: A Charge Online.

Charge 66 – Fausto, Olho Vivo, 30 jan. 2013.



Chargeonline.com.br - © Copyright do autor
Fonte: A Charge Online.

Charge 67 – Nani, A Charge Online, 19 jan. 2013.



Chargeonline.com.br - © Copyright do autor
Fonte: A Charge Online.

A charge 68 coloca o programa Mais Médicos como sendo de caráter eleitoreiro. A atuação dos novos médicos começou em algumas regiões do país a partir de setembro de 2013, alguns meses antes de ser lançada a pré-candidatura de Dilma pelo PT. A charge critica o programa, indicando que colocar apenas médicos nas regiões onde há precariedade no atendimento ao público do Sistema Único de Saúde (SUS) não resolveria o problema, pois além de médicos não existem enfermeiros, equipamentos, remédios e nem leitos. A contratação dos médicos serviria apenas para maquiar os problemas na área da saúde pública, mostrar que o governo estava agindo.

Charge 68 – Pelicano, Bom Dia (SP), 02 set. 2013.



Já na charge 69, o chargista chama a atenção para o fato de que, enquanto Dilma distribui Bolsa Família (ou aumenta o seu valor), ela corta verbas destinadas ao Programa Minha Casa, Minha Vida. O Bolsa Família, então, serve para desviar a atenção dos filhos para os cortes do governo.

Charge 69 – Pelicano, Bom Dia (SP), 03 mar. 2011.



Fonte: A Charge Online.

A charge 70 remete ao programa de televisão *Mais Você*, no qual a apresentadora, Ana Maria Braga, acompanhada do Louro José prepara e ensina como preparar receitas fáceis e gostosas. Dilma é a apresentadora que, acompanhada do seu Louro – Lula – cozinha feliz uma receita para os brasileiros: a CPMF. Note-se que, diferentemente do programa real, no programa de Dilma, a receita não é nem considerada boa e nem gostosa pelo povo.

Charge 70 – Simanca, A Tarde (BA), 02 mar. 2011.



Fonte: A Charge Online.

Na charge 71, a CPMF também é utilizada como tema pelo chargista. Com a crise na Líbia, o governo manda resgatar brasileiros que moravam naquele país. Porém, o chargista critica o governo, mostrando que a situação aqui no Brasil também não está boa, pois, além do aumento no salário mínimo ser pequeno, ainda havia o anúncio da volta da CPMF, ou seja, os

brasileiros, apesar de todos os problemas, preferiram ficar na Líbia a voltar ao Brasil. Dilma, mais uma vez, “finge” cuidar do povo, dos filhos, mas, na verdade, os prejudica.

Charge 71 – Dalcio, Correio Popular (SP), 25/02/2014.



Fonte: A Charge Online.

Mapeamento 12

Metáfora: PRESIDENTE É PAI/MÃE
 Domínio-fonte: PAI/MÃE
 Domínio-alvo: PRESIDENTE
 Evoca:
 NAÇÃO É FAMÍLIA
 CIDADÃOS/ OUTROS MEMBROS DO GOVERNO SÃO FILHOS
 Mapeamentos:
 FAMÍLIA → BRASIL
 PAI → LULA
 MADRASTA → DILMA
 FILHO / ENTEADO → BRASIL / POVO BRASILEIRO

Charge 72 – Brum, Tribuna do Norte, 11 mar. 2013



Fonte: Humor Político.

A charge 72 mostra Dilma alimentando o Brasil, seu filho. Porém, com a criação de mais um Ministério – a Secretaria da Micro e Pequena Empresa – ela força o menino a engolir e comer mais do que ele precisa e causa desconforto e mal-estar na criança. Note-se também que o menino está preso, amarrado na cadeira, indicando que o governo é autoritário e malvado, pois sabe que está fazendo mal ao país, tanto que o prende para que não possa reagir. A mãe-madrasta, fingindo estar cuidando da criança, dando alimento, na verdade, está maltratando, torturando, “matando” o menino.

Na charge 73, Dilma é retratada como uma bruxa que voa pelo céu da Esplanada dos Ministérios, demonstrando que para seus filhos/ ministros ele é vista dessa maneira. A bruxa, como sabemos, é a figura típica utilizada para retratar a madrasta, como podemos ver nos contos de fadas. Dilma-bruxa sobrevoa os ministérios, assustando e assombrando os ministros, ameaçando lhes “fazer mal”

Mapeamento 13

Metáfora: PRESIDENTE É PAI/MÃE
 Domínio-fonte: PAI/MÃE
 Domínio-alvo: PRESIDENTE
 Evoca:
 NAÇÃO É FAMÍLIA
 CIDADÃOS/ OUTROS MEMBROS DO GOVERNO SÃO FILHOS
 Mapeamentos:
 FAMÍLIA → BRASIL
 PAI → LULA
 MADRASTA → DILMA
 FILHOS / ENTEADOS → MINISTROS / ALIADOS

Charge 73 – Mariano, A Charge Online, 22 ago. 2011.



Fonte: A Charge Online.

A charge 74, assim como a 73, diz respeito ao tratamento que Dilma dá a seus ministros (filhos). Dilma não os trata bem e, inclusive, o artista satiriza a questão dos direitos dados aos empregados domésticos no governo Dilma, indicando que os ministros deveriam,

no mínimo, serem tratados com os mesmos direitos que esses empregados. Dilma cuida dos “de fora” e esquece dos que lhe são mais próximos.

Charge 74– Nani, A Charge Online, 23 abr. 2013.



Fonte: A Charge Online.

Como dissemos anteriormente, em nosso *corpus* encontramos dados suficientes que demonstram que a metáfora PRESIDENTE É PAI/MÃE também se aplica ao Brasil. Ainda, que Dilma (e Lula) são categorizados com mãe (pai/mãe). Por fim, vimos que, enquanto Lula, no geral, é categorizado como pai cuidadoso, Dilma-mãe pode ser categorizada como a mãe cuidadosa, a mulher do pai e a madrasta má, em diferentes situações e em relação a filhos diferentes.

A figura da mãe cuidadosa, normalmente, aparece nas charges que tratam sobre o período eleitoral, a campanha de Dilma para Presidência da República. Ela é, então, a mãe do povo brasileiro, que, juntamente com o pai Lula, cuidará, alimentará, fará o melhor para seus filhos. Já nas charges publicadas no decorrer do primeiro mandato da presidente, normalmente, ela é categorizada como mulher do pai e, principalmente, como madrasta.

Apesar de, à primeira vista, Dilma mãe cuidadosa também estar presente em charges que falam sobre corrupção, inflação, CPMF e outros problemas que afligem o país/família, vimos que, nesses casos, os chargistas, ao colocarem Dilma como mãe cuidadosa desses filhos, a categorizam como madrasta do povo brasileiro.

Julgamos, então, a partir da análise empreendida, que a categorização de Dilma como madrasta é a mais presente nas charges. Dilma é a madrasta do povo brasileiro, que maltrata, prejudica, que não se preocupa com a família, mas apenas consigo mesma e com os seus.

Embora o *corpus* deste trabalho seja composto de textos publicados entre os anos de 2010 e 2014, gostaríamos de destacar que, já no início do ano de 2015, após a reeleição de

Dilma, a metáfora PRESIDENTE É PAI/MÃE é retomada, tanto pela presidente, quanto pela mídia e pela oposição.

No dia 23 de fevereiro de 2015, a oposição, através do Instituto Teotônio Vilela, do PSDB, chamou a presidente reeleita de “mãe do petrolão” e afirmou que ela era apenas uma marionete que seguia o script ditado pelo seu “tutor”. (CASTRO, 2015)

Dois dias depois, 25 de fevereiro, Dilma traz de volta a figura da mãe cuidadosa do povo brasileiro em discurso durante a cerimônia de entrega de unidades habitacionais do Programa Minha Casa, Minha Vida: “Agora nós precisamos também fazer ajustes. Agora ninguém faz ajustes por fazer ajuste. Eu faço ajuste no meu governo como uma mãe, uma dona de casa faz na casa dela” (Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-o-planalto/discursos/discursos-da-presidenta/discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-entrega-de-920-unidades-habitacionais-do-condominio-solar-da-princesa-3-e-4-do-programa-minha-casa-minha-vida-feira-de-santana-ba>>. Acesso em : 10 jun. 2015).

Em 27 de fevereiro, Na TVVeja, a jornalista Joice Hasselmann dispara: “Quem não se lembra de quando Dilma Rousseff era chamada de mãe do PAC? Agora, será no máximo, a madrasta”. (HANSSELMANN, 2015)

Esses exemplos mostram que a metáfora investigada em nosso trabalho continua sendo utilizada, tanto pela situação, quanto pela oposição, com objetivos diferentes. Enquanto a situação categoriza Dilma como mãe cuidadosa do povo brasileiro, a oposição e a mídia a categorizam como madrasta, comprovando o que Goatly afirma em *Washing the brain: metaphor and hidden ideology* (2007): as metáforas revelam e inculcam ideologias, reproduzem certos comportamentos sociais, pessoais e políticos. Do mesmo modo, as charges analisadas funcionam como ferramenta ideológica (GOATLY, 2007; CHARTERIS-BLACK, 2004), sendo utilizadas para reproduzir/manter uma ideologia política mais conservadora e atacar a presidente, o governo e o PT.

José

*E agora, José?
A festa acabou,
A luz apagou,
O povo sumiu,
A noite esfriou,
E agora, José?
E agora, você?
Você que é sem nome,
Que zomba dos outros,
Você que faz versos,
Que ama, protesta?*

*E agora, José?
Está sem mulher,
Está sem carinho,
Está sem discurso,
Já não pode beber,
Já não pode fumar,
Cuspir já não pode,
A noite esfriou,
O dia não veio,
O bonde não veio,
O riso não veio
Não veio a utopia
E tudo acabou
E tudo fugiu
E tudo mofou,*

*E agora, José?
Sua doce palavra,
Seu instante de febre,
Sua gula e jejum,
Sua biblioteca,
Sua lavra de ouro,
Seu terno de vidro,
Sua incoerência,
Seu ódio - e agora?*

*Com a chave na mão
Quer abrir a porta,
Não existe porta;
Quer morrer no mar,
Mas o mar secou;
Quer ir para minas,
Minas não há mais.
José, e agora?*

*Se você gritasse,
Se você gemesse,
Se você tocasse
A valsa vienense,
Se você dormisse,
Se você cansasse,
Se você morresse...
Mas você não morre,
Você é duro, José!*

*Sozinho no escuro
Qual bicho-do-mato,
Sem teogonia,
Sem parede nua
Para se encostar,
Sem cavalo preto
Que fuja a galope,
Você marcha, José!
José, para onde?*

Carlos Drummond de Andrade

CONSIDERAÇÕES (QUASE) FINAIS

“E agora José?”

Este trabalho teve como objetivo verificar se as metáforas PRESIDENTE É PAI/MÃE e CIDADÃOS/ OUTROS MEMBROS DO GOVERNO SÃO FILHOS são atualizadas no contexto político brasileiro, particularmente no que se refere à presidente Dilma Rousseff. Em nossa pesquisa, também tratamos sobre a categorização de Dilma como mãe, através da análise das metáforas presentes em charges publicadas no período de 2010 a 2014.

Tomamos como pressuposto teórico a Teoria da Metáfora Conceptual e a relação existente entre metáfora, cultura, ideologia e, na área de metáfora conceptual e política, os modelos de família sugeridos por Lakoff (2002) e Lakoff e Wehling (2012).

Para realização da pesquisa, passamos por três fases: levantamento bibliográfico, coleta de dados e análise. A análise, de cunho qualitativo, partiu da hipótese de que as metáforas mencionadas acima também podem ser encontradas na cultura e pensamento político brasileiro e de que Dilma, de acordo com os modelos de família do Pai Severo e do Pai/Mãe Cuidadoso(a), não era categorizada nas charges como mãe cuidadosa.

Embora a pesquisa seja sobre a conceptualização e categorização de Dilma, verificamos que, para falar em Dilma, seria necessário fazer uma rápida investigação sobre a categorização de Lula. Como vimos no segundo capítulo deste trabalho, Lula foi, devido aos programas de inclusão social e transferência de renda de seu governo, apelidado de pai dos pobres. Não há, portanto, como falar em Dilma sem mencionar seu antecessor, já que ele era o pai (ela a mãe), foi ele quem a indicou, a imagem dela foi colada a dele durante toda a campanha eleitoral (tanto em 2010, quanto em 2014) e, ainda, devido à influência que ele exerceu durante o primeiro mandato da presidente.

Na análise, partindo das charges publicadas entre os anos de 2010 e 2014, buscamos respostas para as nossas perguntas de pesquisa: Dilma é conceptualizada como mãe? Se sim, de acordo com os modelos de família, como os chargistas categorizam a presidente? Nossa hipótese era de que Dilma era categorizada como mãe, mas não como uma mãe cuidadosa.

No tratamento dos dados, procuramos encontrar no *corpus* expressões metafóricas, recuperar as metáforas por elas atualizadas e os mapeamentos possíveis. Ainda, sendo a charge um texto que possui uma função avaliativa, além de humorística, buscamos recuperar o ponto de vista apresentado pelo chargista.

Como toda pesquisa, esta fornece uma leitura possível das charges analisadas, leitura essa que não é apresentada aqui como sendo uma verdade absoluta, mas como uma sugestão, uma proposta. Sabemos que outras leituras e análises existirão que, concordando ou discordando da nossa, nos servirão de incentivo para continuar nossa pesquisa sobre o tema aqui apresentado.

Após a análise apresentada, podemos tecer algumas considerações acerca dos resultados obtidos:

Como vimos, partindo de nossas primeiras experiências de administração e governo, que se dão na família, surge a metáfora primária NAÇÃO É FAMÍLIA. Esse mapeamento entre família e nação/governo, desenvolvido por Lakoff (2002) em seu estudo sobre a política americana, também se aplica ao contexto brasileiro, conforme verificamos em nosso *corpus*.

A metáfora NAÇÃO É FAMÍLIA e seus desdobramentos PRESIDENTE É PAI/MÃE e CIDADÃOS/ OUTROS MEMBROS DO GOVERNO SÃO FILHOS estão presentes no contexto político brasileiro, sendo encontradas em diversas charges, confirmando a hipótese de que Dilma é conceptualizada como mãe. Não só Dilma é conceptualizada como mãe, como também o seu antecessor, Lula, é pai. É interessante notar que, enquanto em algumas charges Dilma é, ao lado do pai Lula, a mãe; em outras, ela é a filha de Lula, completamente dependente dele.

No que diz respeito à categorização de Lula, nossa hipótese de que ele era categorizado como pai cuidadoso foi confirmada. Porém, em alguns textos, prevalece aspectos como a hierarquia e a autoridade inquestionável de Lula que revelam uma categorização de Lula como pai severo. Concluímos, então, que há uma mescla entre os modelos do Pai/Mãe Cuidadoso(a) e do Pai Severo, o que, segundo Lakoff (2002) é possível de ocorrer.

Lula é o pai cuidadoso do povo brasileiro, de Dilma Rousseff, de seus aliados políticos, dos mais pobres. Porém, quando relacionamos a figura do pai Lula com a da mãe Dilma, Lula está hierarquicamente colocado acima de Dilma. É ele quem manda, quem define o quê será feito e como será. É ele quem diz o que Dilma deve fazer e esta deve obedecê-lo, revelando um caráter menos liberal e mais conservador.

Ao verificarmos que Lula geralmente é categorizado como pai cuidadoso, a tendência seria imaginarmos que Dilma, sua sucessora, seria também categorizada como mãe cuidadosa. Porém, nossa hipótese, que foi confirmada, era de que Dilma não era assim caracterizada pelos chargistas.

A categorização de Dilma como mãe é bem mais complexa. Encontramos, nas charges, diferentes filhos da mãe Dilma e o seu papel de mãe muda de acordo com os filhos e com a época a qual as charges se referem. Em algumas charges, os filhos são petistas envolvidos em esquemas de corrupção, em outras, aliados políticos, o povo brasileiro, os problemas que assolam o país e, até mesmo, o próprio ex-presidente Lula.

Sugerimos, em nosso trabalho, que a presidente Dilma é categorizada de três maneiras diferentes: mãe cuidadosa, mulher do pai e madrasta. Porém, em seguida, verificamos que a mãe cuidadosa está presente apenas nas charges que tratam sobre o período eleitoral. Nas demais charges, a categorização como mãe cuidadosa, na verdade, é feita de maneira irônica, nos levando a ver Dilma não dessa maneira, mas como uma madrasta malvada, que apenas se preocupa consigo e com os seus, prejudicando os filhos do pai Lula.

Salientamos que a categorização aqui proposta não é universal. Ela está presente em um contexto específico e atual da política brasileira, no *corpus* analisado, e só é possível devido à visão estereotipada que existe na cultura/imaginário brasileiro sobre os papéis da mãe e da mãe substituta. Ainda, lembramos que, como este trabalho apresenta apenas uma proposta possível de análise, uma sugestão, podem existir outras leituras possíveis das charges analisadas.

Dilma mãe cuidadosa é a que cuida dos filhos, protege, busca a felicidade, satisfação e crescimento deles. Dilma mãe cuidadosa interessa ao governo e ao PT, sendo rechaçada pela oposição e por parte da mídia brasileira, inclusive nas charges por nós analisadas. Verificamos que a presidente é categorizada como mãe cuidadosa quando seus filhos são: aliados políticos (políticos corruptos), o próprio Lula e, principalmente, os problemas de seu governo, como o PIB baixo, a inflação, a CPMF, a corrupção, dentre outros. Sendo assim, mesmo sendo colocada como cuidadosa, essa categorização de Dilma como mãe cuidadosa aponta, de maneira irônica na maioria das charges, para um outro tipo de mãe, a substituta e, principalmente, a madrasta malvada.

Em nosso trabalho, pudemos verificar a relação intrínseca entre metáfora, cultura e ideologia, quando observamos que no contexto da sociedade brasileira é possível identificar aspectos que levam à conceptualização da presidente como mãe e, ainda, que fatores culturais e sociais, além de fatores políticos e ideológicos, que influenciam nessa categorização de Dilma como mãe. De acordo com Lakoff e Johnson (2002), quando categorizamos, destacamos algumas qualidades da entidade que está sendo categorizada e ocultamos outras. Em nosso trabalho, vimos que a escolha do que será destacado ou ocultado é uma escolha de

cunho ideológico. Destacamos aquilo que queremos que as outras pessoas vejam ou acreditem ser a principal característica e ocultamos aquelas que vão de encontro ao que pensamos, escondendo o que, para nós, seria negativo que os outros vissem ou entendessem.

No que diz respeito a relação entre metáfora e cultura, na cultura brasileira, a mãe, mais do que o pai, é aquela que cuida, que educa, que alimenta, que quer o melhor para os filhos. A mãe assume a responsabilidade pelo bem-estar e educação dos filhos, enquanto o pai é o provedor do lar. Sabemos que esse é um pensamento arcaico. Que existem várias famílias que não mais vivem de acordo com esse modelo. Porém, no pensamento conservador brasileiro, que ainda prevalece nas charges, a divisão dos direitos e deveres na família é assim, o mesmo ocorre no governo. Quando, na época da sua primeira campanha para presidente, Dilma foi apresentada e se apresentou como mãe, esperava-se que ela desempenhasse o papel de cuidar do povo brasileiro, da mesma maneira ou até melhor do que seu antecessor, o pai Lula, cuidou. A figura da mãe cuidadosa apresentada por Lula, pela própria Dilma, pelo PT e pelos marqueteiros de campanha teve como objetivo criar uma identificação e sensibilizar o povo para o papel que a mulher-presidente Dilma desempenharia no governo.

Porém, a figura da mãe cuidadosa não interessava aos opositores do governo e do PT. Logo, eles trataram de “criar” uma nova categorização para a presidente-mãe: a mãe substituta. A mãe substituta se subdivide em duas outras figuras: a mulher do pai e a madrasta. Essas são úteis para os opositores do governo e do PT, pois desqualificam a presidente como mãe, tornando-a incompetente para exercer/continuar no cargo. Sendo assim, tanto a oposição quanto a mídia, fazendo uso da metáfora primeiramente utilizada pelo próprio PT, atribuindo a ela um novo papel, uma nova utilização e ponto de vista.

A categorização de Dilma como mulher do pai se justifica por ser a presidente colocada nas charges como uma marionete que apenas faz o que o pai Lula diz. Ela não é amada nem procurada pelos filhos, que amam e respeitam o pai. Ela é aceita pelos filhos devido a sua relação com o pai. Dilma mulher do pai é a presidente invisível, que só está no posto porque o pai, Lula, a colocou. Ela não é reconhecida como a líder da família, apenas como a mulher de Lula, que deve agir de acordo com o que ele diz. É Lula quem governa, não Dilma.

Dilma mulher do pai apresenta a presidente como sendo incapaz de governar. Ele não é a pessoa legítima para ocupar o posto de presidente e não sabe como governar o país. Tal categorização só é possível porque em nossa sociedade existe a figura do pai que, solteiro ou

divorciado, se relaciona com uma mulher que não é a mãe de seus filhos. Essa mulher não se relaciona e não cuida dos filhos, apenas é a mulher do pai deles. Essa categorização também traz consigo uma ideologia machista embutida: a de que a mulher é inferior ao homem e que o homem é quem governa o lar.

Dilma mulher do pai está relacionada com a categorização de Lula como pai severo, ou seja, ele é hierarquicamente superior a ela e ela deve obedecê-lo e fazer com que ele seja obedecido. A categorização de Dilma como mulher do pai aparece quando os filhos são o povo e aliados políticos do PT e nos revela uma posição político ideológica mais conservadora e de oposição ao governo.

No entanto, vimos que a ideia principal que norteia as charges é a de categorizar Dilma como madrasta do povo brasileiro. A madrasta má encontra-se no imaginário de muitos brasileiros que, influenciados ou não pelos contos de fadas e pelas notícias que apresentam as atrocidades cometidas por algumas mães substitutas, entendem, mesmo que inconscientemente, que a madrasta é uma pessoa má, que não gosta nem se preocupa com os filhos. Pelo contrário, busca destruí-los. O tom de crítica/oposicionismo nas charges é perceptível e, mesmo quando Dilma é colocada como mãe cuidadosa, essa mãe “cuidadosa”, cuida do que não favorece o povo, o país.

Dilma é categorizada como madrasta má, aquela que maltrata os filhos do pai Lula e preocupa-se apenas com os seus (a inflação, a CPMF, por exemplo). Reiteramos que, quando categorizada como mãe cuidadosa dos problemas, na verdade, as charges nos sugerem que Dilma não é a mãe cuidadosa do povo brasileiro, mas sim, madrasta, pois enquanto cuida dos seus filhos (dos problemas que são atribuídos a sua gestão), prejudica os filhos do pai Lula. Essa é a categorização que, acreditamos, ser a mais encontrada nas charges e representam, do mesmo modo que a mulher do pai, mas ainda com maior força, uma ideologia mais conservadora.

De todo o exposto, concluímos que as metáforas conceptuais de um determinado grupo social, cultural ou político podem (e são) utilizadas como instrumento de persuasão, com fins ideológicos (GOATLY, 2007; CHARTERIS-BLACK, 2004). Sabemos que as charges tem como objetivo criticar uma situação ou pessoa e isso é feito através do humor. Tal fato não poderia ser diferente com a presidente Dilma Rousseff. As charges criticam a presidente e algumas ações do seu governo. Porém, o que verificamos é que a característica de ser mulher está bastante presente nessa crítica.

Por ser mulher, parece-nos que as críticas a presidente Dilma Rousseff são mais ferrenhas e sexistas. A presidente-mulher é categorizada, por vezes, como mãe, que tem o dever de cuidar e educar os filhos. Além disso, essa mãe é a mãe dona-de-casa, aquela que se encontra hierarquicamente em posição inferior a do homem no lar e cujo papel é limpar, cuidar da casa, obedecer ao pai; mas não governar, papel exclusivo e próprio do homem.

Não nos cabe, aqui, expressar juízo de valor sobre este ou aquele ponto de vista, mas cumpre-nos ressaltar que o que está em jogo é uma luta político-ideológica na qual se tenta reproduzir/manter/difundir uma ideologia e convencer os leitores-eleitores de um determinado ponto de vista. Essa luta, como demonstramos, começou ainda no período da primeira campanha de Dilma Rousseff e continua a ser travada no seu segundo mandato.

Retomando alguns dos autores por nós estudados, verificamos que a ideologia presente nas charges analisadas, além de organizar a maneira como pensamos/representamos a posição da presidente-mulher em nossa sociedade, nos mostra como devemos agir nas relações tanto familiares, quanto políticas. Por meio das metáforas analisadas, os chargistas constroem uma realidade e difundem/mantêm/perpetuam as relações de poder que existem na sociedade brasileira. O leitor, ao reconhecer o humor, a crítica, a ironia presente na charge, filia-se ao que foi por ela colocado; ainda que inconscientemente ou até mesmo discordando do que está posto na charge, seu riso demonstra que a ideologia por ela veiculada está presente no contexto brasileiro.

Em nosso trabalho, verificamos que as charges analisadas defendem, apoiam e divulgam um pensamento arcaico, patriarcalista e sexista com relação a presidente Dilma Rousseff e, conseqüentemente, às mulheres brasileiras. As críticas à presidente-mulher começaram a surgir ainda na época de sua primeira campanha, continuaram durante a primeira cerimônia de posse de Dilma Rousseff e perpetuaram-se durante todo o seu primeiro mandato e início do segundo – sua aparência, penteado, maquiagem, “jeito masculino” continuam sendo alvo de crítica; as ações que a presidente-mulher toma em seu governo são comparadas as de uma dona-de-casa, ou seja, aquela mulher que só sabe lavar, passar, limpar, obedecer, mas não governar. Isso é feito num sentido perjorativo, pois ela é colocada como uma péssima dona-de-casa, ou seja, nem o que ela deveria saber fazer ela faz direito. Não nos surpreende, após essa análise, que alguns “protestos” contra ações do governo Dilma tenham apresentado um caráter machista e sexista e que a presidente tenha sido xingada com expressões de baixo calão, de caráter misógino, que agridem sua imagem como presidente e, principalmente, como mulher.

Como toda pesquisa, a nossa também encontrou algumas limitações e nos indica que novos estudos poderão e deverão ser desenvolvidos sobre o tema. Como trabalhamos com charges, textos que em sua grande maioria são multimodais, necessitamos ir em busca das noções de metáfora mono e multimodal de Forceville (2002; 2007; 2009). Porém, uma análise nos moldes da realizada por esse autor não foi necessária para alcançar os objetivos deste nosso trabalho. No entanto, ela poderá ser feita posteriormente.

Também não entramos na seara da metáfora deliberada (CAMERON, 2003; STEEN, 2011, 2013, 2015 ; GIBBS, 2015), que indica que algumas metáforas são utilizadas de maneira intencional e deliberada, revelando uma dimensão comunicativa das metáforas. Pretendemos fazê-lo em trabalhos posteriores. Necessitamos, também, aprofundar o estudo da relação existente entre metáfora-cultura-ideologia e, ainda, pretendemos pesquisar sobre o efeito que o uso das metáforas exercem nos leitores, como elas são compreendidas e se são por eles identificadas ou não.

Também poderão ser desenvolvidos trabalhos que contrastem as metáforas utilizadas em diferentes países que são/foram governados por mulheres, como o Chile e a Alemanha, por exemplo, a fim de verificar se as mesmas metáforas são utilizadas e a ideologia que nelas está escondida. Outras pesquisas poderão ser realizadas sobre as metáforas do gênero do Brasil e, ainda, sobre as metáforas utilizadas para categorizar os presidentes homens e mulheres no Brasil e no mundo. Enfim, várias outras pesquisas poderão e deverão ser desenvolvidas sobre o tema que tratamos e poderão dialogar com este trabalho em busca de uma melhor compreensão sobre o fenômeno da categorização.

Por fim, o que dizer, então? A presidente Dilma continuará a ser categorizada nas charges como mulher do pai e madrasta ou ela passará a ser (também) categorizada como a mãe cuidadosa do povo brasileiro? Como será o futuro da família/Nação Brasil? Em muitas famílias, há o divórcio. Em outras, um dos pais morre. Alguns filhos terminam por aceitar a mulher do pai como mãe e até amá-la do mesmo modo, ou até mais do que ao pai. Outros, se emancipam. Já nos casos de Branca de Neve e Cinderela, após a morte dos pais delas, por desgosto com o tratamento que as madrastas davam as suas filhas, as princesas derrotam as malvadas e se livram das agruras sofridas quando debaixo de seus desmandes e gostos. O que vai acontecer com mãe Dilma (e pai Lula) e com seus filhos/enteados? Tudo isto é incerto e não podemos prever.

“Você marcha, José! José, para onde?”

REFERÊNCIAS

A CHARGE ONLINE: jornal de charges. Disponível em: <<http://chargeonline.com.br/>>. Acesso em: jan. – dez. 2014.

ALMEIDA, A. C. **A cabeça do eleitor**: estratégia de campanha, pesquisa e vitória eleitoral. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. **A cabeça do brasileiro**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

ALVARES, R. 'Eu vou ser a mãe do povo brasileiro', afirma Dilma Rousseff em Natal. **Estadão**, 28 jul. 2010. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,eu-vou-ser-a-mae-do-povo-brasileiro-afirma-dilma-rousseff-em-natal,587357>>. Acesso em: 28 mar. 2014)

AMARAL, R. B. **A vida quer é coragem**: a trajetória de Dilma Rousseff, a primeira presidenta do Brasil. Rio de Janeiro: Sextante, 2011. (Ebook)

ANTONELLA E SUA BONECA. Madrasta! hahahahah. 27 out. 2010. Disponível em: <<http://antonellaesuaboneca.blogspot.com.br/2010/10/madrasta-hahahahah.html>>. Acesso em: 10 jul. 2014.

AQUINO, R. Os segredos da nova Dilma: cabelos e make-up para enfrentar a campanha na TV de alta definição. **Época**, 27 maio 2010. Disponível em: <<http://colunas.revistaepoca.globo.com/mulher7por7/2010/05/27/os-segredos-da-nova-dilma-cabelos-e-make-up-para-enfrentar-a-campanha-na-tv-de-alta-definicao/>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

ARANHA, A. O presidente e o mito. **Época**. Edição n. 646 de 02 out. 2010. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI176363-15223-2,00-O+PRESIDENTE+E+O+MITO.html>>. Acesso em: 15 nov. de 2014.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa. 7. ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/>>. Acesso em: 20 out. 2013.

_____. **Retórica**. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel Do Nascimento Pena. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005. Disponível em: <[http://copyright.me/Acervo/livros/ARISTO%CC%81TELES.%20Reto%CC%81rica%20\(Imprensa%20Nacional\).pdf](http://copyright.me/Acervo/livros/ARISTO%CC%81TELES.%20Reto%CC%81rica%20(Imprensa%20Nacional).pdf)>. Acesso em: 20 out. 2013.

ASSUNÇÃO, A. L.; SPERANDIO, N. E. O modelo cognitivo metafórico no processo de categorização. IV CONGRESSO SOBRE METÁFORA NA LINGUAGEM E NO PENSAMENTO, Porto Alegre, 2011. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2011. pp. 501-532.

BLACK, M. More about metaphor. In: ORTONY, A. (ed.) **Metaphor and thought**. 2. ed. Cambridge: CUP, 1993. pp. 19-41.

BLOG AM. Jovem falou de madrasta em diário. 17 set. 2012. Disponível em: <<http://www.andremansur.com/blog/jovem-falou-de-madrasta-em-diario>>. Acesso em: 10 jul. 2014.

BLOG DO CORONEL. Pibinho da Dilma decepçiona de novo e cresce só 0,08%. 17 out. 2013. Disponível em: <<http://coturnonoturno.blogspot.com.br/2013/10/pibinho-dilma-decepçiona-de-novo-e.html>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

BLOG DO ELIOMAR: Informação sem preconceito. Disponível em:<<http://blog.opovo.com.br/blogdoeliomar/charge-do-clayton-24/>>. Acesso em: 26 jun. 2014.

BLOG DO PPS. O Brasil não é uma capitania hereditária do PT. 20 de agosto de 2010. Disponível em: <<http://23pps.blogspot.com.br/2010/08/o-brasil-nao-e-uma-capitania.html>>. Acesso em: 15 out. 2014.

_____. Twitter @23pps comenta #BrasilCarinhoso de Dilma. 13 maio 2012. Disponível em: <<http://23pps.blogspot.com.br/2012/05/twitter-23pps-comenta-brasilcarinhoso.html>>. Acesso em: 27 mar. 2014.

CAMERON, L. **Metaphor in educational discourse**. London: Continuum, 2003.

CARNEIRO, P. L. **Metáforas conceptuais da corrupção na charge e no blog jornalístico**. 2012. 212f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística – PROLING/UFPB, João Pessoa, 2012.

CASTRO, G. O incrível caso do país sem direita. **Veja**. Brasil, 3 abr. 2011a. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/o-incrivel-caso-do-pais-sem-direita/>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

CASTRO, G. Olavo de Carvalho: esquerda ocupou vácuo pós-ditadura. **Veja**. Brasil, 3 abr. 2011b. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/olavo-de-carvalho-esquerda-ocupou-vacuopos-ditadura>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

CASTRO, J.R. Instituto do PSDB chama Dilma de ‘Mãe do Petrolão’. **Estadão**. Política, 23 fev. 2015. Disponível em:<<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,instituto-do-psdb-chama-dilma-de-mae-do-petrolao,1638321>>. Acesso em: 10 jun. 2015

CAVALCANTI, M. C. C. **Multimodalidade e Argumentação na Charge**. 2008. 101f. Dissertação (Mestrado em Letras) – UFPE, Recife, 2008. Disponível em: <<http://www.pgletras.com.br/2008/dissertacoes/diss-Maria-Clara.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

CHARGES DO BENETT. Disponível em: http://chargesdobennett.zip.net/arch2010-08-22_2010-08-28.html. Acesso em: jul. – ago. 2014.

CHARTERIS-BLACK, J. **Politicians and Rhetoric: The Persuasive Power of Metaphor**. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

_____. **Corpus approaches to Critical Metaphor Analysis**. New York: Palgrave Macmillan, 2004.

CHAUÍ, M. Uma nova classe trabalhadora. In: SADER, E. (org.) **Lula e Dilma: 10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil**. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Flacso-Brasil, 2013. pp. 123-134.

COSTA, A. M. Saúde é desenvolvimento. In: SADER, E. (org.) **Lula e Dilma: 10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil**. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Flacso-Brasil, 2013. pp. 239-252.

COSTA, M. C. O. et al. O perfil da violência contra crianças e adolescentes, segundo registros de Conselhos Tutelares: vítimas, agressores e manifestações de violência. **Ciênc. saúde coletiva** [online]. 2007, vol.12, n.5, pp. 1129-1141. ISSN 1413-8123. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232007000500010&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 03 fev. 2014.

DALTOÉ, A. S. **As metáforas de Lula**: a deriva dos sentidos na língua política. 2011. 219f. Tese (Doutorado em Letras) – UFRGS, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/61187/000863739.pdf?sequence=1>>. Acesso em 05 abr. 2015.

DARN, S. **ELT: Metaphorically speaking**. Disponível em: <http://www.stevedarn.com/?Writings::ELT%3A_Metaphorically_Speaking>. Acesso em: 27 jul. 2010.

DEIGNAM, A. **Metaphor and Corpus Linguistics**. Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 2005.

DICIONÁRIO AURÉLIO ONLINE. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/>>. Acesso em: 09 set. 2013, 03 jun. 2014 e 11 set. 2014.

EL REFAIE, E. Metaphor in political cartoons: Exploring audience responses. In: FORCEVILLE, C; URIOS-APARISI, E. (ed.) **Multimodal Metaphor**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009. pp.173-196.

ESPÍNDOLA, L. Expressões linguísticas metafóricas x funções semântico-discursivas. In: ESPÍNDOLA, L. (org.). **Metáforas conceptuais no discurso**. João Pessoa: Ideia, 2011. pp. 11-26.

_____. Metáforas/ metonímias conceptuais no discurso de Luiz Inácio Lula da Silva (Presidente). In: **DLCV - Língua, Linguística e Literatura**, v.8, n.1, UFPB: João Pessoa, jan/jun 2011. pp. 21-29. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/dclv/article/view/9930/5925>>. Acesso em: 05 abr. 2015.

EVELIN, G. O presidente e o futuro. **Época**. Edição n. 646 de 02 out. 2010. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI176416-15223,00-O+PRESIDENTE+E+O+FUTURO.html>>. Acesso em: 15 nov. de 2014.

FALCKE, D.; WAGNER, A. Mães e madrastas: mitos sociais e autoconceito. **Estud. psicol. (Natal)** [online]. 2000, vol. 5, n. 2, pp. 421-441. ISSN 1413-294X. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2000000200007&lng=pt&nrm=iso&userID=-2>. Acesso em: 10 jul. 2014.

FARACO, S. P. D. **TEMPO AMIGO ou INIMIGO?** Conceptualizações metafóricas de TEMPO no discurso de mulheres brasileiras. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008. 179f.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. Rethinking metaphor. In: GIBBS JR., R. W. (ed.). **The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought**. Cambridge: CUP, 2008. pp. 53-66.

FELTES, H. P. de M.; KELLER, G. A. Categorização de SERRA GAÚCHA no discurso turístico publicitário: enquadres e processos de metonimização. IV CONGRESSO SOBRE METÁFORA NA LINGUAGEM E NO PENSAMENTO. Porto Alegre, 2011. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2011. pp. 360-389.

FIÚZA, G. **Não é a mamãe**: para entender a era Dilma. Rio de Janeiro: Record, 2014.

FORCEVILLE, C. **Pictorial metaphor in advertising**. 2 ed. New York: Routledge, 2002.

_____. Multimodal metaphor in tem Dutch TV commercials. **Public Journal of Semiotics**. vol. 1, n. 1, Jan. 2007. pp. 15-34. Disponível em: <<http://journals.lub.lu.se/ojs/index.php/pjos/issue/view/1346>>. Acesso em: 18 mar. 2015.

_____. Non-verbal and multimodal metaphor in a cognitivist framework: Agendas for research. In: FORCEVILLE, C; URIOS-APARISI, E. (ed.) **Multimodal Metaphor**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009. pp. 19-42.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. 7 ed. São Paulo: Loyola, 2001.

_____. **A Arqueologia do Saber**. 6 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

G1. 'Madrasta não deixava ele entrar em casa', diz avó de menino morto no RS. 15 abr. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/04/madrasta-nao-deixava-ele-entrar-em-casa-diz-avo-de-menino-morto-no-rs.html>>. Acesso em: 12 jul. 2014.

GAZETA MARINGAENSE. Que bom seria. 31 maio 2011. Disponível em: <http://gazetamaringaense.blogspot.com.br/2011_05_01_archive.html>. Acesso em: 28 jun. 2014.

GENTILI, P.; OLIVEIRA, D. A.A procura da igualdade: dez anos de política educacional no Brasil. In: SADER, E. (org.) **Lula e Dilma: 10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil**. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Flacso-Brasil, 2013. pp. 253-264.

GIBBS, R. W. Cognitive Linguistics and Metaphoric Research: Past successes, skeptical questions, future challenges. **DELTA**, São Paulo, v. 22: Especial, 2006. pp. 1-20. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502006000300003>. Acesso em: 10 out. 2013.

GOATLY, A. **The Language of metaphors**. London/New York: Routledge, 1997.

GOATLY, A. **Washing the brain**: metaphor and hidden ideology. Philadelphia: John Benjamins, 2007.

GURGEL, M. C. L.; VEREZA, S. C. O dragão da inflação contra o santo guerreiro: um estudo da metáfora conceitual. **Intercâmbio**, vol. 5, 1996 (165 - 178). Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/download/4121/2767>>. Acesso em: 03 jun 2015.

HASSELMANN, J. De “mãe do PAC”, Dilma vira madrasta. *Veja.com*. No Alvo, 27 fev. 2015. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/multimedia/video/de-mae-do-pac-dilma-vira-madrasta>>. Acesso em: 10 jun. 2015

HUMOR POLÍTICO. Disponível em: <<http://humorpolitico.r7.com/>>. Acesso em: jan. – dez. 2014.

IMACULADA, O. M. **Modelos Cognitivos Idealizados e Representações Sociais: a organização de uma experiência política na revista *Manchete* e no jornal *O Pasquim***. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de São João del-Rei, Dezembro, 2009, 108f.

INSTITUTO LULA. **Biografia**. Disponível em: <<http://www.institutolula.org/biografia>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

KNOWLES, M; MOON, R. **Introducing Metaphor**. New York: Routledge, 2006.

KOVECSES, Z. **Metaphor and emotion**: Language, Culture, and Body in Human Feeling. Cambridge: CUP, 2000.

_____. **Metaphor**: A practical introduction. New York, USA: OUP, 2002.

_____. **Metaphor in Culture**: Universality and Variation. Cambridge: CUP, 2005.

LAKOFF, G. **Women, Fire and Dangerous Things**: What categories reveal about the mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

_____. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, A. (org.) **Metaphor and thought**. 2 ed. Cambridge: CUP, 1993, pp. 202-251

_____. Metaphor, Morality, and Politics or, Why Conservatives Have Left Liberals In the Dust. **Social Research**, v. 62, n. 2, 1995, pp. 1-22. Disponível em: <<http://www.id.uw.edu.pl/~jacekwas/George%20Lakoff%20-%20Metaphor,%20Morality%20&%20Politics,%20Or,%20Why%20Conservatives%20Have%20Left%20Liberals%20In%20the%20Dust.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2013.

_____. **Moral Politics**: How liberals and conservatives think. 2. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 2002. (Ebook)

_____. **The Political Mind**: Why you can't understand 21st-century politics with an 18th-century brain. New York: Viking, 2008a. (Ebook)

_____. The Neural Theory of Metaphor. In: GIBBS JR., R. W. (ed.). **The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought**. Cambridge: CUP, 2008b, pp. 17-38.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana** [1980]. Coord. de trad. de Maria Sophia Zanotto. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

_____. **Philosophy in the flesh**: the embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books, 1999.

_____. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

LAKOFF, G; WEHLING, E. **The Little Blue Book**: The essential guide to thinking and talking democratic. New York: Free Press, 2012. (Ebook)

LEAL, C. Na campanha de Dilma, a dura prova das ruas. **Terra**, 01 nov. 2010. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/eleicoes/na-campanha-de-dilma-a-dura-prova-das-ruas,c83fea5535e2d310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html>>. Acesso em: 26 mar. 2014

LEEZENBERG, M. **Contexts of metaphor**. Oxford: Elsevier, 2001.

LIDERANÇA DO PSDB NO SENADO. Charge: mãe do PAC e suas obras atrasadas. 01 ago. 2013. Disponível em: <www.lidpsdbsenado.com.br>. Acesso em: 27 jun 2014

LOYOLA, L. Uma breve história de Dilma Rousseff, da luta armada ao Palácio do Planalto: A trajetória da militante que superou a tortura na prisão para se tornar uma presidente temida por oponentes e subordinados. **Época**, 25 out. 2014a. Disponível em:<<http://epoca.globo.com/tempo/eleicoes/noticia/2014/10/uma-bbreve-historia-de-dilma-rousseffb-da-luta-armada-ao-palacio-do-planalto.html>>. Acesso em: 05 nov. 2014.

_____. Dilma Rousseff, a presidente que poucos ousam contrariar: Dilma Rousseff se impôs como uma líder de pouca conversa, que paga as contas do próprio bolso e distribui broncas. Esse estilo deverá prevalecer nos próximos quatro anos no Planalto. **Época**, 03 nov. 2014b. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/tempo/eleicoes/noticia/2014/11/bdilma-rousseffb-presidente-que-poucos-ousam-contrariar.html>>. Acesso em: 05 nov. 2014.

MALHEIROS-POULET, M. E. Os processos metafóricos do vocabulário da inflação no Brasil. **Organon**, v. 9, n. 23, 1995. pp. 99-107. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/29364/18054>>. Acesso em 03 jun 2015.

MARQUES, C.; BELLI, R. **As mais belas histórias de boa noite**. Santa Catarina: Todolivre, [ca. 2013].

MARQUES, L. Dilma faz campanha em sua terra natal. **Veja**, 10 ago. 2010. Disponível em:<<http://veja.abril.com.br/blog/eleicoes/veja-acompanha-dilma-rousseff/dilma-faz-campanha-em-sua-terra-natal/>>. Acesso em: 26 mar. 2014.

MELO, C. Governo Dilma, balanço e perspectivas. **Estadão**. Disponível em: <<http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,governo-dilma-balanco-e-perspectivas-imp-,816031>>. Acesso em: 25 nov. 2014.

MENEGUELLO, R. **PT, a formação de um partido, 1979-1982**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

MIRANDA, N. S. Domínios conceptuais e projeções entre domínios: uma introdução ao Modelo dos Espaços Mentais. **Vereadas**: revista de estudos lingüísticos. Juiz de Fora, v. 3, n. 1, 2009. pp. 81-95. Disponível em: <www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo45.pdf>. Acesso em: 15 jul. de 2010.

MIRANDA, M. A.; MENDES, P. H. A. A emergência de metáforas multimodais: análise da metaforização e da compressão no debate político-eleitoral. **SCRIPTA**, v. 18, n. 34, 2 sem. 2014. pp. 237-256. Disponível em: < periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/.../4497>. Acesso em: 20 abr. 2015.

MOURA, H. M. de M. **Vamos pensar em metáforas?** Porto Alegre: UNISINOS, 2012.

NANI. **Nanihumor**. Disponível em: <<http://www.nanihumor.com>>. Acesso em: jul – ago. 2014.

O FERRÃO. “Não vai voltar porque nunca saiu”. 30 jul. 2013. Disponível em: <<http://oferrao.atarde.uol.com.br/?m=201307>>. Acesso em: 15 ago. 2014

O POVO ONLINE. Disponível em: < <http://www.opovo.com.br/>>. Acesso em: jun – ago. 2014.

OLIVEIRA, A. S. de. A codificação do Direito. **Jus Navigandi**, Teresina, ano 7, n. 60, 1 nov. 2002. Disponível em: <<http://jus.com.br/artigos/3549>>. Acesso em: 25 nov. 2014.

OLIVEIRA, S. **A Era Lula**: visão geral do governo mais popular do Brasil. São Paulo: All print, 2011.

ORTONY, A. Metaphor, language and thought. In: ORTONY, A. (org.) **Metaphor and thought**. 2. ed. Cambridge: CUP, 1993, pp. 1-18.

PALÁCIO DO PLANALTO. **Biografia**. Disponível em: < <http://www2.planalto.gov.br/presidencia/presidenta/biografia>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

PALUMBO, R. **Referenciação, metáfora e argumentação no discurso presidencial**. São Paulo: FFLCH/USP, 2014.

PARTIDO DOS TRABALHADORES. **Partido dos Trabalhadores**: 34 anos de história e luta pelo Brasil. Disponível em:< <https://www.pt.org.br/institucional/#>>. Acesso em: 15 set. 2014.

REDDY, M. J. The conduit metaphor: A case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, A. (org.) **Metaphor and thought**. 2. ed. Cambridge: CUP, 1993, pp. 164-201.

SADER, E. (org.) **Lula e Dilma**: 10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Flacso-Brasil, 2013.

SAMPAIO, D. Balanço do governo Dilma: 23 pacotes econômicos e um pibinho. **Cenário. Veja**, 01 abr. 2014. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/economia/balanco-do-governo-dilma-23-pacotes-economicos-e-um-pibinho>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

SANT'ANNA, Simone. Metáforas no discurso político de Dilma Rousseff. **Revista Diadorim**, v. 14, dez. 2013. pp. 205-221. Disponível em: <www.revistadiadorim.letras.ufrj.br/index.php/.../286>. Acesso em: 20 abr. 2015.

SARDINHA, T. B. **Metáfora**. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. Metáforas de Lula e Alckmn nos debates de 2006 em uma perspectiva da Linguística de Corpus. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. V. 7, n. 2, jul.-dez., 2007. Pp. 169-184. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/3398/339829601007.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2015.

_____. **As metáforas do presidente lula na perspectiva da linguística de corpus: o caso do desenvolvimento**. *DELTA* [online]. 2010, vol.26, n.1, pp. 163-190. ISSN 0102-4450. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v26n1/07.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2015.

SCHILPEROORD, J.;MAES, A. Visual metaphoric conceptualization in editorial cartoons. In: FORCEVILLE, C; URIOS-APARISI, E. (ed.) **Multimodal Metaphor**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009. pp. 213-240.

SCHON, D. A. Generative metaphor: A perspective on problem-setting in social policy. In: ORTONY, A. (org) **Metaphor and thought**. 2. ed. Cambridge: CUP, 1993, pp. 137-163.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SINGER, A. **Os Sentidos do Lulismo**: Reforma gradual e pacto conservador. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SILVA, A. S. A Linguística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística. **Revista Portuguesa de Humanidades**, n. 1, 1997, pp. 59-101, disponível em: <<http://www.inf.unioeste.br/~jorge/MESTRADOS/LETRAS%20-%20MECANISMOS%20DO%20FUNCIONAMENTO%20DA%20LINGUAGEM%20-%20PROCESSAMENTO%20DA%20LINGUAGEM%20NATURAL/ARTIGOS%20INTERESSANTES/Lingu%EDstica%20Cognitiva.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2010.

SILVA, F. A. da. **Inflação, juros e crescimento no governo Dilma**: a nova matriz econômica brasileira no mundo pós-crise. Rio de Janeiro: Alta Books, 2014. (Ebook)

SILVA, E; ROCHA, L. Afinal, quem vai governar? **Época**, 10 set. 2010. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI170432-15223,00-AFINAL+QUEM+VAI+GOVERNAR.html>>. Acesso em: 10 out. 2014.

SPERÂNDIO, N. E. AS METÁFORAS DE LULA: UMA FORMA DE LEGITIMAÇÃO. Anais do SILEL. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2009_gt_lg19_artigo_1.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2015.

_____. **O Modelo Cognitivo Idealizado no Processamento Metafórico.** Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de São João del-Rei, Dezembro, 2010, 99f.

_____. Multimodalidade e processamento metafórico em um texto digital: abordando o sentido a partir da interação entre o verbal e o imagético. **Hipertextus Revista Digital**, n.8, jun. 2012. Disponível em: <<http://www.hipertextus.net/volume8/06-Hipertextus-Vol8-Natalia-Elvira-Sperandio.pdf>>. Acesso em 20 mar. 2015.

SUASSUNA, A. **O Auto da Compadecida.** 36. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2014.

TERRA. Popularidade de Dilma. Disponível em : <<http://noticias.terra.com.br/brasil/evolucao-popularidade-dilma/>>. Acesso em: 05 nov. 2014.

TOLEDO, J. R. de. Veja as palavras mais faladas na estreia dos programas de Dilma e Serra na TV. **Estadão**, 17 ago. 2010. Disponível em:< <http://blogs.estadao.com.br/vox-publica/2010/08/17/veja-as-nuvens-das-palavras-mais-faladas-na-estreia-dos-programas-de-dilma-e-serra-na-tv/>>. Acesso em: 26 mar. 2014.

TSE. Partidos políticos registrados no TSE. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/partidos/partidos-politicos/registrados-no-tse>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

TV Contato. Dilma alerta eleitores para as promessas sem fundamento, 25 ago. 2010. Disponível em: <<https://tvcontacto.wordpress.com/tag/dilma/>>. Acesso em: 27 de março de 2014.

UOL. Dilma teve a pior votação das últimas quatro eleições para presidente, São Paulo, 26 out. 2014. Disponível em: <<http://eleicoes.uol.com.br/2014/noticias/2014/10/26/dilma-teve-a-pior-votacao-das-ultimas-quatro-eleicoes-para-presidente.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

VEREZA, S. C. Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, v. 7, n. 3, set./dez. 2007, pp. 487-506.

WILSON, R.A.; KEIL F. C. **The MIT Encyclopedia of the Cognitive Sciences.** Cambridge, Massachusetts: The MIT press. 1999.

YU, N. Metaphor from body and culture. In: GIBBS JR., R. W. (ed.). **The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought.** Cambridge: CUP, 2008, pp. 247-261.

YU, N. Nonverbal and multimodal manifestations of metaphors and metonymies: A case study. In: FORCEVILLE, C; URIOS-APARISI, E. (ed.) **Multimodal Metaphor.** Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009. pp. 119-143.

ZIZLER, Rosângela. Influência da ética judaico-cristã nos ordenamentos jurídicos da atualidade. **Jus Navigandi**, Teresina, ano 18, n. 3650, 29 jun. 2013. Disponível em: <<http://jus.com.br/artigos/24834>>. Acesso em: 25 nov. 2014.

ANEXOS

ANEXO A – Charges

Charge 1 - Humberto, Jornal do Commercio (PE), 22 jul. 2011.



Chargeonline.com.br - © Copyright do autor

Fonte: Charge online.

Charge 2 – Nani, Charge online, 27 jul. 2011.



Chargeonline.com.br - © Copyright do autor

Fonte: Charge online.

Charge 3 – Pelicano, Bom Dia (SP), 25 mar. 2012.



Chargeonline.com.br - © Copyright do autor

Fonte: Charge online.

Charge 4 – Mariano, Charge online, 20 maio 2012.

SE QUEM PRESIDE É A PRESIDENTA, QUEM GOVERNA É A GOVERNANTA?



Charge 5 – Aroeira, O Dia (RJ), 07 dez. 2014.



Charge 6 – Paixão, Gazeta do Povo (PR), 26 mar. 2014.



Charge 7 – Simon Taylor, A Charge Online, 06 maio 2010.



Fonte: Charge online.

Charge 8 – Nani, Nanihumor, 27 out. 2009



Fonte: Nanihumor (2014)

Charge 9 – Amarildo, A Gazeta (ES), 26 mar. 2010.



Fonte: Charge online.

Charge 10 – Eder, Comércio Araraquara, 07 abr. 2010.
LULA ESTÁ CONVENCIDO DE QUE DILMA SERÁ NOVA PRESIDENTE...



Fonte: Blog do PPS (2010)

Charge 11 – Lailson, Humor político, 31 jul. 2013.



Fonte: Humor político (2013)

Charge 12 – Pelicano, Bom Dia (SP), 01 jul. 2013.



Fonte: Charge online.

Charge 13 – Paixão, Gazeta do Povo (PR), 15 jun. 14.



Fonte: Charge online.

Charge 14 – Pelicano, Bom Dia (SP), 29 jul. 2013.



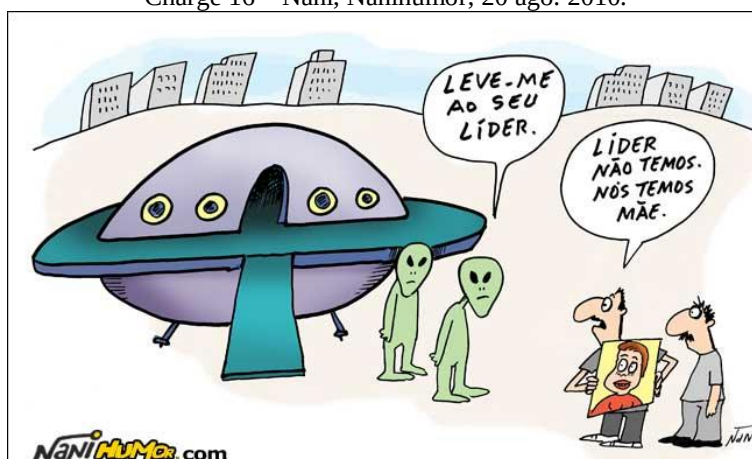
Fonte: A Charge Online.

Charge 15 – Dalcio, Correio Popular (SP), 31 ago. 2011.



Fonte: Charge online.

Charge 16 – Nani, Nanihumor, 20 ago. 2010.



Fonte: Nanihumor

Charge 17 – Clayton, O Povo (CE).



Fonte: Blog do Eliomar.

Charge 18 – Benett, Gazeta do Povo (PR), 03 out. 2011.



Fonte: A Charge Online.

Charge 19 – Clayton, O Povo (CE), 01 set. 2010.



Fonte: A Charge Online.

Charge 20 – Aroeira, O Dia (RJ), 31 ago. 2010.



Fonte: A Charge Online.

Charge 21– Lute, Hoje Em Dia (MG), 09 jun. 2010.

USO OBRIGATORIO DA CADEIRINHA É ADIADO



Fonte: A Charge Online.

Charge 22 – Lailson, Humor World, 10 maio 2013.



Fonte: Humor político.

Charge 23 – Aroeira, O Dia.



Fonte: Gazeta Maringaense (2011)

Charge 24 – Raul, Humor Político, 26 jun. 2013.



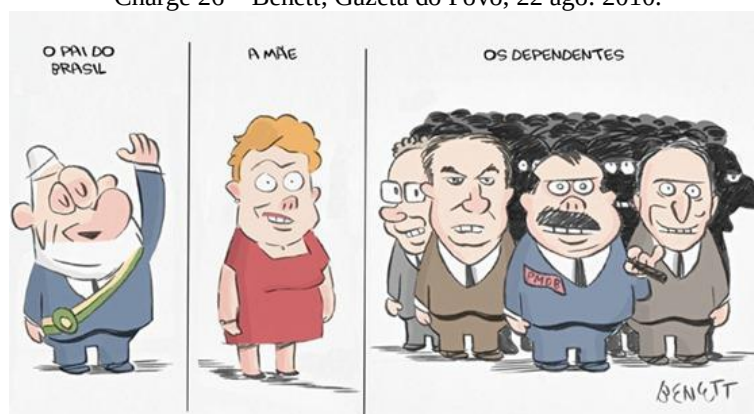
Fonte: Humor Político.

Charge 25 – Nani, A Charge Online, 06 nov. 2011.



Fonte: A Charge Online.

Charge 26 – Benett, Gazeta do Povo, 22 ago. 2010.



Fonte: Charges do Benett.

Charge 27 – Jarbas, Diário de Pernambuco, 29 dez. 2010.



Fonte: A Charge Online.

Charge 28 – Fernando Cabral, Liderança do PSDB no Senado, 01 ago. 2013.



Fonte: Liderança do PSDB no Senado.

Charge 29 – Thiago Recchia, Gazeta do Povo (PR), 08 fev. 2010.



Fonte: A Charge Online.

Charge 30 – Nani, Nanihumor, 01 ago. 2010.



Fonte: Nanihumor.

Charge 31 – Jorge Braga, O Popular (GO), 11 set. 2010.



Fonte: A Charge Online.

Charge 32 – Claudio, Agora S. Paulo, 21 ago. 2010.



Fonte: A Charge Online.

Charge 33 – Sponholz, Humor Político, 12 jul. 2013.



Fonte: Humor Político.

Charge 34 – Paixão, Gazeta do Povo (PR), 29 maio 2011.



Fonte: A Charge Online.

Charge 35 – Aroeira, Brasil Econômico, 12 maio, 2013.



Fonte: Humor Político

Charge 36 – William, Humor Político, 09 maio 2013.

MÃEZONA



Fonte: Humor Político.

Charge 37 – Aroeira, O Dia, 06 maio 2013.
MAIO, MÊS DAS MÃES...



Fonte: Humor Político.

Charge 38 – Humberto, Jorn. do Commercio (PE), 20 ago. 2011.



Fonte: A Charge Online.

Charge 39 – Simanca, O Ferrão, 30 jul. 2013.



Fonte: O Ferrão.

Charge 40 – Clayton, O Povo (CE), 11 maio 2014.



Chargeonline.com.br - © Copyright do autor
Fonte: A Charge Online.

Charge 41 – Tacho, Humor Político, 12 maio 2013.



Fonte: Humor Político.

Charge 42 – Sponholz, Humor Político, 09 maio 2013.



Fonte: Humor Político.

Charge 43 – Sponholz, Humor Político, 09 maio 2013.



Fonte: Humor Político.

Charge 44 – Pelicano, Bom Dia (SP), 12 maio 2013.



Fonte: Humor Político.

Charge 45 – Clayton, O Povo (CE), 12 maio 2013.



Fonte: O Povo Online.

Charge 46 – Samuca, Diário de Pernambuco, 29 mar. 2011.



Fonte: A Charge Online.

Charge 47 – Amarildo, A Gazeta, 01 jun. 2013.



Fonte: Humor Político.

Charge 48 – Fernando Cabral, 17 out. 2013.



Fonte: Blog do Coronel.

Charge 49 – Pelicano, Bom Dia (SP), 05 nov. 2010.



Fonte: A Charge Online.

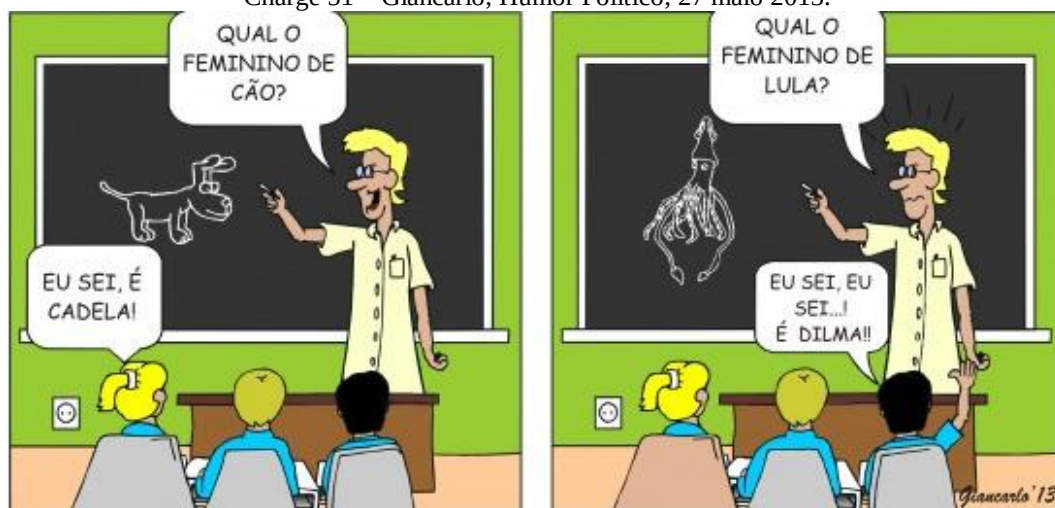
Charge 50 – Duke, O Tempo (MG), 03 set. 2011.



Chargeonline.com.br - © Copyright do autor

Fonte: A Charge Online.

Charge 51 – Giancarlo, Humor Político, 27 maio 2013.



paneetvino.blogspot.com

Fonte: Humor Político.

Charge 52 – Paixão, Gazeta do Povo (PR), 18 ago. 2010.



Fonte: A Charge Online.

Charge 53 – Amarildo, A Gazeta (ES), 24 abr. 2012.



Chargeonline.com.br - © Copyright do autor

Fonte: A Charge Online.

Charge 54 – Sponholz, Humor Político, 14 maio 2013.



Fonte: Humor Político.

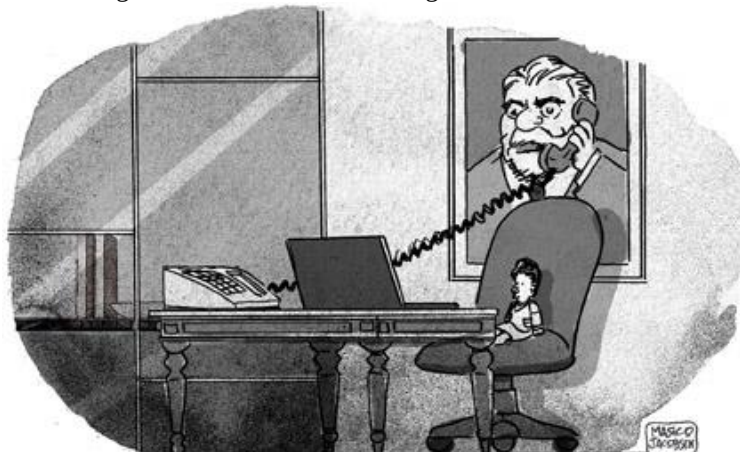
Charge 55 – S. Salvador, Estado de Minas, 27 ago. 2011.



Charge 56 – Nani, A Charge Online, 19 jun. 2011.



Charge 57 – M. Jacobsen, A Charge Online, 31 maio 2011.



Charge 58 – Duke, O Tempo (MG), 27 maio 2011.



Fonte: A Charge Online.

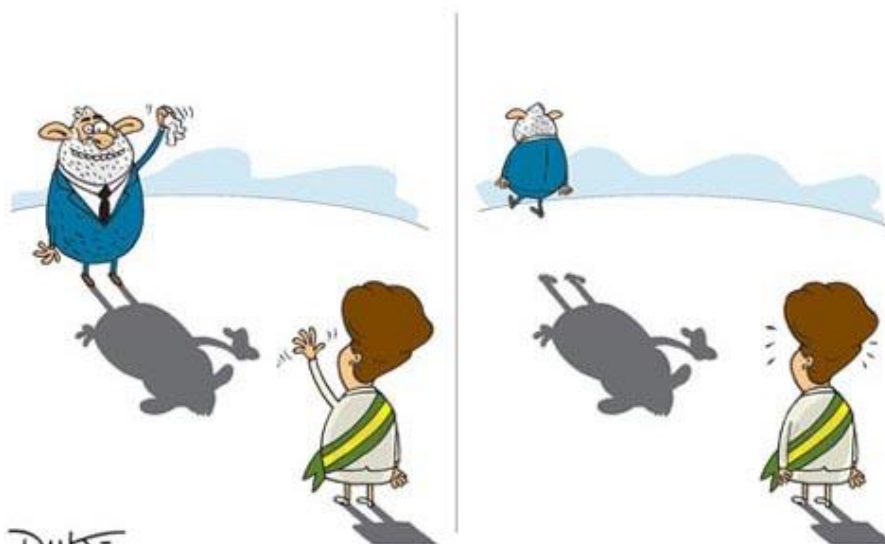
Charge 59 – Giancarlo, Humor Político, 13 maio 2013.



Paneetvino.blogspot.com

Fonte: Humor Político.

Charge 60 – Duke, O Tempo (MG), 04 jan. 2011.



Fonte: A Charge Online.

Charge 61 – Miguel, Jorn. do Commercio (PE), 07 set. 2014



Chargeonline.com.br - © Copyright do autor
Fonte: A Charge Online.

Charge 62 – Nani, A Charge Online, 18 mar. 2014.



Chargeonline.com.br - © Copyright do autor
Fonte: A Charge Online.

Charge 63 – Nani, Nanihumor, 08 abr. 2010.



Fonte: Nanihumor.

Charge 64 – Nani, A Charge Online, 17 out. 2012.



Charge 65 – Clayton, O Povo (CE), 03 maio 2014.



Charge 66 – Fausto, Olho Vivo, 30 jan. 2013.



Charge 67 – Nani, A Charge Online, 19 jan. 2013.



Chargeonline.com.br - © Copyright do autor

Fonte: A Charge Online.

Charge 68 – Pelicano, Bom Dia (SP), 02 set. 2013.



Chargeonline.com.br - © Copyright do autor

Fonte: A Charge Online.

Charge 69 – Pelicano, Bom Dia (SP), 03 mar. 2011.



Fonte: A Charge Online.

Charge 70 – Simanca, A Tarde (BA), 02 mar. 2011.



Fonte: A Charge Online.

Charge 71 – Dalcio, Correio Popular (SP), 25/02/2014.



Fonte: A Charge Online.

Charge 72 – Brum, Tribuna do Norte, 11 mar. 2013



Fonte: Humor Político.

Charge 73 – Mariano, A Charge Online, 22 ago. 2011.



Fonte: A Charge Online.

Charge 74 – Nani, A Charge Online, 23 abr. 2013.



Chargeonline.com.br - © Copyright do autor

Fonte: A Charge Online.